

FRANCO - BRITANNIQUE
Gino BARTALI
A EMOCIONANTE HISTÓRIA DO CICLISTA CAMPEÃO QUE DESAFIOU OS NAZISTAS NA SEGUNDA GUERRA E INSPIROU UMA NAÇÃO

O LEÃO DA TOSCANA

Aili e Andres McConnon



LE TEMPS DE SÉNÉCHÈRE

SIXIÈME ÉDITION SPORTIVE

Paris-soir

RENDEZ-VOUS
T5
1947

EXTRAIT
SPORTIF

ZAHAR

14 JUILLET FRANCO - BRITANNIQUE

Gino BARTALI

Une foule

LE TOUR DU MONDE EN 21 HEURES

est passé premier

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Aili e Andres McConnon

O Leão da Toscana

A emocionante história do ciclista campeão que desafiou os nazistas na Segunda Guerra e inspirou uma nação

Tradução:
Sergio Goes de Paula



Para nossa mãe e nosso falecido pai

Sumário

Nota dos autores

Prólogo

PARTE I

1. Do outro lado do Arno
2. No selim
3. O primeiro teste
4. “O Esportista Número Um da Itália”
5. Tempestade no cume

PARTE II

6. Das estrelas à lama
7. Uma escolha impossível
8. O círculo dos falsificadores
9. Queda livre

PARTE III

10. Ginettaccio
11. Les Macaroni

12. Quatro balas

13. Um inferno gelado

14. O caminho para casa

Epílogo

Onde eles estão agora

Notas

Agradecimentos

Nota dos autores

Este livro é uma obra de não ficção. Todos os personagens, acontecimentos e diálogos apresentados se originam de ampla variedade de fontes históricas – entre elas as três autobiografias de Gino Bartali; relatórios da polícia secreta fascista que foram abertos ao público; dezenas de jornais e livros franceses e italianos; entrevistas filmadas com Gino e com membros de sua equipe; um conjunto extenso de fotografias e de filmes de corridas ciclísticas; e mais de duzentas horas de entrevistas com a viúva de Bartali, Adriana, seu filho Andrea, antigos companheiros de equipe, amigos, ex-políticos italianos, historiadores, judeus italianos e outros. Também visitamos os locais das principais corridas de Gino e de outros acontecimentos importantes em sua vida na Itália e na França, e entrevistamos em Israel algumas das pessoas com quem ele teve contato durante a Segunda Guerra Mundial.

Quando as fontes divergiam, sempre que possível tentamos consultar outras para chegar à versão mais provável do acontecimento. Todas as vezes que mencionamos que um personagem pensou ou sentiu algo, o fizemos com base em nossas entrevistas com estes personagens ou em material que eles deixaram em memórias ou entrevistas publicadas. Não inventamos nenhum diálogo; as conversas foram compostas a partir de registros deixados por pelo menos um dos interlocutores. Nas raras ocasiões em que descrevemos algum evento da vida de Gino sobre o qual ele não tenha falado ou escrito publicamente, nos apoiamos em recordações de familiares ou amigos que compartilharam esses episódios e em sua descrição do comportamento de Gino. Na maioria dos casos, o material primário que consultamos estava em italiano ou francês. Traduzimos da maneira mais rigorosa possível para preservar o espírito e o conteúdo do original.

Ao longo de sua vida Gino Bartali circulou em mundos distintos e, conseqüentemente, este livro lança luz sobre diferentes aspectos do ciclismo

profissional, da Itália fascista e da Itália ocupada pelos nazistas, da experiência dos judeus na Itália durante a Segunda Guerra Mundial e da política italiana no pós-guerra. Embora muito mais se possa dizer sobre todos esses assuntos, limitamos o escopo de nossa discussão àquilo que se enquadrava no contexto da narrativa.

Deixe suas virtudes crescerem e repararem essa triste situação:
A glória ascende às alturas por um caminho escarpado.
Quem houvera conhecido Heitor, se Troia tivesse sido feliz?
A estrada da virtude é construída pela adversidade.

OVÍDIO, *Tristia*

Prólogo

NO ÍNGREME SOPÉ DO VARS, em uma encosta batida pelos ventos no alto dos Alpes franceses, Gino **Bartali perdeu a paciência**. Atrás dele, dois ciclistas o seguiam tão próximos à sua roda traseira, que ele era forçado a funcionar como escudo contra o vento gelado e a arrastá-los para a frente. Recusavam-se a ocupar a dianteira do grupo, e isso o irritava muito. À frente do trio, uma figura solitária ia ficando cada vez menor, pedalando na **estrada enlameada**, uma mancha que ziguezagueava escarpa estéril acima, contornando pináculos íngremes, abetos estiolados e montes de pedregulhos até sumir no frio nevoeiro da montanha. Gino tinha de tomar alguma providência *agora*, se quisesse ter qualquer possibilidade de alcançar o líder que desaparecia no nevoeiro adiante.

Era **15 de julho de 1948**, e L'Étape Reine – a Etapa Rainha –, o dia mais importante do Tour de France. Uma rápida passada de mão pelos óculos de proteção cobertos de lama revelou uma cena desanimadora até mesmo para quem havia vencido o Tour dez anos antes exatamente naquele terreno. Em 1938 Gino flutuara acima dos cumes nevados dos Alpes imperiais, rumo ao intenso azul daqueles céus. Agora mal distinguia o ponto em que a montanha encontrava o firmamento, enquanto **grossas nuvens** rolavam à sua volta e a lama sob as rodas ia ficando tão espessa quanto cola.

O ambiente desolado ecoava a dor que gritava dentro de seu corpo. Depois de pedalar mais de 2.700 quilômetros na topografia mais desafiadora que o ciclismo tinha a oferecer, sentia as coxas pesadas como bronze, garganta e pulmões queimavam. Sem conseguir enxergar muito além de sua roda dianteira, ele dependia dos demais sentidos para detalhar o cenário. Percebia o aclave sob as rodas à medida que a estrada ficava mais íngreme. Sentia o gosto da chuva gelada transformando-se em flocos de neve quando engolia o ar rarefeito da montanha. E tudo o que conseguia ouvir, além de

seu próprio corpo inclinado sobre a bicicleta, era um silêncio lúgubre e desamparado.

Gino dirigiu todos os seus músculos e todos os fragmentos de concentração mental para silenciar os críticos com essa próxima escalada. “**Il Vecchio**”, era assim que o chamavam na imprensa, “o Velho”, aos 33 anos de idade! Estava cansado de ser descartado como um embaraçoso ex-vencedor, insolente apesar de sua humilhante desvantagem de 21 minutos em relação ao líder do Tour. Havia até mesmo se excedido com os jornalistas italianos, e gritado por duvidarem dele. Mas não importava – os repórteres já o tinham apelidado de “**Ginettaccio**”, “Gino, o Terrível”, e os jornais iriam simplesmente creditar isso como mais uma de suas explosões. O que a imprensa não sabia, no entanto, era que Gino Bartali tinha um segredo. Havia muito mais coisas reprimidas dentro dele, além da frustração por estar tão atrás; e ele não tinha ficado parado durante a guerra. Diferentemente de alguns dos competidores contra os quais agora corria, seus momentos mais árduos não tinham sido nas íngremes trilhas do Tour de France, mas no período mais sinistro da ocupação nazista da Itália, arriscando a própria vida por estranhos.

As memórias daquela época caótica ainda estavam frescas e era por isso que o surpreendente telefonema da noite anterior o perturbara. Os **relatos sobre maciços atos de protesto** e conflitos violentos nas ruas das cidades italianas enchiam a cabeça de Gino, e sua respiração acelerava quando pensava na mulher e nos filhos pequenos. Ouvira, estupefato, **o primeiro-ministro** da Itália explicar, do outro lado da linha, como uma vitória no Tour seria importante para sua terra natal.

Pedalando na direção da cidade de Briançon, no topo da montanha, o instinto fez Gino virar a cabeça. Olhando para trás sobre o ombro, viu que os adversários atrás dele estavam nas últimas, o rosto pálido e contorcido, e o corpo encharcado oscilando precariamente sobre a bicicleta. Já lhes dera guarida suficiente. Num ímpeto de força bruta, **ergueu-se sobre o selim** e disparou para a frente. Logo voltou a avistar o ciclista francês que liderava.

Sentindo o inimigo, **o francês lançou um alarmado olhar para trás**. Sua preocupação fazia sentido; Gino era uma figura intimidadora. Com os olhos invisíveis sob os óculos enlameados, parecia quase sobrenaturalmente fundido em sua bicicleta – o esguio corpo de corredor vigorosamente flexionado, guiando a bicicleta trilha tortuosa acima.

Ao se aproximar do rival, Gino voltou a sentar-se, deixando o ciclista francês recuperar um pouco de terreno e de esperança. Tão logo, porém, ele retomou o ritmo, **Gino ergueu-se para novo ataque**. Vezes e vezes repetiram esse jogo exaustivo, ao longo de todo o caminho até o pico. Quando o **francês alcançou o topo** do desfiladeiro da montanha, estava completamente exausto. Gino, pelo contrário, **tremia de excitação** à medida que se aproximava do pico, menos de um minuto atrás. “**Eu e a montanha somos um**”, pensou ele enquanto disparava sobre o topo.

Quando encarou a afluente descida, **os lábios de Gino formaram um sorriso** confiante no rosto salpicado de sujeira. Chegara a hora de o gato pegar o rato. Chegara a hora de mostrar ao mundo que a guerra não o havia derrotado. E seu retorno ao Tour, ele começava a entender, significava mais do que uma corrida de bicicleta na França.

Era a etapa final de uma jornada para um homem e seu país – uma jornada que começara havia mais de vinte anos numa poeirenta estradinha na Toscana.



Parte I

1. Do outro lado do Arno

“QUANDO CORRERMOS JUNTOS, vamos deixar cada um ganhar um pouco! Desta vez, você, e da próxima, eu”, gritou Gino para o irmão mais novo, Giulio, que pedalava à sua frente, subindo as íngremes e ensolaradas colinas que cercavam Ponte a Ema. Os pneus levantavam nuvens de poeira, e isso era tudo o que Gino podia fazer para não ter que engoli-la. Esfregou a palma da mão suada no calção, tentando limpar as teimosas marcas da ferrugem do quadro da bicicleta, e grudou os cotovelos no corpo, como faziam seus ídolos quando disparavam para a vitória, agarrados aos guidões, lustrosos e curvos. Gino botou força nos pedais e passou disparado por Giulio. Virou-se para trás e fez uma careta para o irmão caçula enquanto começavam a descida na direção de casa. Eles correriam novamente no dia seguinte, e naquele trecho esquecido de uma estrada da Toscana seus dias pareciam sem fim.

O ciclismo havia se tornado a paixão dos irmãos Bartali, um sopro de excitação e aventura em sua pequena e rotineira cidade natal – Ponte a Ema, na década de 1920, era um lugar enfadonho logo após o sofisticado mundo de Florença. Situada às margens do Ema, um afluente do rio Arno, Ponte a Ema era feita dos vinhedos, da sucessão de colinas e do suave perfume de lavanda ondulando até o horizonte que tornaram a Toscana mundialmente conhecida. No entanto, o vilarejo em si, localizado nas extremidades de uma pequena ponte na estrada que vai de Florença até Bagno a Ripoli, não impressionava. Nem era fácil de encontrar no mapa, escondida como está cerca de sete quilômetros a sudeste da praça central de Florença. E, embora nele houvesse a pequena lista de estabelecimentos comuns a qualquer cidadezinha italiana daquele tempo – uma igreja, uma agência bancária, uma loja de consertos de bicicletas, uma pequena barbearia, um moinho, uma pequena loja de vinho, uma escola com cinco salas, adaptada em uma casa de fazenda –, não havia sede de prefeitura nem piazza adequada, o coração

pulsante da vida italiana, onde os *nonni*, ou avôs, se reúnem para jogar cartas e os gatos vadios fogem das crianças e das bolas de futebol. Sem um núcleo, Ponte a Ema dava a impressão de um atalho entre lugares mais importantes, um atalho habitado por acidente. Só muito mais tarde Gino viria a saber que existiam lugares mais importantes; naquela época, Ponte a Ema era todo o mundo que um garoto poderia desejar.

Nascido em 18 de julho de 1914, Gino Giovanni Bartali era um garoto magro, de olhos azuis e cabelos crespos negros. Morava com os pais, Torello e Giulia, as irmãs mais velhas, Anita e Natalina, e o irmão, Giulio, em um dos edifícios de três andares pintados de creme e enfileirados na **via Chiantigiana**, a principal de Ponte a Ema, onde acontecia o burburinho da vida cotidiana. Como a maioria dos apartamentos ao longo da Chiantigiana, o dos Bartali **consistia de um cômodo** e uma cozinha pequena, e **fazia Gino pensar em Pinóquio**, de Carlo Collodi, e na humilde moradia de Geppetto, o carpinteiro toscano de cabeça quente, conhecido por suas brigas com quem quer que o insultasse. **“A mobília não poderia ser mais simples: uma cadeira muito velha, uma cama meio bamba e uma mesa desconjuntada”**, escreveu Collodi. **“Embora pequena, a casa de Geppetto era limpa e confortável.”**

O lar dos Bartali possuía um encanto modesto similar. As crianças ajudavam Giulia a carregar jarros de água das fontes próximas. Os Bartali dividiam com várias outras famílias uma privada no final do corredor daquele andar, que consistia em um buraco numa tábua através do qual os dejetos caíam num pequeno depósito no rés do chão. Água corrente, bem como eletricidade, só surgiria muitas décadas depois, após o término da Segunda Guerra Mundial.

Sem dúvida as acomodações eram muito apertadas, mas Gino não conhecia nada diferente. Além disso, era lá fora que estava a ação. Na estrada, os meninos da cidade se reuniam durante horas jogando bola de gude, atentos aos pequenos globos de vidro de todas as cores do arco-íris que já lhes pertenciam e com olhos de falcão nos que logo fariam parte de sua coleção caso a sorte e a habilidade estivessem de seu lado naquele dia. O jogo era coisa séria para Gino e seus amigos, e quase sempre acabava em briga, só interrompida pelo ruído de um par de janelas verde-escuras abrindo-se acima, para a mãe de alguém se debruçar e despejar uma repreensão estridente. Particularmente severas eram as que Gino ouvia quando chegava em casa para jantar coberto de arranhões. Magro e de altura abaixo da média, bastava um tapa de qualquer criança para derrubá-lo no

chão, o que não o impedia de levantar-se em um salto e atacar de volta. Tinha perfeita noção de ser o mais fraco, mas detestava que implicassem com ele. “**Eu bem que queria ter amigos** que não se aproveitassem do fato de serem mais fortes do que eu para bater em mim depois de qualquer jogo de gude”, ele diria depois. No entanto, obstinado desde jovem, estava sempre disposto a enfrentar os outros, ainda que o resultado raramente lhe fosse favorável. “**Eu era um mau jogador de bola de gude**, e pior boxeador.”

Quando ele e seus amigos se espalhavam no campo, brincando de pique ou de polícia e ladrão, ganhar ou perder era algo mais simples, e os socos diminuía bastante. Os pomares fora da cidade eram ideais para qualquer brincadeira que envolvesse se esconder e procurar, pois eram embandeirados com fileiras e fileiras de drapeantes panos brancos pendurados para secar. Ponte a Ema era uma cidade-lavanderia; muitos de seus moradores trabalhavam para pequenos negócios encarregados de lavar lençóis, toalhas e roupas das famílias ricas de Florença. Nessas empresas, os homens organizavam o transporte, recolhendo e devolvendo a roupa em uma carroça puxada por mulas. As mulheres, previsivelmente, arcavam com o peso do trabalho sujo. Com escovas, barrela e sabão, esfregavam macias montanhas de roupas até que ficassem impecáveis. Lavavam as camisas em grandes tanques de cimento chamados *vaios*; enxaguavam os grandes lençóis nas margens do rio Ema, no trecho perto da ponte que dá nome à cidade. Removida escrupulosamente cada mancha, tudo era carregado para os pomares e pendurado para secar em infundáveis corredores de tecido cheirando a louro, perfeitos para ocultar potenciais carcereiros ou ficar à espreita de algum ladrão esquivo para capturá-lo e levá-lo triunfalmente de volta à cidade, onde sua punição seria decidida e devidamente aplicada.

“**As crianças se divertiam com pouco**, na verdade com nada”, lembrou Gino. Jogavam *murielle*, um jogo com seixos e pedras lisas, no pequeno pátio retangular da escola, e *diecone* no cemitério de Ponte a Ema – atiravam moedas nas velas sobre os túmulos, e quem derrubasse o maior número ficava com as peças de dez centavos. Escapuliam até o Arno para um mergulho, aliás, proibido – o rio era famoso por roubar vidas com suas correntes e seus súbitos redemoinhos, e certa vez, para lhe dar uma lição, a mãe de **Gino surrupiou as roupas** do filho que estavam na margem, obrigando-o a correr nu para casa. Na maioria dos dias, no entanto, Gino e os amigos saíam da água, se vestiam e, quando alguém tinha uma moeda ou

duas, corriam para a **fábrica de biscoitos na margem do rio** para comprar, com desconto, pedaços quebrados de *biscotti*, nos sabores figo e *sambuca*.

Mas o passatempo favorito de Gino era outro – um segredo absoluto que deveria permanecer assim se ele não quisesse enfrentar **o cinto do pai**. A bicicleta de Torello sempre o fascinara, e um dia Gino arquitetou um plano para aprender a pedalá-la. Embora fosse grande demais para um garoto de seu tamanho, ele estava decidido a dominá-la. Aproximou-se como um toureiro aborda o touro na arena. Colocando um pé no pedal esquerdo, enfiou a perna direita embaixo do quadro para alcançar o outro pedal. Equilibrando-se precariamente, e pequeno demais para sentar no selim, esticou-se até segurar o guidão por baixo. Encurvado e cambaleante, aprendeu dolorosa e desajeitadamente a manobrar aquela engenhoca, mal notando os risinhos e as zombarias que suas canhestras tentativas provocavam – estava ocupado demais mantendo o equilíbrio enquanto pedalava pelas ruas estreitas de Ponte a Ema.

Se pudesse, ele passaria todas as horas do dia lá fora, brincando. Infelizmente, a escola era uma interferência constante. “**Eu tinha pouco gosto pelos estudos**”, disse certa vez. A falta de disciplina de Gino exasperava o pai; a mãe irritava-se com o fato de o filho gastar mais as calças no chão do pátio do que nos bancos escolares, onde deveria estar aprendendo. Mas as repreensões caíam em ouvidos moucos, e uma cena familiar passou a se desenrolar regularmente na casa dos Bartali.



Vista de Florença e do rio Arno em local próximo a um dos trajetos de bicicleta favoritos de Gino Bartali durante sua infância.

“Eu não gosto da escola e ponto final”, Gino dizia.

“Você vai e acabou”, respondia Torello.

A insistência de Torello, entretanto, não produziu um estudioso. **Gino foi reprovado na primeira série**, e nos anos que se seguiram o único **comentário caridoso** que os professores conseguiram emitir a seu respeito foi que tinha boa higiene pessoal. De qualquer forma, o pai insistia em que ele completasse *la sesta*, o equivalente à sexta série. A escola de Ponte a Ema, porém, só oferecia até a quinta série, de modo que Gino teria de cursar o último ano em Florença. “**Para ir a Florença você precisa de uma bicicleta**, e bicicletas custam dinheiro”, Torello disse ao filho. “Você vai ter de ganhá-lo.”

COMO MUITOS HOMENS de seu tempo, **Torello Bartali** era o principal responsável pelo ganha-pão da família. Apesar de seu nome significar “pequeno touro”, em italiano, Torello movia-se com a tranquila despreocupação de um velho cavalo de carga. Os traços de seu rosto pouco

diziam sobre ele. Estava sempre de boina, e um bigode espesso cobria os cantos da boca, de onde normalmente pendia um charuto. Seu físico era mais revelador. Baixo e vigoroso, tinha um corpo de força considerável.

Torello estava acostumado ao trabalho pesado, mas sua estabilidade de emprego, como diarista, oferecia pouca segurança. Ele se ocupava principalmente nos campos e, quando isso não era possível, trabalhava numa pedreira local, extraindo o **xisto azulado** usado na pavimentação das ruas de Florença. Quando também não encontrava ocupação lá, Torello trabalhava como pedreiro, cavando as fundações de incontáveis residências florentinas. Quando todas essas opções escasseavam, ia para o rio Arno recolher areia para fazer cimento. E, como último recurso, apagava ao amanhecer os lampiões de rua alimentados a óleo. Por todo esse esforço, **um trabalhador como Torello ganhava** pouco mais do que o equivalente, hoje, **a um dólar por hora**.

A necessidade obrigava Giulia a colaborar, mesmo que naquele tempo o salário das mulheres muitas vezes fosse metade do que se pagava aos homens. Na verdade, o dinheiro era tão escasso na família Bartali que Giulia quase não chegou em casa a tempo de **dar Gino à luz**, pois naquela mesma manhã tinha ido a pé a um convento das proximidades para informar-se sobre um emprego de arrumadeira. Como Torello, ela **labutava dias inteiros no campo**, cuidando das colheitas e das vinhas. Baixa mas robusta, esse pesado trabalho manual cobrava seu preço, e muitas vezes ela era acometida por fortes dores nas pernas. Giulia, porém, era tão engenhosa quanto resistente. Após jornadas particularmente penosas, ela molhava um pano com vinagre e sal, torcia, e o aplicava nas pernas durante cinco minutos. Para dores ainda mais severas, esfregava nas áreas doloridas uma compressa com pontas de charuto molhadas até a dor passar.

Por mais primitivas que fossem, essas soluções ajudavam Giulia a enfrentar uma jornada de trabalho que ia até bem depois do pôr do sol. Para aumentar o orçamento com um dinheiro extra, à noite Giulia bordava, criando as elaboradas rendas presentes no enxoval de qualquer florentina de posses. A faina de organizar a casa e alimentar marido e quatro filhos se equilibrava precariamente no topo de suas demais tarefas. Tudo isso constituía a vida atribulada que só tinha descanso aos domingos, mas que era comum em Ponte a Ema ou mesmo no resto da Toscana. No começo do século XX, os camponeses da Toscana trabalhavam, em média, quatorze horas por dia e um terço de dias a mais por ano do que os italianos de hoje.

TORRELLA JÁ REPREENDERA O FILHO mais de uma vez a respeito do valor do dinheiro. Quando Gino sentava-se, submisso, à mesa de jantar, todo despenteado pelas escaramuças na escola, já sabia que ia ouvir o sermão de sempre: “O dinheiro é necessário para comprar comida, e certamente não para comprar livros para um menino bater com eles na cabeça dos colegas.” *La sesta* aproximava-se rapidamente, e com ela a necessidade de transporte. Gino, então com doze anos, tinha de encontrar um trabalho. Embora desde sempre ele e o irmão ajudassem a mãe e as irmãs nos bordados (Gino era particularmente hábil em fazer renda), Torello pensava que já era tempo de o filho mais velho encontrar um trabalho próprio. Gino era muito fraco para começar como aprendiz de trabalhador rural ou de pedreiro, com o pai, e então Giulia decidiu procurar alguma ocupação mais simples e menos extenuante. Depois de algum tempo ela soube que alguns fazendeiros numa cidade próxima estavam à procura de um rapaz para separar rafia, as longas fibras da folha de certas palmeiras, com cujos fios se faziam cordas para sustentar parreiras e viveiros de plantas. O trabalho era bem fácil, mas, para um garoto cheio de energia que queria ficar ao ar livre com os amigos, era também dolorosamente aborrecido. Só a promessa de sua própria bicicleta mantinha Gino concentrado na tarefa.

Obcecado por sua nova meta, Gino ficava hipnotizado com bicicletas, onde quer que as visse. Ponte a Ema, entretanto, não era um lugar mundano. Nenhum circuito de corrida passava pela cidade. Os únicos grupos de ciclistas que Gino via eram formados por pedreiros a caminho do trabalho em Florença. Iam cada um em sua bicicleta, **muitas delas sem pedais**, que eram muito caros, nem sempre podendo ser substituídos quando se quebravam. “**Passaria muito tempo** até eu pôr os olhos em um jornal de esportes e descobrir que existia um mundo em que você competia, de calções pretos e camisa colorida.” De qualquer forma, continuou trabalhando e guardando dinheiro para comprar sua própria bicicleta – até lá dava umas voltas, escondido, na do pai, acostumando-se aos poucos com o veículo que iria mudar sua vida.

A BICICLETA NASCEU mais de um século antes de Gino, porém as primeiras versões eram pouco mais que cavalos de madeira estruturados sobre rodas. Em 1790, em Paris, um francês usou um desses artefatos em uma corrida rudimentar em torno dos Champs-Élysées. No final da década de 1830, um ferreiro escocês chamado Kirkpatrick Macmillan experimentou construir um

cavalo de balanço com pedais que dispensavam pôr os pés no chão para mover a máquina para a frente. Essa nova e cara diversão logo se tornou popular nos Estados Unidos. Oliver Wendell Holmes observa que, nos anos anteriores à Guerra Civil americana, “alguns alunos de Harvard que se hospedavam perto de minha casa tinham essas máquinas, que eles chamavam de velocípedes, em que costumavam bambolear pela estrada, como patos”.

A inovação seguinte veio da França, com a invenção de uma manivela para aumentar a força da roda dianteira. Pouco durou, entretanto, e seu apelido, “treme-ossos”, explica por quê: era insuportável percorrer longas distâncias. Os britânicos seguiram-se aos franceses com seu próprio desenho, caracterizado por enorme, e cômica, roda dianteira e uma roda traseira diminuta. Segundo a descrição de um escritor, “o ciclista ficava a estratosféricos dois metros e meio do chão, fazendo com que a primeira experiência se aproximasse desagradavelmente da sensação de sentar em um poste de luz ambulante”. No fim do século, com a invenção do pneu inflável e sua câmara interna, que proporcionavam amortecimento e segurança maiores ao ciclista, surgiu a bicicleta moderna. Em 1885, foi fundada em Milão a primeira fábrica italiana de bicicletas, **Bianchi**, um ano depois da criação do Touring Club Ciclístico Italiano na mesma cidade. A melhoria nos métodos de fabricação e a elevação dos salários dos operários fabris na Itália e em outros países tornaram as bicicletas mais acessíveis ao trabalhador médio. Em 1893 um operário francês tinha que trabalhar o equivalente a **23 semanas a fim de ganhar o suficiente para comprar uma bicicleta nova**. Em 1911, graças ao aumento dos salários e à queda dos preços, esse número caiu para apenas cinco semanas. Na Itália, **organizações católicas e socialistas** estimularam ainda mais as pessoas a pedalar, criando clubes de ciclismo e alugando bicicletas a seus sócios, membros da classe trabalhadora.

Em pouco tempo os mais movimentados bulevares e avenidas da Europa eram invadidos por bicicletas. Numa época em que a maioria dos trabalhadores médios tinha poucas opções de transporte pessoal eficiente nas cidades, a bicicleta abria um novo mundo de oportunidades – e de velocidade. No livro *The Wheels of Chance*, H.G. Wells captou a sensação de alegria e terror simultâneos que se tem ao andar de bicicleta:

Uma memória de movimento permanece nos músculos de suas pernas, e parece que elas continuam girando. Você passeia pela Terra dos Sonhos

em maravilhosas bicicletas que se transformam e crescem; você desce em campanários e escadarias e passa sobre precipícios; você paira, em horrível suspense, sobre cidades habitadas, buscando em vão um freio que sua mão não consegue encontrar, para se salvar de uma queda de cabeça para baixo; você mergulha em rios caudalosos e se lança, sem ajuda, contra obstáculos monstruosos.

Nem todos eram tão entusiastas quanto Wells, e vários especialistas desaprovavam essa nova forma de transporte. Um famoso médico e cientista francês afirmava que a bicicleta apresentava sérios riscos à saúde, especialmente se usada após as relações sexuais. Estava particularmente preocupado com as mulheres ciclistas, porque andar de bicicleta poderia “proporcionar **satisfações genitais**, sensações voluptuosas” ou mesmo “masturbações esportivas”. Outras autoridades proeminentes, entre elas um notório criminologista, sustentavam que o esforço físico necessário para mover a bicicleta poderia “**estimular tendências criminosas e agressivas**”.

Na verdade, poucos deram atenção a essas alarmantes advertências sanitárias. Pessoas de todos os meios sociais tornaram-se ciclistas, e com isso a bicicleta atingiu uma era de ouro de importância cultural que duraria quase meio século. Ela ocupou espaço tão grande da vida cotidiana que não podia deixar de ser percebida. Os ciclistas faziam passeios pela cidade e se queixavam do tráfego e dos acidentes. Anúncios caros enchiam os jornais com ilustrações dos últimos acessórios ciclísticos, e políticos instituíam **impostos sobre bicicletas** para aumentar a renda do governo. Havia até mesmo relatos de **filhos desesperados que roubavam a bicicleta da mãe** e de **figuras notáveis assassinadas enquanto pedalavam**. O que fora um aparato inovador tornou-se artigo familiar, meio de transporte conveniente e econômico para adultos de todo o mundo. Quanto aos meninos, uma bicicleta nova e brilhante reinava, absoluta, no topo de todas as listas de desejos.

GINO PASSOU O VERÃO antes da sexta série com os olhos firmes no prêmio. “**Daquela pilha de ráfias** que chegava aos meus joelhos”, – dizia meu bom pai Torello, – “sairia uma sólida bicicleta que me levaria a Florença todos os dias, logo que o outono chegasse.” E assim foi. No fim do verão Torello acrescentou algum dinheiro aos ganhos de Gino, e Anita e Natalina contribuíram com parte do que juntavam para seus dotes. “**É claro que eu não podia** comprar uma bicicleta nova, muito menos uma bicicleta de corrida”,

relatou Gino; conseguira, porém, o suficiente para uma enferrujada bicicleta de quarta mão que finalmente podia chamar de sua. E, feito isso, não conseguia pensar em mais nada. “**Você pode imaginar minha alegria.** Nas primeiras noites eu ficava me mexendo e me virando na cama, desejando que amanhecesse logo e eu pudesse andar nela.”

Nascia o dia, e com ele surgia todo um mundo novo para além das fortuitas fronteiras de Ponte a Ema. “**As estradas que para lá levavam** eram todas de subidas e descidas, caminhos tentadores para quem podia pedalar. Minha paixão pela bicicleta fez com que eu a usasse para ir todos os dias à escola com meus amigos da cidade e de outros lugares vizinhos”, contou Gino. Eles sempre escolhiam os caminhos mais compridos e mais difíceis, aparecendo em sala de aula com os rostos manchados de vermelho, “**como um punhado de maçãs maduras**”. Às vezes Gino levava os amigos para aventuras noturnas. Enquanto eles o olhavam de longe, ele pedalava em silêncio e furtivamente **se aproximava de um *carabinieri*** – policial. Quando chegava bem perto, Gino assustava-o com um grito, e, às gargalhadas, acelerava na escuridão antes que pudesse ser pego.

O roteiro favorito de Gino incluía uma colina particularmente íngreme apelidada de **Moccoli**, “xingamentos” no dialeto toscano, porque a maior parte das pessoas praguejava, agoniada, à medida que subia. O caminho levava Gino a cerca de seiscentos metros acima da margem sul do rio Arno, até a piazzale Michelangelo, chamada pelos habitantes locais de “**sacada**” de Florença. Terminada em 1876, a piazzale **oferecia uma vista** de tirar o fôlego sobre a cidade em toda a sua glória. Lá estavam os pontos de referência óbvios, como a ponte Vecchio, a mais famosa de Florença, e o Duomo, a imponente catedral que se eleva sobre a área central da cidade com seus telhados vermelhos. Lá estavam também tesouros menos conhecidos, como a sinagoga judaica, construída com pedras de cor ocre e creme e encimada por um impressionante trio de cúpulas cobertas de cobre que, com o tempo, haviam se tornado verde-acinzentadas. Tudo isso se juntava na piazzale Michelangelo para formar um panorama digno de qualquer museu.

Uma vez que chegava à piazzale suado e com o coração acelerado, Gino aproveitava para admirar a vista enquanto recuperava o fôlego. Lançava-se então à inebriante descida colina abaixo até Florença. “**Quando eu descia para Florença**, o ar era claro, sentia o perfume fresco das folhas das árvores e dos prados. A água do Arno era límpida, como a água pura do riacho em minha aldeia natal, o Ema”, disse Gino. Depois de tantos dias de infância

passados na calma Ponte a Ema, Florença era uma fascinante colmeia de franca atividade, zumbindo estranhos e novos sons, cores e sabores. Para começar, havia gente desempenhando ofícios que Gino nunca havia visto antes. **Trapeiros** que vendiam pedaços de pano para limpeza; homens que consertavam guarda-chuvas quebrados; outros que recuperavam, com arames de ferro, vasos de terracota quebrados. No fim da primavera havia até mesmo quem vendesse grilos para quem quisesse comparecer ao popular Festival do Grilo no parque Le Cascine.

Nas movimentadas ruas de Florença, Gino descobriu os lendários comerciantes de alimentos. Vendedores de caroços de abóbora oferecendo seu popularíssimo acepipe próximo aos jardins públicos; outros cozinhando *pattone*, pães doces feitos de farinha de castanha, e convidando os transeuntes a experimentar o calor do pão; açougueiros vendendo *roventini*, uma mistura de sangue de porco e queijo parmesão fritos, e divulgando o produto com a imagem de um porco que exclamava “**Fui morto para você!**”; fazendeiros percorrendo a cidade de bicicleta para oferecer alfaces e rabanetes, e vendedores de tripa montando pequenas barracas nas esquinas logo cercadas por legiões de gatos miando; e, talvez o mais tentador para um inveterado amante de doces como Gino, os *perecottari* erguendo suas barracas perto de muitas das escolas da cidade para vender peras e maçãs cozidas e aromatizadas com xarope.

Com toda a animação nas ruas da cidade, nada era mais atraente do que a **oficina de bicicletas** em que trabalhava o primo mais velho de Gino, Armando Sizzi. Com quadros de bicicleta em estágios variados de estrago pendurados em ganchos presos ao teto, a oficina lembrava um açougue. Mas o ambiente, uma inebriante mistura de graxa, fumaça de cigarro e risos masculinos, sugeria algo mais próximo de uma barbearia. Embora fosse difícil perceber pela fachada despretensiosa, a oficina era uma verdadeira instituição local. Numa tarde movimentada, ela pulsava, cheia de vida. Corredores sérios, tanto amadores como aspirantes a profissionais, iam à oficina comprar pneus novos e trocar histórias sobre treinos e corridas locais. Misturavam-se aos ciclistas de todo dia esperando consertos e aos moradores do lugar, que ali tinham um ponto para bater papo. Com uma chave-inglesa na mão, Sizzi atendia a todos, contando piadas enquanto consertava correntes quebradas e substituía rodas danificadas.

Homem cordial e conversador, Sizzi muitas vezes apresentava seus clientes e amigos ao primo tímido. Nenhum desses indivíduos parece ter tido

influência duradoura sobre Gino – a não ser um deles, Giacomo Goldenberg. Goldenberg chegara a Florença vindo da Europa oriental e trazia uma história de vida dramaticamente diferente de qualquer outra de que Gino já tivesse tomado conhecimento.

GIACOMO GOLDENBERG ERA UM JOVEM de olhos castanhos que usava óculos e tinha cabelos cor de carvão. Nascera perto da cidade de Kishinev, então parte do Império Russo e hoje parte da Moldávia. Sua família chegara à Itália por volta de 1912, numa leva de imigrantes saídos da Europa oriental na esteira de diversos ataques desferidos contra comunidades judaicas. Embora na Itália os judeus estivessem plenamente integrados à vida cotidiana, a mudança de estilo de vida decorrente do deslocamento era considerável. Após anos imersos nas línguas russa e ídiche, eles tinham de aprender italiano a partir do zero e então navegar no traiçoeiro mundo dos dialetos regionais italianos. Os imigrantes mais velhos precisavam encontrar novos trabalhos; as crianças tinham de ser matriculadas em escolas italianas e fazer novos amigos. Mesmo a comida e a música, confortos materiais do dia a dia, se transformavam na terra do macarrão e de Puccini. Tudo isso resultava em dramática mudança que desorientava muitos deles enquanto buscavam um lugar no novo país.

Poucos jovens enfrentaram tão bem quanto Goldenberg o desafio de reconstruir a vida na Itália. Segundo opinião geral, dedicou-se com zelo à sua pátria adotiva. Pouco depois de chegar já era fluente em italiano. Matriculou-se então em um curso de uma universidade italiana, algo que estava fora da realidade até mesmo de muitos italianos nativos. Quando se formou, começou a trabalhar em uma loja de tecidos de Florença. Enquanto isso, ficou amigo de muitos não judeus italianos, como **Armando Sizzi**, que tinha pouco conhecimento e ainda menos paciência quanto ao tipo de **antisemitismo** que Goldenberg testemunhara em Kishinev.

Quando Sizzi apresentou Gino a Goldenberg, por volta de 1925, algo aconteceu. Numa época em que dentro de Gino começava a brotar poderosa sede de viagens, Goldenberg era dezesseis anos mais velho e talvez fosse, de todas as pessoas que encontrara até então, quem mais conhecia o mundo. Era instruído, falava diversas línguas e tinha viajado pelo continente europeu numa era em que a maioria dos italianos da classe de Gino passava a vida inteira na cidade ou no vilarejo em que havia nascido. Goldenberg, por sua vez, encontrou muitos aspectos atraentes em Sizzi e Gino – eles eram do tipo

de espírito aberto que transforma um lugar estrangeiro em situação amistosa. Ao longo das conversas ocasionais na oficina ou, talvez, em torno de um prato de *pappardelle* ou de risoto, essa curiosidade recíproca foi forjando um laço comum de amizade e estima mútuas.

Depois de dois anos Goldenberg iria deixar Florença e mudar-se para Fiume – cidade portuária no norte da Itália, onde se casaria com a filha de um padeiro – a fim de dar início a um próspero negócio de importação de madeira. Era inegável, porém, que haviam sido formadas as bases sólidas de uma amizade. Nem Goldenberg, nem Sizzi, nem mesmo Gino tinham clareza disso, mas, o tempo iria mostrar, aquela era uma das relações mais importantes de suas vidas.

SOB A SEDUTORA E COSMOPOLITA agitação desse mundo adulto que Gino estava começando a descobrir, forças nefastas espreitavam. Em uma noite de outono em 1925, Gino ouviu atentamente quando o pai lhe entregou vários jornais e livros socialistas e fez uma grave advertência: “A política é uma armadilha. Lembre-se disso. Mantenha distância.”

Torello Bartali mandou o menino esconder a pilha de materiais no sótão. “Ponha isso num canto onde ninguém possa encontrar”, ordenou o pai. Pela expressão sombria nos olhos de Torello e pela tensão em sua voz, Gino compreendeu que lhe estava sendo confiada uma tarefa importante.

Torello tinha razão para ficar ansioso. Embora fosse um trabalhador diarista e sem muita importância nos círculos políticos, envolvera-se com o Partido Socialista Italiano e participara de campanhas locais pelos direitos dos trabalhadores, num tempo em que a Itália de Mussolini se tornava um lugar assustador para quem ousasse manifestar-se contra ele. Logo após chegar ao poder, em 1922, Il Duce, como era conhecido, agiu rapidamente no sentido de eliminar a oposição, sobretudo quem explicitava sua discordância pela imprensa. Em curto espaço de tempo promulgou vários decretos que tornavam perigoso o ato de escrever livremente nos jornais e criavam uma atmosfera intimidadora para qualquer um que questionasse abertamente o fascismo. Em meados de 1924, Giacomo Matteotti, um proeminente socialista, sugeriu no Parlamento que os fascistas haviam fraudado uma eleição recente. Dias depois, Matteotti foi sequestrado e morto. Sua morte chocou os italianos no país inteiro.

Em Florença, um grupo de ativistas conhecido como o círculo Italia Libera vinha mobilizando sentimentos antifascistas havia algum tempo.

Formado por veteranos da Primeira Guerra Mundial, esse grupo de florentinos, que abrangia de advogados a trabalhadores da estrada de ferro, considerava o fascismo uma afronta à democracia. Para reagir, publicavam um jornal clandestino chamado *Non Mollare!* – “Não desista!”.

Gaetano Pilati, um antigo deputado socialista que era **dono de uma firma** em que Torello às vezes trabalhava, apoiava ativamente o *Italia Libera*. Certa noite no fim de outubro de 1925, às onze e meia, Pilati dormia ao lado da mulher. Um grupo de bandidos fascistas encostou uma escada na sacada de seu quarto e forçou a janela. O primeiro bandido, um homem baixo com chapéu puxado sobre os olhos, brandia dois revólveres. O segundo ordenou a Pilati que os seguisse até o quartel-general fascista. Pilati obedeceu e começou a vestir-se, sentado na beira da cama enquanto colocava as calças em sua única perna, pois a outra havia sido perdida na Primeira Guerra Mundial. Enquanto ele se vestia, um dos bandidos perguntou-lhe:

“Você é mesmo Pilati?”

“Sim.”

Segundos depois ambos os bandidos atiraram nele. Pilati caiu da cama, ferido, mas ainda vivo. Aterrorizada, sua mulher gritou enquanto os assassinos saíam da maneira como haviam entrado. Pilati ainda sobreviveu durante três dias, mas acabou sucumbindo aos ferimentos.

O assassinato de seu empregador arrasou Torello. “**Está vendo?**”, argumentou, enquanto passava para o filho seus incriminadores documentos socialistas. “Eu defendia um ideal porque queria um mundo mais justo para mim e para os outros. E este é o resultado: mataram meus companheiros de fé, e eu tenho de esconder meus livros e minhas opiniões.”

Como poucos homens, Gino iria entender a política como a força fundamental que ela é – singular em sua capacidade de construir um homem ou destroçá-lo, de unificar os cidadãos de um país em torno de um objetivo comum ou de fazer com que se voltem uns contra os outros em sangrenta perseguição. A advertência de Torello permaneceria com ele pelo resto da vida. Aos onze anos, contudo, esses conceitos soavam muito, muito distantes; embora Gino pudesse compreender a seriedade do tom de voz de seu pai, em última análise, a política era apenas uma abstração, uma noção distante para um garoto cujo coração era consumido por algo muito diferente.

2. No selim

GINO TINHA CERTEZA de que os irmãos Bartali estavam destinados a se tornar uma dinastia ciclística. Com uma diferença de idade de dois anos, ele e Giulio rodavam de bicicleta por toda a região em torno de Florença, junto a um bando de colegas de escola, como uma tropa de cavalos toscanos galopando pelos prados adjacentes. “**Eu me sentia como um daqueles poldros**”, Gino revelou, “aqueles cavalos novos que corriam com as crinas ao vento sem qualquer controle.” Os garotos enfrentavam as poeirentas colinas toscanas em busca da emoção de correr a toda velocidade até sentir os pulmões queimarem, desafiando uns aos outros. “**Vamos ver quem chega primeiro ao topo daquela colina!**”, gritava alguém, e todos disparavam. Gino chegava sempre na frente, seguido de perto por Giulio, e eles saltavam das bicicletas para esperar os outros. “**Céus, como eles se empenhavam!**”, Gino lembrou. “Eu suava menos e não ofegava tanto.”

Logo ficou evidente que Gino era o melhor corredor do grupo; no entanto, foi só depois de testar sua força contra verdadeiros corredores, ainda que muito de vez em quando, que ele começou a perceber que era diferente, especial mesmo. Algumas vezes, enquanto pedalavam, Gino, Giulio e os amigos cruzavam com corredores amadores treinando nas íngremes colinas toscanas. “**Chateados com um bando de meninos em sua cola**, às vezes nos desafiavam. Apesar de terem bicicletas perfeitas e as nossas serem umas carroças pesadonas, nem sempre eles ganhavam. Na verdade, em muitas subidas comigo, eles ficavam para trás”, disse Gino. “No começo, eu até fiquei espantado e constrangido com essa descoberta.”

Gino não foi o único a perceber seu talento. Na sexta série ele conseguira um emprego em tempo parcial em Ponte a Ema, três dias por semana, na oficina de bicicletas de Oscar Casamonti, mecânico e corredor amador, que tinha ouvido os comentários da cidade sobre seu jovem aprendiz. Desejando confirmar com os próprios olhos a veracidade dos

rumores, um dia ele levou Gino para uma volta com ele e seus companheiros de treinamento. Gino ficou bem para trás, pelejando com sua pesada bicicleta de passeio. “**Todo mundo tinha bicicleta de corrida** e tive que me esforçar muito para manter a autoconfiança”, revelou. Eles tinham decidido cobrir cerca de noventa quilômetros, e de tempos em tempos Casamonti acelerava. Quando já tinham feito metade do percurso, o patrão de Gino disparou na frente e deixou todos os outros para trás. Alguns começaram a desistir, mas Gino fez o possível para acompanhar. Bem, até certo ponto: sem ousar ultrapassar Casamonti, não se empenhou tanto quanto poderia, explicando depois: “**Eu não queria desrespeitá-lo**; era meu patrão!” Quando Casamonti, certo de que estava sozinho na liderança, virou para trás e viu o jovem Gino bem atrás dele, arregalou os olhos, atordoado, e assim que voltaram para a cidade procurou Torello e Giulia.

Eles tinham nas mãos um rapaz que nascera para correr.

NA ITÁLIA DA DÉCADA DE 1920, poucas coisas eram tão atraentes quanto o ciclismo para um rapaz como Gino. Do outono até a primavera, o futebol tinha seus torcedores fiéis nas cidades; **o ciclismo, porém, era o símbolo do verão**. Mais do que qualquer outro esporte, também chamava a atenção de quem vivia no campo. Das altas aldeias dos Alpes italianos, atravessando a península até a Sicília, o esporte atraía multidões de curiosos, jornalistas e diretores de cinejornais. Um jornalista italiano muito conhecido descreveu o efeito transformador do Giro d’Italia, a competição em múltiplas etapas que era a mais importante corrida ciclística do país. “**Para muitas casas perdidas nas montanhas**, para muitos dos campos banhados de sol, para muitas pessoas das aldeias penduradas no topo das colinas, o Giro é o único espetáculo da vida, a visão fugaz de um mundo distante que corre de uma cidade grande para outra e une toda a Itália em um só elo.” E a popularidade do ciclismo não se limitava às fronteiras italianas. O restante da Europa continental aderiu a ele, e a base internacional de fãs na América do Norte e do Sul crescia rapidamente.



Gino Bartali brinca com seu irmão mais novo, Giulio.

Não era um produto difícil de vender. O ciclismo competitivo capturava a imemorial excitação da corrida de cavalos e a libertava dos limites das pistas, colocando-a nas estradas familiares da vida cotidiana. O público afluía às competições, hipnotizado pela visão de homens competindo uns com os outros em cima de seus cavalos metálicos. Os organizadores das corridas procuravam tirar vantagem de tudo e concorriam entre si, cada qual tentando fazer com que sua corrida fosse a mais longa, sua rota, a mais desafiadora e seu prêmio, o maior. Fabricantes de bicicletas patrocinavam equipes inteiras e ajudaram a estabelecer uma temporada de corridas. Um esporte sem amarras foi transformado em grande indústria e, de obsessão internacional, tornou-se um hábito da vida moderna.

No tempo em que Gino era garoto, **havia surgido uma classe de ciclistas** que conseguia fazer da competição por grandes prêmios seu meio de vida. Três dias antes de Gino completar treze anos, o ciclista italiano Alfredo Binda conquistou uma vitória espetacular no primeiro Campeonato Mundial de Ciclismo, competição profissional realizada na Alemanha, e Gino começou a sonhar com um mundo que nunca havia imaginado. Com personalidades exuberantes – e comitivas ainda mais exuberantes –, corredores como Binda logo ficaram tão famosos quanto as próprias corridas. Vinham de diferentes partes da Europa, mas quase todos se originavam da classe trabalhadora. Muitos pertenciam a longas linhagens familiares de mineiros; outros eram madeireiros, vendedores de queijo e moleiros. O jovem Gino e seus contemporâneos não resistiam ao fascínio desses cowboys do pedal; cavalgando os últimos tipos de bicicleta de corrida, com seus exóticos guidões curvos, eles levavam pneus sobressalentes atravessados no peito e usavam óculos de corrida parecidos com os que hoje são usados para natação. **“Naquele tempo os corredores eram personalidades”**, lembrou um ciclista italiano. Gino se apaixonou por esses personagens que pareciam maiores que a vida.

A imprensa também. Os corredores eram descritos em prosa homérica: **Antes esses corredores eram parecidos** com você, e na verdade muitos ainda o são: fazendeiros, diaristas, construtores, jardineiros. Em cima daqueles frágeis cavalos-marinhos de aço eles conquistaram o mundo. Hoje cidades inteiras os aguardam e aclamam, porque são fortes, porque

desafiaram poeira e chuva, porque caíram e, apesar de feridos, reergueram-se, porque conquistaram as montanhas, porque correram, sempre, sem parar e sem perder o fôlego. Eles são heróis de um humilde e emocionante torneio que os transformou em cavaleiros do trabalho árduo.

Com tais elogios, o esporte logo se tornou terreno fértil para uma classe de astros famosos.

Os mais proeminentes ganhavam prêmios nas grandes corridas e depois transformavam o sucesso em dinheiro, cobrando para aparecer em eventos menores em todo o continente. Os repórteres seguiam-nos, devotos e ávidos por descrever personagens que em uma corrida percorriam distâncias superiores às que muitas pessoas percorriam ao longo de sua vida inteira. O domínio público preenchia quaisquer lacunas deixadas pelos jornais. Façanhas e intrigas fictícias dos ciclistas alimentaram simultaneamente incontáveis romances e filmes.

Charles Terront, que corria com meias azuis, calções de flanela branca até os joelhos e echarpe de seda, foi o primeiro grande ícone do ciclismo a alcançar o topo do *Zeitgeist* cultural. Em 1891, quando ganhou uma corrida de 1.200 quilômetros de Paris a Brest, ida e volta, foi recebido na linha de chegada por milhares de espectadores. Depois disso devorou quatro refeições e diz-se que dormiu 26 horas seguidas. Enquanto descansava tornou-se uma sensação nacional. Quando acordou, compareceu a dezoito banquetes consecutivos, organizados para celebrar seu sucesso. **As recompensas não pararam aí.** Terront ganhou lugar de honra e camarote cativo no Opéra de Paris, e o escritor Paul D'Ivoi transformou-o em personagem ficcional no romance *Les cinq sous de Lavarède*.

Nos Estados Unidos, “rodar” alcançou o auge em 1896, com a declaração do *New York Times*: “A roda triunfou.” A Tiffany criou uma bicicleta folheada a prata. Thomas Edison fez experiências com um **triciclo elétrico**, e a Liga dos Ciclistas Americanos floresceu, com 75 mil membros pagantes, entre eles John D. Rockefeller. Milhares de americanos acorriam ao Madison Square Garden, originalmente construído por Cornelius Vanderbilt com o objetivo de abrigar corridas de bicicleta, para assistir aos exaustivos “Seis Dias”. Ciclistas do mundo inteiro pedalavam durante seis dias e seis noites, e ganhava quem cobrisse a maior distância total.

Os Estados Unidos tiveram seu momento, mas os ciclistas europeus roubaram a cena nas primeiras décadas do século XX. O aspirante a corredor tornou-se uma espécie de ícone cultural na Europa, como as melindrosas da Era do Jazz na América, imagem que definia uma época e suas ambições. Incontáveis jovens italianos acreditavam fervorosamente que essa fantasia poderia tornar-se a sua realidade.

As moças não eram menos vulneráveis a essa comoção. Aglomeravam-se às dúzias para ver os ciclistas famosos nas linhas de chegada, e as mais ousadas lhes passavam informações sobre como contatá-las em meio a marcas de batom. (Diz-se que um corredor reuniu informações pessoais sobre cerca de quinhentas mulheres em uma única corrida de múltiplas etapas.) A insistência das mulheres era tamanha que alguns homens até as consideravam ameaça moral. Em seu livro sobre ciclismo, Henri Desgrange, fundador do Tour de France, adverte os ciclistas quanto a essas “**belas alminhas libidinosas** que adorariam fazer com você a experiência ... de definir se suas qualidades como homem na cama são tão notáveis quanto suas qualidades de corredor na pista”.

Não é de surpreender que poucos dessem atenção a Desgrange. A maioria ficava muito contente em retribuir esse interesse romântico e usava o tempo longe das bicicletas levando as admiradoras para jantar, dançar ou para seu quarto de hotel. Outros corredores tinham menos interesse na caça, preferindo, em vez disso, passar os dias de descanso nos bordéis. Um corredor italiano ficou tão amigo das mulheres que desempenhavam seu ofício na **zona da luz vermelha em Roma**, que conhecia quase todas pelo nome e tinha o hábito de passar em seus salões só para dizer adeus quando deixava a cidade por um longo período. Os chefes das equipes esportivas estavam sempre dispostos a fechar os olhos para tais atividades, desde que não tivessem consequências sobre os resultados nas corridas.

Henri Pélissier, famoso corredor francês cujo belo sorriso costumava provocar taquicardia nas mulheres, era tão popular que teve de desenvolver estratégia pouco convencional para se defender de suas muitas fãs: pediu ajuda à mulher. Pélissier ganhou o Tour de France em 1923 e em todos os Tours que disputou **recebeu dezenas de propostas de casamento**, todas entregues à mulher, que tinha a incumbência de responder. Ela, entretanto, acabou se cansando desse arranjo e, dez anos depois, desesperada, **suicidou-se**. Pélissier encontrou um novo amor, mas a tragédia continuou a persegui-

lo. Em meio a uma discussão, a companheira atirou nele, matando-o com a arma que a primeira mulher havia usado para encerrar seus dias.

O assassinato de Pélissier foi assunto de manchetes sensacionalistas, mas estava longe de ser algo típico. A maioria dos ciclistas era tratada com admiração por seus seguidores. Fãs ardorosos ficavam em êxtase ao conseguir um simples autógrafa de seus ciclistas favoritos na linha de chegada. Todos ficavam felizes com sua presença. “**Todos nós éramos deuses**”, lembrou, divertido, um corredor. “E não tínhamos a menor ideia do que estava acontecendo conosco.”

ESSE ERA O INEBRIANTE VAPOR que alcançava o jovem Gino, exalando de jornais, rádios e das ansiosas conversas dos ciclistas na oficina de Casamonti. Ele o aspirava por inteiro. “**Lá estava eu, encantado**, ouvindo aquelas aventuras que me pareciam maravilhosas”, Gino disse, referindo-se à oficina, seu “segundo lar”. “Ali eu deixaria uma parte de meu coração e de meus sonhos.” A transformação era espantosa. O menino que não conseguia prestar atenção na escola era capaz de ficar horas concentrado nos mínimos ajustes na bicicleta de um freguês. E a qualquer momento do dia em que não estivesse trabalhando na oficina de Casamonti, estava alegremente pedalando sua bicicleta, aquela pesada engenhoca de ferro com uma só marcha e que quase não fazia jus ao nome.

Só o que faltava para Gino ser feliz era a permissão do pai para entrar em competições oficiais. Apesar da insistência de Casamonti, Torello se recusava a deixar o filho envolver-se no que considerava um mundo selvagem e arriscado. O pai de Gino sabia muito bem que um ciclista, sobretudo uma criança, não era páreo para um carro, caso se chocassem na estrada. “**Babbo não queria que eu corresse de bicicleta** com meus amigos”, explicou Gino, “porque sempre tinha medo de que eu me metesse em encrencas.” E Giulia Bartali também **não era favorável ao esporte**. Qualquer mãe ficaria aterrorizada com os barulhentos bandos de jovens em desabalada carreira pelas ruas de Florença, em perigosa impulsividade que deixava um rastro de pedestres apavorados. Os jornais da época abordavam regularmente a **violência dos ciclistas em seus choques** com pedestres, fraturando ossos e, ocasionalmente, provocando mortes.

Torello esclareceu seus sentimentos definitivamente no dia em que um amigo de Gino tomou sua bicicleta emprestada e colocou seu próprio guidão curvo de corrida no lugar do guidão comum de Gino. Quando devolveu a

bicicleta, deixou o novo equipamento. Dessa maneira, Gino teve o primeiro gostinho de montar uma bicicleta de corrida. Embriagado pela emoção de treinar no veículo de seus heróis, esqueceu-se de remover o guidão no fim do dia. E pagou um preço alto, quando mais tarde Torello viu a bicicleta. “Ao chegar do trabalho Torello viu a bicicleta adulterada daquela maneira e simplesmente me avisou que, se eu não a tirasse imediatamente de sua vista, ele a reduziria a sucata em cinco minutos.” Ferido pela desaprovação do pai, Gino lutou para conter as lágrimas.

Torello não podia engolir a ideia de seu filho como corredor porque a saúde de Gino parecia, na melhor das hipóteses, duvidosa. Em um dia frio do inverno de 1929, quando tinha quinze anos, Gino entrou numa das habituais brincadeiras de polícia e ladrão nas vizinhanças. Estava nevando, coisa rara em Ponte a Ema. Carregando a vara curta destinada ao ladrão, Gino se escondeu durante boa parte do dia, enquanto os companheiros o procuravam. Quando o sol caiu no horizonte, decidiu voltar para casa, supondo que a brincadeira havia terminado. Um dos amigos, porém, o viu e insistiu em afirmar que Gino havia sido capturado. Os demais se juntaram em volta e concordaram com esse veredicto. Gino ficou indignado, mas estava em minoria e, com tristeza, teve de aceitar o castigo. Eles o obrigaram a deitar no chão e o cobriram de neve da cabeça aos pés. Assim os amigos o deixaram e a mãe o encontrou algum tempo depois, molhado e tremendo. Logo foi acometido por febre alta que os pais, aterrorizados, temeram transformar-se em pneumonia – antes da penicilina, a pneumonia, bem como outras infecções, podia significar uma sentença de morte.

De alguma maneira, Gino sobreviveu. Com o tempo ganhou forças para se movimentar, embora tenha levado seis meses até poder falar normalmente. Ele queria deixar a experiência angustiante para trás, mas os colegas tornaram isso virtualmente impossível. Passaram a chamá-lo de “Careggi”, o nome do hospital mais famoso de Florença. Foi seu primeiro apelido, que lhe lembraria para sempre a provação por que passara.

Gino reagiu dedicando-se aos treinos. Talvez estivesse tentando persuadir amigos e parentes de que se recuperara completamente. Ou talvez só estivesse tentando convencer a si mesmo. O que quer que fosse, começou a ficar obcecado em acabar com sua fraqueza e construir uma versão mais forte de si mesmo. Queria, enfim, treinar e correr.

Infelizmente sua determinação não provocou qualquer mudança nas atitudes dos pais a respeito do ciclismo. Mais do que nunca, as ambições do

filho mais velho os cobriam de receio. Quase o haviam perdido para uma doença assustadora, e não era nenhum segredo que o ciclismo era um esporte perigoso. De vez em quando até profissionais experientes morriam em acidentes durante as competições. Torello fez pé firme. De sua família ninguém seria corredor. Incansável, porém, Casamonti continuava a defender a causa de Gino. Argumentou com Torello que seria um crime não deixar o rapaz correr, mas o pai não ouvia seus pedidos. “Um dia você vai trazê-lo aos pedaços”, replicara Torello, sem ter ideia de como suas palavras voltariam para assombrá-lo.

No dia em que completou dezessete anos, 18 de julho de 1931, algo inesperado aconteceu. Durante o jantar da família Gino perguntou se o irmão mais novo poderia participar, no dia seguinte, de uma competição em uma cidade vizinha na qual vários dos colegas de Giulio haviam entrado. Torello logo respondeu que Giulio era novo demais para correr. “Se for preciso, vá você”, disse para Gino. “Com essa sua mania no sangue, você não vai me deixar dormir.” Talvez tivesse abrandado por ser aniversário do filho; talvez tivesse cansado de lutar por tanto tempo contra o inevitável. Exausto pelos pedidos do filho, de inúmeras pessoas da cidade e até do pároco de Ponte a Ema durante anos, Torello finalmente cedeu. “Meu coração disparou”, Gino escreveu depois. “Dei um pulo antes mesmo que o som de suas palavras, tão doce a meus ouvidos, sumisse. Foi um dos melhores presentes que ganhei em toda a minha vida.”

Gino venceu a corrida no dia seguinte e saboreou o primeiro gosto da vitória. Mas não durou muito. Foi imediatamente desclassificado porque a corrida era para rapazes de quatorze a dezesseis anos, e, tendo acabado de completar dezessete, já não estava qualificado. Esse resultado infeliz, contudo, não foi suficiente para empanar a vitória maior que Gino havia conquistado.

Ele se tornara um corredor.

3. O primeiro teste

ABÊNÇÃO DE TORELLO fora uma conquista difícil, e Gino não queria decepcionar o pai. Sua primeira meta era diminuir as atribuições financeiras da família, ou, pelo menos, não aumentá-las. E para isso desenvolveu algumas estratégias particularmente criativas. Começou a acordar às quatro e meia da manhã para encaixar seus treinos antes do dia de trabalho na oficina de Casamonti. Mas sua parca renda como mecânico de bicicletas mal cobria as novas despesas com treinamentos e corridas. Na maioria das corridas, por exemplo, os pedais da bicicleta estragavam as solas dos sapatos. E logo ficou caro demais pagar cinco liras – metade de seu salário diário – para trocá-las. Então Gino pensou em algo mais econômico: costurava pedaços de pneus velhos de bicicleta nas solas.

Os primeiros triunfos de Gino garantiram-lhe um lugar num clube amador local, L'Aquila, mas ele continuava empenhado em se tornar financeiramente independente. Um de seus companheiros de corrida veio com uma solução:

“Escute, Gino, se alcançarmos juntos a linha de chegada, você me deixa cruzar primeiro? Minha namorada vai estar lá, e eu lhe dou o valor do primeiro prêmio. O que você acha?”

“Tudo bem”, respondeu Gino, já que assim levaria para casa o correspondente ao primeiro e ao segundo lugares. Sabia estar descumprindo as regras, mas seu desespero era grande. “Até então eu não tinha levado nenhuma lira para casa, e meu pai estava a ponto de explodir”, ele relatou. O artifício, entretanto, não teve vida longa. Os diretores do L'Aquila logo perceberam que ele estava cedendo algumas vitórias aqui e ali. Quando explicou a razão, propuseram-lhe a remuneração de cinquenta liras por corrida, o prêmio de praxe do primeiro colocado.

Um pouco aliviado de seus tormentos financeiros, Gino, com dezessete anos, concentrou as energias em outros aspectos. Determinado a livrar-se de qualquer fraqueza, adotou uma série rigorosa de exercícios para desenvolver

força muscular. Sempre o aborrecera a zombaria das pessoas com relação à sua pequena estatura. “**Muitas vezes meus colegas de classe** debochavam de mim e me chateavam porque eu era o mais fraco”, contou. “Eu era magricela, não tinha um físico compatível com a minha idade. Pedia a Deus que me fizesse ficar forte, mas enquanto esperava eu sofria. Sofria em silêncio, guardando tudo dentro de mim, por temer que minha dor fosse motivo de mais piadas.”

Agora, porém, havia encontrado um método para canalizar suas frustrações reprimidas. A **bíblia de seu treinamento** era o livreto de um professor holandês que detalhava 24 exercícios para ciclistas, específicos para braços, pescoço, pernas e o resto dos músculos do corpo. Ele praticava essa calistenia tão religiosamente que sua mãe, Giulia, **incorporou à sua rotina** a visão familiar do filho se exercitando todas as manhãs ao raiar do dia, pouco depois de o galo do vizinho cantar diante da janela aberta mesmo no auge do inverno. Em um ano ele acrescentou 7,5 centímetros à **circunferência do peito**.

A bicicleta oferecia outras oportunidades de treinamento. Nas subidas íngremes, ele se esforçava para tornar mais lenta a respiração. Aprendeu a conseguir fazer tudo com menos água, aprimorando sua capacidade de suportar a sede, que chegaria a centenas de quilômetros pedalando com apenas algumas gotas. Construiu sua resistência nas colinas da Toscana e sua velocidade em quaisquer planícies que encontrasse. Como um inventor trabalhando em nova ideia, registrava meticulosamente em cadernos todas as suas observações e experiências, prática que lhe valeu o apelido de “**Contador**”. Em tudo, o foco estava na maior das forças de um ciclista – a resistência à dor, ou o que Gino chamava de “**capacidade de sofrimento**”.

A nutrição também se tornou uma obsessão. Gino experimentou diferentes combinações de alimentos. A de **massas simples e bananas** tornou-se a favorita; os tomates, ingrediente básico de muitos pratos italianos, foram abandonados devido à acidez. Cientes da situação dos Bartali, os vizinhos ajudavam a fornecer combustível para o campeão que nascia. Um açougueiro lhe dava bifes antes das corridas importantes e outros moradores dividiam um pão extra, quando havia.

Nos dias de corrida, o desjejum começava com um espresso ou *caffè latte* e pão com geleia ou com o favorito de Gino: mel. Depois comia macarrão ou arroz com molho de queijo ou manteiga, idealmente acompanhado de ovos, vitela, ou bife. No lanche da tarde ele apreciava

alguns *pannini* com queijo, marmelada ou salame, às vezes os três juntos. Nas corridas que duravam vários dias, as porções eram muito maiores, para suprir a maior demanda calórica. Numa dessas corridas Gino comeu quase uma dúzia de ovos crus por dia enquanto pedalava, quebrando as cascas no guidão e sorvendo as gemas. Em outra, confessou, comeu um coelho inteiro e uma galinha de uma só vez.

Hoje os especialistas em nutrição esportiva sabem que ingerir tanta carne, especialmente bife, algumas horas antes de uma atividade física rigorosa é uma péssima estratégia. Tanto sangue é redirecionado dos músculos para o estômago, a fim de digerir a grande quantidade de carne, que o corredor tende a se sentir nauseado. Nos primeiros dias do ciclismo, entretanto, comer grandes quantidades de carne integrava o senso comum em termos de nutrição. Na verdade, em 1869 um médico francês (no que deve ter sido uma das primeiras matérias de jornal sobre nutrição e ciclismo) aconselhava aos ciclistas que estivessem competindo em uma corrida longa parar a cada vinte ou 25 quilômetros para comer e beber, de preferência um bife e duas taças de vinho Madeira ou algum vinho branco doce. Sugeria então que, depois de quinze minutos de descanso, os corredores caminhassem empurrando as bicicletas durante alguns minutos antes de montar. Nas décadas de 1920 e 1930 o pensamento havia evoluído e se tornado mais simples. O objetivo passou a ser fornecer calorias suficientes para resistir a corridas extensas, já que muitos ciclistas vinham de famílias como a dos Bartali, em que às vezes a comida era escassa. A carne era considerada alimento de altíssima qualidade, por conter muitas proteínas e calorias.



Gino Bartali (c.1936).

Em todo o seu treinamento, o único aspecto que parecia impermeável a qualquer reforma era o estilo de Gino, talvez porque não houvesse qualquer método perceptível por trás dele. Quase todos os demais corredores enfrentavam subidas inteiras em pé ou sentados, dependendo da inclinação da colina. Se era suave, ficavam de pé sobre os pedais para ganhar força extra. Se a inclinação era mais forte, saltavam da bicicleta e viravam a roda traseira, movendo a corrente para uma engrenagem mais baixa do outro lado, o que lhes permitia subir a colina sentados. Só precisariam ficar de pé nos trechos mais íngremes. Gino, ao contrário, montava e desmontava do selim, atropeladamente. “**Bartali subia aos pulos, agitado**”, observou um companheiro de equipe. Sua força significava que ele podia subir em pé e sentado, e podia esperar mais do que a maioria dos rivais antes de ter de deslocar a roda. Os repórteres de jornal atribuíam isso a um estilo pessoal pouco comum. Um corredor rival, no entanto, foi mais sincero: “**Parecia que ele estava** sendo eletrocutado.”

O ciclismo defensivo tinha seu lugar, mas o que deixava Gino eletrizado era a descarga de adrenalina da investida. Ofensivas arriscadas, tudo ou nada, valeram-lhe considerável sucesso como amador. À medida que a fama

se espalhava, um número cada vez maior de ciclistas aprendeu a reconhecer seu ataque característico. Perto do fim da corrida, geralmente em uma subida em que o pelotão dava tudo de si, Gino corria atrás do líder. Quando achava que era o momento propício, investia para a frente, atraindo o líder. Se ele o acompanhasse, Gino logo reduzia a velocidade e deixava que ele o alcançasse. Quando parecia que o outro havia recuperado a cadência, Gino repetia sua rápida investida. “**Ele explodia para a frente**”, descreveu um companheiro de equipe. “E então, uns duzentos metros depois dessa explosão, ele parava um pouco, por vinte ou trinta metros, e então explodia para a frente de novo.” Depois de quatro ou cinco dessas investidas, ele desfechava um ataque mais extenso, sabendo bem que agora o adversário estava completamente exausto. Variando tão dramaticamente a velocidade, Gino quebrava o ritmo do antagonista e desgastava-o. “**Reagir a seus ataques** era correr para o suicídio”, explicou um competidor.

Em um esporte em que é vital pedalar regularmente, a maneira não ortodoxa de Gino usar a bicicleta oferecia um benefício inesperado. Os demais corredores ficavam tão obcecados em observá-lo que não percebiam que ele olhava de volta com atenção maior ainda. Como um veterano jogador de cartas, Gino observava cuidadosamente seus adversários, procurando “dicas” ou sinais que indicassem estarem fraquejando. Podia ser qualquer indício óbvio, como uma careta rápida, ou algo tão insignificante quanto uma mínima contração muscular. Quando enfrentou um corredor particularmente forte, Gino escrutinizou-o durante dias, correndo tão perto dele que poderia, esticando-se, tocar sua roda traseira. No último dia, depois de sete horas monitorando o corpo desse ciclista à procura de alguma mudança, Gino percebeu algo anormal. Uma pequena veia na parte de trás do joelho do ciclista estava inchando. Pouco depois ele começou a fraquejar levemente no pedalar. Gino ficou em êxtase. Para comemorar a descoberta desfechou um ataque arrasador e deixou o adversário na poeira. Daquele momento em diante, sabia que o rival se aproximava de uma crise sempre que observava uma veia “**dançando atrás do joelho**”.

Mais tarde, ao longo de sua carreira, Gino ficou ainda mais artiloso em suas tentativas de farejar e estudar as estratégias dos rivais. Considerava normal esgueirar-se no quarto dos adversários para examinar o banheiro quando eles saíam para correr ou para jantar. Em época anterior aos testes de drogas, a maioria dos corredores tinha diversos frascos e vidros com vários líquidos, pílulas e pós recomendados pelos treinadores. Muitos eram

manipulações de ervas, placebos que nada mais faziam além de oferecer estímulo psicológico. Outros eram mais poderosos, como as anfetaminas brancas conhecidas apenas como “dinamite”, que aceleravam o coração por um curto período. Em uma dessas missões ilegais de reconhecimento, Gino entrou “como Sherlock Holmes” no quarto de um adversário e depois usou um companheiro de equipe como cobaia, fazendo-o tomar um misterioso líquido verde que lá encontrou. Pouco aconteceu, mas seu empenho obsessivo em acompanhar todos os movimentos dos adversários continuou inquebrantável.

PRESSIONANDO INCANSAVELMENTE os adversários de todas as maneiras que conhecia, Gino ascendeu com facilidade nas diferentes categorias do ciclismo competitivo. Em 1935, apenas quatro anos depois de sua primeira corrida, tornou-se profissional. Estava exatamente onde havia sonhado, mas era preciso acostumar-se ao ciclismo nesse novo nível. Como amador, ele era independente, responsável apenas por si. “Ninguém podia falar nada”, dizia. “Eu dava uma arrancada, ia para a frente, ficava para trás, tantas vezes quanto quisesse. Estava livre para fazer meu próprio caminho. Ninguém me ajudava nas corridas. Exceto em raras situações, era cada um por si. E para chegar ao final você realmente tinha de dar tudo que tinha.” Isso, certamente, também significava não haver ninguém para socorrê-lo em momentos de necessidade. Em uma corrida amadora ele perdeu um sapato a poucos quilômetros do fim. “Terminei com um pé descalço, e o chão estava coberto de neve!”, recordou. Em outra, realizou a investida final com os dois pneus vazios, tendo furado ambos pouco antes da linha de chegada. “No entanto, entre os muitos pequenos contratempos daqueles dias”, lembrou-se, “havia pelo menos a satisfação de estar livre, de não dever nada a ninguém.” Agora, porém, fazia parte de uma equipe e, como membro mais novo, tinha de pagar o tributo como *gregario*, elemento de apoio cuja corrida era dedicada a facilitar a vitória do capitão. “Eu me senti degradado. Ser o carregador de água e regulador do ritmo para outros não agrada a ninguém!” O primo mais velho de Gino, Armando Sizzi, insistia em que ele fosse paciente. “Você pode ser como Binda, o mestre das montanhas”, disse-lhe, referindo-se ao ídolo de infância de Gino. Mesmo assim, mais de uma vez Gino recebeu solenes reprimendas em suas primeiras competições de equipe, por disparar por conta própria e vencer sem a permissão do capitão e a sua custa.

Gino desprezava seu papel de ciclista de apoio, mas a verdade era que no mundo profissional ele não passava de uma cara nova, um novato. Seu anonimato era tal que, quando começou a ganhar aquelas corridas em que não tinha que obedecer às ordens de ninguém, pegou muitos jornalistas desprevenidos. Em 1935, por exemplo, depois de chegar em primeiro lugar numa importante corrida na Espanha, os repórteres de um dos maiores jornais esportivos do país anunciaram o feito em matéria de capa vistosa. Confundiram-se, porém, e em todo o artigo equivocadamente **se referiram a ele como “Lino”**. Nos meses que se seguiram, entretanto, nenhuma revista iria esquecer o nome de Gino, à medida que ele ia se tornando o novato mais falado daquela temporada.

O sucesso melhorou sua vida. Logo ele era capitão de uma equipe profissional e rapidamente tornou-se o membro mais rico da família. Seu **contrato na equipe** rendia-lhe 22 mil liras por ano, cerca de **cinco vezes o salário de um operário médio na Itália** e quase quinze vezes o que ele próprio ganhava como mecânico, poucos anos antes. Embora elevado, era apenas seu salário básico. O dinheiro maior vinha dos prêmios, que Gino começou a embolsar com suas vitórias por todo o país e pelo continente. Logo estava em condições de construir **uma casa nova para os pais**, com dois andares e muito mais perto de Florença do que o edifício que dividiam com várias famílias em Ponte a Ema. Tinha um *dinello*, ou sala de jantar, uma sala de estar, vários quartos e até um pequeno jardim, em que Giulia e Torello, ainda camponeses de coração, criavam galinhas e plantavam vegetais típicos da Toscana, como as favas.

A maior recompensa, no entanto, não era financeira. Apesar das desassossegadas apreensões do pai, o irmão mais novo de Gino, Giulio, havia seguido seus passos no ciclismo. Gino não podia deixar de ficar impressionado com seus talentos de ciclista. Embora dois anos mais novo, Giulio conseguia acompanhá-lo melhor do que a maioria dos seus companheiros. Quando meninos, haviam sonhado em dominar o mundo do ciclismo. E agora os irmãos Bartali começavam a vislumbrar uma vida futura juntos como ciclistas profissionais. Enquanto Gino era uma sensação entre os novatos, Giulio começava a despontar como um importante corredor por seus próprios méritos. Na primeira metade da temporada de 1936 ele **já havia vencido seis corridas**, entre as quais uma que conquistou com dez minutos de vantagem, o que era de deixar todos de boca aberta. Os dois treinavam lado a lado e planejavam sua ascensão até o topo. **“Eu tentava lhe**

dar conselhos”, disse Gino. “Falava com ele sobre minhas experiências, ele me ouvia e então dizia como ganhou uma corrida ou perdeu outra. ... Como eu gostava de ouvi-lo falar. Não que ele fosse tagarela; era do tipo fechado, como eu. Mas, quando estávamos juntos, trocávamos todos os tipos de confiança.” Fizeram um pacto de ajudar um ao outro nas corridas e combinaram que logo que estivessem competindo na mesma categoria iriam trabalhar juntos para arrasar seus rivais. Eles eram jovens, mas suas primeiras vitórias mostravam que tinham todo o direito de sonhar grande.

Todo esse sucesso, tanto para ele como para o irmão, introduziu um conjunto de preocupações na vida de Gino. “Eu mal era maior de idade e em dois anos tinha me tornado popular de um jeito que nunca tinha imaginado.” A sucessão de triunfos logo atraiu considerável atenção dos jornalistas. Numa época em que as façanhas dos astros de Hollywood ainda não haviam cativado a Europa completamente, os ciclistas eram as celebridades de quem todos falavam. E Gino logo se viu em meio ao torvelinho gerado pela imprensa. Seu rosto ficou famoso, e ele foi obrigado a contratar um assessor de imprensa para cuidar da correspondência e dos pedidos de fotografias. Só conseguia andar pelas ruas em um passo claudicante, na melhor das hipóteses, pois cada vez mais pessoas interrompiam qualquer coisa que estivesse fazendo para pedir autógrafos. Até mesmo sua relação com as mulheres mudou. Moças que acabara de conhecer se derretiam por ele, e outras enviavam longas cartas apaixonadas. O amor de uma dessas fãs obsessivas parece falar por todas: “Você é o sal da minha vida”, escreveu ela. “A comida não tem gosto, as flores não têm cheiro, os tecidos não são macios, desde que você se instalou em meu coração.”

Se as fãs o deixavam acanhado, o aspecto da fama que mais surpreendia Gino era a intensidade dos ataques desfechados pelos ferozes defensores de seus rivais, dando-lhe uma prova dos conflitos que viria a enfrentar na carreira. Eles enchiam sua caixa de correio com cartas zombeteiras, chegando a ponto de enviar-lhe sugestões de epitáfio para seu túmulo. “Aqui na poeira jaz o campeão de Ponte a Ema”, escreveu um espectador que estimulava os fãs a não colocar flores na sepultura de Bartali, mas usá-las para enfeitar seu rival. Gino ficou arrasado. A mãe percebia como as cartas o deixavam triste. “É melhor não ler, Gino”, insistia Giulia. “Só servem para deixar seu sangue ruim. Vou dizer ao carteiro para entregá-las a mim, e vou usá-las para acender o fogo.”

No fim das contas, eram apenas inconveniências relativamente pequenas. Gino se dava conta de quanto fora bem-sucedido. O mecânico de bicicleta que antes lutava para conseguir um emprego agora andava por Florença com ternos bem-cortados. Ele domara seu corpo, sua mente, até mesmo seu destino, transformando um futuro sombrio em outro, de infinitas possibilidades. “**Eu estava no sétimo céu.** Tinha menos de 22 anos e já tinha chegado lá.”

EM 14 DE JUNHO DE 1936, um domingo, Gino estava em Turim, nos Alpes italianos, aguardando a chuva diminuir o suficiente para que sua corrida começasse. Cerca de quinhentos quilômetros ao sul, seu irmão mais novo também estava competindo, em um campeonato amador de ciclismo. Aos dezenove anos de idade, Giulio estava correndo contra expectativas impossivelmente altas – uma semana antes seu irmão mais velho ganhara o Giro d’Italia. Apesar disso, Giulio ia muito bem, e Gino estava convencido de que ele estava se transformando no Bartali mais talentoso na bicicleta. “**Fisicamente Giulio era mais bem-dotado** do que eu. Tinha ritmo regular, ganhava de mim nas arrancadas finais e, nas escaladas, ele me acompanhava melhor do que muitos profissionais que corriam comigo na época. Ele era o melhor amador da Toscana.”

Ao contrário dos organizadores da corrida de Turim, os do campeonato amador decidiram dar a largada. A chuva não cedeu. Em um trecho particularmente lamacento, Giulio ficou para trás e então desfechou um impressionante ataque colina acima, para alcançar os dois líderes. Na descida os três estavam bem juntos. Atrás deles, um carro que ou não tinha visto, ou tinha ignorado, a sinalização da corrida deu uma guinada perigosa na direção dos ciclistas. Os dois primeiros conseguiram desviar e escapar. **Giulio não teve chance.** Atingiu o veículo em cheio, batendo com a clavícula na maçaneta e se esparramando no chão. Foi levado às pressas para um hospital.

Gino pegou o trem para casa depois que sua corrida foi cancelada, sem saber absolutamente nada do que tinha acontecido com o irmão. Em Florença, um amigo íntimo o aguardava na estação, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa seu rosto o traiu. Gino disparou instintivamente: “**Aconteceu alguma coisa com Giulio?**” No hospital, os dois irmãos puderam falar brevemente. “**Essas coisas acontecem**”, Giulio murmurou, com a voz débil e forçando um sorriso. Já havia recebido várias transfusões, mas Gino

também doou sangue. Giulio enfrentou uma operação no dia seguinte, e Gino passou as horas rezando em uma capela próxima. O procedimento não foi bem-sucedido; quando acabou, Giulio estava tão fraco que nem conseguia falar. Sofrendo maciças hemorragias internas, seu estado se deteriorava rapidamente. **Morreu apertando a mão do irmão mais velho.**

“**A tristeza mais profunda caiu sobre nós como chumbo**”, disse Gino. “Fomos da maior alegria à dor mais terrível.”

Torello, que, para começar, nunca quisera ver os filhos nas corridas, ficou furioso com Gino. “**Está vendo que meus temores eram justificados?**”

Tudo o que Gino conseguiu balbuciar em resposta foi: “É o destino, *babbo*.”

A mãe proibiu qualquer conversa sobre ciclismo e implorou a Gino que reconsiderasse sua carreira. Lutando contra seu próprio sentimento de culpa, não precisou de maior encorajamento. Abandonou as corridas e exilou-se numa pequena cabana perto do mar.

Andando sem descanso pela beira da água, a maneira com que Gino via a si mesmo e o mundo mudou dramaticamente. Começou a pensar que a morte do irmão não tinha sido apenas um acidente, mas um aviso divino contra os excessos de sua vida pregressa. Ele se deixara embriagar pelo sucesso; a estrada para a sobriedade exigia que ancorasse sua vida em algo maior do que ele mesmo. Já era católico praticante, **mas devotou-se ainda mais à Igreja** e voltou-se para sua fé a fim de ligar-se ao mundo. O grupo laico **Ação Católica**, de que Gino era membro desde os dez anos de idade, tornou-se ainda mais importante para ele. Criado em 1867, esse grupo organizava uma ampla variedade de atividades religiosas e sociais para meninos e rapazes, que iam de encontros de oração e de leitura da Bíblia até acampamentos de verão e associações atléticas. Em 1928 o grupo afirmava ter 600 mil membros em toda a Itália. Depois da morte de Giulio, Gino assumiu papel mais destacado, falando frequentemente para rapazes nos encontros da Ação Católica, explicando a importância da fé em seu sucesso.

Dolorosamente consciente da atenção que despertava na igreja local, onde sua presença impedia os paroquianos de prestar atenção à missa, Gino construiu no terreno da casa da família uma **pequena capela** e dedicou-a a Giulio. Não tinha nem três metros de largura, mas era ampla o suficiente para um altar com uma imagem da *Madonna* ao pé da cruz, várias velas e um genuflexório para as preces silenciosas. Ali os Bartali tinham um espaço reservado para oferecer orações diárias pelo repouso da alma de Giulio.

Pouco depois de pronto, o lugar foi abençoado pelo arcebispo de Florença, cardeal Elia Dalla Costa, que estava se tornando um amigo importante de Gino. O bispo Placido Nicolini, de Assis, outro amigo, ofertou um cálice a ser usado quando padres visitantes celebrassem missa.

Com o tempo, as trevas da dor de Gino se dissiparam um pouco. Giulio, seu irmão e melhor amigo, se fora, mas Gino sabia que de alguma maneira tinha de andar para a frente. O problema era decidir o que fazer fora do ciclismo. Suas opções, percebia ele, eram tão limitadas quanto antes. Estava com 22 anos, mas mal e mal tinha completado a sexta série. O trabalho em fábrica era uma possibilidade em Milão ou Turim, mas isso significaria deixar amigos e família e abandonar de vez a Toscana. Podia voltar a ser mecânico, mas o pagamento, que lhe tinha parecido miserável aos treze anos, seria desprezível aos 22. A única alternativa que restava, trabalhar em Florença como diarista, significaria descer para a esmagadora pobreza do pai.

Enquanto Gino pesava suas opções, seu isolamento do mundo externo chegou ao fim. Os amigos de sua cidade começaram a visitá-lo de novo. Companheiros de equipe imploravam-lhe que voltasse a liderá-los. Antigos astros gentilmente argumentavam que os acidentes eram parte do esporte, bem como da vida. Centenas de cartas de fãs começaram a chegar. Seu assessor de imprensa, que antes cuidava da correspondência dos fãs, escreveu-lhe uma carta comovente. Sua irmã Anita trouxe-lhe a bicicleta.

Nenhuma súplica, no entanto, podia diminuir o sentimento de culpa de Gino. “**Giulio se foi. Meu Giulio, meu irmão. Você entende?**”, dizia aos amigos nos momentos de desespero. A morte de Giulio era uma ferida que o cortava até o âmago, provocando-lhe profundas incertezas acerca da paixão de sua vida. O ciclismo lhe dera tudo, mas também havia lhe roubado a pessoa mais querida. Gino carregou a dor pela morte do irmão até o túmulo. Sempre que deixava Florença ou voltava para lá, até o momento em que ficou fraco demais para viajar, ele raramente perdia oportunidade de **visitar a sepultura de Giulio** em Ponte a Ema.

Naquele verão de 1936 Gino tentava descobrir como iria passar o restante de seus dias. Seria preciso **o conselho** de uma encantadora recém chegada para ajudá-lo a fazer a escolha. Ela disse a Gino que não deixasse que a trágica morte de Giulio se tornasse sua última lembrança do ciclismo. Ele tinha de competir para honrar a memória do irmão. Gino ouviu, e tomou a difícil decisão de voltar ao selim.

SEU NOME ERA ADRIANA BANI, e Gino havia passado boa parte do ano de 1935 **tentando juntar coragem para abordá-la**. Ela tinha dezesseis anos, era tímida, magra, de cabelos cacheados cor de mogno. No momento em que a viu, Gino foi tomado pela paixão. Adriana pertencia a uma família conservadora que morava na área nordeste de Florença. O pai havia servido na artilharia durante a Primeira Guerra Mundial e trabalhava então como administrador na estrada de ferro. A mãe era dona de casa. Quando Gino pôs os olhos em Adriana pela primeira vez, ela trabalhava no centro de Florença, perto do palazzo Vecchio, em uma loja chamada “48”, uma espécie rudimentar de loja de departamentos que vendia todos os tipos de tecido por 48 *centesimi*. Sua irmã havia trabalhado ali e, quando se casou, abriu uma vaga. O momento era conveniente para Adriana, que havia terminado a escola e queria um emprego para ajudar os pais.

No começo, Gino apenas a observava enquanto ela trabalhava. Um amigo dele tinha uma *pasticceria*, uma loja de doces e chocolates, do outro lado da 48, numa rua pavimentada de paralelepípedos. Gino adorava balas e chocolates e não precisava de outra desculpa para visitar o amigo. Uma colega de Adriana logo notou Gino espreitando do outro lado da rua. Adriana, no entanto, não acompanhava os esportes e nunca ouvira falar do famoso ciclista.

Após vários dias de ansiedade, Gino finalmente controlou os nervos e foi falar com Adriana. Arriscou-se a entrar na loja, na esperança de casualmente puxar conversa. Faltou-lhe, porém, autoconfiança. Logo se retirou, desajeitado e encabulado, o único homem em uma loja de roupas femininas. Depois disso, voltou a observá-la de seu posto na loja de doces. Na maior parte das vezes, Adriana fingia não notar. Às vezes trocava olhares com seu misterioso e mudo pretendente. **“Com aqueles olhares começamos a nos entender um pouco”**, explicou ela. Um dia, ao vê-la sair da loja, Gino finalmente decidiu agir. Engolindo a ansiedade da melhor maneira que conseguiu, caminhou em sua direção e, meio desajeitado, perguntou-lhe se podia acompanhá-la até o bonde que ela tomava todas as noites. Ela disse que já tinha um acompanhante, o cunhado, mas concordou que Gino fosse junto. Foi o que ele fez – com os olhos fixos no chão e em completo silêncio por todo o caminho até o ponto. Achando graça e enternecida com sua timidez, Adriana finalmente perguntou: **“Você não deveria dizer alguma coisa?”**

A ansiedade do ciclista pouco a pouco desapareceu e de vez em quando ele a acompanhava até a casa, com o cunhado de Adriana sempre atrás deles. Sem dúvida Adriana era atraente, mas sua inteligência e sua modéstia cativavam Gino. Embora ele fosse famoso no país inteiro, ela não se deixava perturbar por seu status de celebridade. Adriana, por sua vez, se sentia atraída pela sinceridade de Gino. “Ele era tão envergonhado e engraçado em sua timidez, que era encantador. E eu caí de amores por isso, sua pureza de alma e sua inocência na vida”, revelou. Os dois se apaixonaram. Trocaram o primeiro beijo em uma piazza de Florença num dia em que o cunhado de Adriana estava acamado com febre.

Passado um tempo, Adriana disse à mãe que estava interessada em um rapaz. A mãe se mostrou relutante.

“Um corredor? Mas o que ele faz? De que vive?”

“Ele corre de bicicleta”, respondeu Adriana.

“Mas como ele consegue ganhar a vida em uma bicicleta?”, reagiu a mãe.

“Ele é bom. Está começando a se tornar um campeão.”

“Está bem, então apresente-o”, replicou a mãe, nada convencida.

Adriana pediu a Gino que fosse conhecer seus pais.

“Vamos esperar um pouco. Acho cedo demais”, ele ponderou. Com toda a atenção que atraía da mídia, Gino se preocupava com a responsabilidade que pesaria sobre sua namorada. “Se eu perder, a culpa imediatamente vai cair em você.” O jovem casal concordou em manter secreta a relação.

Passado um ano, Gino finalmente encontrou os pais de Adriana. Durante um almoço pediu permissão para cortejar a filha. Relutantes, eles concordaram. Rigorosa e tradicional, a família de Adriana proibia que ela ficasse sozinha com Gino. Para sorte deles, sua agenda de treinamentos e de corridas era tão intensa que ele não aparecia com muita frequência. Quando encontrava tempo para visitá-la, a porta da sala deveria permanecer aberta. Algumas vezes Adriana acenava para Gino da janela, quando ele saía no fim da noite. A mãe não aprovava. “Familiar demais”, resmungou. Em público, só podiam ficar juntos se estivessem acompanhados de amigos. Geralmente, aproveitavam o tempo para se conhecerem melhor na loja de doces do outro lado da 48. De vez em quando Gino conseguia convencer Adriana a faltar ao trabalho e dar uma volta com ele. “Às vezes íamos ao cinema, mas tinha de ser às escondidas, porque eu não tinha permissão”, contou ela.

Adriana tinha uma personalidade adoravelmente independente – trabalhava, dirigia automóvel e fumava, atitudes muito raras para uma mulher italiana de sua época. Mas hesitava quanto a Gino e sua carreira. Por sua natureza, o ciclismo era um meio de vida imprevisível. A diferença de alguns minutos, ou mesmo segundos, na linha de chegada tinha um efeito dramático sobre a remuneração de um ciclista. Os vitoriosos ganhavam bem, mas os outros apenas se arranjavam. Quando pensava na perspectiva de casar-se com Gino, Adriana não podia deixar de avaliar se era uma base estável sobre a qual construir uma família.

O próprio Gino se dava conta disso. Ele projetava o futuro que queria com Adriana. “**Nós teríamos filhos**, e eu tentaria vencer o mais que pudesse, para lhes dar um bom exemplo. E então teríamos netos, os filhos de nossos filhos, e quando eu fosse velho lhes contaria minhas histórias. Eu gostava de pensar em minha vida futura e assim a imaginava.” A história das corridas, porém, estava cheia de futuros que deveriam ter sido e que não foram, de jovens esperançosos cuja ascensão à proeminência só não foi mais rápida do que a queda na obscuridade. Gino era profissional havia pouco menos de dois anos, mas já era um dos principais corredores da Itália. Os fãs sabiam seu nome; os jornalistas discutiam sobre como pronunciá-lo; os outros competidores tinham aprendido a temê-lo. E, apesar disso, todos faziam a mesma pergunta sobre sua história na pista: seria fogo de palha ou o começo de algo maior?

A RESPOSTA ESTAVA no Tour de France. Mesmo para ciclistas da geração anterior à de Gino, nenhuma outra competição era mais importante ou mais lucrativa. A própria corrida era um campo perpetuamente fértil de manchetes bizarras; todos os seus aspectos que pudessem ser destacados eram devidamente exagerados visando garantir que o evento fosse o mais comentado do esporte. A extensão da corrida era escandalosamente longa – vários milhares de quilômetros dando a volta na França – e planejada de modo a que os competidores tivessem de passar pelos cumes de várias das mais altas montanhas do país.

No entanto, apesar de todas as suas resplandecentes promessas, mantinha-se completamente inalcançável para os ciclistas da Itália. A despeito de uma longa série de tentativas, apenas um italiano, Ottavio Bottecchia, conseguira ganhar a competição. Nos anos que se seguiram, o atrativo da vitória no Tour não diminuiu. O prêmio em dinheiro era parte do

fascínio. Corredores de sucesso pensavam em comprar casas de campo ou cabanas à beira-mar, adquirir uma fazenda ou começar algum pequeno negócio que os sustentaria pelo resto da vida.

Gino, no entanto, estava interessado em mais do que mera riqueza; o escopo de sua ambição era decididamente maior. Não bastava alcançar algo que outro italiano já havia realizado; queria estabelecer uma marca jamais atingida por qualquer homem de qualquer país: Gino queria vencer tanto o Giro d'Italia como o Tour de France – *no mesmo ano*.

A ideia já havia passado pela cabeça de outros ciclistas, mas a maioria dos especialistas a descartavam, por perigosa, temerária e talvez até mesmo fisicamente impossível. Era fácil entender por quê. Só para fazer a tentativa, o ciclista era obrigado a correr mais de 8 mil quilômetros ao longo da Itália e da França. Seria o equivalente a um ciclista correr, numa perspectiva norte-americana, de Chicago a Seattle contra os melhores da Itália e em seguida de Seattle a Nova York, mas então enfrentando um novo grupo de astros internacionais. É verdade que havia um intervalo de quatro semanas entre os dois eventos, mas devido à agenda de corridas menores – as outras obrigações de um ciclista profissional – isso dificilmente poderia ser chamado de período de descanso.

O Giro e o Tour. Poucos homens sequer tinham ousado avaliar detidamente o peso desse desafio; nenhum deles desejava mais do que Gino. Mesmo assim, sonhar com a marca impossível era apenas isto: um sonho. Em 1937, Gino decidiu montar a bicicleta e fazer acontecer.

4. “O Esportista Número Um da Itália”

QUANDO GINO ENTROU na cena nacional, um virtuoso de 21 anos de idade, encontrou um país obcecado por esporte. Não eram só os astros e os campeões nacionais que dominavam o espírito do tempo. De um lado a outro do país, os esportes haviam permeado todos os setores e, na década de 1930, se tornado parte tão integral da vida cotidiana, que era fácil esquecer que poucos italianos os praticavam antes de Gino nascer.

Havia, naturalmente, uma pequena classe de ciclistas profissionais. E muitos italianos usavam a bicicleta como principal meio de transporte. A prática de cidadãos comuns que se dedicavam aos esportes pelo prazer que deles obtinham era, entretanto, muito mais limitada e estava, em grande parte, restrita aos mais abastados. Tudo isso começou a mudar com a Primeira Guerra Mundial, que explodiu poucos dias depois do nascimento de Gino. O recrutamento militar e os exames médicos necessários para entrar nas Forças Armadas fizeram os funcionários do governo italiano se dar conta da saúde deficiente e da fraqueza física de muitos de seus cidadãos. Os membros das classes mais baixas estavam em pior situação, afligidos por males como tuberculose e malária, e enfraquecidos pela desnutrição. Nos anos que se seguiram à guerra, Mussolini e seu Partido Fascista se fixaram nessa questão da doença nacional. Ao ascender ao poder, na década de 1920, se aferraram aos esportes como um dos principais instrumentos de propaganda para criar uma Itália dominada por um “**povo guerreiro**” saudável, atlético e viril.

Logo a vida cotidiana refletiria essa fixação. A educação física tornou-se um dos componentes mais importantes do currículo escolar, com estudantes como Gino dela participando diariamente em muitas partes do país. Seus professores se tornaram “**engenheiros biológicos** e construtores da máquina humana”, e foram inauguradas novas academias para aumentar esse contingente. O regime fascista era tão intransigente no controle do

treinamento atlético das crianças que chegou a proibir que outros grupos se envolvessem nesse esforço. Em 1927 a ACM e vários clubes esportivos católicos foram fechados; os escoteiros foram denunciados como “**grotesca imitação estrangeira**” e extintos em 1928.

Os adultos eram encorajados de muitas formas a ocupar seu tempo de lazer em uma rede nacional de clubes esportivos e recreativos patrocinada pelo governo. Milhões de italianos aderiram, e em apenas sete anos o número de complexos esportivos no país multiplicou-se por dez. As mulheres começaram a praticar diferentes esportes, como ginástica, sob os auspícios de grupos especiais de treinamento. Os homens competiam em corridas de bicicleta ou filiavam-se a clubes de boxe. Uma máxima de Mussolini impressa em letras garrafais na parede de um clube de boxe em Florença dizia tudo: “**Eu não quero uma população de tocadores de bandolim**, eu quero uma população de lutadores.”

Também quando não estavam praticando esportes, os italianos eram bombardeados por anúncios e campanhas prometendo tornar o país mais forte e mais robusto. Uma marca popular de cigarros era divulgada como “**O Cigarro dos Grandes Atletas**”. Foi lançada nacionalmente uma cruzada moral contra o consumo de macarrão, denegrido por causar “**ceticismo, preguiça e pessimismo**”. Os altos funcionários do governo tampouco estavam imunes às demandas atléticas dessas campanhas. Em um encontro de líderes fascistas em Roma, Achille Starace, secretário do partido, exigiu que todos **mergulhassem de um trampolim** e nadassem cinquenta metros. Em outra ocasião ele demonstrou suas próprias proezas atléticas ao saltar sobre uma barreira de **fuzis com baionetas caladas**.

Por mais notícias que essas atividades rendessem, nenhuma delas se equiparava ao **desempenho de Mussolini**. Jogando tênis, dirigindo automóveis esportivos ou montando seu majestoso cavalo branco, ele se exibia à admiração de todos como infatigável esportista. Estava sempre disposto a se deixar fotografar de peito nu, fosse colhendo trigo nos campos, fosse esquiando sem camisa nas montanhas. A propaganda sugeria que ele fazia tudo isso **sob ascética dieta** – improvável pretensão, dada sua compleição rechonchuda. (Dizia-se que Mussolini renunciara ao café, ao álcool e ao tabaco e vivia com apenas um copo de leite ao desjejum, um almoço frugal e outro copo de leite e uma fruta ao jantar.)

A força controladora por trás de tudo isso era um vasto aparelho de propaganda que não hesitava em dourar a verdade ou ignorá-la por

completo. Poucos italianos daquele tempo sabiam, por exemplo, que no começo da vida **Mussolini, como, aliás, Hitler e Franco**, não manifestara maior interesse pelos esportes. Nem era de conhecimento geral o fato de que os fotógrafos e cinegrafistas sempre o fotografavam de uma **perspectiva inferior**, para fazer parecer mais alto seu corpo baixo e atarracado, e desviar a atenção do que um historiador italiano descreveu como sua “**cabeça grande e calva**, um rosto marcado pela varíola e um queixo proeminente”. Os italianos eram antes estimulados a obedecer ao governo e a colocar toda a fé em seu líder, o “**Esportista Número Um da Itália**”.

A MANIA ITALIANA POR ESPORTES crescia cada vez mais, e não poderia haver tempo melhor para Gino descobrir o ciclismo e começar sua carreira. Muitos dos clientes da oficina de bicicletas em que Gino trabalhava quando garoto competiam em clubes atléticos amadores e em equipes profissionais patrocinadas e financiadas pelo governo. Quando o próprio Gino começou a competir, seus primeiros ganhos – os prêmios nas corridas amadoras e depois nas profissionais – muitas vezes vieram dos cofres públicos. E quando começou a vencer regularmente os benefícios só aumentaram. Embora tivesse sido nominalmente recrutado pelo serviço militar em 1935, junto com o restante dos homens no país, conseguiu escapar de muitas de suas obrigações até o início da Segunda Guerra Mundial.

Em nível mais amplo, a atenção nacional nos esportes trouxe maior cobertura esportiva nos jornais, até porque o regime minimizava, ou de todo silenciava, as histórias de interesse mais geral, sobre desastres naturais ou grandes acidentes. Uma cobertura especial fazia com que os nomes de astros em ascensão, como Gino, brilhassem ainda mais no conhecimento público. Para Gino tal fama era satisfatória em si mesma, embora de fato apresentasse valor ainda mais decisivo. Numa época anterior aos contratos de patrocínio por empresas internacionais, a maior parte dos ganhos de atletas como Gino vinha dos **honorários por apresentação** em corridas menores em toda a Europa, pagos por seus organizadores – honorários determinados pelo número de vitórias do corredor e pelo tamanho da multidão que conseguia atrair. Dessa forma, a presença de Gino na imprensa tinha um efeito direto sobre sua capacidade de se manter e manter sua família.

Por trás dessa fixação nacional, contudo, havia um campo politicamente minado. Excetuando-se uma guerra, o esporte era uma das maneiras mais convincentes com que os fascistas poderiam promover sua ideologia fora da

Itália. Era o “cartão de visita da nação no exterior”, como descreveu um historiador. E assim, na cultura física do fascismo, os atletas não poderiam mais ser apenas atletas – eram os “embaixadores de azul”, com a tarefa de realizar “ações gloriosas nas lutas esportivas contra os mais fortes representantes de outras raças do mundo”. Seus métodos de treinamento passaram da preparação comum a uma vitrine de fato de todos os avanços da teoria e do planejamento fascistas; seus triunfos no exterior eram tratados como vitórias propagandísticas da mais alta ordem. Nesse clima político, conforme explicou um historiador italiano, “uma medalha de ouro em qualquer modalidade nos Jogos Olímpicos ou no Tour de France era mais importante do que mil atos diplomáticos, já que celebrar uma vitória significava celebrar a Itália e o fascismo”.



Benito Mussolini guiando uma bicicleta (c.1928).

Vivendo nesse mundo do esporte fascista, Gino começou a perceber que os tomadores de decisão à sua volta eram cada vez mais orientados por motivos políticos. **Órgãos governamentais de atletismo**, como a Federação Italiana de Ciclismo, que ajudava a organizar as equipes nacionais e a definir agendas, muitas vezes eram compostos por membros importantes do Partido Fascista; os profissionais de imprensa que cobriam uma atividade esportiva **atendiam ao regime** e não aos leitores ou aos atletas. Um astro como Gino, que não compartilhava de todas as posições ideológicas do regime, se via, assim, em posição nada invejável. Além de todas as pressões normais do treinamento no atletismo de alto nível, ele era obrigado a

enfrentar as mudanças das marés políticas, com poucos aliados fiéis a seu lado.

NO COMEÇO DA TEMPORADA DE 1937, com seu primeiro Giro d'Italia na mão, Gino era o ciclista mais promissor da Itália. Em março, contudo, seu ano quase terminou antes mesmo de começar. Indo, em treinamento, de Milão a Florença, foi pego desprevenido por uma tempestade de neve. Exausto com o esforço e vencido pelo clima frio e úmido, chegou a Florença com febre altíssima e expectorando muito. Ao ver aumentar sua febre já ardente, a família, preocupada, chamou um médico, e o exame resultou no assustador diagnóstico de **pneumonia brônquica**. Pouco se sabe sobre as especificidades médicas do caso de Gino, mas em 1937 a pneumonia ainda constituía sério risco de morte. “**Você pode imaginar o estado de [minha mãe] Giulia**”, Gino comentou. Dado esse quadro, a sequência dos acontecimentos dificilmente poderia surpreender mais: Gino foi considerado suficientemente saudável para correr o Giro d'Italia seis semanas depois, em maio, estando, aliás, forte o bastante para vencer a competição.

Sua vitória deixou a imprensa fascista em frenesi. Gino não só validara todas as esperanças que nele haviam sido postas, como também dera crédito à ideia de que poderia trazer honra ainda maior à Itália, tornando-se o primeiro ciclista a vencer o Giro e o Tour no mesmo ano. Imediatamente o Tour de France tornou-se o tópico do momento. Uma revista fascista resumiu tudo o que a corrida representava para a Itália fascista: “**Não adianta esconder**: o Tour de France, pelo enorme interesse que desperta em todas as nações esportivas do continente, é um acontecimento de significado excepcional. Vencê-lo seria uma afirmação clamorosa de grande ressonância internacional.”

Gino resistiu a toda essa conversa e declarou abertamente que não iria competir no Tour. Sem dúvida, o sonho de ganhar ambas as competições no mesmo ano ainda ardia dentro dele, mas as advertências de seu médico quanto a sua saúde levaram-no a achar que poderia adiar seus planos. Vencer o Giro recém-saído de uma pneumonia era suficientemente incrível; tentar a vitória no Tour equivalia a procurar problemas.

Il Popolo d'Italia, jornal fundado por Mussolini e órgão oficial de imprensa do regime, pressionou muito. Num movimento inicial, seu principal jornalista na área do ciclismo deu crédito à dúvida de Gino em decorrência dos cuidados devidos à pneumonia. Em seguida, porém, garantia aos leitores

que o campeão iria “entender que no Tour de France a honra nacional de nosso ciclismo estava em jogo”, o que invalidava quaisquer preocupações pessoais de Gino a respeito de sua saúde.

Gino ainda resistia e as especulações de que ele se recusaria a participar do Tour continuaram a pipocar. *Il Popolo d'Italia* voltou a atacar, com mais força ainda. Em clara demonstração do poder irrestrito da imprensa fascista, veiculou a informação de que Gino resistia porque desejava que o regime lhe pagasse 200 mil liras para competir no Tour. Debochando de sua fé e usando a fria linguagem da guerra, acusou-o de não ser patriota:

Um soldado que defende sua bandeira deixa as trincheiras e arrisca a vida sem pensar na conta bancária. Pensa na Pátria e na mãe, e segue em frente. Nas terras de França, trata-se de defender nossa bandeira. ... Bartali foi chamado para representar nosso esporte, nossa juventude, nossa força, e todos os olhos estão voltados para ele; muitos deles com má vontade.

O artigo terminava em tom ameaçador, comentando que o chefe da Federação Italiana de Ciclismo, um general, visitaria Gino para garantir sua participação no Tour de 1937.

ENQUANTO ESPERAVA ESSE ENCONTRO agourento, Gino examinava o desafiador panorama dos esportes europeus. Dois esportistas de calibre semelhante serviam de modelo para conduzir a relação com um regime ditatorial que ele não desejava apoiar abertamente. O primeiro era Max Schmeling, um boxeador peso-pesado que se aproveitava de uma onda de apoio na Alemanha, sua terra natal, depois de derrotar Joe Louis em Nova York numa luta que despertou muito interesse, em junho de 1936. De cabelos escuros e mais musculoso do que Atlas, Schmeling deslizou tranquilamente pelo tumulto que era a política alemã depois da Primeira Guerra Mundial. Na década de 1920 aproximou-se de importantes figuras da esquerda, como o escritor Heinrich Mann. No entanto, quando Adolf Hitler e os nazistas ascenderam ao poder, ele rapidamente tomou outro curso e cultivou amigos à direita.

A mudança de Schmeling deixou algumas pessoas com um pé atrás; salvava-o, entretanto, seu empenhado senso de discricção. Enquanto outros

atletas tentavam conseguir favores políticos bajulando as autoridades e defendendo abertamente a política nazista, Schmeling mantinha a boca fechada. Evitava quaisquer comentários públicos, positivos ou negativos, sobre a política nazista que pudessem prejudicar suas perspectivas profissionais no exterior, talvez ciente de que muito de seu potencial de ganhos financeiros estava na possibilidade de participar das lucrativas lutas nos Estados Unidos. Em suas ações e na vida privada, no entanto, Schmeling conseguia movimentar-se com mais liberdade. Diga-se a seu favor que ele decidiu abrigar dois rapazes judeus durante a *Kristallnacht*, o violento ataque contra os judeus da Alemanha e da Áustria, em novembro de 1938. Por outro lado, também aceitou **encontrar-se em caráter privado com Hitler**, um fã apaixonado, e desenvolveu franca amizade com **Joseph Goebbels**, o ministro nazista de Propaganda.

Na outra ponta do espectro estava Ottavio Bottecchia, o primeiro italiano a ganhar o Tour de France, aliás, com duas vitórias sucessivas, em 1924 e 1925. Havia sido lenhador, tinha tendências socialistas e pouca simpatia por Mussolini e pelo regime fascista. Em entrevista a **um dos principais jornalistas políticos** da França, Bottecchia falou abertamente de seus pontos de vista políticos e de sua intenção de agir em total conformidade com eles. Qualquer trabalho político que pudesse estar realizando ou planejando, porém, foi interrompido em junho de 1927, quando morreu inesperadamente em um treino no nordeste da Itália.

Os detalhes sobre sua morte eram altamente suspeitos. Apesar do crânio esmagado e de vários ossos quebrados, a bicicleta foi encontrada sem um arranhão, a pouca distância de onde ele caiu. Além disso, o trecho da estrada em que foi encontrado não apresentava mais do que suave inclinação, e não havia marcas de derrapagem ou outra evidência de que a morte tivesse sido provocada por algum carro. Com tudo isso, no entanto, poucas investigações foram feitas, e a causa da morte foi apressadamente atribuída a um desmaio – afirmação que soava altamente duvidosa, pois se tratava de um atleta de elite que não havia mostrado quaisquer sinais de doença durante os Tours em que havia corrido, em condições muito mais duras.

Os rumores se espalharam como fogo na ausência de quaisquer explicações razoáveis. Um dos mais plausíveis afirmava que Bottecchia havia sido morto pelos fascistas – se não por membros do próprio Partido Fascista, talvez por afiliados que queriam lambar as botas de certos oficiais. Essa era a teoria defendida pelo repórter francês que apurava a matéria e

que havia falado com Bottecchia, e anos depois receberia alguma confirmação. Uma das últimas pessoas a ver Bottecchia com vida – o pároco que administrou seus últimos ritos – disse a um jornalista italiano que acreditava na teoria de que os fascistas eram culpados; mais tarde, um imigrante italiano de Nova York confessou, em seu leito de morte, o assassinato. Nenhuma das histórias é inteiramente conclusiva, e a morte de Bottecchia permanece envolta em mistério até hoje.

Na década de 1930, porém, a sombra lançada pela morte de Bottecchia mostrava-se mais agourenta. O círculo de ciclistas de competição na Itália era muito fechado, e a notícia de sua morte prematura iria correr rapidamente. Após o muito comentado assassinato do político esquerdista Matteotti, não era de espantar que muitos esportistas chegassem à mesma conclusão. Na Itália de Mussolini, ninguém, nem mesmo um atleta famoso, estava completamente fora do alcance do regime.

COM RELAÇÃO A SUAS OPÇÕES POLÍTICAS, Gino escolheu alinhar-se com a Igreja católica, talvez a mais poderosa força eleitoral da Itália depois do Partido Fascista. Essa opção não constituía de fato surpresa. Havia muito ele era católico praticante, e com a morte de Giulio passara a dedicar-se ainda mais às atividades da Ação Católica. **Alguns de seus amigos mais íntimos eram líderes da Igreja**, como o arcebispo de Florença, cardeal Elia Dalla Costa. Acima de tudo, sua fé integrara-se à sua vida cotidiana e era a raiz de sua determinação na bicicleta, ou, como afirmava: **“Me dava o impulso para tentar de novo.”**

Surpreendente, contudo, era a maneira zelosa e pública pela qual a Igreja acolhera Gino. Ao longo de apenas dois anos, figuras católicas importantes elevaram-no às maiores alturas. Jornalistas da imprensa católica louvavam-no como um **“magnífico atleta cristão”** e relatavam suas corridas em linguagem de êxtase bíblico. Poetas católicos escreviam sonetos ardentes, comparando-o a um **avião de três motores** quando montava sua bicicleta. Até uma peça fora escrita a seu respeito, intitulada *Arriva Bartali* (Bartali está chegando), e era encenada em pequenos teatros e igrejas de todo o país.

Se o tema unificador por trás de grande parte da cobertura sobre Gino era sua fé, o motivo para chamar a atenção sobre tal piedade estava mais ligado à política – e às crônicas tensões entre a Igreja e o regime fascista. Em vez de **criticar abertamente o regime**, que apoiava uma cultura de violência e de machismo, personificada por sangrentas lutas de boxe e por

disfarçada aprovação das relações extraconjugais, os escritores e artistas católicos preferiram promover Gino como ícone alternativo para a juventude italiana. Gino, piedoso membro da Ação Católica que ia à missa todas as semanas e rezava todos os dias, obviamente era feito de material muito diferente do atleta fascista médio. Era fácil chamar a atenção para esses fatos, e podia-se confiar nas inferências, corretas, que os leitores fariam sobre a atitude da Igreja quanto à visão fascista do esporte.

No geral, esse posicionamento funcionou. Gino e os líderes eclesiásticos por trás dele ganharam o apoio da imprensa esportiva. Quando, por exemplo, alguns jornais fascistas começaram a zombar da cobertura lisonjeira sobre a devoção de Gino, referindo-se a ele como “Il Fraticello”, o **pequeno monge**, um jornal esportivo que nada tinha a ver com religião publicou veemente defesa de Gino e de seu direito a participar ativamente da Igreja. Alguns dos órgãos linha-dura da imprensa fascista podem ter ficado tentados a reagir ou a abandonar qualquer cobertura do astro, mas a dura verdade era que Gino tinha a seu favor algo que até mesmo o mais ranzinza crítico anticatólico era obrigado a aceitar: ele ganhava corridas.

Na primeira metade da década de 1930 a Itália não sofria escassez de atletas de sucesso. Primo Carnera tornou-se o primeiro italiano a ganhar o campeonato de pesos-pesados no boxe, declarando então que sua vitória era “**pela Itália e por Il Duce**”. Nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, o público assistiu à equipe italiana, apelidada de “rapazes de Mussolini”, marchar em **formação fascista** na cerimônia de abertura e depois ganhar doze medalhas de ouro, perdendo no cômputo geral apenas para os Estados Unidos. Pouco depois, Mussolini dirigiu-se aos atletas: “**Vocês têm quatro anos pela frente**. Usem o tempo para se preparar bem. Em Los Angeles vocês foram os segundos. Em Berlim, é necessário que sejam os primeiros.”

O sonho de um domínio duradouro nos esportes não se materializou. Carnera perdeu o título de pesos-pesados e logo apresentava desempenho tão ruim nas lutas internacionais que seu passaporte foi revogado, para impedir que continuasse a envergonhar o país no exterior. Os atletas olímpicos italianos não se saíram melhor. Nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, o regime italiano assistiu aos atletas alemães ganharem quatro vezes mais medalhas do que os italianos – o que deve ter sido difícil de Mussolini engolir. Em três anos de poder, Hitler havia produzido a formidável vitrine de proezas atléticas que em quatorze Mussolini não conseguira.

Os funcionários da Federação Italiana de Ciclismo que estavam fazendo planos para o Tour de France de 1937 devem ter considerado tudo isso com animação, talvez mesmo com ansiedade. Num momento em que seu regime obcecado por esportes mostrava fome de campeões, eles tinham Gino, um corredor que vinha abrindo caminho meteórico até o topo do esporte. Nenhuma corrida jamais fora tão importante.

Desesperado, mas teimoso e ainda se recuperando da pneumonia, pode ser que Gino tenha pensado em fincar pé e não ir para a França no Tour de 1937. Isso, porém, equivaleria ao suicídio profissional, ou coisa pior, exatamente quando estava a uma distância muito curta do mais prestigioso título em seu esporte. Se os desafiasse, os fascistas poderiam impedi-lo de competir, destronando-o, assim, de seu lugar proeminente junto aos fãs. Uma forma mais branda de retaliação poderia ser procurar alguém da imprensa para interromper o **linchamento midiático**. Uma solicitação dessas, no entanto, muito provavelmente seria ignorada. Num momento em que o regime censurava não apenas o conteúdo dos artigos, mas até os menores detalhes da forma de apresentação das histórias no jornal, poucos jornalistas teriam coragem de criar caso em torno de um atleta em busca de reparação.

Se Gino ainda desconhecia tudo isso, logo descobriu. Conforme a previsão de *Il Popolo*, ele cedeu após a visita do chefe da Federação Italiana de Ciclismo. Meros doze dias antes de começar o Tour, ele fez curta declaração informando **sua intenção de competir**. Ato contínuo, fez as malas e preparou-se para a França.

O TOUR DE 1937 COMEÇOU com mais palpitações incógnitas do que na maioria dos anos de sua história. Fora introduzida uma mudança significativa nas regras – descrita por um moderno historiador do ciclismo como a única “**mudança verdadeiramente radical**” em mais de um século de existência – permitindo o *dérailleur*, ou sistema de marchas, em todas as bicicletas em competição. Os corredores, **que antes eram forçados a saltar** e deslocar a roda traseira para trocar de marcha, podiam agora trocá-la em movimento, embora ainda fosse preciso pedalar para trás, se abaixar e mudar a corrente com a mão ou com uma pequena alavanca, dependendo do modelo da bicicleta. Previsivelmente, no entanto, a imprensa gastou muito mais tinta com a sensacional revelação da chegada de Gino. Embora fosse sua primeira tentativa no Tour de France, muitos repórteres na Itália e em outros países já o haviam escolhido como **favorito**.

Até os mais entusiasmados, no entanto, reconheciam que havia razões para ser cauteloso. A primeira era a questão da resistência na competição. Com 31 etapas em apenas 26 dias, Gino enfrentaria um esquema exaustivo de corridas. A segunda dizia respeito às montanhas. Pela primeira vez em sua carreira, Gino se defrontaria na mesma corrida com os Alpes e os Pirineus. A terceira, finalmente, era a inevitável questão da extensão. Com mais de **4.400 quilômetros**, o Tour era, de longe, a corrida mais longa em que Gino havia competido – e essa distância seria percorrida apenas um mês depois de ter corrido cerca de 3.600 quilômetros na Itália.

Apesar das preocupações de alguns envolvidos, Gino foi bem na primeira parte do Tour. Nas etapas iniciais ele agiu com cautela, avaliou os concorrentes e manteve os principais competidores dentro de seu campo de visão. Nos Alpes, a primeira cadeia de montanhas a ser cruzada, mostrou-se mais agressivo. Na etapa de Aix-les-Bains a Grenoble atravessou em primeiro lugar o Col du Galibier – imponente desfiladeiro. Correndo com confiança, cruzou a linha de chegada com folga suficiente para garantir a camisa amarela que cabia ao líder geral.

Grande parte da imprensa viu nisso a confirmação de sua primeira avaliação de Gino. A delegação italiana, facilmente identificável por seus **ternos elegantes** e seus monóculos, ficou particularmente satisfeita. Um compatriota assumindo a frente antes do primeiro terço do Tour era oportunidade quase ilimitada para os mais elaborados elogios. Os *bartaliani*, os fãs mais leais de Gino, tinham suas razões para se alegrar. Uma vitória nos Alpes abria a possibilidade real de seu herói usar a camisa amarela por todo o percurso até Paris. *L'Auto*, o principal diário francês a cobrir a corrida, resumiu os sentimentos de ambos os grupos na edição que chegou às bancas em 8 de julho: “**Bartali nunca será alcançado** ... pelo contrário, ele vai aumentar a vantagem em todas as etapas de montanha.”

Poucas horas depois, tudo havia mudado. Mais ou menos na metade do dia de corrida, o alemão Otto Weckerling escapou. Um grupo de cerca de trinta corredores se pôs em seu encalço, parecendo indiferente à chuva leve que caía. Embora cortasse as montanhas, a estrada era suficientemente larga para conter alguns líderes à frente e um grupo grande acompanhando. Poucas milhas depois de Embrun, porém, estreitava-se ao cruzar uma ponte sobre o rio Colau. Gino, um pouco atrás de seu companheiro de equipe Giulio Rossi, preparou-se para passar. O restante dos ciclistas do grupo cerrou fileiras ao

lado dele para cruzar a ponte, cada um controlando sua bicicleta, muitas vezes a poucos centímetros das que iam à frente e atrás.

Fosse devido à chuva, fosse pelo deslocamento do grupo, Rossi escorregou e caiu. Gino desviou-se instintivamente para não atropelar o companheiro. Bateu na lateral da ponte e **foi lançado sobre a borda “como uma bola no espaço”**. Ao cair no pouco profundo rio alpino que corria três metros abaixo, foi tomado por intensa dor e ficou ensopado da cabeça aos pés com a água gelada que vinha das montanhas.

Acima, dois de seus companheiros de equipe, desviando-se para não bater em sua bicicleta, também caíram. Um deles logo se recuperou e desceu correndo até a margem do rio. Chapinhando na água, colocou o braço trêmulo e pálido de Gino nos ombros e ajudou-o a voltar para a estrada. Segurando a bicicleta de Gino, convenceu o capitão a montar.

“Suba na bicicleta, Bartali. Suba. Eu estou aqui. Vamos fazer o percurso juntos, devagar. Não se preocupe, estamos a menos de trinta quilômetros do final. Acabou.” E Gino, com a mão esquerda esfregando os rins, começou a mover-se. Rossi, com braços e pernas parecendo **“bifes sangrentos”**, foi levado às pressas para um hospital local. Ninguém se surpreendeu quando ele abandonou o Tour.

Em Briançon, Weckerling cruzou a linha de chegada em primeiro lugar. Muito atrás, Gino completou a etapa, mas perdeu nove minutos por causa do acidente. **“Fiquei desorientado**, fisicamente desorientado; corri apenas com a mente”, ele explicou depois. À tarde Gino parecia ter recuperado o autocontrole. Apesar de uma tosse dolorosa no começo, sentia-se suficientemente forte para continuar. As etapas seguintes davam a impressão de validar essa avaliação. O tronco estava **“contraído como o de um recém-nascido”**, como observou, mas fez uma corrida competitiva através dos Alpes. Causou boa impressão ao fundador do Tour, a ponto de ele comentar que o italiano **“estava em plena forma física”**. **Outro organizador do Tour** até previu que Gino teria um poderoso desempenho na segunda série de montanhas, os Pirineus.

A Federação Italiana de Ciclismo, entretanto, via a questão de maneira diferente, e foi anunciado o abandono de Bartali **por motivo de saúde**. Mais tarde Gino afirmaria que a verdadeira razão tinha motivações políticas – ele não era um **fascista de carteirinha**. Talvez houvesse um grão de verdade nisso. Talvez os membros da Federação de Ciclismo tenham tido a iniciativa de retirar Gino para evitar a possibilidade de quaisquer outros acidentes que

causassem mais embaraços à equipe italiana e, por extensão, a eles próprios ou ao Partido Fascista. Ou talvez sua lógica fosse mais simples. Considerando a vantagem do líder, quase dezessete minutos, podem ter acreditado nulas as possibilidades de vitória de Gino, e insistir, nesse caso, seria uma inútil perda de tempo.

Gino jamais os perdoaria por interferirem em sua carreira. “**Eu chorei**. Tinha tantos sonhos para aquele Tour, e todos viraram fumaça”, revelou. E então elaborou um pouco mais: “**Quando o médico não queria que eu corresse**, ‘eles’ me fizeram correr; quando eu deveria ter desistido, eles me fizeram continuar; quando, depois das quatro etapas difíceis, eu estava melhorando, eles me mandaram para casa.” Essa indignidade final era o que mais o contrariava. Em sua autobiografia, ele a chamaria de “**a maior injustiça sofrida na [sua] carreira**”.

Gino revelou todos esses pensamentos quando pôde falar livremente outra vez, depois da Segunda Guerra Mundial. Em 1937, porém, ele tinha de morder a língua, engolir as lágrimas e fazer as malas. A Federação Italiana de Ciclismo deixou-o responsável pelos preparativos de volta para casa, e, com pouco dinheiro no bolso, ele precisou pedir dinheiro emprestado para comprar uma **passagem de trem**. Depois de todos os desapontamentos na França, numa estação italiana teve certo consolo, quando **algumas pessoas, reconhecendo-o**, o aplaudiram entusiasticamente. Falando à imprensa, informou que se afastaria **por algum tempo para recuperar-se**. E então, já planejando a temporada de ciclismo do ano seguinte, prometeu tentar de novo ganhar o Giro e o Tour no mesmo ano.

Em poucos meses, no entanto, descobriria que os chefes da Federação Italiana de Ciclismo **discordavam de seus planos**. No início de 1938, Gino reuniu-se com os diretores dos esportes nacionais de Mussolini – que supervisionavam todos os órgãos esportivos, entre eles a Federação Italiana de Ciclismo – para discutir a temporada vindoura. Era o tipo de reunião enfadonha que Gino desprezava, porque tinha de obter a aprovação de seus planos de treinamento e de corridas por parte das autoridades indicadas pelo governo, que, na verdade, não ligavam a mínima para seu bem-estar e “**tinham tanto a ver com ciclismo como um prato de repolho tem a ver com a hora do lanche**”. As autoridades logo deixaram claras suas intenções. Um italiano tinha de ganhar o Tour de 1938 para a glória internacional da Itália. Apesar de irritado com a petulância, Gino começou a explicar como iria alcançar aquele objetivo. “**Vou repetir o que fiz no ano passado**. Só vou

treinar para corridas em etapas. Participarei de algumas corridas pequenas mais para honrar compromissos assumidos do que para qualquer outra coisa – ainda que vá tentar ganhar –, e então o Giro d'Italia e ...”

“Um momento”, interromperam os burocratas. “O Giro é longo, difícil e pesado, em si e por si. É um desperdício inútil de esforço e pode ser prejudicial. Você não vai correr o Giro e vai se preparar apenas para o Tour.”

“O quê?”, Gino explodiu. O Giro – a corrida mais importante da Itália? Teria escutado direito? “Não vou correr o Giro? Estou com a saúde perfeita, posso garantir; estou em forma. Ouçam. Eu conheço meu corpo e sei até onde posso ir. Vocês sempre disseram que eu sou um corredor sério, não é? Então me deem essa prova de fé.”

“Não, não há nada a fazer. Nós o estamos aconselhando contra.” O tom deixava pouca dúvida de que a recomendação era uma ordem. “O risco também é nosso, e não estamos dispostos a corrê-lo.”

Furioso mas impotente, Gino teve de concordar. “Não havia mais nada a dizer. Eu tinha de fazer uma careta, engolir e ser um bom rapaz. No entanto, as semanas se passavam e eu me sentia perturbado.”

A PRIMAVERA DE 1938 trouxe novidades políticas destinadas a roubar as manchetes do esporte: Mussolini iria receber Hitler para uma série de encontros na Itália. Os dois já haviam se encontrado uma vez naquela década, quando tiveram uma discussão tensa sobre seus conflitantes interesses na Áustria. Mas o tempo e as exigências políticas mudaram rapidamente a situação. Em 1938, em reação às críticas internacionais geradas por sua invasão da Etiópia em 1935 e impressionado pela rápida construção militar da Alemanha, **Mussolini estava ansioso para recomeçar**. Fez planos para exibir os recursos militares da nação em Nápoles e em Roma, para provar aos alemães a força da Itália. Florença foi escolhida como a etapa final da visita. Lar de Michelangelo e Botticelli, era o cenário perfeito para a tarefa mais pessoal de cultivar melhores relações com um **artista fracassado** como era Hitler.

Mussolini e os quadros do partido estavam decididos a tornar a viagem perfeita. Foi formada uma comissão composta por funcionários públicos de alto nível, membros de uma escola de arquitetura e cerca de vinte arquitetos e artistas, encarregada de realizar a **Operação Florença Linda**. Por toda parte diversas construções foram restauradas, pintadas e envernizadas – até a

ponte Vecchio. Bandeiras nazistas foram postas em lugares de destaque, e estandartes ao estilo da Renascença, pendurados por toda a cidade, transformando uma de suas ruas centrais em um longo túnel azul. Diz-se que, quando o trabalho acabou, muitos florentinos mal reconheciam sua própria cidade.

Os membros da comunidade judaica na Itália tinham razões para serem mais céticos acerca desses preparativos. Embora outrora tivessem sido perseguidos e marginalizados, a visita de Hitler aconteceu durante uma época de ouro de liberdades para os judeus. Depois de lutar ao lado de seus conterrâneos não judeus para unir a Itália no século XIX, os judeus italianos se haviam tornado membros perfeitamente integrados à vida nacional da Itália; indivíduos talentosos da comunidade tinham ascendido à proeminência nas artes, nos negócios e na política. Havia até um pequeno grupo de judeus fascistas, o que chamava a atenção para o fato de que o odioso antissemitismo que havia desempenhado parte tão significativa na ascensão do nazismo não tinha lugar nos primeiros anos do reino fascista. Ao hospedar Hitler, a Itália parecia contradizer tudo isso. E também ia contra a anterior crítica pública de Mussolini ao antissemitismo nazista. Mesmo se fosse apenas uma viagem curta ou um gesto diplomático de rotina, era difícil não deixar de parecer desconcertante.

No dia da chegada de Hitler, no começo de maio, toda a teatralização e a cenografia diplomáticas alcançaram o clímax. Primeiro, chegou Mussolini, por trem, exibindo com destaque uma insígnia militar nazista em seu uniforme. Quinze minutos depois, Hitler desembarcou de outro trem, usando uniforme nazista marrom-claro com uma adaga fascista bem à vista no cinto. Mussolini saudou Hitler e os dois homens deram um vigoroso aperto de mãos. Mais tarde Mussolini iria comentar em particular com seu ministro das Relações Exteriores que Hitler estava usando *rouge* nas faces para disfarçar sua fantasmagórica palidez.

Após as saudações formais, os líderes foram instalados no automóvel que encabeçava um *desfile de conversíveis* e começou uma tortuosa volta pela cidade. Visitaram um relicário fascista e contemplaram uma exposição de preciosas obras-primas renascentistas. Seguiu-se um jantar pomposo e depois foram à ópera de Florença para assistir a *Simon Boccanegra*, de Verdi. Nas ruas, a multidão não economizou brados de apoio – alguns dias antes, prisões preventivas haviam removido aqueles considerados potenciais ameaças de protestos, violências ou embaraços ao regime.

Outras pessoas, especialmente os muitos judeus de Florença, calaram-se e mantiveram distância das celebrações, por medo de se tornarem os principais alvos de violência. **Uma família judia em especial, os Donati,** ficou apreensiva bem antes da visita de Hitler. Haviam se recusado a colocar uma suástica junto com a bandeira italiana que normalmente erguiam em seu pátio. O síndico do prédio, um funcionário designado pelo governo fascista, interveio e insistiu que eles pendurassem a bandeira nazista. Em 22 de maio, dia da visita de Hitler, a família Donati saiu de casa, um imponente prédio no estilo de um velho palazzo próximo aos trilhos pelos quais passou o trem de Hitler. Os Donati se esconderam no porão do apartamento do porteiro até que terminassem os eventos.

Os judeus italianos não podiam falar alto, mas havia uma voz de protesto que se recusou a aderir à suástica e que podia se safar, porque era visível demais para ser impedida: **o cardeal Elia Dalla Costa, arcebispo de Florença.** O cardeal, que também era amigo de Gino Bartali, estava determinado a deixar clara sua opinião sobre a visita de Hitler e decidido a realizar seu protesto. Como crítica à reforma fascista de Florença, proibiu qualquer decoração na famosa catedral da cidade e em qualquer edifício da diocese. Também mandou trancar as portas principais de outra igreja antes da visita de Hitler e Mussolini, forçando-os a usar a humilde entrada de serviço. Por fim, manteve-se conspicuamente ausente de todas as atividades oficiais, preferindo, em vez disso, passar o dia nas prisões da cidade com seus companheiros dissidentes.

É possível que os oficiais nazistas tenham percebido esses deslizamentos, porque seus anfitriões italianos certamente perceberam. Em arquivos secretos mantidos em Roma, os espiões fascistas anotaram devidamente em um relatório a afronta antifascista de Dalla Costa. Os fascistas de Florença reagiram com violência mais direta; aparentemente, **tentaram incendiar os escritórios do cardeal,** segundo um padre que trabalhava com Dalla Costa. Podiam, porém, consolar-se com o fato de o resto do dia ter corrido bem. Ao final da visita, Hitler manifestou sua **plena satisfação,** e havia pouca razão para duvidar de sua sinceridade. Era óbvio que não haviam sido poupadas despesas em sua honra. No fim das contas, gastaram-se cerca de **19 milhões de liras** para enfeitar a cidade, num momento em que a expectativa de ganho da maioria dos trabalhadores médios era de apenas mil liras por mês. Seriam necessários quase dois anos para Florença pagar toda a dívida resultante de um evento que durou não mais do que doze horas no total.

O ponto alto da viagem, para alguém interessado em arquitetura como Hitler, deve ter sido a excursão à piazzale Michelangelo, o meio do caminho de um dos passeios favoritos de Gino quando criança. De lá, Hitler e Mussolini avistavam toda a cidade, enquanto um historiador da arte apresentava e comentava os vários prédios e monumentos da cidade. Quando terminaram, puderam desfrutar a própria piazzale, cujo “pavimento havia sido temporariamente refeito, incorporando arbustos que formavam o desenho de suásticas e *fasci*, os emblemas fascistas”.

Toda a pompa diplomática chegou ao fim por volta da meia-noite na principal estação de estrada de ferro de Florença. Mussolini trocou calorosos cumprimentos de adeus com Hitler, enquanto ele se preparava para embarcar em seu trem e voltar à Alemanha. Em sua voz caracteristicamente enfática, Mussolini fez uma declaração audaciosa:

“Agora nenhuma força jamais poderá nos separar!”

Diz-se que com isso os olhos de Hitler marejaram um pouco.

EM JUNHO, a seleção italiana de futebol trouxe os esportes de volta às primeiras páginas dos jornais. No início do mês ela partira para a Copa do Mundo em Paris com grandes esperanças. Quatro anos antes, no que talvez tivesse sido a última grande vitória esportiva internacional da Itália, a seleção havia conquistado a Copa do Mundo em sua terra natal. Descrita como **precursora da infame Olimpíada de Berlim** em 1936, a Copa do Mundo de 1934 havia sido explorada ao máximo com propósitos propagandísticos. Do campo, os **jogadores saudaram Mussolini**, e sua vitória final no evento foi trombeteada pela imprensa como triunfo da política fascista.

Tais politicagens exageradas, no entanto, pouco agradavam aos espectadores na França, país de centro. Embora os italianos vencessem também a Copa do Mundo de 1938, torcedores antifascistas vaiaram impiedosamente a seleção quando atuou em parte de um jogo **usando as camisas negras fascistas**. Foram ainda mais agressivos com o time alemão, bombardeando-o com **garrafas quebradas**. Como era de esperar, a imprensa italiana reagiu negativamente a esse tratamento. Uma revista italiana acusou os franceses de subserviência à liderança de nefastos bolcheviques e sugeriu que os italianos não tinham apenas vencido outro time, mas “**uma cidade, um preconceito, uma violenta injustiça**”.

O antagonismo na França não diminuiu a animação das celebrações pela vitória que aguardavam os jogadores na Itália. **Um evento de grande porte** foi realizado em Roma, onde Mussolini louvou os jogadores numa cerimônia com dois dias de duração a que compareceram muitos milhares de atletas e de membros do Partido Fascista de todo o país. A conotação militante das atividades era evidente, com os jogadores em **uniforme de gala do Exército ou da Marinha** sendo fotografados ao lado de Mussolini para as primeiras páginas dos jornais.

Depois da vitória na Copa do Mundo, o foco imediatamente se voltou para o iminente Tour de France e para a maior esperança da Itália: Gino Bartali. Poucos dias depois, em consideração à excitação que borbulhava no país, o vínculo entre as duas competições tornou-se mais concreto. Num gesto que recebeu grande publicidade, **as camisas dos jogadores de futebol** foram reunidas e entregues a Gino e aos demais ciclistas italianos, que as levariam para a França a fim de atrair boa sorte.

Poucos amuletos conteriam maior carga de expectativas.

OS ÚLTIMOS DIAS ANTERIORES à partida para o Tour foram um redemoinho de atividades na Itália. A Federação Italiana de Ciclismo ajudou a coordenar o grupo de apoio e organizou a viagem da equipe para a França, reservando todo um **vagão-dormitório** de primeira classe para os corredores. O treinador, Costante Girardengo, reuniu-se com seus ciclistas e discutiu os elementos finais da estratégia de corrida que haviam sido refinados nos últimos meses. Vários membros menos experientes da equipe fizeram os treinos finais em **Voltaggio**, uma cidadezinha no norte da Itália. Outros, que tinham acabado de passar três semanas correndo pelo país no Giro d'Italia, fizeram os últimos acertos antes de uma viagem que os levaria ao exterior por pelo menos quatro semanas, se não mais.

Gino passava os dias mais sossegado. Como havia sido forçado a ficar fora do Giro, nos meses anteriores se vira com mais tempo livre do que o normal. Essas longas horas, porém, que deveriam ter proporcionado tempo para que descansasse não resultaram em nada além de ansiedade. Agitado e inquieto, sentia a morte do irmão, Giulio, ainda mais agudamente. Seu único lenitivo era a calma do cemitério de Ponte a Ema, especialmente ao crepúsculo, quando havia pouca gente. **“Foi o período mais intenso de visitas ao cemitério”**, revelou depois. “Eu conversava com Giulio para desafogar e me libertar do nervosismo que me sufocava.” Vezes e vezes

essas conversas pulavam do passado recente para o presente. Sua tentativa anterior na França havia sido feita às pressas e de maneira desleixada. Com todas as frustrações, no entanto, ele tinha algum alívio em ter sido sabotado por forças fora de seu controle. Naquele ano, todo o peso estaria apenas sobre seus ombros. Sete anos de corrida e milhares de quilômetros no selim. Toda uma nação esperando que ele vencesse; muitas outras esperando o contrário. Tudo, todo pensamento, preocupação e ansiedade voltavam-se para um lugar previsível.

O Tour.

EM SUA ÚLTIMA NOITE em Florença, Gino foi atraído mais uma vez para o cemitério e para seus frios túmulos de pedra branca. Era uma noite amena, mas os ciprestes mostravam-se um pouco sombrios àquela hora. Ao longo das ruas, os botões púrpura das glicínias moviam-se lentamente à brisa suave. De pé diante do túmulo, com a familiar fotografia de Giulio na bicicleta olhando para trás, Gino repetiu as palavras que havia dito tantas vezes antes:

Querido Giulio, veja só as condições em que me encontro aqui. Não posso mais prosseguir. As autoridades querem que eu corra pelo prestígio da Itália. É claro que estou feliz porque me escolheram.

Mas e se eu perder?

5. Tempestade no cume

MULTIDÕES APLAUDIAM QUANDO a equipe italiana de ciclismo tomou o trem em Turim na noite de 29 de junho de 1938. No dia seguinte, **pouco depois das nove horas**, a comitiva chegou a Paris. Quando desembarcaram, os ciclistas foram saudados por membros da imprensa francesa e por uma pequena multidão de imigrantes italianos. Muitos posaram para fotos e conversaram com a imprensa, enquanto malas e equipamentos eram transferidos para um ônibus particular. Gino, como de hábito mais reservado, por um momento foi tomado pelas memórias de sua última viagem para o Tour e de sua desastrosa queda. Afastou, porém, a melancolia e decidiu concentrar-se nos dias que tinha pela frente. “**O passado está dado**”, pensou, “mas o futuro ainda não foi escrito.”

Quando toda a bagagem foi reunida, a equipe foi levada para o luxuoso hotel Pavillon Henri IV, nas imediações de Paris. Com vista para o Sena e para Paris, o hotel era um antigo palácio do *Roi Soleil*, o Rei Sol Luís XIV, e lá Alexandre Dumas havia escrito dois romances imensamente populares, *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros*. A fascinante história do hotel parecia animar ainda mais o espírito dos ciclistas italianos. Estavam satisfeitos, riam o tempo todo e alguns **desfilavam** com as camisas dadas pelo time de futebol, enquanto outros, Gino entre eles, se divertiam em animadas partidas de futebol em um dos quartos.

Costante Girardengo, treinador da equipe italiana de ciclismo, não se sentia tão despreocupado. Girardengo conhecia a estonteante sensação de ser um ciclista famoso; ele próprio já usara esse manto. Na década de 1920 havia estado entre os primeiros ciclistas italianos a ser chamados de *campionissimo*, “campeão dos campeões”, por ganhar o Giro d’Italia duas vezes, além de dezenas de corridas regionais em toda a Itália. No auge do sucesso, fora até determinado que alguns trens parassem em Novi Ligure, no Piemonte, seu lugar de nascimento, sinal de respeito normalmente reservado

a autoridades governamentais. O título do Tour, contudo, sempre lhe escapara. Quando competiu em 1914, Girardengo caiu várias vezes, em especial numa etapa que terminava na cidade francesa de Luchon, o que o obrigou a desistir da prova. A Primeira Guerra Mundial o forçaria a um hiato de quatro anos; e Girardengo nunca mais voltou a correr.

Aos 45 anos de idade, ele tinha a aparência de quem passava grande parte da vida ao sol. Não era alto, e seu corpo compacto ganhara peso desde que parara de correr – o que era comum em ciclistas aposentados, que comiam como se ainda estivessem pedalando centenas de quilômetros por semana. Nas fotografias, às vezes percebem-se lampejos de sua antiga jovialidade de corredor. Num dos retratos mais felizes, ele aparece com radiantes calças brancas e sapatos brancos de verniz. Pessoalmente, porém, suas maneiras não eram em absoluto cordiais. De rosto duro e severo, a boca parecia fazer uma careta permanente, e conseguir que ele respondesse às perguntas dos repórteres era, como diplomaticamente descreveu um jornal, “**tarafa sobre-humana**”.

Fosse por seu jeito ansioso de caminhar ou por sua tensa maneira de falar, era óbvio que a tarefa de treinar a equipe italiana de 1938 constituía um peso muito grande para Girardengo. Talvez seu maior desafio fosse juntar em uma equipe nacional coesa homens acostumados a correr uns contra os outros em diferentes times profissionais. Gino, que era capitão da equipe patrocinada por Legnano, uma grande fábrica italiana de bicicletas, teria de aprender a andar, lado a lado, com corredores que tinham sido seus rivais ferrenhos em competições por toda a Itália. A incapacidade de uma cooperação total poria termo às perspectivas da equipe no Tour.

Além dessas questões estratégicas, outras preocupações eram, decididamente, mais divertidas. Uma dor de cabeça constante era o palhaço da equipe, o ciclista Aldo Bini. Jovem e extremamente bonito, Bini era um namorador incorrigível que havia recebido **seu primeiro telefonema** de uma admiradora feminina trinta minutos depois de chegar ao hotel em Paris. Para mantê-lo sob seus olhos, Girardengo colocou Bini no quarto ao lado do dele. E escolheu como seu companheiro de quarto alguém mais velho e casado – tática que Bini não pôde deixar de notar. Coerente com sua natureza, Bini dificilmente conseguiria resistir às possibilidades de romance que a França oferecia. Quando o Tour começou, ele seria visto beijando e abraçando francesas entusiasmadas nas linhas de chegada. E, uma noite, **encantou de tal maneira duas mulheres hospedadas no mesmo hotel**, que Girardengo se

sentiu obrigado a montar guarda durante horas, no corredor, temendo que Bini escapulisse.

Bini e os demais ciclistas italianos estavam sempre dispostos a mostrar atitudes exageradas para os jornalistas, mas Gino, na maior parte das vezes, fugia deles. Ainda assim, os membros da imprensa estrangeira, muitos dos quais consideravam Gino o favorito do Tour, estavam ansiosos por formar uma opinião a seu respeito. Atormentavam-no com perguntas e pedidos de fotos, mas os resultados sempre deixavam a desejar. De estatura média e constituição resistente, dificilmente se poderia dizer que Gino impressionasse muito nas fotografias. Seu proeminente nariz aquilino era um pouco torto, porque não havia sido tratado adequadamente quando ele o **fraturara quatro anos antes** em um acidente numa competição regional na Itália. (O episódio também deixou a ponta do nariz com uma cicatriz em forma de sol.) Tinha o corpo bastante forte, mas não era musculoso demais. Ele parecia “**delicado, nervoso e ... bastante frágil**”, segundo um jornalista. Em seus membros, os tendões eram marcados, e o aspecto mais destacado dos finos braços que saíam das mangas da camisa de algodão eram as veias. Elas “**lembravam a hera trepando pelo tronco de um carvalho**”, observou outro redator. Raramente com peso superior a **75 quilos**, Gino lembrava mais um esguio cipreste do que um carvalho. Sempre sensível à sua aparência esguia, o próprio Gino afirmava ser feito de madeira mais dura, “**como as oliveiras nos campos de Siena**, onde meu pai nasceu”. Ninguém, no entanto, poderia negar que seu legado na Itália era impressionante, e o fato de ter sido deliberadamente afastado do Giro para se dedicar ao Tour escapava a poucas pessoas na França.

À medida que se aproximava o início da corrida, a expectativa a respeito de Gino e de todos os outros corredores alcançava uma intensidade febril. Infelizmente, a primeira baixa aconteceu no dia inaugural da prova. Quando os 96 competidores seguiram dos escritórios do organizador da corrida, o jornal *L'Auto*, até a linha de largada, foram cercados por uma turbulenta corrente com milhares de parisienses aplaudindo. Muitos usavam roupas elegantes e iam ao lado deles em bicicletas, motocicletas e carros. Em meio ao caos, **uma motocicleta abalroou um ciclista francês** e derrubou-o da bicicleta. Ele montou de novo e seguiu com os demais até a linha de largada, mas não conseguiria ir além da segunda etapa, em consequência dos ferimentos sofridos.

Os membros da imprensa flertavam com o perigo, ziguezagueando de carro e de motocicleta em meio às multidões e aos ciclistas. Em 1938, os jornais de toda a Europa enviaram dezenas de repórteres e de fotógrafos para cobrir o Tour. O esforço para conseguir as melhores fotos e histórias era tão competitivo quanto a própria corrida, e alguns jornais chegavam a providenciar **seus próprios aviões** para levar fotografias e matérias a seus editores em Paris. As estações de rádio não eram diferentes, e em 1938 as rádios francesas apresentavam quase **vinte noticiários** em qualquer dia da competição.

Podia-se supor que toda a atenção e agitação decorriam da competição, mas a verdade é que a imprensa era tão central no Tour quanto os próprios ciclistas. Na essência, o Tour era um grandioso feito publicitário, e a disputa entre repórteres decorria da própria razão pela qual ele fora criado: a ambição de vender mais jornais.

NUM DIA FRIO de novembro de 1902, Henri Desgrange, antigo ciclista que havia se tornado editor de revista, almoçava com um colega, um jornalista esportivo chamado Géo Lefèvre, no hotel Zimmer Madrid, em Paris. Usavam coletes e casacas pretas até os joelhos e estavam ambos em apuros. Sua revista, *L'Auto-Vélo*, não tinha nem dois anos e estava à beira da falência. Eles precisavam aumentar a circulação imediatamente. Discutindo estratégias para remediar a situação, Desgrange e Lefèvre comentaram como uma invenção popular – a bicicleta – por várias décadas vinha aumentando as vendas de várias outras publicações. Em 1869, *Le Vélocipède Illustré* patrocinou uma corrida de 130 quilômetros entre Paris e Rouen. *Véloce-Sport* seguiu o exemplo e em 1891 promoveu uma prova de quinhentos quilômetros entre Paris e Bordeaux, ida e volta. No mesmo ano, *Le Petit Journal* superou o *Véloce-Sport* ao organizar evento ainda mais longo: 1.200 quilômetros entre Paris e Brest, ida e volta. Todas essas competições haviam conseguido aumentar a circulação, pois os espectadores ao longo da rota e em toda a nação se atiravam aos exemplares dos jornais para se informar das últimas atualizações.

Nada disso era novidade para Desgrange, que estivera no centro do mundo das primeiras competições ciclísticas. Ex-funcionário de um escritório de advocacia, em 1893 estabeleceu o primeiro recorde mundial de uma hora para a distância de 35,2 quilômetros. Depois que se aposentou do ciclismo, continuou a promover o esporte e chegou a escrever um livro sobre

como se tornar um mestre ciclista. Em 1900 foi contratado para dirigir *L'Auto-Vélo*, um jornal novo que tentava desbancar seu rival, *Le Vélo*.

A conversa no almoço daquele dia voltava sempre ao tópico das corridas. Fosse na França ou nos Estados Unidos, onde milhares de fãs enchiam os estádios para assistir, de respiração suspensa, às famosas competições ciclísticas de seis dias, havia nelas algo universalmente atraente. Refletindo sobre tudo isso, Lefèvre teve uma ideia inovadora. E se combinassem a excitação das corridas em estrada, popularizadas na França, ao apelo hipnótico dos eventos americanos de seis dias? Dando mais corpo à ideia, descreveu uma corrida de muitos dias que passaria por várias cidades francesas. Desgrange, ao que se conta, fez uma pausa e replicou: “**Se estou entendendo**, *petit Géo*, você está propondo um ‘Tour de France’?”

Apesar de alguns tropeços ao longo do caminho (a extensão do Tour foi reduzida de 35 dias para dezenove, porque inicialmente poucas pessoas se inscreveram), o projeto de Desgrange passou a existir no verão de 1903. Sessenta corredores saíram de Paris numa difícil corrida em etapas de 2.414 quilômetros que percorria o país no sentido horário. Muitas dessas etapas demandavam mais de 24 horas. As largadas ocorriam em horários absurdos, como duas e meia da madrugada em Lyon ou onze da noite em Bordeaux, o que, entretanto, se justificava pelo fato de serem programadas segundo a rotina de edição dos jornais, para que as manchetes matutinas pudessem apresentar as últimas atualizações. O vencedor foi um francês chamado Maurice Garin, conhecido como “pequeno limpador de chaminés”, porque tinha apenas 1,62 metro e antes de se tornar ciclista limpava chaminés.

Em seu segundo ano, torcedores exaltados quase acabaram com o Tour antes mesmo que os competidores retornassem a Paris. Em Nîmes, no sudeste da França, bloquearam a estrada com uma barricada, forçando os ciclistas a desmontar e usar as bicicletas como escudo para abrir caminho em meio à multidão. Mais ao sul, ferozes partidários de um ciclista local que participava do Tour tentaram sabotar seus rivais, espalhando garrafas, pedras e pregos na estrada. Em uma das etapas Garin foi atacado por uma turba furiosa, e em outra ele declarou: “**Se eu não for assassinado** antes de chegar a Paris, vou ganhar a corrida outra vez.” Observando isso tudo, os organizadores do Tour se deram conta de que era preciso adotar regras para refrear tanto os espectadores como os corredores, se quisessem que a prova continuasse.

HÁUM DITO FAMOSO de Desgrange segundo o qual seu Tour ideal seria tão hercúleo que apenas um corredor conseguiria completá-lo. Depois do sucesso das primeiras edições, ele adaptava a rota constantemente, tornando a corrida de cada ano mais árdua que a do anterior. Em 1910 o Tour incluiu pela primeira vez as altas montanhas dos Pirineus. O trajeto era tão desafiador que os corredores quase se revoltaram. O corredor francês Octavio Lapize, que ganhara várias etapas em 1909, foi obrigado a desmontar diversas vezes, porque as condições atmosféricas eram terríveis e a estrada, íngreme demais. Na linha de chegada do alto do Aubisque, dirigindo-se aos responsáveis pela corrida, Lapize gritou “**Assassinos!**”. Em 1919 apenas onze corredores dos 67 que começaram, ou menos de 20%, conseguiram terminar aquele que era o mais longo Tour até então, quinze etapas totalizando quase 5.500 quilômetros.

Foi um ano desafiador para a prova, mas foi também quando nasceu uma de suas mais duradouras tradições. Depois da Primeira Guerra Mundial, uma severa escassez de alimentos e de produtos manufaturados assolou a França e a Europa. Muitas equipes mal conseguiam arranjar camisas esportivas, muito menos tinta para tingi-las. Em decorrência, muitos corredores usavam bordados nos cotovelos para distinguir as diferentes equipes, todas elas com camisas cinzentas que quase não se diferenciavam umas das outras. Na metade do Tour, um chefe de equipe sugeriu que o líder da competição usasse camisa colorida, para ajudar os espectadores a identificá-lo. Feita de lã amarela para combinar com as cores da revista *L'Auto*, a camisa dos líderes – que daí em diante ficou conhecida como *le maillot jaune* – também levava as iniciais H.D., em honra ao fundador do Tour.

Etapa Pau-Luchon,
 Tour de France de 1938, 14 de julho



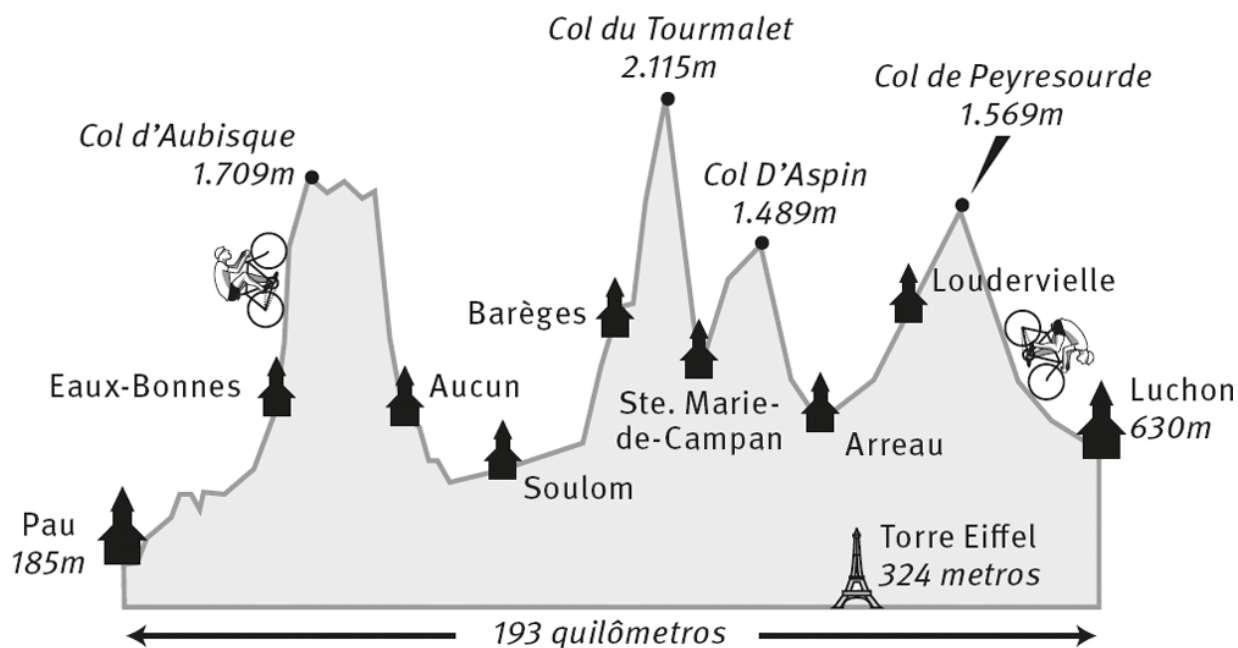
 Cidades •  Passagens pelas montanhas

Diagrama fora de escala



Esses pequenos acréscimos logo transformaram o Tour em uma instituição nacional. Na década de 1920 era óbvio que o esquema de Desgrange para atrair novos leitores e anunciantes fora uma aposta vencedora. A circulação diária de *L'Auto* (em 1903 o nome *L'Auto-Vélo* foi abreviado) mais do que dobrou, passando de 200 mil em julho de 1914 para 500 mil em julho de 1924.

A popularidade e as possibilidades comerciais do Tour não escaparam ao interesse dos fabricantes de bicicletas que patrocinavam diferentes equipes. Reconhecendo o valor que uma vitória no Tour poderia trazer a suas marcas, os patrocinadores contrataram ciclistas auxiliares para ajudar os ases a ganhar. De início indignado, Desgrange denunciou esses ciclistas como *domestiques*, “servos”. Com o tempo, no entanto, ele compreenderia sua importância na tarefa de ajudar os astros de sua corrida a brilhar ainda mais.

Embora seu papel evoluísse com o tempo, poucas tarefas não cabiam a um *domestique* ou *gregario*, como eram chamados na Itália. Uma das mais

importantes era ir à frente do capitão para criar uma proteção contra o vento, permitindo que o líder seguisse atrás, protegido, despendendo menos energia ao pedalar – às vezes até 30% menos. Tinham também a função de perseguir os oponentes e de partilhar, *en route*, preciosas comidas e bebidas. Alguns capitães exigiam ainda mais. Um ciclista italiano insistia em que seus *domestiques* o ajudassem enquanto ele se aliviava na bicicleta. (Dois empurravam a bicicleta com ele em cima, enquanto outros dois providenciavam jornais e água para limpá-lo depois.) Diz-se que um ciclista francês que perdeu um dedo do pé com **septicemia** obrigou seu *domestique* a amputar o próprio dedo, para entender melhor sua dor. (Afirma-se que o dedo do capitão está até hoje em exibição num vidro com formol sobre o balcão de um bar em Marselha.)

Nos anos 30, quando Gino chegou à cena, os organizadores do Tour já estavam tentando acabar com algumas das tradições mais notórias. Em maio de 1938 os jornais publicaram regras que obrigavam os membros das equipes a fazer, juntos, as refeições em lugares designados, uma resposta a vários casos de anos anteriores em que os corredores deixavam de pagar as contas durante o Tour. Outra regra tentava refrear um dos rituais mais queridos do Tour, *la chasse à la canette*, em que os corredores entravam nos cafés quando passavam por uma cidade, pegavam todo o vinho, cerveja e outras bebidas que pudessem carregar e corriam para fora, sem pagar. Os diretores do Tour levavam esses malfeitos a sério, e suas advertências sobre quebrar essas ou quaisquer outras das inúmeras regras do Tour eram comicamente severas. Felizmente, tais interdições pouco afetavam o espírito da indisciplinada cavalgada do Tour.

Em 5 de julho de 1938 essa caravana deixou Paris e começou sua viagem pela França em sentido contrário ao do relógio. Ao longo da primeira semana, a corrida foi atravancada, com a habitual aglomeração enquanto os corredores se adaptavam ao percurso. Oito países da Europa ocidental haviam enviado equipes, mas os torcedores estavam mais interessados nos principais contendores: italianos, franceses e belgas. As primeiras etapas da prova eram em geral planas, e assim os favoritos pacientemente aguardavam sua oportunidade. Cada corredor tinha razões próprias para se conter, mas para Gino era uma questão de **seguir a estratégia de Girardengo**, poupar os ataques para as montanhas. Em 1938, as regras do Tour haviam aumentado a quantidade de bonificações concedidas ao corredor que alcançasse o topo de cada desfiladeiro nas montanhas. Como as bonificações significavam

desconto no tempo global de cada ciclista, Girardengo incentivava Gino a acumular todas as que pudesse.

Enquanto Gino se mantinha atrás, nenhum corredor surgiu para preencher a brecha. Não se sabe se os outros estavam conscientemente seguindo a estratégia dos italianos. É também possível que estivessem simplesmente interessados em se manter perto de Gino e dos demais astros. No fim das contas, pouco importava toda a especulação a respeito das táticas que os corredores ruminavam em silêncio. As montanhas, que agora se aproximavam rapidamente, forçariam todos a mostrar seu jogo.

A ETAPA QUE DESGRANGE considerava “a mais importante do Tour” começava em Pau, uma aldeia na borda norte dos Pirineus. De lá os ciclistas seguiriam 190 quilômetros até Luchon, uma cidade nas montanhas perto da fronteira com a Espanha, conhecida por suas águas termais. Entre esses dois pontos, eles teriam de subir e descer o Aubisque, o Tourmalet, o Peyresourde e o Aspin. Com 1.489 metros, o menor desses desfiladeiros, o Col d’Aspin, ainda assim era quatro vezes mais alto que a Torre Eiffel.

As montanhas, contudo, estavam longe de ser apenas escaladas. As estradas rudimentares cortavam paisagens desoladas e desabitadas, propensas a desabar à primeira tempestade de verdade. As encostas desniveladas prejudicavam a cadência regular e provocavam cansaço maior que o normal. E, tão certo como a noite se segue ao dia, as subidas nas montanhas eram seguidas de descidas – descidas de sacudir os ossos, sobre cascalho e com curvas fechadas, nas quais um corredor fatigado às vezes tentava ganhar tempo e acabava por perder o controle, cair e “deixar carne na estrada”, como dizem os corredores modernos. Nos anos 30, a imprensa francesa era ainda menos sutil e descrevia esse tipo de corrida como à *tombeau ouvert* – de sepultura aberta. E, lamentavelmente, a expressão não tinha sentido figurado. Três anos antes, numa descida íngreme como aquelas, o Tour experimentara seu primeiro acidente fatal, quando um ciclista espanhol caiu e morreu.

A mistura de espetáculo e perigo tem atração eterna, e assim, em 14 de julho de 1938, as multidões chegaram cedo, e chegaram em número recorde. Ônibus, carros e outros veículos se estendiam por quilômetros, subindo e descendo as montanhas. Muitos haviam vindo de lugares próximos e de cidades vizinhas, mas um bom número viera de Paris por trem noturno especial, programado para que os fãs pudessem assistir à etapa. Um

jornalista estimou que mais de 50 mil pessoas haviam se juntado nas montanhas. “É inimaginável”, escreveu, ao ver tantos fãs acampando na paisagem nua.

Naquela manhã, quando os ciclistas se puseram a caminho, Gino seguiu com o pelotão, sua camisa azul perdida no mar de cores nacionais. Com o tempo, as nuvens se ergueram e o sol dardejou sobre eles, prometendo um tórrido dia. “Essa etapa é uma das piores que se possa imaginar”, Gino declarou. “Na minha opinião, é também a mais penosa, porque é o primeiro enfrentamento das montanhas. Elas surgem de repente, sem qualquer transição. Você tem de escalar.”

Quando o aclave aumentou significativamente, perto da cidade de Gourette, Gino surpreendeu seus companheiros. “De repente, do pequeno grupo à frente, viu-se a silhueta azul de Bartali decolar magnificamente”, escreveu um jornalista. “Mais do que uma disparada, era uma espécie de voo sobre-humano acima de uma encosta aterrorizante.” Nenhum outro corredor foi atrás dele, cada qual consumido por sua própria escalada. Atrás de Gino seguiu apenas um carro da organização do Tour, exibindo um grande cartaz com a advertência “Não empurre!” – dirigida aos espectadores embriagados que muitas vezes invadiam a estrada para empurrar os corredores cambaleantes montanha acima.

Para a multidão que olhava e para a caravana que o seguia um pouco atrás, certamente não parecia que Gino precisasse dessa ajuda. Seu ritmo montanha acima era incansável. “Dava a impressão”, descreveu um repórter, de que “havia sido lançado por uma catapulta invisível”. Gino estava sozinho quando alcançou o topo do Aubisque, o primeiro dos quatro desfiladeiros daquela etapa.

Seguiu menos agressivamente na descida da montanha e perdeu terreno. Seus dois principais rivais belgas foram atrás dele e o alcançaram. Quando se aproximaram, zombaram da tentativa de Gino se distanciar, criticando-o por usar a marcha errada. Fora tão fácil alcançá-lo, disseram, que tinham tido tempo de fazer uma pausa e “comer alguns pombinhos bem macios” na estrada da montanha.

Furioso, Gino atacou no segundo desfiladeiro da montanha, o Tourmalet, decidido a despachar os rivais. Quando estava a cerca de 1,5 quilômetro do topo esforçou-se ainda mais. Conseguiu se livrar de um dos belgas, mas não do outro. “Será que não vou conseguir me ver livre desse sanguessuga?”, Gino se perguntou. “Avanço. Ele continua. A novecentos metros do topo, ele

ainda está ali. Vou disparar o quanto der.” Finalmente conseguindo despachar o belga, Gino mergulhou na descida.

A batalha contra o terceiro pico do dia foi travada contra seu próprio corpo. Gino encarou a fria face da montanha à sua frente. Arremeteu mais uma vez; logo, porém, foi acometido por terrível dor. “**Senti meu coração**, normalmente tão calmo, batendo forte, e quando olhei para minha camisa, parecia que ela havia esticado. Meu peito estava muito encolhido, e minha respiração, difícil ... Senti alguma coisa rasgando dentro de mim. Fui tomado por um enorme medo de ter de desmontar.”

Apesar de tudo, Gino continuou atacando, tentando manter a liderança. À medida que subia, sentia a mente entrar em colapso e uma batalha de vozes rugir dentro da cabeça. Começou a falar com a montanha, em delírio. Numa cantilena, sussurrava: “**Não consigo**; não consigo. Não consigo.” Então concentrou-se mais uma vez nas montanhas à sua frente e chamou-as pelo que realmente eram: “**Díficeis, malvadas e feitas de pedra.**” Sua cantilena lentamente se transformou em uma série de orações cadenciadas pelo ritmo de suas pedaladas. “**Vá, vá, vá!**” Então acrescentou outras palavras para se dar mais coragem, repetindo-as enquanto batalhava seu caminho ao longo da estrada tortuosa: “Ali em cima acaba, ali em cima.”

A corrida parecia não ter fim; a caótica aglomeração de gente, caminhões e automóveis ladeando a estrada parecia um oásis colorido na paisagem desolada bem acima da linha das árvores. Alguns, de alma mais corajosa, haviam montado barracas entre as rochas nuas. Outros faziam piqueniques perto dos caminhões de propaganda de empresas como a cerveja Monplaisir. Mais perto da estrada, os torcedores se espalhavam por todo lado. Aplaudindo na beira da estrada ou sobre a capota dos carros, essa miragem humana iria desaparecer tão logo os corredores passassem.

Gino tudo percebia, e só as dores agudas em seu corpo encurvado conseguiam penetrar seu delirante devaneio. **Braços e costas, encurvados** havia muitas horas, doíam. As pernas começavam a ficar dormentes, e cada movimento do pedal era doloroso. A perspectiva de comida e água, que em outra situação poderia ser de algum alívio, era duvidosa. Já passara havia muito tempo do ponto de fornecimento de almoço e comera todos os sanduíches, bananas ou cubos de açúcar que pusera no bolso da frente da camisa de algodão; restava-lhe uma pequena lata de água que ofereceu um pouco de alívio para a subida e o sol. Seus companheiros de equipe, que

normalmente a teriam enchido nos poços à beira da estrada, estavam muito atrás dele nas montanhas.

Mas, quando olhou para os outros ciclistas que vinham atrás, subitamente encontrou consolo, até mesmo sustento, no mais perverso dos prazeres do esporte – o sofrimento alheio. Os dois belgas de camisa preta cambaleavam. O duplo esforço da subida e da tentativa de alcançar Gino fora simplesmente demasiado exaustivo. E com vigor renovado ele cruzou em primeiro lugar o terceiro desfiladeiro do dia, o Peyresourde. Agora **a camisa amarela era virtualmente dele**, e se dar conta disso o estimulou.

Quando Gino descia em velocidade do outro lado do Peyresourde, alguns espectadores apareceram do nada e atravessaram a estrada. Aterrorizado, Gino apertou os freios. “**Eu voei da bicicleta como se estivesse em um avião.**” Miraculosamente, não quebrou nenhum osso. Mas a bicicleta não teve tanta sorte. A roda se quebrou, obrigando Gino a esperar uma troca. Abandonado na montanha, caminhava furiosamente de um lado para outro, enquanto os segundos corriam. Finalmente o carro de sua equipe apareceu.

Gino subiu na bicicleta assim que o mecânico consertou a roda. Isso, porém, não foi suficiente. Abalado com a queda, fez a descida mais devagar do que havia planejado. Os belgas o ultrapassaram. Exausto, arranhado e coberto de lama depois de **sete horas e dezesseis minutos na bicicleta**, Gino chegou a Luchon. Ele estava dois minutos e 35 segundos atrás do líder da corrida.

JÁ NA ITÁLIA, o dia se desenrolava de maneira insidiosa, por razões inteiramente diferentes. A fonte de todos os problemas estava em uma deplorável publicação, o *Manifesto dos Cientistas Raciais*, que apareceu no mesmo dia do retumbante desempenho de Gino nos Pirineus. O *Manifesto* foi apresentado em detalhes no jornal popular *Giornale d'Italia* e em muitas outras publicações. Afirmando ser uma investigação científica sobre a raça italiana, o documento supostamente havia sido escrito por um grupo de eminentes estudiosos e intelectuais fascistas que o Ministério da Cultura Popular de Mussolini havia reunido para a tarefa. O ministro das Relações Exteriores da Itália, conde Galeazzo Ciano, diria mais tarde que Mussolini “**praticamente escreveu tudo sozinho**”. Em dez pontos, argumentava que a raça italiana era “**ariana, nórdica e heroica**” e afirmava que os “**judeus não**

pertenciam à raça italiana”. E antecipando o que estava por vir, proclamava: “Chegou o tempo de os italianos abertamente se declararem racistas.”

Com essa publicação, a comunidade judaica da Itália, com cerca de 47 mil pessoas, além de outros 10 mil judeus estrangeiros, veria as primeiras nuvens de um clima político em transformação. Desde 1933 a Alemanha vinha promulgando leis contra os judeus. Na Romênia, Áustria e Hungria, a legislação contra os judeus instituída na primeira metade de 1938 havia criado um clima igualmente pernicioso. Na Itália, o *Manifesto* era o sinal precursor de uma nova era de perseguições públicas e privadas.

O *Manifesto* afetava mais diretamente a comunidade judaica, mas também mudava as relações dos fascistas com outros grupos da Itália. De maneira mais sutil, constituía um fato explosivo nas complexas relações entre os fascistas e a Igreja católica. Ao rejeitar casamentos mistos entre judeus e não judeus e, mais tarde, ao deixar de reconhecer as conversões de judeus ao catolicismo, o regime fascista violava acordos já firmados com a Igreja que definiam as esferas de poder de cada um. Claramente insatisfeito, o papa Pio XI, chefe da Igreja, nas duas semanas que se seguiram à sua divulgação criticou publicamente três vezes o *Manifesto* e a ideologia que o motivava.

Talvez o mais surpreendente seja o fato de que a publicação do *Manifesto* e o emergente racismo italiano que ele representava chegaram a mudar a cobertura dos progressos de Gino no Tour. Os atuais fãs de esporte, acostumados a jornais que separam notícias esportivas e notícias políticas em seções distintas, dificilmente esperariam que os eventos em uma arena afetassem a marcha dos acontecimentos na outra. Em 1938, porém, quando Mussolini controlava a imprensa italiana, foi precisamente isso o que aconteceu. Quando o Tour começou, uma importante revista anunciou que Gino e os italianos haviam atravessado a fronteira para ganhar “em nome de Mussolini”. À medida que o Tour progredia e depois da publicação do *Manifesto*, a linguagem se tornou cada vez mais beligerante. Gino já não era apenas um ciclista, mas um guerreiro que “usa a bicicleta como arma”. Ao final da competição, os principais jornais e revistas esportivos da Itália anunciavam seu desempenho como prova da força da raça italiana.

ACORRIDA DE PAU A LUCHON foi seguida por um dia de descanso, 15 de julho, que permitiu a jornalistas e fãs avaliar o desempenho dos principais astros nos Pirineus. A etapa havia sido tão exaustiva, que até um corredor

que já havia vencido o Tour de France teve de ser empurrado colina acima pelos membros de sua equipe e então – em desespero – rebocado por um carro (infração que resultou em sua desqualificação). Embora Gino tivesse terminado em terceiro lugar na etapa, havia melhorado sua posição geral, de 18º para segundo. E, mais importante, muitos jornalistas estavam convencidos de que tinham visto um lampejo do que era necessário para vencer o Tour. Um deles escreveu: “O rei das montanhas, nos Pirineus, foi Bartali. ... Perdeu o primeiro lugar por um acidente infeliz.” Outro jornalista não economizou elogios: “Ele é o grande e verdadeiro campeão da montanha. Ficamos sem fala diante de seu fascínio e da extraordinária facilidade de seu estilo, a um só tempo harmonioso e poderoso.”

Mas ainda restavam quinze etapas no Tour. Gino lutou para assumir a frente nas cinco seguintes, mas no terreno plano a camisa amarela fugia dele. Quando se preparava para enfrentar os Alpes, o incentivo extra de que necessitava desesperadamente alcançou-o de surpresa. Em uma manhã foi acordado com uma batida na porta. Quando abriu, foi saudado pelo pai, que fizera sua primeira viagem à França para assistir à corrida do filho. Gino ficou atônito. Torello chorou ao abraçar o filho.

No dia seguinte, nos Alpes, Gino estava em chamas. Seu ataque veio cedo, e os rivais nunca mais se recuperaram. Fazia tanta força, que acreditava poder ouvir o coração batendo no peito; quando cuspiu na estrada, viu sangue. Tomou de assalto o Col d’Allos, o Col du Vars e o Col d’Izoard, ganhando três das mais difíceis bonificações das montanhas. No topo do Izoard foi recebido pelos urros dos fãs italianos. “Era um tumulto. Um grito contínuo de celebração, cada berro era um estímulo, um empurrão, uma convocação”, disse ele. “A ovação refrescava e purificava minha confiança.”

Quando chegou a Briançon, o rei das montanhas havia conquistado sua coroa. Terminou mais de cinco minutos à frente do ciclista em segundo lugar e cerca de dezessete minutos à frente do líder do Tour. Os espectadores se deram conta de que haviam testemunhado um desempenho épico. “A verdade é que o ciclismo esportivo jamais viu um homem da montanha como esse, um verdadeiro fenômeno, um atleta que aparece uma vez a cada vinte anos, um caso absolutamente único”, comentou um jornalista. Para Gino, a vitória nessa etapa era mais pessoal. “O que é o destino”, ele observou, referindo-se à etapa no Tour de 1937, quando caíra no rio Colau e nele afogara suas

esperanças de vencer o Tour. “Exatamente nas mesmas ruas em que fui derrotado um ano antes, este ano conquistei minha vitória.”

Sua consagrada vitória na etapa de Briançon garantiu-lhe a camisa amarela. Ele a conservaria por todo o percurso até Paris. Com o resultado da corrida mais ou menos decidido, a imprensa francesa dedicou-se a pequenas matérias acerca da personalidade de Gino e de sua vida fora da bicicleta. Inevitavelmente elas se centravam em sua observância religiosa e no hábito de assistir à missa antes das corridas ou em pequenos detalhes, como o fato de que muitas vezes fazia as refeições com uma pequena imagem de Nossa Senhora à sua frente. Gino tentava manter a calma, mas sua capacidade de suportar chateação só havia diminuído desde a infância. “*Senhor, minha fé é assunto pessoal, privado.* Não deveria ser de interesse de ninguém”, ele repreendeu um repórter. “Julgue-me na estrada, fale de minha corrida, de meu equipamento e de minhas fraquezas. Isso deveria bastar.” Gino poderia ter sido mais simpático se tivesse entendido as motivações por trás daquela insistência em seus compromissos religiosos. Considerando que muitos franceses tinham vaiado a seleção italiana de futebol por seu apoio a Mussolini, as crenças religiosas de Gino distanciavam-no do regime. A imprensa francesa não o pintava como fascista, como muitos tentariam fazer na Itália.

Enquanto os jornais saudavam sua vitória como um resultado inevitável, Gino sabia que a sorte de um ciclista podia mudar muito rapidamente. Continuou concentrado intensamente na corrida e deixou jornalistas e fãs tentando adivinhar seu estado de espírito. Quando seu desempenho era o esperado, mostrava-se gentil e falava de bom grado com todos os que se aproximavam. Quando estava desapontado ou nervoso, cuidava. Ignorava as perguntas dos jornalistas e mandava os fotógrafos embora. Invariavelmente era dominado por seu temperamento. Na linha de largada de uma das últimas etapas, um grupo de mocinhas efusivas pululava em torno dele, que mexia na bicicleta. Elas queriam autógrafos.

“*Niente!*” – “Não!”, disse ele, afastando-as com a mão. “Me deixem em paz.” Seu colega namorado, Aldo Bini, ficou muito feliz em se adiantar e levar as sorridentes jovens para longe de seu capitão.

NO COMEÇO DA MANHÃ de 1º de agosto de 1938, algumas centenas de pessoas se alinhavam do lado de fora do estádio Parc des Princes, em Paris, onde os corredores completariam sua odisseia de 28 dias. Os portões se abriram às

nove horas, e 3 mil pessoas se precipitaram. Ao meio-dia, 20 mil pessoas estavam sentadas na arena para saudar a chegada dos campeões. Muitos dos corredores entraram com camisas novas, meias brancas e bonés limpos. Gino, não. Ele não pôs a nova camisa amarela que ganhou pela vitória no trecho até Paris. Em seu lugar, usava a mesma camisa de algodão com que tinha corrido, **agora emplastrada de lama** e de suor seco, e um boné branco manchado de poeira.

Para o treinador Girardengo, a vitória italiana era particularmente doce. “**Realizei um dos sonhos de minha vida**: ajudar um de meus compatriotas a vencer o Tour”, ele revelou. Por intermédio de Gino, Girardengo viveu sua maior aspiração ciclística e deu à Itália seu segundo campeão do Tour – treze anos depois da vitória de Bottecchia, em 1925. Alguns dias depois do Tour, refletindo sobre o triunfo de Gino, Girardengo abandonou temporariamente seu comportamento rígido e, nostálgico, lembrou-se da primeira vez que viu Gino correr: “**Olhar você pedalar, Gino**, foi um dos primeiros sinais de envelhecimento para mim, como uma mulher que foi muito bonita olhando a filha na noite de seu primeiro baile.”

Gino, por sua vez, agradeceu a Girardengo o incentivo nas etapas mais árduas pelas montanhas. “**No momento em que minhas pernas** começavam a ficar pesadas ou que sentia meu estômago queimar, aquela contração que é sinal de esforço extremo, eu ouvia sua voz, ao mesmo tempo carinhosa e autoritária, me dizendo simplesmente: ‘Gino, Gino...’ E imediatamente eu me sentia reconfortado. Minhas pernas ficavam leves outra vez e eu disparava para o cume. Você foi meu pai.”

Na Itália, a vitória de Gino deixou a imprensa em feliz histeria. O triunfo foi imediatamente impregnado de sentido político quando se anunciou que Mussolini iria conceder a Gino **uma medalha de prata por “valor atlético”**. Previsivelmente, alguns repórteres usaram a vitória de Gino para louvar Mussolini; um jornalista referiu-se a Gino como o “embaixador esportivo de Mussolini”, e outro declarou que Gino havia obedecido à ordem de Mussolini: vencer. Houve quem fosse ainda mais longe, zombando da França como terra de “**democracia e da bazófia internacional**” e vinculando a vitória italiana no Tour à ideologia racial subjacente ao *Manifesto*. Segundo tal interpretação, a vitória de Gino em Paris era mais do que um simples triunfo atlético – era uma prova da qualidade superior da raça italiana. “**As ovações** não se dirigiam apenas ao vencedor do Tour de France. Elas tinham um som mais alto e mais significativo. Exaltavam as virtudes morais e

atléticas de um exemplar de nossa raça. A vitória de Gino Bartali ultrapassa os limites dos eventos esportivos, por mais ruidosos que sejam.”

O clímax para a máquina de propaganda deveria ter sido o discurso de aceitação do vencedor. Para as dezenas de milhares de pessoas presentes no velódromo do Parc des Princes e para os **milhões que ouviam pelo rádio** em todo o continente, era a oportunidade perfeita para tentar transformar uma vitória atlética em sucesso político. Gino devia estar ciente de que o regime esperava que ele o louvasse e lhe agradecesse.

E deve ter decidido aos poucos o que dizer. Depois da disputa pública sobre sua hesitação em participar do Tour no ano anterior, havia percebido o poder do regime. E tanto pela cobertura da imprensa francesa como pelas conversas com familiares e com amigos italianos, Gino sabia das disputas recentes entre o regime e a Igreja. Ele talvez fosse o mais famoso membro da Ação Católica, e sabia que seu comportamento seria acompanhado de perto.

Afinal, disse o que considerava adequado. Em sua fala para os ouvintes franceses, com a voz às vezes abafada pelos gritos dos torcedores na arquibancada, fez um comentário inteiramente apolítico, agradecendo aos fãs da França e da Itália. Como esclareceu um moderno historiador italiano: “**Em 1938 todo mundo sabia que ele tinha de agradecer a Il Duce**. Assim, se Bartali não fez isso, foi um claro gesto político.”

Seu discurso para os ouvintes italianos permanece um mistério, porque a gravação já não existe. *Il Popolo d'Italia*, o mais importante porta-voz do regime, afirmou que Gino havia falado sobre seu orgulho em vencer o Tour “**ostentando bem alto as cores do esporte fascista**”. No entanto, em um ofício secreto sobre Gino elaborado pela polícia política do regime, aparece um relato inteiramente diferente. Segundo o agente que o escreveu, Gino “**tartamudeou**” ao invés de gabar o regime. Além disso, o relatório observava que Gino não teria se disposto a elogiar os fascistas porque se considerava membro da “Ação Católica, e não do fascismo”.

Se ainda houvesse quaisquer perguntas a respeito de onde estavam as lealdades de Gino, suas atividades no dia seguinte devem ter ajudado a respondê-las. Pela manhã, observado por repórteres e fotógrafos de revistas, ele foi à missa na igreja de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris. Dessa vez, estava limpo e vestia terno cinza, camisa preta e gravata de cor clara. Chegou até a alisar o cabelo para trás. Depois de fazer uma oração curta, colocou o ramo de flores da vitória no Tour de France aos pés de uma imagem de Nossa Senhora. Por perto, um grupo de crianças de escola o

cercou para dar uma espiada no campeão. O pároco, que conversava com Gino, apresentou o ciclista ao grupo: “**Apresento a vocês Gino Bartali, vencedor do Tour de France**, que veio agradecer à Virgem que lhe permitiu ganhar.”

NA VOLTA À ITÁLIA, Gino recebeu uma acolhida morna, muito diferente da que poderia esperar. A imprensa italiana não ousou cobrir todos os detalhes, mas um jornal francês, em geral apolítico, enviou um repórter que fez isso. Lembrando as celebrações públicas desfrutadas em vários países pelos anteriores vencedores do Tour quando voltavam para casa, e talvez pensando em como o regime italiano, em particular, celebrava os esportes, o repórter estranhou quão pouco estava sendo feito para comemorar a vitória de Gino:

Um italiano vence o Tour de France, obtém uma vitória internacional sensacional e seus compatriotas – que são latinos com tendência à alegria delirante – têm uma reação fria? Há algum problema. ... Nem uma alma na estação de trem. Nenhuma recepção organizada. Nada. Não entendo. Vamos continuar olhando. Será porque Bartali é católico? Não há, atualmente, entre Roma e o Vaticano o que se possa chamar com propriedade de harmonia.

Os eventos do dia seguinte pareciam confirmar suas suspeitas. Diferentemente da seleção de futebol, Gino não seria convidado para uma vistosa foto com Mussolini. O chefe da Federação Italiana de Ciclismo estava conspicuamente ausente no velódromo de Turim, **primeiro compromisso na Itália** como campeão do Tour diante de uma grande multidão. Embora o regime não pudesse suprimir toda a emoção, a atmosfera era decididamente reservada. Quando Gino deu a volta olímpica no velódromo, sua mãe estava sentada na arquibancada, usando um vestido azul feito especialmente para a ocasião. E **chorava baixinho de felicidade**.

No começo de agosto, a frustração do regime com Gino aumentou ainda mais. Funcionários fascistas enviaram aos jornais italianos instruções estritas a respeito da cobertura sobre Gino. Mussolini havia sido jornalista e havia anos que controlava de perto tudo o que os jornais escreviam. Sua secretaria fascista de imprensa, a **Ufficio Stampa**, enviou boletins secretos

para as editorias das publicações com instruções rígidas sobre o que e como cobrir. Especificavam até mesmo o vocabulário aceitável, o tipo e o tamanho das letras. E em 9 de agosto de 1938 a Ufficio Stampa deixou surpreendentemente claro para a imprensa quais eram os sentimentos do regime acerca de Gino: “Os jornais devem cobrir Bartali exclusivamente como esportista, sem quaisquer considerações inúteis sobre sua vida como cidadão privado.” Na prática, isso significava que Gino receberia menos cobertura da imprensa. E também assegurava que os jornalistas apenas noticiassem os resultados de Gino, sem acrescentar os detalhes e coloridos extras que ajudavam a criar os heróis que os leitores adoravam.

Em agosto de 1938, obviamente, nenhum jornalista ousava revelar a Gino as ordens secretas do regime. E se o próprio Gino notou alguma mudança na cobertura da imprensa, calou-se a respeito. Até então seu desprezo pelo regime era velado – manifestava-se através do que não fazia. Mas quando os ventos da guerra começaram a soprar nas fronteiras da Itália, ninguém seria capaz de viver fora da tempestade que estava por vir. Gino ainda não sabia, mas estava prestes a entrar de cabeça no lamaçal político que seu pai lhe recomendara evitar a todo custo.



Parte II

6. Das estrelas à lama

APÓS CONQUISTAR O MAIS ALTO prêmio do ciclismo, Gino planejava arrematar sua melhor temporada até então ganhando na Holanda o título do Campeonato Mundial de 1938. A corrida começava poucas semanas depois da final na França e seria um distintivo a mais, após sua vitória no Tour. Ao invés disso, porém, sofreu constrangedora derrota. Ele responsabilizou a **equivocada estratégia da equipe** e vários problemas na bicicleta, mas a derrota foi tão humilhante que **um espião especulou num relatório secreto** a possibilidade de Gino ter perdido propositadamente, para negar uma vitória aos fascistas e vingar sua hostilidade com a Ação Católica.

O espião estava errado. Gino era orgulhoso demais para ceder vitórias e ficou furioso, porque então as pessoas poderiam contestar seu status de melhor ciclista do mundo. Alguns dias depois, de volta à Itália, enfrentou mais contratempos com os fãs. Iria competir em um evento ciclístico de um dia em Milão consistindo de provas em diversas pistas. Quando entrou no velódromo para o aquecimento, usava orgulhosamente a camisa amarela do Tour que tanto lhe havia custado ganhar para seus compatriotas italianos. Os espectadores, no entanto, vaiaram-no, produzindo um barulho agudo e ensurdecidor. Bianchi, o rival da equipe Legnano (para a qual Gino corria nas competições italianas), distribuíra apitos estimulando as pessoas a soprá-los em protesto contra Gino, que havia desonrado a Itália no Campeonato Mundial. Gino comprou seu próprio apito para soprar de volta contra quem o insultava. **“Mas o barulho deles todos juntos era terrível”**, contou ele.

Num ataque de raiva, Gino rasgou a camisa amarela e gritou para a multidão: **“Milaneses, vocês não são esportistas!”** Correu com a camisa da Legagno e venceu todas as provas em que competiu, chegando até a receber alguns aplausos relutantes no fim da noite. Apesar das vitórias, essa experiência com a volubilidade dos fãs ficou marcada a fogo em sua

memória. “O pedestal da fama não é nem muito confortável, nem muito seguro”, concluiu.

Gino continuou competindo, e as últimas corridas da temporada de 1938 atraíram grandes multidões; como sempre havia acontecido, os italianos mostravam-se encantados com “os rostos bronzeados inclinados sobre os guidões, contorcidos pelo esforço, as pernas pedalando a uma velocidade alucinante ... pessoas comendo enquanto pedalavam; uma mistura de gritos, chamados e buzinas, fotógrafos no teto dos carros [e] motociclistas velozes com capacetes de guerreiros”.



O cardeal Elia Dalla Costa com Gino e Adriana Bartali no dia do seu casamento, em 14 de novembro de 1940.

No entanto, enquanto a vida normal e o mundo das corridas continuavam na Itália, aconteciam mudanças sérias para a minoria judaica do país. Em Fiume, onde Giacomo Goldenberg, o amigo de Gino, morava com a mulher e dois filhos, o primeiro tremor foi sentido logo depois dos últimos dias ensolarados de verão.

NUMA CALMA MANHÃ do começo de setembro, **Giorgio**, filho de Goldenberg, então com seis anos, saiu de casa para o primeiro dia do período escolar. Já tinha passado pelas inúteis tentativas maternas de domar, para o grande dia, seus cabelos encaracolados como um ninho, e seu uniforme era um lembrete engomado de que os descuidados dias de verão haviam terminado. Deixando a espaçosa casa que sua família dividia com os primos, os Klein, caminhou para a escola, dando puxões na roupa que lhe provocava coceiras. Mas o agradável alvoroço da antecipação do primeiro dia tornava suportável um pouco de desconforto. A sala de aula seria uma mudança para pior, comparada com a casa de praia em que Giorgio e a família haviam passado as férias de agosto, porém ele finalmente iria rever muitos de seus amigos.

Ao avistar o prédio da escola, Giorgio acelerou o passo para examinar o pátio à procura de algum colega de classe com quem brincar de pega-pega ou amarelinha antes de a sineta tocar. Em seguida, contudo, estancou. Perto da entrada, estavam parados uma professora, um policial uniformizado e o diretor da escola. Giorgio observou o trio com curiosidade enquanto seguia na direção dos rostos familiares dos colegas de escola na fila de entrada. E logo se distraiu, sentindo os finos braços dos amigos calorosamente nos ombros em meio à agitação do reencontro. Sua atenção não se desviou por muito tempo. Sorrindo, distraído com os risos e as piadas dos demais meninos, voltou a olhar para a professora, o policial e o diretor no portão. Sentiu-se assustado e confuso quando percebeu que eles, conferenciando em voz baixa, estavam, sem dúvida alguma, olhando para ele. Perturbado, Giorgio se enfiou atrás dos outros meninos e seguiu-os para a entrada. Viu a professora vir em sua direção e instintivamente ficou de cabeça baixa, só a erguendo quando sentiu a mão dela em seu ombro, afastando-o dos amigos. Um a um, a professora separou todos os alunos judeus matriculados. Quando terminou, o policial dirigiu-se ao pequeno grupo. Falando de maneira casual, anunciou que, em consequência de uma nova lei, **eles haviam sido expulsos definitivamente**. Com isso, estavam proibidos até de entrar no prédio. Giorgio olhou os amigos fazendo fila para as aulas e agarrou com força sua

sacola nas mãozinhas, sentindo o rosto esquentar de vergonha. Enquanto ele e os outros meninos judeus eram conduzidos para os portões, piscou para conter lágrimas ardentes, espantado e profundamente desorientado.

À noite, Giorgio contou os acontecimentos do dia ao pai. Essa cena se repetiria em muitas casas, quando crianças judias de toda a nação se descobriram banidas das escolas públicas. Um bom número de famílias reagiria com surpresa a essa nova regulamentação; era mudança tão drástica com relação às políticas fascistas passadas, que era difícil não supor que se tratava de aberração temporária. Em setembro de 1938, até na Alemanha nazista as crianças judias tinham permissão de frequentar as escolas públicas. Outros pais ficaram mais resignados, pois tinham previsto que algo desse teor se seguiria ao *Manifesto Racial* divulgado em julho daquele ano. Havia também os que reagiriam com raiva e perplexidade, estranhando o fato de uma comunidade que tantas contribuições consideráveis dera ao governo e à cultura italianos ser agora perseguida.

Em rápida sucessão, o Grande Conselho Fascista, um corpo quase legislativo que funcionava sob as ordens de Mussolini, aprovou uma série de leis que impunham restrições aos judeus em quase todos os aspectos da vida. Aqueles que, como Giacomo Goldenberg, haviam nascido em outros lugares e se tornaram cidadãos depois de 1919 foram sumariamente privados de sua cidadania e declarados estrangeiros. Judeus nascidos na Itália foram excluídos de uma série de profissões e proibidos de possuir imóveis acima de determinado valor. Junto com essas restrições mais dramáticas, as leis raciais impuseram dezenas de pequenas humilhações que foram sendo divulgadas nas semanas e nos meses seguintes. Cartazes declarando “Proibida a entrada de judeus e cães” começaram a surgir em certos pontos de reunião de cidades e aldeias, particularmente no norte. Em outros lugares, parques, pistas de patinação e cafés lhes foram interditos. Até mesmo os mortos foram atingidos, pois ficou difícil publicar obituários de judeus. O choque com essas medidas foi avassalador. Um judeu italiano que passou por isso descreveu sucintamente a experiência: “Fomos das estrelas à lama.”

ENQUANTO REINAVA O CAOS na comunidade judaica, pouca coisa mudara para a maioria dos não judeus italianos, que continuavam a vida normal de sempre. Com Gino não foi diferente. Iniciou a temporada de 1939 com determinação ferrenha e se empenhou com fervor em sua missão de reivindicar seu domínio no ciclismo. O primeiro lugar para isso era a

corrida de maior significado para seus conterrâneos: o Giro. Mas uma sucessão infeliz de pneus furados acabou com essa aspiração. Sua conquista seguinte deveria ser o Tour de France de 1939. Em seu retorno como campeão, seria um dos principais competidores. Mas Gino enfrentou outro golpe do regime de Mussolini quando a Itália se absteve de participar no Tour de 1939, em consequência da crescente hostilidade nas relações com a França. A possibilidade de defender seu título lhe foi roubada. Gino mal podia aceitar isso. O governo já se metera em sua carreira, mas tirar um país inteiro da competição era uma interferência governamental em escala muito maior. Depois da rápida ascensão ao topo do esporte com tão pouca idade, a sucessão de derrotas e de desapontamentos deixou Gino arrasado. Começou então a procurar alguém ou algo que pudesse ajudá-lo a ganhar outra vez.

Encontrou o que procurava em uma corrida regional de 1939 no Piemonte, no norte da Itália: Fausto Coppi, um “**rapaz magro como um caniço**” que mais parecia “**um cabrito faminto e magro do que um ciclista**”, segundo seu treinador. Havia algo de delicado, quase intelectual, na fisionomia pontiaguda de Coppi, comparada com a cara de boxeador de Gino, o que era de surpreender, já que **Coppi vinha de uma família de camponeses** pobres das redondezas de Turim. Ciclista jovem e promissor, corria sob os auspícios de um treinador cego e obeso que agarrava seus tutelados pela nuca para avaliar se haviam se empenhado bastante no treinamento. Coppi tinha apenas dezenove anos – cinco menos do que Gino.

O toscano havia encontrado Coppi em uma pequena corrida em Arezzo, mas foi no Piemonte que testemunhou sua força pela primeira vez. Por sugestão de Girardengo, que havia sido seu treinador no Tour, Gino deixou Coppi atacar primeiro durante a subida. Em certo ponto desse ataque, a corrente de Coppi se soltou. Gino aproveitou a oportunidade e ganhou a corrida. Na linha de chegada descobriu que Coppi havia conseguido reagir e deixar para trás um grande número de competidores, chegando em terceiro. Impressionado, Gino insistiu com os diretores da equipe para contratar o jovem ciclista. Coppi juntou-se a eles naquela noite.

Confiante no grupo de ciclistas que o apoiava, Gino dedicou todo o inverno a se preparar para o Giro de 1940. Examinou com atenção o mapa do trajeto e começou a conceber uma estratégia para vencer. Quando o tempo melhorou, lá estava ele em sua bicicleta, concentrando-se em seus pontos mais fracos, como as arrancadas. Pouco depois, começou a fazer o reconhecimento de trechos do trajeto. E, ao visitar os diferentes locais,

levou adiante sua mais **nova estratégia de levantamento**, uma relação de donos de restaurantes e bares para os quais pudesse telefonar durante a corrida e conseguir informações mais acuradas sobre o clima e sobre as condições das estradas locais. Todos esses preparativos logo deram resultados. Na primavera de 1940, Gino fez uma arrancada fulminante na Milão-San Remo, uma corrida de um dia, e venceu. Um mês depois, ganhou o Tour da Toscana. E quando chegou o Giro, em maio de 1940, Gino parecia imbatível. E, na verdade, dificilmente a primeira etapa poderia ter sido mais fácil. Ao partirem de Milão, ele era o retrato da confiança e cruzou a linha de chegada em Turim logo depois do vencedor da etapa.

Na segunda etapa, a catástrofe se aproximou dele sorrateiramente. O pelotão partiu para Gênova. Enquanto os corredores ziguezagueavam pelas estradas das montanhas, um cachorro disparou na pista de corridas. Chocando-se com ele, Gino foi lançado longe e, ao bater no chão, foi tomado por violenta e **excruciante dor** na perna. Ainda assim, conseguiu montar outra vez e terminar a etapa. À noite, um médico informou que ele havia distendido gravemente um músculo e aconselhou-o a abandonar o Giro. Gino se recusou, mas logo se deu conta de que não tinha qualquer chance de vitória. A corrida estava de novo em aberto. Coppi, o ciclista que apoiava Gino e que competia pela primeira vez no Giro, correu brilhantemente em sua ausência e ganhou. Gino ficou desconcertado. Tinha acabado de ascender ao topo do esporte para em seguida ser suplantado por um ciclista que ele mesmo escolhera para sua equipe.

Anos depois, quando Coppi e Gino foram postos um contra o outro na maior rivalidade esportiva que a Itália jamais vira, esse primeiro confronto seria lembrado e descrito em termos míticos. Entre os *coppiani* – fãs de Coppi – ele seria recordado como o momento arquetípico em que o bravo aprendiz pela primeira vez desafia o mestre. Para os *bartaliani*, estimulados pelos exagerados relatos de Gino sobre como havia apoiado Coppi, foi um momento de sacrifício quase messiânico em que o lendário campeão renuncia a suas próprias perspectivas a fim de empurrar para a frente seu jovem companheiro de equipe. Em junho de 1940, no entanto, nem Gino nem Coppi tinham muito tempo para pensar nisso. Um dia depois de encerrado o Giro, Benito Mussolini apareceu em uma sacada voltada sobre a piazza Venezia, no centro de Roma, e anunciou que a Itália havia entrado em guerra contra a Inglaterra e a França. Gino ficou arrasado: **“Uma grande tragédia iria cair sobre todos nós.”**

POUCOS DIAS DEPOIS da declaração de Mussolini, **um grupo de policiais italianos armados** apareceu na casa dos Goldenberg e dos Klein, em Fiume. Por acaso, todos os Goldenberg estavam fora. Os Klein, no entanto, estavam em casa quando os policiais bateram à porta. A *signora* Klein os viu pela janela e imediatamente entendeu por que eles tinham vindo. Em pânico, mandou o filho mais velho, Aurelio, fugir antes que o vissem. Ele imediatamente pulou de uma janela do segundo andar e escapuliu pelo pátio dos fundos. A polícia entrou na casa enquanto ele fugia e levou presos seus pais e o irmão mais novo, parte de uma iniciativa de âmbito nacional de prender os estrangeiros judeus e não judeus residentes na Itália.

Depois de presos, indivíduos como os Klein, classificados como **cidadãos estrangeiros**, eram levados para a delegacia policial local, onde ficavam detidos muitas horas, eram interrogados e depois enviados para um presídio próximo. Nas prisões eram postos em celas apinhadas, às vezes com criminosos comuns. Muitos esperavam durante semanas, enfrentando terríveis condições sanitárias e vermes. Então, em pequenos grupos vigiados pela polícia, eram em geral algemados e caminhavam pelas ruas da cidade até os trens e levados para campos de concentração.

Permanece um mistério o lugar para onde os Klein foram mandados. É possível que tenham ido para Ferramonti di Tarsia, no sul. Construído em um lugar pantanoso e flagelado pela malária, era o maior campo de concentração da Itália. Mais plausível, porém, é que os Klein tenham acabado em um dos cerca de quarenta campos menores, abertos para acomodar os estrangeiros recém-feitos prisioneiros. A maioria se localizava no centro e no sul da Itália, mas havia alguns no norte, na província de Parma. Criados apressadamente pelas autoridades locais em toda a Itália, esses campos eram instalados em grandes edifícios requisitados pelas autoridades, entre eles hospícios, cinemas e palacetes.

Os fascistas montaram um desses campos improvisados perto da cidade natal de Gino, Ponte a Ema, em uma luxuosa mansão, **Villa La Selva**, nas colinas toscanas. Altamente secreto, nem Gino nem os vizinhos jamais souberam de sua existência: guardas não deixavam que estranhos se aproximassem. Tratava-se de uma prisão com capacidade para cerca de 160 pessoas, entre elas um grande número de judeus estrangeiros, mas cronicamente superlotada e mal-abastecida. Os prisioneiros eram proibidos de trabalhar e recebiam **6,50 liras por dia** para comida e outras necessidades. A maioria sobrevivia **com um prato de sopa aguada** e 150

gramas de pão diários. Era uma existência miserável, mas totalmente diferente da experiência dos judeus nos campos controlados pelos alemães no resto da Europa, onde a tortura e o assassinato em massa eram a norma. Os judeus detidos na Itália não eram alvo de crueldades brutais por serem judeus, e nos campos tinham liberdade de criar instituições comunitárias, como sinagogas e escolas. Apesar da frequente pressão dos oficiais nazistas, nenhum deles foi deportado antes de os alemães assumirem o controle, no outono de 1943.

Só nos meses e anos seguintes é que Giacomo Goldenberg e sua família iriam descobrir o que os primos tiveram de enfrentar. Em 1940, no dia da prisão dos Klein, Goldenberg só tinha uma certeza: precisava tirar a família de Fiume. Empacotaram o que podiam carregar e na manhã seguinte pegaram um trem para Florença, **de onde continuaram até Fiesole**, uma aldeia ensolarada a algumas milhas a nordeste da cidade, em uma colina com vista panorâmica de Florença. Numa rua lateral próxima às ruínas de um velho teatro romano, encontraram um proprietário de boa vontade disposto a lhes alugar uma casinha.

Se os Goldenberg tinham tido a esperança de viver anonimamente nesse novo local, logo perceberam que o plano não se realizaria. Em pouco tempo, os moradores de Fiesole haviam identificado os Goldenberg como forasteiros, e Giacomo Goldenberg como judeu nascido no exterior. No entanto, num exemplo marcante das inconsistências legais do regime fascista, não foi preso pela polícia local e mandado imediatamente para um campo de concentração. Em vez disso, como muitos outros judeus estrangeiros que não foram detidos, foi colocado em um leve regime de prisão domiciliar que o proibia de ir a Florença e obrigava-o a comparecer à delegacia policial local uma vez por semana.

As condições relativamente favoráveis da prisão de Goldenberg iriam estabelecer o tom para a nova e pacata vida da família em Fiesole. Os moradores, embora curiosos sobre seus novos vizinhos, mostraram-se desprovidos do corrosivo sentimento antissemita tão comum em toda a Europa e em algumas partes da Itália. Deixados por sua própria conta para viver a vida pacificamente, os Goldenberg se adaptaram bem à cidadezinha. Giorgio começou a frequentar uma escola próxima organizada para crianças judias. Quando não estava na escola, passava as horas brincando com os amigos não judeus do lugar. Elvira, sua mãe, judia italiana, podia ir a Florença quando quisesse. Goldenberg, embora proibido de ir, tinha

liberdade de receber pessoas da cidade que o visitassem. Foi nesse contexto que retomou o contato com seu amigo de Florença, Armando Sizzi.

Uma das visitas de Sizzi a Fiesole destacou-se de todas as demais, pelo menos para o jovem Giorgio. Falante e bem-humorado, Sizzi levava regularmente outros membros da família para visitar os Goldenberg, entre eles o irmão mais novo, Marcello, de quem Giorgio se tornou amigo íntimo. Um dia, Giorgio avistou Sizzi no banco de passageiros de um carro que parou na porta de sua casa e correu para ver se Marcello tinha vindo brincar. Quando olhou pela janela do carro, contudo, surpreendeu-se ao reconhecer o motorista, tantas vezes visto nas inúmeras capas de revistas e de jornais esportivos que ele e os amigos devoravam. Era Gino Bartali.

O pai ficou por perto. Se por um momento mostrou-se desconcertado ao ver o ciclista sair do carro, não era para menos: havia mais de uma década desde que Goldenberg encontrara Gino na oficina de Sizzi. Gino era então um rapaz tímido que mexia obsessivamente nas bicicletas quebradas; agora era um homem confiante que parecia à vontade com sua fama nacional. Ao mesmo tempo, as cruéis leis fascistas haviam arrancado Goldenberg de uma vida próspera como negociante em uma cidade portuária cosmopolita para jogá-lo no mundo provinciano de um *paesano* ou aldeão.

Goldenberg cumprimentou Gino e Sizzi calorosamente. Os três começaram a conversar, mas Goldenberg mal teve tempo de atualizar seus visitantes sobre as novidades antes de serem interrompidos por um grupo de curiosos. Numa aldeia em que todos se conheciam, os vizinhos logo espalharam a notícia da chegada do famoso herói esportivo. Ao tomar conhecimento da novidade, as crianças das ruas próximas e seus pais largaram o que estavam fazendo e correram de suas casas e da piazza para a fila de casas de cor creme na qual os Goldenberg haviam alugado a sua.

Quando viram Gino sorrindo e conversando com Goldenberg e Sizzi, alguns se adiantaram e pediram autógrafo. Gino se dispôs alegremente a atendê-los e entregou-lhes os postais com seu retrato autografado que sempre levava consigo. Depois de ganhar a lembrança com a assinatura de Gino, as crianças da aldeia se aglomeraram em volta de Giorgio, admiradas com o fato de o pai dele conhecer o famoso ciclista. E foram tomadas pela inveja quando Gino foi até o carro, pegou uma pequena bicicleta azul e presenteou Giorgio. Maravilhado, o menino olhava com admiração para o ciclista, que lhe parecia majestoso, enquanto os amigos se precipitavam sobre a bicicleta

azul, ansiosos para examinar cada centímetro seu. “**Bartali era uma espécie de semideus,**” explicou Giorgio.

Certamente, nem dias especiais como aquele poderiam mitigar a guerra ou o confinamento em que os Goldenberg se encontravam. No entanto, de alguma maneira a agitação de uma visita amistosa e a relativa tranquilidade do cotidiano em Fiesole haviam ajudado a abrir uma pequena janela de promessas. Se conseguissem atravessar a guerra juntos naquela pacífica aldeia, a família teria possibilidade de alcançar o melhor resultado possível em uma situação adversa.

Entretanto, no fim das contas a guerra acabou com essa esperança também. Dois anos depois de chegar a Fiesole, Goldenberg seria preso e enviado para um distante campo de concentração.

NO DIA 9 DE OUTUBRO DE 1940, a guerra finalmente abriu caminho até a vida de Gino, que recebeu uma notificação convocando-o para o serviço militar ativo. Ele e Adriana temiam que isso acontecesse, mas mesmo assim ela ficou abalada. “**Não se preocupe, não vou acabar debaixo das bombas**”, assegurou-lhe Gino. Suas palavras pouco serviram para animá-la, porque esse tipo de situação estava começando a ficar terrivelmente familiar. Pouco tempo antes, **o irmão mais velho de Adriana** também se juntara ao esforço de guerra italiano. À noite, na véspera da partida, a família se reuniu para um jantar especial de despedida. No dia seguinte ele embarcou em um navio, junto com algumas centenas de soldados florentinos, com destino à Albânia, que Mussolini havia invadido no ano anterior. O navio foi bombardeado em alto-mar, e todos os soldados pereceram. Quando a família de Adriana recebeu a notícia, ela se recusou a aceitar que o irmão estava morto. Durante anos iria manter a esperança de que um dia ele apareceria na porta de sua casa. Fragilizada, Adriana não estava preparada para enfrentar também a perda de Gino.

Como parte da mobilização, Gino foi primeiro chamado a se submeter a **exame médico** de rotina para definir suas atribuições específicas. No dia marcado ele foi ao escritório militar local. O médico do Exército auscultou seu coração e percebeu que ele batia irregularmente, algo que Gino sabia, mas que nunca parecia ter impedido seu ciclismo. Intrigado, o médico chamou um coronel para ter uma segunda opinião. O coronel examinou seus batimentos e considerou Gino inapto para o serviço militar, sem saber que estava avaliando um dos astros do ciclismo nacional. Apreensivo, o médico

explicou-lhe que a exclusão de Gino do serviço militar poderia parecer tratamento especial. O coronel concordou e atribuiu a Gino o posto de mensageiro do Exército em uma fábrica de aviões às margens do lago Trasimeno, a cerca de 120 quilômetros de Florença. Comparado com os que foram enviados para lutar no exterior, ele inegavelmente foi afortunado em sua designação.

Mesmo assim, a vida no quartel exigia adaptações. Para começar, **ele não gostava de andar com armas**. Mas foi criativo e canalizou suas paixões para a nova profissão. Pouco depois de começar, um de seus superiores, um fã do ciclismo chamado **Olesindo Salmi**, concordou que ele usasse uma bicicleta em vez da motoneta, a fim de que continuasse treinando. E também lhe eram concedidas licenças frequentes para competir nas poucas corridas que ainda eram realizadas. Nas horas de folga, quando não estava entregando documentos do Exército, Gino mantinha-se longe da caserna, onde os demais soldados falavam ansiosamente a respeito da luta na África e do fato de a Itália estar sendo derrotada na Etiópia. Gino preferia passar as horas com leituras religiosas. “**Mergulhei na leitura** sobre a vida dos santos – santo Antônio, santa Catarina, santa Tereza [de Lisieux].” Nesses livros ele encontrava uma atraente válvula de escape para a insipidez da vida militar e para sua crescente frustração com o governo de Mussolini. Falar às claras nesse contexto quase certamente seria visto como insubordinação. E assim “**Gino, o tagarela, passou um ferrolho na boca**”, como explicou.

Gino tentava ver Adriana sempre que conseguia licença para treinar ou competir, mas a cada visita ela se mostrava mais agitada. Ambos sabiam que as autoridades poderiam mudar seu posto sem qualquer explicação e enviá-lo para o exterior de uma hora para outra. Gino foi ficando cada vez mais frustrado, porque desejava proteger e prover Adriana, mas suas obrigações militares o impediam. “**Ninguém sabe o que vai acontecer** por causa desta maldita guerra”, pensava, e resolveu remediar a situação casando-se com ela. Seu pedido de casamento era menos uma pergunta do que o reconhecimento de uma situação. “**Melhor uma viúva do que uma namorada**”, ele argumentou. Embora já tivessem falado em casamento, Adriana ficou surpresa. A proposta de Gino viera mais cedo que o combinado. Mas havia muito tempo que ela tinha feito sua escolha, e, feliz, concordou.

Em tempos de paz, essa decisão teria desencadeado uma torrente de planos. Afinal, poucos acontecimentos se equiparam a um pródigo casamento italiano. Um desfile de *antipasti*, entre eles carnes delicadas e vegetais em

conserva, é seguido por um número espantoso de pratos, incluindo massas, sopas, peixes, carnes, frutas e iguarias de forno. Servido o banquete, pais e tios fazem longos discursos sentimentais movidos a muitas taças de vinho, *grappa* e *vin santo*, o vinho de sobremesa usado, em especial, para brindar à saúde de um convidado.

O casamento de Adriana, porém, foi muito diferente. Gino conseguiu dos militares licença para curta ausência e, na manhã de um dia de semana de novembro de 1940, reuniu-se com Adriana e o cardeal Elia Dalla Costa em sua capela particular, no centro de Florença. Adriana usava um modesto vestido branco de mangas compridas e um véu que ia até o chão, cobrindo os cachos castanhos soltos sobre os ombros. Gino envergava terno escuro e gravata, com o triângulo de um elegante lenço branco aparecendo no bolso do paletó.

Gino estava ereto e confiante, com Adriana à sua frente, segurando com firmeza um buquê modesto. O cardeal Dalla Costa observou solenemente o casal aceitar um dos sacramentos mais sagrados da fé católica. Ambos ainda eram jovens – Gino com 26 e Adriana com vinte anos –, mas ao olhar um para o outro não podiam deixar de se encantar por terem ido tão longe desde os dias em que Gino se empenhava em criar coragem para se apresentar. Diante do cardeal Dalla Costa e de uma dúzia de convidados, Gino e Adriana declararam seu amor e seu compromisso um com o outro. E naquele momento se deixaram tomar pelo encanto do importante passo que davam, esquecidos do mundo fora da capela. “Desde a infância meu sonho para o futuro era ter a meu lado uma mulher humilde e inteligente. Deus me concedeu esse desejo”, Gino agradeceu.

A guerra, porém, não poderia ser esquecida por muito tempo. Os convidados do casamento constituíam óbvio indício: poucos homens presentes, além dos pais dos noivos. Nem a mãe de Adriana nem a de Gino compareceram. Para aquela, a perda do filho era muito recente; e, quatro anos depois, Giulia ainda mantinha o luto pela morte de Giulio. Depois da cerimônia, o grupo se dirigiu à casa da irmã mais velha de Adriana, que ofereceu uma recepção simples, servindo os bolinhos e refrescos que fora possível conseguir, dado o racionamento da guerra. A noiva estava radiante, embora “o momento fosse um tanto peculiar”, reconheceu Adriana mais tarde. “Fizemos tudo com muita simplicidade.”

No começo da tarde os jovens recém-casados tomaram um trem para a lua de mel em Roma. No dia seguinte, foram recebidos pelo papa Pio XII, fã

de Gino. Adriana estava entusiasmada, mas também exausta: “Era uma correria só. Meu marido estava acostumado com corridas, mas eu não.” Depois disso pegaram um trem para Ferrara, onde Gino participaria de um evento ciclístico de um dia. Embora a lua de mel fosse breve, limitada pela extensão da permissão de saída que Gino havia conseguido, eles acrescentaram alguns dias extras no mês de fevereiro seguinte em Alassio, na Riviera italiana, antes do treinamento de Gino na região. Ali posaram para uma pintura, ambos numa bicicleta dupla na beira do mar, Adriana radiante atrás do marido que, para variar, trocara seus habituais e enlameados equipamentos de corrida por um elegante par de calças curtas, como se usava, e paletó. O espírito despreocupado do quadro desmente o cenário de guerra. Quando voltaram para casa, Gino seguiu outra vez para o quartel.

O primeiro ano na vida de casada de Adriana foi marcado pela mesma austeridade que afligia outros florentinos na frente interna. Com a guerra sendo travada fora da Itália e os bombardeios aéreos dos aliados confinados em grande parte às áreas industriais no norte, como Milão, Turim e Gênova, os racionamentos de comida eram os lembretes diários mais permanentes de que a nação estava em guerra. Numa cidade que amava bife, como Florença, carne era o produto que mais fazia falta. Onde era disponível, as pessoas aprenderam a se contentar com muito menos e a comer partes do boi, como úbere e bofe, que antes desprezavam. Outros produtos que se tornaram escassos também foram substituídos: o café importado, por várias misturas de plantas nativas, como chicória ou cevada; os ovos, por um pó denominado *ovocrema*; os cigarros, por cilindros de papel de arroz cheios de flores de camomila secas.

Apesar da penúria e de morar separados, os Bartali iniciaram uma família. O primeiro filho, um menino chamado Andrea, nasceu em 3 de outubro de 1941, quase um ano depois do casamento, e foi batizado pelo cardeal Dalla Costa. Esse acontecimento trouxe muita alegria a um período estranho na vida de Gino. Seu dia a dia naquela época era uma mistura incomum de trabalho como mensageiro militar e competições ciclísticas por todo o país. O calendário italiano de corridas havia sido muito reduzido, mas ainda assim aconteceram mais de doze provas em 1941 e 1942. De maneira muito significativa, os profissionais já não recebiam dinheiro – os prêmios eram automaticamente doados para o esforço de guerra.

Gino tinha sentimentos dúbios a respeito dessas corridas no período de guerra. Por um lado, constituíam fugas de suas obrigações militares e lhe

permitted manter, aos olhos do público, sua tênue posição como ciclista de ponta, bem como encaixar visitas à família depois das competições. Participar de tais eventos, todavia, implicava ônus. As derrotas começaram a irritar Gino muito mais que antes. Em uma dessas corridas, em que Coppi veio de trás para vencer, Gino ficou em estado de choque. Ele “ficou cinzento. Tremia como se isso tivesse pesado mais em suas pernas do que os quilômetros que havia acabado de correr”, descreveu Coppi. Outra competição do período de guerra mostra por que o esporte que ele amava se tornara tão frustrante. Foi no Giro da Toscana em 1941, realizado nas familiares estradas empoeiradas nas colinas que se sucediam perto da cidade natal de Gino. Essa ele esperava ansiosamente, porque tinha certeza de que veria Adriana depois e porque contava vencer diante de seus conterrâneos pela terceira vez consecutiva. Começou firme e logo garantiu a liderança. No início da penúltima escalada, porém, antes de chegar a Florença, um pneu estourou, e ele foi obrigado a parar para trocá-lo. Pedalou furiosamente para alcançar os outros. Chegou a uma distância muito curta, mas se frustrou outra vez. A corrente saiu do lugar, e quando ele a consertou, toda esperança de vitória havia desaparecido.

A derrota esmagou-o, mas isso não explicava de fato toda a profundidade de seu mal-estar. Então ele percebeu. Estava “cercado de pessoas que só pensavam em corridas, como se nada estivesse acontecendo, como se a guerra afetasse outras pessoas, mas não os corredores”, revelou. Deu-se conta de que era parte de uma estratégia montada pelo regime. Mussolini havia percebido que essas corridas em tempo de guerra eram propaganda eficiente para elevar o moral do público na Itália. Assim, embora o Giro d'Italia fosse cancelado em 1941, o regime fascista ressuscitou-o em 1942. Ainda era chamado de Giro, muito embora reduzido a uma série de seis corridas de um dia ao longo de várias semanas.

Em outros lugares da Europa, o mundo das corridas também encolhera consideravelmente. Na França, país amante de bicicletas, o Tour fora cancelado desde 1940, embora o regime de Vichy, como os fascistas na Itália, também organizasse um falso Tour com propósitos de propaganda. Em Paris, o Vélodrome d'Hiver, popular estádio de ciclismo em que Gino e os demais competidores haviam se registrado oficialmente para o Tour de 1938, foi usado com propósitos inteiramente diferentes. No verão de 1942 a polícia francesa transformou-o em gigantesca cela para 7 mil judeus (entre

eles 4 mil crianças) detidos em Paris. E os manteve ali durante cinco dias, sem acesso adequado a água e comida, antes de deportá-los para Auschwitz.

NA PRIMAVERA DE 1943 Gino e seus compatriotas assistiram a outra mudança de rumo de seu país. Em março, Mussolini, em desesperado esforço no norte da África, enviou mais um contingente para a Tunísia. O grupo incluía Fausto Coppi, cujo regimento logo foi capturado pelos britânicos. **Coppi passaria o resto da guerra em campos de prisioneiros** de guerra, primeiro no norte da Tunísia e depois perto de Nápoles.

No começo de julho, os aliados desembarcaram na Sicília. No fim do mês, em 25 de julho de 1943, um dia após o Grande Conselho Fascista dar um voto de desconfiança a Mussolini, o rei da Itália declarou, em transmissão radiofônica, que havia mandado prender Il Duce. Por toda a nação eclodiam celebrações espontâneas à medida que as notícias se espalhavam. Os italianos acudiram às ruas em massa, e multidões que outrora saudavam cada pronunciamento de Mussolini agora se regozijavam com sua prisão. “**Foi bonito**”, lembrou uma judia italiana, testemunha ocular e fã ardente de Bartali. “Nós ficamos entusiasmados. ‘Pelo menos’, pensamos, ‘esse pesadelo acabou.’”

As notícias da queda de Mussolini levaram mais tempo para alcançar outros italianos. Foi o que aconteceu com **Ubaldo Pugnaroni**, um conhecido de Gino do mundo ciclístico inscrito numa competição do campeonato nacional de ciclismo para amadores. A prova marcada para a manhã de 25 de julho começou, e ele deixou a linha de largada usando uma camisa com a insígnia fascista (obrigatória em certas competições). Pugnaroni correu esplendidamente e cruzou a linha de chegada à frente de todos os rivais. Dirigindo-se ao pódio para receber o troféu, estranhou não encontrar um funcionário fascista para entregar o prêmio. Quando Pugnaroni finalmente tomou conhecimento do que havia acontecido durante as horas em que estava correndo, arrancou a insígnia fascista e juntou-se às comemorações.

Os anúncios oficiais afirmavam que a guerra continuaria, mas nas seis semanas seguintes começaram a aparecer promissores indícios de que logo poderia terminar. Retratos de Mussolini foram retirados dos prédios públicos. Ruas e escolas que tinham recebido nomes de fascistas famosos foram rebatizadas. **Um importante editor de um jornal** antissemita foi preso junto com um funcionário encarregado da imposição das leis raciais. O assassino do popular líder socialista Matteotti **foi localizado e preso**.

Finalmente, em 8 de setembro de 1943, os italianos ouviram a notícia pela qual tantos ansiavam: a Itália se rendera às forças aliadas.

Assim como tinham feito seis semanas antes, ao se inteirar da queda de Mussolini, os italianos correram para as ruas celebrando o cessar-fogo. Em Florença, multidões se aglomeraram no centro da cidade. As crianças agitavam pequenas bandeiras italianas, e seus pais conversavam sobre os planos para o futuro. Por toda a Itália, **muitos (mas não todos) prisioneiros dos campos de concentração** foram soltos. O comandante do campo em que Giacomo Goldenberg estava detido reuniu todos e ordenou-lhes que saíssem. Goldenberg voltou a Fiesole imediatamente, para encontrar a família.

Gino tinha suas próprias razões para celebrar. Acreditando que o envolvimento da Itália na guerra havia terminado, juntou-se aos milhares de jovens de todo o país que **apresentaram a papelada para serem dispensados do Exército**. Milhares de **outros não estavam tão inclinados a seguir quaisquer procedimentos** – simplesmente largaram uniformes e armas e deixaram as bases militares em massa. Muitos falavam de namoradas, esposas, trabalhos e novas aspirações, esforçando-se por imaginar um mundo fora do regimento. Com Gino era a mesma coisa – e ele pensava em Adriana e Andrea, tomado pela esperança de ver restaurado um calendário de corridas completo. Após três longos anos de privações e um verão de incertezas, nada poderia reduzir a contagiosa atmosfera da possibilidade.

CONTUDO, TODA ESSA EUFORIA se mostraria cruelmente breve. Sem que a maioria das pessoas naquelas exultantes multidões de 8 de setembro de 1943 soubesse, o controle das forças aliadas era muito menor do que parecia. O Exército alemão tomou o poder, e no dia 12 de setembro um grupo de paraquedistas alemães, vindos em planadores, libertou Mussolini de sua prisão, adaptada em uma estação de esqui. Ele foi imediatamente levado a Berlim e feito líder de um novo regime fantoche sediado em Bergamo, no nordeste da Itália. Com Mussolini funcionando como a face italiana da ocupação alemã, Alemanha e Itália se declararam aliados mais uma vez.

Gino e os demais soldados logo perceberam que abruptamente a roda da fortuna havia girado mais uma vez. Sob esse novo regime fascista, um grande número de soldados que haviam abandonado a farda foi pressionado a voltar ao serviço. Foram mobilizados para ajudar o Exército alemão a repelir as forças aliadas. Muitos se recusaram e se tornaram desertores. Desses, cerca de 640 mil **foram capturados e presos em campos**, e estima-se que 30 mil

morreram. Um pequeno número se tornou *partisani* – grupo de soldados guerrilheiros que auxiliava as forças aliadas no que fosse possível. Um terceiro grupo tomou a decisão de se esconder das autoridades, mudando-se para o interior ou para aldeias distantes.

Com mulher e filho para proteger, Gino tentava decidir o que fazer. Procurou o primo mais velho, Armando Sizzi, um homem prático e com talento para dar bons conselhos. Sizzi só recomendou uma opção. Os Bartali precisavam sumir.

Gino reuniu a família e se mudaram para Nuvole, uma isolada aldeia montanhosa cerca de 120 quilômetros a sudeste de Florença, no interior de Perugia, onde acreditava que poucas pessoas o reconheceriam. Foi morar na casa de um fazendeiro que jamais ouvira falar dele, apresentando-se como irmão de Armando Sizzi – Gino Sizzi. Excessivamente cauteloso, Gino evitava ir à aldeia, exceto para assistir à missa dominical na igreja local.

Homem generoso e modesto que fazia poucas perguntas a seus novos visitantes, o fazendeiro os deixava em paz e cuidava do pomar e dos pequenos campos que cercavam sua casinha. Gino esperava sentir-se à vontade nesse novo ambiente. Estava suficientemente longe de Florença para se sentir oculto, mas perto o bastante para ir à cidade caso fosse necessário. No entanto, à medida que o tempo passava, percebeu que era incapaz de apreciar a idílica serenidade do campo. A tranquilidade, aliás, dava-lhe mais tempo para divagar e contemplar a dramática mudança então em curso na Itália:

Nesse pequeno canto perdido, onde muitas vezes eu me recusava a ler as manchetes dos jornais, passei alguns dias tristes e ociosos. ... Eu hesitava em falar porque acreditava que me trairiam. Era horrível, insuportável, aquele regime de guerra em que se viam policiais por toda parte. As coisas estavam ficando cada vez piores para a Itália. ... Eu acreditava que tudo aquilo terminaria de maneira dramática, especialmente para mim, apesar de minha grande cautela.

A noite não lhe trazia qualquer alívio. Ele passava **longas e intranquilas horas na cama**, remoendo pensamentos.

Num momento tenso na igreja da aldeia, Gino percebeu que sua mudança para Nuvole teria curta duração. O pároco ouvira Gino em confissão e

durante a missa observou-o incessantemente. Depois, confrontou-o.

“Você é Gino Bartali?”

Instintivamente Gino começou a gaguejar e mentiu. O padre percebeu seu nervosismo e não se deixou enganar. Gino, provavelmente percebendo que o padre não era o único na aldeia que o reconheceria na igreja, decidiu que era hora de sua família partir.

Planejaram ir para Siena e depois para Roma, mas a viagem foi interrompida quando um dos trens com que deveriam fazer conexão se atrasou e depois foi suspenso, após um ataque aéreo. Ficaram encalhados no interior da Toscana até que um amigo lhes ofereceu abrigo. Poucos dias depois voltaram para casa, em Florença. Embora continuassem se mudando de tempos em tempos durante a guerra, para casas de amigos em outros lugares de Florença e para cidades próximas quando ficavam particularmente preocupados com os bombardeios, haviam chegado à grave conclusão de que nenhum lugar na Itália ocupada era completamente seguro.

7. Uma escolha impossível

EM UMA NOITE do outono de 1943 Gino recebeu um misterioso telefonema do arcebispo de Florença, cardeal Elia Dalla Costa. Gino ficou perturbado. Eram amigos há anos, mas **Dalla Costa não era do tipo que telefonava só para conversar**, e o fato de ter sido breve e enigmático não ajudou em nada. O cardeal queria encontrá-lo pessoalmente na residência arquiépiscopal, no centro de Florença. E era urgente. Gino não pediu mais detalhes. Sabia que os telefonemas podiam ser interceptados pelos alemães ou pelos fascistas, e, se estava sendo lacônico, o cardeal devia ter uma boa razão.

No dia do encontro, Gino montou na sua bicicleta e se dirigiu para a residência do arcebispo. Nos campos próximos à sua casa, na via del Bandino, já surgiam os sinais do final do outono. Os vinhedos se estendiam em fileiras abandonadas, despidos de folhas e das uvas que, redondas e maduras, já haviam sido transportadas para as adegas das redondezas. Há muito desaparecera o calor seco do verão que as alimentara, deixando atrás de si dias desolados e apáticos que rapidamente se transformavam em noites. Contemplando Florença nessa época do ano, o escritor Henry James registrou certa vez: **“Coisas velhas, lugares velhos**, pessoas velhas nos atingem, revelando seus segredos mais livremente em tais dias úmidos, cinzentos, melancólicos.”

O enfadonho limbo entre as estações era adequado ao momento. Após um verão de esperançosa expectativa, Florença passara a um inferno de inquietação entre guerra e paz depois que Mussolini retomou o poder em meados de setembro. No fim do mês a cidade sofreu **seus primeiros danos com a guerra** quando um bombardeio aliado que tinha como alvo uma importante estação de trens na parte leste da cidade errou o alvo de forma terrível. As bombas pulverizaram uma escola, destruíram uma farmácia e arrasaram um bairro residencial. Mais de duzentos civis foram mortos.

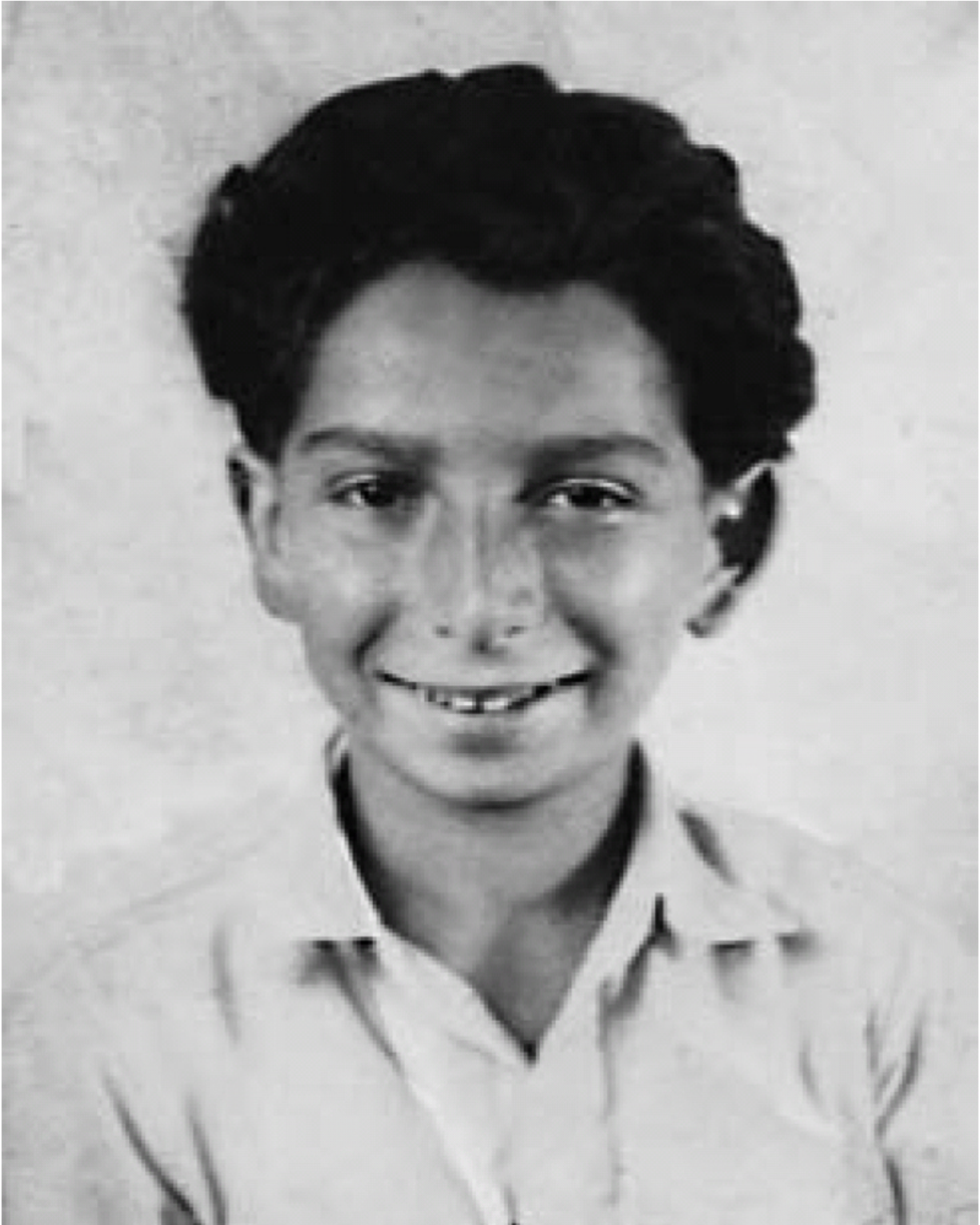
Ao pedalar naquele dia diante dos prédios de telhado castanho-escuro que compunham o centro de Florença, porém, Gino via sinais de vida e de atividade em todos os lugares. Os adultos que tinham emprego continuavam seus negócios como de hábito; a maior parte das crianças ainda frequentava as escolas. Os teatros continuavam a deliciar o público com encenações de **Shakespeare e de Tchekhov**, e um dos grandes cinemas da cidade apresentava um dos mais famosos comediantes italianos, Totò, numa tola comédia intitulada *O fantasma feliz*. Mas por trás dessa fachada de normalidade a guerra rondava. Durante o dia ela espreitava a portas fechadas na atividade secreta dos mercados negros, onde **florentinos desesperados trocavam seus bens** por alguns gramas de queijo ou um punhado de ovos. Emergia ao final da tarde, hora em que grupos de mulheres **remexiam o lixo** à procura de folhas ou caroços para comer depois que os mercados fechavam. Ao crepúsculo ela vagueava de novo pelas ruas, quando, para se sustentar, velhos macilentos começavam a caçar a legião cada vez menor de gatos sem dono da cidade.

Entrando em Florença, Gino podia esquecer-se da sombria e oculta movimentação da guerra e concentrar-se naquilo que não havia mudado, como o Duomo, a catedral revestida de mármore branco, verde e vermelho que dominava o horizonte de Florença. Dirigiu-se para lá e fez uma curva nos fundos, atravessando para a residência do arcebispo. Jogando uma perna para trás sobre a bicicleta, deu impulso até chegar diante do palazzo de quatro andares feito de pedras amarelas, saltou e empurrou a bicicleta até o portão da frente. Tocou a sineta e depois de alguns minutos foi saudado pelo secretário pessoal do cardeal, um padre alto e de cabelos brancos chamado **Giacomo Meneghello**. Depois que o grande portão se fechou atrás dele, Gino encostou a bicicleta em uma das colunas do pátio e acompanhou o secretário ao interior da residência. Caminharam até **o escritório do cardeal**, uma sala confortável com tapetes muito ornamentados, cortinas elaboradamente desenhadas e estantes de madeira escura cobertas de volumes encadernados em couro. Ali encontraram Dalla Costa instalado atrás da escrivaninha. Gino deu um passo à frente para cumprimentar o cardeal, e a pesada porta de madeira fechou-se às suas costas quando Meneghello retirou-se para que pudessem conversar.

EMBORA VIVESSE há mais de uma década no suntuoso palazzo arquiiepiscopal, **Elia Dalla Costa** jamais perdera o aspecto pálido e perscrutador de asceta

do deserto. **Com 71 anos de idade**, era alto e magro, de cabelos bem curtos emoldurando a fronte ampla. A característica angular e aquilina de suas feições lhe dava um aspecto de severidade intransigente que ocultava uma personalidade invulgarmente sensível. Desde cedo seus pares reconheceram uma profunda e reflexiva qualidade em seu caráter e em sua fé, e nos últimos anos do pontificado do papa Pio XI **correram rumores de que Dalla Costa era um provável candidato à sucessão**. Os jovens padres nele encontravam um professor gentil e generoso e **um sagaz juiz de caráter** que lhes deixou uma impressão duradoura, **“como faz um pai com seus filhos”**.

Dalla Costa havia passado a vida adulta dedicado às necessidades religiosas de seus paroquianos católicos romanos, mas queria falar com Gino sobre um pedido secreto feito por um grupo de judeus florentinos. O grupo fazia parte de uma organização maior, chamada Delasem (Delegazione per l'assistenza agli emigranti ebrei), **que ajudava judeus estrangeiros que escapavam para a Itália** vindos de outras partes da Europa. No primeiro período de guerra, antes de os alemães chegarem, a Delasem operara abertamente, na legalidade, pois os funcionários do governo fascista perceberam que essa organização de socorro poupava-lhes o trabalho de coordenar serviços básicos para os novos refugiados. No entanto, depois que os alemães chegaram à Itália, no outono de 1943, todos os judeus, estrangeiros e italianos (incluídos os membros da Delasem), se tornaram passíveis de prisão. O trabalho de socorro do ramo florentino da Delasem foi obrigado a passar para a clandestinidade e se tornou mais difícil. O número cada vez maior de refugiados judeus que chegavam à cidade sobrecarregava ainda mais a organização. Evidenciou-se então que teriam de procurar não judeus simpatizantes para poder alimentar quaisquer esperanças de ajudar todos os necessitados. Na segunda quinzena de setembro de 1943, eles se dirigiram ao cardeal Dalla Costa.



Giorgio Goldenberg



Elvira, Tea e Giacomo Goldenberg

Logo se veria que fora uma decisão feliz. Dalla Costa já havia demonstrado suas convicções antifascistas quando Hitler visitou Florença em 1938 e, em 1943, imediatamente tornou-se um líder eficiente e

compassivo do que viria a ser uma poderosa rede de socorro. Sempre que solicitado, o cardeal oferecia praticamente todos os recursos à sua disposição. Seu secretário pessoal, *monsignor* Meneghello, recebeu instruções de auxiliar os coordenadores do socorro judeu. Por um curto espaço de tempo **Meneghello acolheu na sede da diocese** os refugiados judeus à procura de assistência, mas transferiu essa atividade para um lugar menos conspícuo. **Outro padre foi convocado a entrar em contato** com os vários conventos e ordens religiosas espalhados pela Toscana, e Dalla Costa lhe deu uma carta de apresentação com diretrizes claras para todos da arquidiocese. “**Ele nos ordenou peremptoriamente** que recebêssemos todos os necessitados que se apresentassem a nossa porta e que lhes oferecêssemos assistência e comida, sem nada perguntar, nem de onde vinham, nem quantos dias iriam ficar”, revelou um dos que receberam a carta de Dalla Costa. O cardeal também se envolveu, **abrigo e alimentando vários judeus** na residência arquiépiscopal até encontrar outro lugar mais discreto.

SÓ ANOS DEPOIS Gino conheceria toda a extensão das atividades do cardeal durante a guerra. Naquele fim de outono de 1943, ao se sentar no escritório de Dalla Costa, tudo era um profundo mistério. **Com seu modo lento e metódico**, parecendo pesar cada palavra e moldá-la na boca antes de falar, Dalla Costa esboçou o problema. Refugiados judeus estavam acorrendo a Florença. Alguns se dirigiam à cidade com a intenção de ficar mais perto do *front* e da chegada das forças aliadas; outros estavam tentando escapular para a Suíça pelos Alpes ou deixar o país por portos como Gênova. E havia os que esperavam passar a guerra na cidade ou nas redondezas, vivendo com identidades não judias.

Esses refugiados precisavam de comida, abrigo e documentos falsos de identidade, explicou o cardeal, e ele queria que Gino o ajudasse, atuando como mensageiro da rede, entregando documentos e executando outras tarefas na Toscana e arredores. À primeira vista, parecia papel feito sob medida para um ciclista como Gino. Durante boa parte da guerra ele rodou pelas estradas locais como mensageiro militar, e em suas frequentes dispensas do Exército foi nelas que treinou e correu. Se alguém conhecia aquelas estradas e tinha álibi plausível para nelas estar, esse alguém era Gino Bartali.

O perigo desse trabalho, no entanto, era inelutável. Dalla Costa foi explícito. Se fosse capturado auxiliando judeus, havia a possibilidade real de que os alemães o prendessem, o executassem no ato ou o mandassem para algum campo de concentração, onde sistematicamente os prisioneiros morriam por doença, fome ou tortura. Os fascistas italianos não eram menos temíveis. Desesperados e raivosos, muitos soldados linha-dura haviam formado grandes bandos que aterrorizavam os cidadãos à procura dos judeus escondidos no país. Juntos, os dois grupos constituíam garantia de que a ameaça de ser capturado ajudando judeus era onipresente.

O segredo, portanto, era primordial. Gino não poderia partilhar com ninguém, nem mesmo com a mulher, as informações que Dalla Costa lhe passasse. E saberia apenas o mínimo necessário para desempenhar seu papel. Era essencial que ninguém soubesse demais, nem mesmo conhecesse outras pessoas envolvidas na rede, explicou o cardeal, para que ninguém pudesse entregar todo o grupo se interrogado e torturado.

O cardeal finalmente fez a pergunta que definiria a noite. Gino gostaria de se juntar ao esforço de socorro? Estaria disposto a arriscar a vida por um grupo de estranhos?

PERTO DALI, em Fiesole, Giacomo Goldenberg, o amigo de Gino, avaliou uma informação alarmante que se espalhara pela comunidade judaica: nos campos de concentração em outros países ocupados judeus estavam sendo assassinados em massa. No sentido mais estrito, não era informação nova – havia meses vinha sendo discutida nas estações de rádio aliadas e se alastrara como fogo através das cartas dos soldados italianos na frente leste. Mas enquanto os fascistas estiveram sozinhos no poder a ameaça parecia mais distante, impressão confirmada pelo fato de que grupos de judeus estrangeiros secretamente entravam na Itália porque naquela época era mais seguro lá do que no restante da Europa dominada pelos nazistas. No entanto, com a chegada do Exército alemão, a sensação de perigo ficou mais crua e mais imediata à medida que a sombria força de ocupação se espalhava pela Itália. Goldenberg havia sentido os primeiros tremores desse fenômeno com as leis raciais em 1938 e com a afronta das prisões de estrangeiros, incluindo judeus estrangeiros, em 1940. E agora, sob o novo regime de Mussolini apoiado pelos alemães, os últimos sustentáculos de seu mundo estavam ruindo sob seus pés.

Desde que fora libertado do campo de concentração, Goldenberg nunca mais tivera notícias de seus primos Klein, o que deixava em aberto a aterrorizante possibilidade de terem sido presos outra vez pelo novo regime fascista. A situação de sua família imediata também não parecia menos precária. Seu endereço era conhecido pela polícia italiana; não havia dúvida de que estava registrado ao menos em uma lista. Para um homem que havia aprendido a esperar o pior no que dizia respeito ao comportamento antissemita, não era difícil prever que os alemães se apropriariam da lista e prenderiam sua família. Era hora de sair de Fiesole.

Giacomo Goldenberg e a mulher, Elvira, começaram a fazer uma série de arranjos e logo perceberam que as possibilidades de sobrevivência da família aumentariam caso se separassem. **Levaram o filho Giorgio, então com onze anos, para o Instituto Santa Marta, em Settignano, internato religioso para crianças no nordeste de Florença que, a pedido de Dalla Costa, havia concordado em abrigar, secretamente, crianças judias.** Tea, no entanto, com seis anos, era muito nova para viver longe dos pais. Com ela e a mulher em mente, Goldenberg começou a pensar freneticamente onde poderiam se esconder.

O problema era encontrar um lugar para ir. Tendo vivido grande parte de sua vida em Fiume, os Goldenberg tinham na Toscana poucos parentes ou amigos que pudessem abrigá-los. A outra opção, alugar um apartamento, colocaria a família à mercê de um estranho. Com documentos de identidade que os apresentavam como judeus, eram alvos vulneráveis para traições. Desde a ocupação alemã, um senhorio oportunista ou, na verdade, qualquer italiano que entregasse uma família às autoridades alemãs fazia jus a **uma recompensa que ia de mil a 9 mil liras por pessoa.** Num momento em que **um operário comum de fábrica ganhava apenas 29 liras por dia,** tais somas representavam espantosas quantias de dinheiro. Mais expressivamente, elas revelavam a extensão do zelo nazista em perseguir os judeus; capturar um refugiado judeu valia mais do que capturar um prisioneiro aliado fugitivo, cuja recompensa **era estipulada em 1.800 liras.**

Mesmo um senhorio de bom coração pensaria duas vezes antes de hospedar os Goldenberg e arriscar-se a enfrentar o aparato policial nazista e fascista. No começo do outono de 1943 abrigar judeus tanto poderia provocar um mero questionamento quanto prisão temporária. Em novembro, um grupo de fascistas formalizou a **Carta di Verona,** que declarava: “Os que pertencem à raça judia são estrangeiros. Durante esta guerra, eles pertencem

a uma nacionalidade estrangeira.” No começo de dezembro não restavam dúvidas de que isso significava **que todos os judeus em solo italiano poderiam ser presos**. E qualquer um que ajudasse judeus – ou, ainda pior, os abrigasse – estaria cometendo delito severo e passível de punição. Como haviam percebido pessoas como Dalla Costa, era crime que podia ser punido com a morte. Dadas essas circunstâncias, Goldenberg sabia que poucos não judeus estariam dispostos a aceitar sua família em casa.

Desesperado com a falta de opções, **Goldenberg procurou seu velho amigo Armando Sizzi**. Encontraram-se uma tarde em Fiesole, e Goldenberg expôs seu dilema. Sizzi percebeu o medo do amigo e sabia que, se nada fizesse, os Goldenberg poderiam, sem qualquer aviso, desaparecer, ser presos e deportados, como acontecera com incontáveis outros judeus italianos. Antes mesmo de Goldenberg terminar de expor sua situação, Sizzi já estava arquitetando um modo de ajudá-lo. Ele era um humilde mecânico de bicicletas, não dispunha nem de meios financeiros nem de rede de contatos, mas deixar o amigo ser caçado simplesmente não era uma opção. Sizzi deu-se conta de que a única esperança era seu primo Gino. Como ciclista de sucesso, **havia conseguido comprar uma casa** para ele e outra para os pais, e mais algumas em parceria, como investimento. E mesmo que não tivesse algum espaço próprio para oferecer, Gino era uma celebridade, um homem de muitos amigos e relações; conhecia muita gente.

Sizzi prometeu ao amigo que faria algumas consultas em seu favor. Depois de combinar novo encontro para alguns dias depois, ficou olhando Goldenberg descer a rua, apressado.

Então Sizzi voltou para Florença e pediu ajuda ao primo Gino.

O CARDEAL DALLA COSTA e a família Goldenberg – o peso de tudo isso quase sufocava Gino. Sem dúvida alguma queria ajudá-los, mas o perigo era imenso. Isso o consumia, **tornando-o ainda mais taciturno com os amigos** e claramente irritado quando Adriana falava com ele. À noite, na cama, ficava ainda mais inquieto e agitado, consumido pelo medo do que poderia acontecer se fosse capturado.

O único lugar que poderia oferecer alguma paz em um momento como esse era o cemitério de Ponte a Ema. Sentado ao lado do túmulo do irmão, Gino pôde começar a refletir sobre a escolha que precisava fazer. Tinha todas as razões para ajudar. Dalla Costa era seu mentor espiritual – a face humana da fé em torno da qual Gino havia construído sua vida – e o homem

que havia celebrado seu casamento e batizado seu filho. Goldenberg era um amigo que tentava proteger a família. Era impossível não ter empatia com essa situação, e ela reverberava profundamente sua própria experiência de tumulto político na infância. Certamente a escala da perseguição aos judeus era exponencialmente maior, mas havia um paralelo extraordinário com o que, em sua infância, tinha ocorrido com os socialistas. Um grupo minoritário estava sendo demonizado através da imprensa por vozes patrocinadas pelo governo, transformado em bode expiatório por funcionários públicos. Poucos homens poderiam entender mais do que o filho de Torello Bartali a crueldade de tais pressões.

Mesmo assim, tinha duas razões mais poderosas do que quaisquer outras para não se arriscar. Adriana e o filho, Andrea. Se fosse capturado ajudando judeus, ou mesmo abrigando-os, poderia ser preso e morto pelas autoridades alemãs, deixando a mulher sozinha para cuidar do filho de dois anos.

Era uma escolha impossível. O canto de sereia da autopreservação era ensurdecedor, mas um impulso mais nobre o chamava. Outros italianos que enfrentaram dilema igual em outras partes do país iriam compará-lo a uma batalha em que não havia meio-termo. Poucos deles tinham qualquer ilusão a respeito das repercussões, caso suas atividades fossem descobertas. Contudo, ficar parados sem nada fazer enquanto civis eram capturados e mortos era uma escolha que para muitos significava apoio tácito às deportações. E assim cada indivíduo tinha de decidir de que lado ficaria. “Era algo que todos nós tínhamos de fazer”, explicou um dos participantes da resistência ampla. “Tínhamos de escolher entre ficar do lado dos fascistas ou defender o povo.”

Gino enfrentou o dilema do caminho a tomar. Como homem de fé ardente, voltou-se para as orações em busca de alívio, enquanto contemplava suas opções. Despejou seus pensamentos no túmulo do irmão. Finalmente, sem falar com a mulher, tomou sua decisão.

O CARDEAL DALLA COSTA e os demais membros do movimento de resistência em Florença logo perceberam o alcance daquilo contra o qual se voltavam. No dia 6 de novembro de 1943, sem qualquer aviso, a SS alemã e os fascistas italianos prenderam judeus por toda a cidade, muitos deles nascidos no exterior. No final do mês, como parte de uma série maior de prisões, soldados alemães e fascistas invadiram um dos prédios da arquidiocese de Florença e prenderam membros importantes do comitê de

assistência aos refugiados judeus, um padre em quem Dalla Costa muito confiava e o rabino-chefe de Florença.

Por ocasião dos ataques de novembro, Rufino Niccacci, monge e pároco de Assis, estava em Florença para um encontro com o cardeal Dalla Costa. Ao deixar a estação de trem, caminhando para a residência do arcebispo, ficou chocado com o que via. A cidade estava tomada por soldados alemães e fascistas armados de rifles, em caminhões e motocicletas. Ao se aproximar do palácio do arcebispo, no centro da cidade, Niccacci ouviu os altofalantes: “*Achtung! Attenzione!* Todos os moradores para fora! Nenhum embrulho, não tragam nada. Vocês têm três minutos.” Em diferentes partes da cidade, judeus estavam sendo recolhidos. Em uma rua, Niccacci passou por grupos de famílias judias amontoadas, e soldados nazistas agarravam os pais pelos ombros enfiando-os em um veículo e empurravam seus filhos com a coronha do rifle para dentro de outros veículos. Algumas mulheres agarravam seus bebês para protegê-los, mas os soldados os arrancavam de seus braços. Alguns jovens judeus avaliaram a situação e decidiram correr. Não foram longe, despedaçados pelas balas que os atingiam. Niccacci andou por toda a cidade, e a violência só piorava. “**Vi uma família inteira ser colocada diante de um muro** e metralhada, porque havia sido encontrado um revólver com um deles”, relatou. Quando chegou ao palácio do arcebispo estava transtornado e ensopado de suor causado pelo nervosismo. Niccacci era o superior do mosteiro de São Damião, em Assis. **De queixo quadrado e sobranceiras grossas**, era a imagem da juventude. Enérgico e forte, **herdara esses traços do pai**, que trabalhava em um pequeno moinho de grãos. O tecido grosso de sua batina de franciscano, marrom e sem formas, amarrada à cintura com uma corda, não escondia suas formas musculosas. Para muitos que o conheciam, no entanto, parecia improvável candidato à vida monástica. Como admitia prontamente, era bastante inclinado **a certos prazeres terrenos**. Apreciava uma boa garrafa de vinho e era o único no mosteiro que fumava. Aos 32 anos de idade, parecia jovem demais para dirigir um mosteiro cheio de homens mais velhos.

No entanto, **quando um grupo de refugiados judeus chegou a Assis** em setembro de 1943 e o bispo local pediu a ele e a outro padre, dom Aldo Brunaci, que os ajudassem, Niccacci descobriu dentro de si um incomum reservatório de coragem e de sabedoria. Conseguiu-lhes um lugar seguro nas acomodações para hóspedes mantidas pelos diferentes mosteiros e conventos de Assis. Organizou a produção de documentos de identidade

falsificados, para que não fossem presos durante as operações de captura. E quando era detido pelo Exército alemão ou pelos fascistas, Niccacci não hesitava em mentir de forma ousada a fim de proteger as pessoas cuja segurança pessoal agora dependia dele.

Tinha ido a Florença pedir ajuda ao cardeal para coordenar uma saída segura do país para alguns judeus que vinha escondendo. **Quando entrou no escritório de Dalla Costa**, o cardeal, que estava sentado à mesa com a cabeça entre as mãos ossudas, ergueu o olhar e se recompôs. Niccacci ouviu então uma péssima notícia: já não havia qualquer maneira prática de retirar da Itália os refugiados de Assis. Os suíços estavam barrando refugiados judeus em suas fronteiras; os alemães estavam de olho no porto de Gênova, fechando a possibilidade de fuga pelo mar. Dalla Costa pouco podia fazer para ajudar os que haviam se refugiado em Assis. **Niccacci permaneceu sentado**, sombrio, avaliando que a viagem a Florença parecia ter terminado em fracasso. Mas então o cardeal começou a esboçar um plano alternativo.

“Você veio aqui pedir minha ajuda para estabelecer uma rota de fuga de Assis. Eu gostaria de inverter o processo – estabelecer uma rota *para* Assis”, ele propôs.

“Vossa Eminência não está sugerindo que todos os refugiados judeus venham para Assis?”, reagiu Niccacci, ansioso.

“Calma, padre. Não, não quero transformar sua cidade em principal esconderijo de judeus. Mas gostaria de transformá-la em um centro de falsificação – onde você produziria documentos de identidade para as pessoas que deles precisam. Primeiro, para os que estão em casas particulares e em perigo constante. Essas pessoas precisam da sua ajuda, padre.”

Niccacci resistiu por um momento, preocupado com as novas responsabilidades que lhe pediam que assumisse. Aos poucos se recompôs e concordou em ajudar. Avaliando a tarefa que tinha pela frente, fez ao cardeal uma última pergunta antes de começar a viagem de volta a Assis. “Eminência, como propõe enviar-nos as fotografias e pegar as carteiras de identidade quando estiverem prontas?”

“Tenho meus mensageiros”, replicou o cardeal. “Você vai receber as fotografias em uma semana.”

ENQUANTO O SOL DA TARDE se punha, Gino saiu de casa, nos arredores de Florença, com um pouco de pão e de verduras que havia conseguido com

alguns fazendeiros de Ponte a Ema. Na verdade, na casa dos Bartali não sobrava comida, mas Gino sabia que a família Goldenberg não tinha nada. **Desceu a via del Bandino na direção de um apartamento** na mesma rua em que morava, do qual era coproprietário. Entrou e deixou os frugais suprimentos na pequena cozinha. Não era muito, mas teria que bastar. Depois de uma última olhada em volta, retornou por onde entrara e trancou a porta.

Depois disso, dirigiu-se apressadamente para o norte, na direção de Florença. Tendo tomado sua decisão, sabia que não adiantava olhar para trás. Era hora de trazer os Goldenberg para a casa nova.

8. O círculo dos falsificadores

NUMA MANHÃ BEM CEDO, pouco depois do encontro de Dalla Costa e Niccacci, Adriana Bartali acordou e viu Gino num canto do quarto, vestindo os calções, a camisa e o agasalho que usava para correr e treinar. “Aonde será que ele vai?”, pensou ela, sentando-se na cama. Nervoso, Gino parou de se vestir e virou-se para ela.

“Não me espere esta noite. Vou ficar fora alguns dias treinando”, ele justificou.

Ela o encarou.

“Se vier alguém me procurar, especialmente à noite, diga que tive uma emergência.”

“Quem viria procurá-lo... à noite?”, ela perguntou, a voz cheia de ansiedade.

“Ninguém, mas se alguém vier, diga apenas que saí para buscar um remédio para Andrea, que está doente.”

Adriana ficou olhando Gino acabar de se vestir, acrescentando um par de ceroulas sobre os calções, pois, com a proximidade do inverno, as manhãs estavam começando a ficar frias. Não a preocupava o fato de ele sair por uns dias. Já se acostumara às exigências dos compromissos de treinamento e de uma agenda de corridas que o levavam por toda a Europa do começo da primavera até o final do outono. Nas últimas semanas, porém, ele vinha sumindo com mais frequência, e a maneira nervosa com que respondia a suas perguntas a deixava apreensiva.

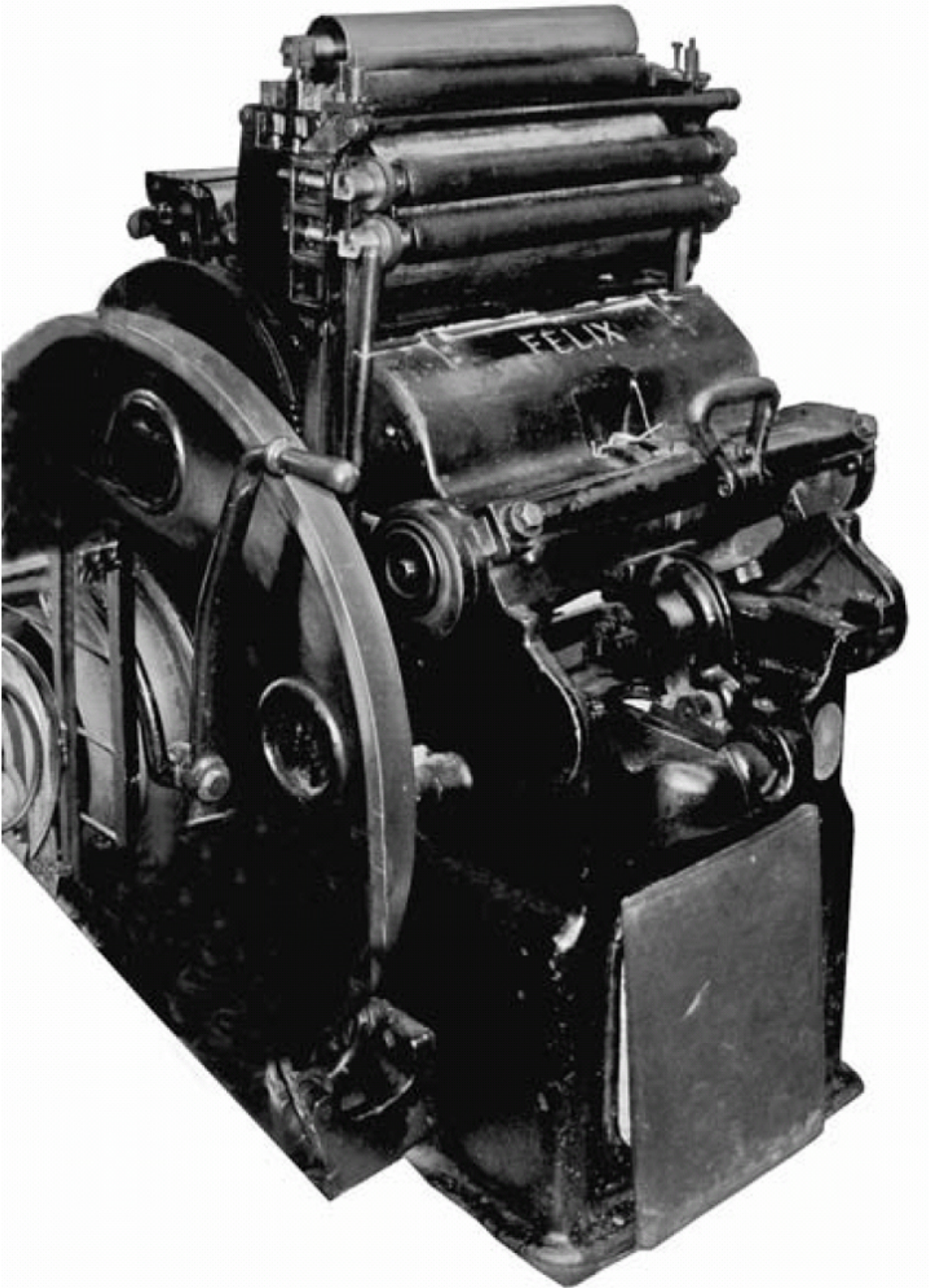
“Por que você está treinando, se não tem nenhuma corrida programada?”

Gino parou de se arrumar e se aproximou da mulher. “Estou só treinando”, respondeu, inclinando-se para lhe dar um beijo tranquilo na testa. A respiração de Adriana ficou mais calma com a segurança transmitida pelo

marido na linguagem não falada que usavam. Gino queria estar pronto para quando as corridas recomeçassem.

Ele carregou a bicicleta para fora e saiu. Logo estava deslizando pelas ruas de Florença ao encontro de um dos auxiliares de confiança do cardeal. O lugar do encontro mudava com frequência, mas o objetivo era sempre o mesmo: Gino recebia alguns documentos e um maço de fotografias. Tudo seria usado para falsificar documentos de identidade para judeus escondidos. Embora não fosse muito maior do que quatro selos postais organizados dois a dois, **cada foto contava uma história sobre sua proveniência**. Algumas haviam sido feitas recentemente, com os tons de preto e branco ainda fortes, mas cuidadosamente retocados para parecer mais velhos. Outras traíam sua verdadeira idade nas dobras e nos cantos ainda enrolados, por terem sido arrancadas de documentos de identidade genuínos. Gino não reconhecia nenhum dos rostos. De homens velhos com ternos em estilo moderno, sugerindo vaidade, a mulheres jovens olhando para a frente com olhos vazios e cansados, todos eram estranhos.

Depois de esconder as fotos no lugar mais seguro que encontrou, Gino começou a viagem para o sul. Ainda era cedo, mas a manhã já fervilhava com Florença em atividade. **Pedestres alinhavam-se nas calçadas**, atraídos como ímãs pelas filas diante das lojas de alimentos da vizinhança, onde cada um esperava conseguir, nas prateleiras quase vazias, algo com que pudesse se arranjar alguns dias mais. Aqui e ali, soldados se misturavam a eles, alguns conversando entre si e outros parados, observando. Os mais ameaçadores eram os da **SS alemã**, com seus quepes com o escudo da caveira e dois ossos cruzados. Gino havia visto esses homens na cidade muitas e muitas vezes, e eles sempre lhe provocavam uma mistura de medo e raiva. Era mais um indesejado lembrete de que vivia em um Estado policial, no qual todos os seus movimentos poderiam ser acompanhados e questionados. Só se tranquilizou depois de passar pela ponte sobre seu amado rio Arno. Em poucos minutos deixaria a cidade para trás e ficaria de novo sozinho na estrada aberta.



A máquina impressora de Brizi.

A VIAGEM ATÉ ASSIS era longa, cerca de 180 quilômetros pelo caminho mais direto, de modo que Gino tinha muitas horas para refletir. Se Alfredo Martini ou qualquer outro parceiro de treinamento estivesse ali, ele iria pensar em voz alta, num fluxo ininterrupto de comentários. “Ele costumava falar tudo o que lhe passava pela cabeça”, relatou Martini ao descrever esses trajetos. Ele, como os outros parceiros, gostava de treinar com Gino porque ele não se importava de ir na frente, com Martini quase todo o tempo protegido atrás de sua roda traseira; Gino simplesmente ficava satisfeito por ter companhia. “Ele nunca parava de falar comigo”, contou Martini, que às vezes mal entendia o que Gino dizia, por causa do vento e de sua própria fadiga, embora nunca deixasse de dizer “sim” sempre que podia, para encorajar o amigo.

Gino falava a respeito de qualquer coisa, menos da guerra. Podia passar horas analisando a estratégia usada em uma corrida anos antes ou contando suas últimas ideias sobre a melhor alimentação antes de um treino. Seus rivais, contudo, constituíam seu assunto favorito, e, em 1943, isso significava Fausto Coppi, o presunçoso jovem que se tornara um sério competidor naquelas últimas corridas na Itália antes de a guerra ficar mais séria. Coppi parecia ser um dos pouquíssimos ciclistas capazes de enfrentar metodicamente os ataques em *staccato* de Gino, com uma fluidez inabalável que não se deixava capturar. Inevitavelmente, nessas corridas de treinamento, Gino jurava que iria ganhar o Tour de France outra vez. E calaria a boca daqueles críticos na comunidade ciclística que, ele supunha, começavam a espalhar o boato de que seu tempo já passara, que o chamavam de Il Vecchio, o Velho, um “vovô [que tinha de ser] levado para dar uma volta de vez em quando”.

Mas Coppi estava fora da Itália havia mais de seis meses, mandado para a África em uma das fracassadas campanhas militares de Mussolini. Nem o Tour poderia parecer mais remoto. Cinco anos depois da vitória de Gino, não era mais do que o sonho de um passado distante, anterior à guerra. E assim, nos raros momentos de silêncio em que treinava sozinho, sem parceiros, Gino lutava contra um crescente sentimento de desesperança. Acreditava que estava desperdiçando os “anos mais férteis” para conquistar as principais honras do ciclismo e ganhar os prêmios em dinheiro que seriam

críticos para sustentar a família. Quaisquer que fossem seus planos para o futuro, eles minguavam a cada mês que se passava sem corridas.

Depois de 120 quilômetros, Gino chegou a Terontola, onde tinha um pequeno trabalho a fazer. Terontola era uma aldeia toscana típica, um aglomerado de prédios nas cores ocre e castanho, mas tinha uma particularidade incomum: era o lugar de baldeação entre a estrada de ferro norte-sul, a principal da Itália, e uma linha regional que seguia para o sudoeste, para Perugia, Assis e Foligno.

A cerca de quatrocentos metros da estação, Gino parou perto de uma ponte. Estava adiantado, de modo que fingiu estar ocupado examinando a bicicleta. Mas, enquanto mexia nela, observava os trilhos. Esperava um trem que passava por Terontola vindo do norte e que estaria trazendo refugiados judeus ou outros antifascistas fugindo para o interior ou para o sul da Itália. Aquela estação era particularmente perigosa, porque muitas vezes tinham de fazer baldeação, arriscando-se a ser detidos ou capturados ao atravessar as plataformas.

Os refugiados judeus temiam as estações de trem porque ficavam expostos a muitos inimigos. Como explicou um judeu italiano: “Era onde havia maior probabilidade de ser pego. Por toda parte, uniformes nazistas e fascistas e só Deus sabe quantos agentes do serviço secreto. O que mais chamava a atenção era a polícia militar alemã. Eram uns demônios altos, que caminhavam aos pares, impecavelmente vestidos em seus bem-passados uniformes cinzentos, com as mãos enluvadas atrás das costas e as botas bem-engraxadas batendo em ritmo lento e sincronizado. Uma placa de metal polido, com a palavra *Feldgendarmarie* gravada, pendia do pescoço por uma corrente, e ela balançava no peito enquanto eles vigilantemente ziguezagueavam em meio à multidão.”

Gino conhecia esses perigos, e assim, quando o trem finalmente surgiu ao longe, montou na bicicleta e entrou na cidade, parando no bar em frente à estação da estrada de ferro. A notícia de sua chegada logo se espalhou pela estação e por toda a cidadezinha. A presença em Terontola de um dos mais famosos astros do esporte italiano era um acontecimento palpitante, incomparável a qualquer outro. O dono do bar, que era amigo de Gino, cumprimentou-o; outro amigo, o alfaiate da cidade, e que trabalhava ali perto, ofereceu a Gino um sanduíche de *prosciutto*. Em volta, quem estava na estação se empurrava, procurando aproximar-se de Gino. Muitos queriam

lhe dar um abraço ou um amistoso tapinha nas costas. Outros ficariam honrados em pagar um espresso para seu ídolo ou pedir um autógrafo.

Num instante, o barzinho ficou lotado, e Gino foi convidado a falar à barulhenta aglomeração. Disse algumas palavras amistosas de saudação e ouviu de volta aplausos ruidosos. Toda essa comoção extraordinária chamou a atenção de vários soldados na estação, alguns dos quais provavelmente bem que gostariam de conseguir um autógrafo também. Acredita-se que essa distração planejada tenha dado cobertura de alguns preciosos minutos para os refugiados e dissidentes que tentavam evitar alemães e fascistas ao trocar de trem.

Quando tudo acabou, Gino montou na bicicleta e rumou para a cidade de Perugia, onde planejava passar a noite em uma igreja local.

ENQUANTO ISSO, em Settignano, cidade toscana situada em uma colina ao nordeste de Florença, Giorgio Goldenberg, então com onze anos, saiu correndo da escola primária local. Com o estômago roncando de fome, juntouse a um grupo de colegas de classe que iam para o **abrigo Santa Marta almoçar**. Era uma caminhada curta que passava por algumas pequenas fazendas e por um posto militar alemão. Após alguns minutos, dobraram a esquina, passaram pelo muro de pedra da propriedade e entraram pelo portão principal, uma alta entrada senhorial que faria qualquer gigante sentir-se pequeno. Por um comprido caminho de pedras, chegaram ao prédio de quatro andares pintado na cor marfim que Giorgio e todos os seus colegas chamavam de lar.

Os meninos atravessaram correndo a porta da frente e tomaram o caminho mais curto até a sala em que as freiras costumavam reuni-los para as refeições. O almoço naquele dia era igual ao de todos os dias desde que Giorgio chegara: um prato de sopa rala e uma porção de ervilhas. Para jantar, uma fatia de pão velho e um copo de café de cevada bem quente, repetindo o desjejum. “Para um menino de onze anos, não era suficiente”, explicou Giorgio.

Com rações tão limitadas, a comida era uma obsessão constante. Alguns dos meninos se mostraram muito empreendedores. Um deles aproveitava a tarefa de descascar batatas para catar as cascas (que, disfarçadamente, cortava o mais grosso possível), torrar em uma pequena fogueira feita por ele e os amigos e comer com um pouco de sal. Outros, descaradamente, arrancavam à força a comida dos alunos mais novos ou enchiam os bolsos

com pedaços de pão roubados da despensa. Nenhum esquema, contudo, por mais inventivo que fosse, oferecia remédio permanente; a satisfação com qualquer bocado, ainda que mal-adquirido, inevitavelmente dava lugar à dor da fome e à renovada luta para conseguir mais.

As freiras faziam o que podiam para pacificar essas pequenas batalhas e tentavam vencer a inevitável tensão provocada pela escassez cobrindo os meninos de amor. Uma delas, conhecida afetuosamente como *mamma* Cornelia, era figura de especial gentileza para o grupo de cerca de dez meninos judeus escondidos no Santa Marta – nenhum dos quais conhecia, na época, a verdadeira identidade religiosa dos outros. Ela os ajudou a escapar de perguntas embaraçosas quando não comungavam na missa, sugerindo que os pais eram combatentes que quando voltassem da frente de batalha iriam decidir sobre o momento em que os filhos participariam do sacramento. Afinada com suas necessidades espirituais, decorou uma bênção tradicional hebraica dita pelos pais judeus para seus filhos, e rezava-a quando estava sozinha com cada um deles. À noite, quando visitava os meninos no dormitório na hora da reza, aproximava-se de cada um e disfarçadamente encorajava-os a dizer em silêncio as orações de sua própria fé. Todos esses atos fizeram do pensionato uma pequena ilha de refúgio em um país atormentado por perseguições criminosas.

Por mais que ela tentasse, no entanto, era impossível manter o mundo exterior inteiramente do lado de fora. As crianças percebiam-no quando caminhões carregados de soldados alemães passavam por elas no trajeto entre o pensionato e a escola próxima. Elas o ouviam no zumbido dos bombardeios aliados voando acima. E sentiam-no na solidão de um dia de visita esperando inutilmente à janela, quando o menino tinha de aceitar a realidade da prisão e deportação dos pais. Em tempos assim, a “**fome era quase uma bênção**, porque você só conseguia pensar em comida”, contou um refugiado judeu que passou a guerra escondido em um orfanato próximo.

AO ALVORECER, Gino **acordou na igreja perugiana** em que havia passado a noite. Fez sua calistenia matinal, como em quase todos os dias desde 1936, e examinou a bicicleta. As distâncias entre o selim, o guidão e os pedais eram sempre as mesmas; qualquer diferença, ainda que de apenas um centímetro, poderia provocar distensão muscular ou dor durante uma corrida. Quando se deu por satisfeito com a bicicleta, montou e saiu da igreja. Colocou o boné de ciclista e partiu para Assis. No horizonte, o sol começava a se erguer. O

mundo dormia, mas nessa hora do dia havia uma calma esperança que Gino sempre prezara. Era o momento em que as corridas longas começavam, que o ciclista esperava, com nervosa animação, para verificar se as centenas de quilômetros de treino acumuladas em suas pernas tinham sido suficientes.

Saindo de Perugia, primeiro Gino foi devagar, “**esquentando o motor**”, como dizia, procurando perceber como seu corpo se sentia. Já haviam se passado quase seis meses desde a última competição, uma corrida reconhecidamente medíocre de tempos de guerra, mas suas pernas continuavam notavelmente fortes. A estrada desenrolava-se à sua frente como uma fita, chamando-o com uma suave descida por trigais adormecidos e olivais verdes e prateados, com seus glóbulos maduros ainda sendo transformados em ouro líquido por algumas poucas pessoas de coragem. Gino forçou um pouco. O coração se acelerou, e sentindo calor ele tirou o abrigo e ficou só de camiseta. A estrada se nivelou, oferecendo-se como sedutora tentação. Gino forçou um pouco mais, deslizando pelos campos da Úmbria, mais selvagens e mais acidentados que os de sua Toscana natal. Finalmente, começou a sentir os contrafortes da cadeia montanhosa dos Apeninos sob as rodas. Mas continuava a manter uma reserva; uma subida de verdade só podia ser conquistada quando o último grama de força entrava em jogo. Gino olhou em volta e tentou avaliar a que distância estava de seu destino – e então olhou para o relógio e atacou.

À sua frente, a cidade de Assis destacava-se na paisagem, um aglomerado de mosteiros, conventos e igrejas cor-de-rosa e branco, empoleirado nas encostas do monte Subasio. Imponente e austera, muito da história de Assis remontava ao século XIII e a seu morador mais importante, o monge e santo católico Francisco de Assis, reverenciado por seus ensinamentos de caridade e simplicidade. A ordem monástica de Francisco se espalhara pelo mundo, transformando o sonolento lugar em um importante centro de atividade religiosa. Gino conhecia a cidade: antes da guerra ele havia visitado suas igrejas, quando ganhara de presente do bispo local um cálice para a capela de sua casa. Naquele dia, porém, não viera a Assis em peregrinação. Estava ali para ver frei Rufino Niccacci.

Encontrou-o no mosteiro de São Damião, um grandioso prédio de pedra cor de aveia logo depois dos muros da cidade, num bosque de oliveiras e ciprestes. Gino se encaminhou para a pesada porta de madeira e bateu. De sua cela, Niccacci ouviu e correu para abrir e deixá-lo entrar.

“**Você vai pegar uma gripe, Bartali!**”, exclamou, olhando com surpresa para o ciclista de calções e camiseta e convidando-o a entrar.

“Treze quilômetros de Perugia aqui em um quarto de hora não está mau, não é mesmo?”, replicou Gino com um toque de fanfarronice, tirando o boné. Niccacci conduziu o ciclista para uma sala privada no mosteiro.

Depois de se certificar de que estavam sozinhos, Gino passou a trabalhar na bicicleta, com Niccacci observando enquanto ele retirava sua carga preciosa. **Primeiro afrouxou o parafuso que prendia o selim**, removeu-o e retirou o esconderijo de fotografias e documentos, que vinham enrolados e ocultos nas partes ocultas da bicicleta. Niccacci pegou os documentos, desenrolou-os delicadamente e **escondeu-os em um armário** no qual se guardavam relíquias sagradas, no oratório do mosteiro.

Voltando-se para Gino, convidou: “Venha tomar café.” Caminharam para **o refeitório dos monges**, um salão de teto abaulado como uma catacumba, forrado de madeira marrom e pedras creme. Sentaram-se a uma das mesas compridas e gastas sob uma pintura quase em tamanho natural retratando a crucificação, e Niccacci serviu café de cevada torrada. Era uma refeição simples, mas Gino apreciou. Enquanto sorvia sua bebida, contou que o cardeal lhe dera instruções para ir mais ao sul, falar com um padre que tinha contato com alguns contrabandistas que talvez estivessem dispostos a ganhar um dinheiro transportando refugiados judeus pelas linhas de batalha até o território controlado pelos aliados. Na volta ele pararia de novo em Assis.

Quando terminaram, Niccacci acompanhou o hóspede até uma porta lateral. A conversa se encaminhou para o ciclismo, enquanto Gino colocava de novo o boné. “**Um dia serei campeão outra vez**. Vou mostrar a eles quem é Il Vecchio”, prometeu audaciosamente. Com isso, montou e partiu.

Niccacci manteria esse encontro e os que se seguiram tão secretos quanto possível. Mesmo assim, em pelo menos uma ocasião foram flagrados por um monge que não estava envolvido com a rede. Aconteceu logo depois que Gino chegou com uma de suas entregas. Por acaso, **Pier Damiano**, na época com 22 anos de idade, estava saindo de sua cela quando viu o ciclista em pé na porta lateral. Confuso, Damiano parou e observou o estranho, reconhecendo imediatamente o rosto e a figura musculosa que já havia visto em inúmeros jornais.

Niccacci fez Damiano jurar segredo sobre a visita de Gino. Era essencial que a rede que eles haviam montado continuasse a funcionar sem interrupção, porque a chegada de Gino entregando fotografias só podia

significar uma coisa: em Florença, o cardeal Dalla Costa estava precisando de mais **documentos de identidade falsificados**.

POUCAS COISAS ERAM MAIS IMPORTANTES na Itália ocupada pelos alemães do que **documentos de identidade**. Em geral um pouco maior do que um pequeno panfleto dobrado, consistia, tipicamente, de uma fotografia carimbada e algumas informações que detalhavam nome e endereço do portador, bem como seus antecedentes raciais e tipo de pele (registros possíveis incluíam “saudável” e “rosado”). Para quase tudo se precisava de uma identidade: alugar apartamento, conseguir cupons de racionamento, manter um emprego, até simplesmente passar por uma verificação policial nas ruas. “**Um homem sem documento de identidade**”, explicaria mais tarde Giorgio Goldenberg, “não existia”. Para os judeus na Itália, que tinham se tornado inimigos do Estado e podiam ser presos a qualquer hora, significava que a possibilidade de detenção estava em qualquer esquina da vida cotidiana. Documentos de identidade falsificados, que escondessem sua herança judaica, eram, portanto, essenciais para a sobrevivência.

No entanto, a posse de documentos falsificados era crime grave na Europa ocupada. Um refugiado judeu capturado com esse tipo de documentação seria preso e provavelmente deportado para um campo de extermínio. **Um falsificador que fosse capturado** produzindo tais documentos poderia ser executado pelo crime. Dadas essas punições tão severas, era difícil encontrar falsificadores habilidosos e com coragem suficiente para realizar o trabalho. Documentos falsos de boa qualidade, capazes de passar pelas constantes inspeções, tornaram-se mais valiosos do que ouro.

NESSE CLIMA DE DESESPERO no começo do outono de 1943, frei Niccacci descobriu-se guardião de um improvável segredo alquímico. Em uma rua lateral de Assis ele havia encontrado um impressor competente chamado **Luigi Brizi**. Agora só precisava convencê-lo a arriscar tudo e se tornar um falsificador.

Baixo e corpulento, em suas idas e vindas pela cidade Brizi geralmente usava macacão e boina italiana. Aos 71 anos, era o patriarca de uma família com raízes bem remotas na história de Assis. Um de seus antepassados, Eugenio Brizi, havia sido prefeito da cidade e conhecido aliado local de Giuseppe Mazzini, personagem-chave na luta pela independência italiana no século XIX. Outros membros da família haviam sido ricos proprietários que

acumularam um número significativo de prédios numa cidade vizinha. Na época de Brizi, porém, a família havia inexplicavelmente caído em estado de refinada pobreza. Todo o patrimônio imobiliário fora vendido, e os ganhos haviam sido gastos. Em Assis nada mais restava além de uma rua que recebera o nome de Eugenio, obscura lembrança da proeminência que outrora a família tivera na cidade.

Quando jovem, Brizi teve a ideia de montar uma loja em Assis. Escolheu um espaço comercial na piazza Sta. Clara, do outro lado da basílica dedicada à santa do século XIII que era a figura religiosa mais importante de Assis depois de São Francisco. Como muitas lojas da cidade, era pequena e estreita, com no máximo 4,5 metros de largura, e mal-iluminada; suas frias paredes de pedra cercavam um assoalho rudimentar de madeira que parecia prestes a afundar a qualquer momento.

No começo, Brizi pretendia se concentrar no comércio de papelaria e material de escritório. Com o passar dos anos, no entanto, acrescentou um pequeno estoque de quinquilharias para turistas – imagens religiosas, medalhas, peças entalhadas e coisas assim. A renda gerada por tudo isso devia ser mínima e certamente insuficiente para sustentar mulher e cinco filhos. Então, começou a oferecer também **serviços de impressão**. Sentado atrás de uma impressora Felix reformada que instalou num canto de sua pequena loja, ele a afagava como um virtuoso diante de um piano, e passou a imprimir cardápios, tabelas de preços e circulares para restaurantes, hotéis e igrejas da cidade.

Provavelmente Brizi conheceu Niccacci nesse contexto, mas isso não é certo. Certo é que eles não se encontraram por uma afinidade comum pela Igreja católica. **Brizi era ateu**, embora vivesse em uma das cidades mais religiosas da Itália. Tinha pouca paciência com proselitismos e, como seus ancestrais, identificava-se de perto com a corrente da política italiana que via com ceticismo a influência da Igreja sobre a nação.

Deve ter sido no mínimo incomum, na Assis da década de 1930, o chefe de um mosteiro tornar-se amigo de alguém que evitava a Igreja a qualquer custo, o que revela a capacidade de tolerância de cada um deles. Com o tempo, a amizade cresceu, cultivada por seu próprio ritual semanal – uma partida de damas em um pequeno café na piazza da cidade todas as quartas-feiras, dividindo uma garrafa de vinho da Úmbria.

NO OUTONO DE 1943, uma conversa transformaria essa relação. Aconteceu depois que o bispo Nicolini encarregou Niccacci de ajudar um grupo recém-chegado de refugiados judeus. Todos precisavam de documentos falsos. Um dia, depois do jogo de damas semanal, Niccacci pediu a Brizi que o ajudasse. Enquanto caminhavam pelas estreitas ruas de Assis pavimentadas de pedra, os sinos começaram a tocar chamando para as vésperas. Niccacci apresentou a ideia, lembrando Brizi da contribuição judaica para a causa da libertação italiana, ciente do apoio da família Brizi ao nacionalismo do país. Niccacci continuou falando, levando Brizi através de uma breve história dos judeus na Itália, até chegar ao fim de seu tortuoso monólogo.

“Luigi Brizi, você vai ajudá-los?”

“Judeus? Aqui em Assis?”, perguntou Brizi, incrédulo e com boas razões para tal. Nunca na história de Assis existira uma comunidade judaica.

“Sim.”

“Como?”

“Imprimindo documentos de identidade falsos em sua gráfica. Contribuindo para a causa que você mesmo defende – liberdade e democracia. Pagando as dívidas que Mazzini, Garibaldi, Cavour e Brizi fizeram com eles. Salvando suas vidas.”

Atordoado, Brizi manteve silêncio. Aos poucos, porém, as palavras de Niccacci começaram a surtir efeito, enquanto o velho gráfico reagia à percepção de que os descendentes de patriotas italianos estavam agora sendo traídos pelo próprio país que haviam ajudado a criar. Finalmente respondeu.

“Vou fazer isso, mas com uma condição. Não quero que meu filho, Trento, saiba, nem que ele se envolva de nenhuma maneira. No caso de alguma coisa acontecer comigo, não quero que ele seja incriminado.” Trento, de 28 anos de idade, acabara de retornar a Assis, no começo de setembro, depois de lutar na frente iugoslava. Tendo quase perdido o filho para a guerra, Brizi não queria arriscar a vida dele de novo.

Poucos dias depois, Brizi estava na loja trabalhando nos documentos falsos quando o filho entrou. Tentou esconder o que fazia, mas Trento exigiu que o pai contasse o que estava acontecendo. Primeiro Brizi resistiu, mas depois, diante da insistência do filho, cedeu. Fez com que ele jurasse segredo e então explicou o que Niccacci lhe havia solicitado. Quando o pai terminou, Trento replicou: “Lutei durante três anos na frente de batalha, ouvi

as balas assobiando a minha volta e a estas alturas já não tenho medo de nada. Se você está fazendo alguma coisa, eu também vou fazer. Vou ajudar você.” O velho relutou, mas concordou.

Nas horas seguintes, pai e filho **trabalharam intensamente em sua criação nos fundos da loja**. Brizi continuou as experiências com os tipos móveis e imprimiu amostras em cartolinas de diferentes qualidades. Trabalhando em algo que Niccacci havia sugerido ao pai, Trento começou a confeccionar o primeiro de vários carimbos de borracha de diferentes comunidades, como Lecce e Caserta, que estavam além das linhas aliadas, e que portanto não podiam ser verificadas pelas autoridades fascistas. Juntos fizeram várias cópias, provando algo em que Brizi acreditava havia muito tempo: **“Imprimir é como fazer panquecas** – quanto mais se faz, mais bonitas elas ficam.” Finalmente, conseguiram produzir um documento de identidade aceitável. Preencheram-no com as informações pessoais que Niccacci lhes havia passado. Quando terminaram, sua primeira carteira falsificada estava completa: Enrico Maionica, refugiado judeu que havia chegado a Assis vindo do norte, de Trieste, tornou-se Enrico Martorana, solteiro, originário da cidade de Caserta, ao sul.

Quando já estavam empacotando, ouviram um barulho do lado de fora da loja. Brizi fez sinal para Trento fazer silêncio e apagou a luz. Prenderam a respiração e foram para a frente da loja. Trento olhou para fora por uma fresta na persiana. Ouviram duas vozes masculinas, o ruído de um fósforo acendendo um cigarro, e então um dos homens disse *“Danke schön”*, “obrigado” em alemão. Embora houvesse pouca luz, Trento reconheceu os uniformes da SS alemã e da polícia fascista italiana. Haviam parado para fumar um cigarro lá fora. Depois de alguns minutos foram embora.

“Que medo! Fiquei com vontade de largar tudo”, lembrou Trento mais tarde. Mas então reconsiderou. Niccacci estava arriscando a vida para proteger os judeus, e Trento decidiu que também não queria desistir. Assim, embora já tivesse soado o toque de recolher e de haver soldados fascistas e alemães patrulhando as ruas, Trento escondeu o novo documento de identidade nas calças e saiu da loja. Atravessou a piazza, passou pelo arco que havia a um canto, desceu os degraus e seguiu pelo caminho que levava, em meio aos ciprestes e oliveiras, ao mosteiro São Damião.

Chegando lá, Trento tirou o documento do bolso. Niccacci examinou-o com atenção. “Meu Deus, vocês são muito bons. Está perfeito. Diga a seu pai que existem dezenas de judeus escondidos aqui e que vou precisar de várias

carteiras de identidade como esta. Mas, por favor, sempre mudem a cidade. Carteiras de identidade idênticas vão despertar as suspeitas dos nazistas.”

E, então, como se sentisse a enormidade de seu pedido, Niccacci ofereceu um pequeno auxílio. Prometeu providenciar para que os documentos de identidade fossem preenchidos com as informações pessoais apropriadas, tais como local de nascimento e nome dos pais.

QUIS O DESTINO QUE **Enrico Maionica**, que recebeu o primeiro documento falso, fosse o último elo da corrente de falsificadores. Era um atlético estudante de engenharia química que chegou a Assis no outono de 1943 com uma história de perseguições comum a todos os judeus ocultos na pequena cidade. Sua viagem para Assis tinha sido um pesadelo, escondendo-se dos numerosos policiais alemães e fascistas que percorriam os trens superlotados de gente e seus pertences. Algumas pessoas, desesperadas, viajavam nos engates entre os vagões; outras iam em cima dos carros, agarradas no teto, e morriam quando os trens passavam pelos túneis estreitos e baixos. Chegando a Assis, Maionica escondeu-se por um tempo em um asilo administrado por uma ordem de freiras. Sabendo do risco de ser identificado como judeu, pediu a Niccacci que o ajudasse a obter documentos de identidade falsos, e logo foi incluído na rede de falsificação do monge.

Trabalhando num quarto dos fundos do convento de San Quirico, em Assis, Maionica e outros dois judeus que ali se escondiam **assumiram a tarefa de finalizar os documentos de identidade** que Brizi criava. (Com o tempo, os três iriam expandir suas operações e criar também carteiras de motorista e cupons falsos de racionamento.) Ele fixava cuidadosamente nos documentos em branco as fotografias que Niccacci lhe entregava. Usando um velho catálogo de telefones do sul da Itália, um de seus parceiros selecionava nomes de pessoas de regiões já sob o controle aliado, adequando-os aos carimbos criados pelos Brizi. Num trabalho conjunto, os três datilografavam os novos nomes nos documentos de identidade com uma velha máquina de escrever e forjavam assinaturas onde fosse necessário.

Feito isso, os documentos pareciam prontos. Mas, em um momento de inspiração, Maionica percebeu que faltavam duas coisas. A primeira era um selo da Casa de Savoia, o endosso da família real italiana que ele havia visto em muitas carteiras de identidade antigas. O problema era que esses selos eram muito detalhados para ser entalhados rapidamente à mão e muito

singulares para serem executados pela maioria dos tipógrafos. Desesperado, visitou várias gráficas locais. Quando finalmente encontrou uma que executava o selo, roubou a matriz e usou-a para imprimir as armas de Savoia nos documentos de identidade e nas carteiras de motorista.

Como toque final, arquitetou um esquema para acrescentar mais um elemento de autenticidade às carteiras falsificadas. Corajosamente, arriscou-se a ir até uma casa das vizinhanças onde moravam alguns soldados italianos e os convenceu a vender-lhe as etiquetas (semelhantes aos selos de correio) de suas carteiras de motorista. Surpreendentemente, muitos aceitaram ganhar algumas liras extras, talvez porque a maioria deles não iria mesmo dirigir enquanto durasse a guerra. Com um papel mata-borrão úmido, Maionica destacava as etiquetas e as encharcava com lixívia para dissolver a tinta do carimbo que fora estampado quando de sua autenticação original. Depois de secas, ele as colava nos documentos falsificados que estava fazendo. “**Eu colocava etiquetas de três ou quatro anos, para dar mais autenticidade**”, explicou posteriormente.

Quando afinal os documentos ficavam prontos, Maionica passava-os para frei Niccacci. Não sabia quem os receberia nem para onde iriam. (Só depois da guerra descobriu que muitos eram contrabandeados para Florença na bicicleta de Gino.) Daí em diante, ou Niccacci entregava os documentos diretamente para Gino, ou os passava para a madre superiora do convento San Quirico guardar. Durante um tempo eles ficariam escondidos até o ciclista voltar para pegá-los.

Quando Gino voltou ao mosteiro, agiu mais ou menos como da primeira viagem, mas sua chegada a San Quirico chamou mais atenção. “**Ele chegou de bicicleta e pediu para falar com a madre superiora**”, relatou irmã Alfonsina, a primeira a ver Gino chegar. “Ainda me lembro dele. Era forte e usava calças curtas.” **Outra freira, a irmã Eleonora, também falou com ele e ouviu sua voz.** Mas nunca o viu, porque, como a maioria das freiras do convento, havia renunciado ao contato com o mundo exterior. Sua interação com Gino limitou-se ao que ela pôde ouvir, parada atrás da *ruota* do convento, uma roda de madeira na qual artigos do mundo exterior eram colocados e retirados, sem que a freira que aguardava tivesse de ver ou tocar a pessoa do outro lado.

Recebidos os documentos falsos, e colocados em segurança na bicicleta, embaixo do selim, Gino partia de novo para a Toscana, esperando conseguir chegar em casa com a luz do dia. Dado o perigo de **violar o toque de**

recolher, crime passível de até um ano de prisão, sem dúvida era o período menos suspeito para fazer o caminho de casa. No entanto, havia riscos. Uma vez Gino parou em um café em Bastia Umbra, perto de Perugia, e ocorreu um episódio assustador. Ele deixou a bicicleta encostada na parede e entrou para tomar um café. Alguma coisa chamou a atenção de um avião aliado que voava acima, e ele disparou uma curta rajada de metralhadora na direção da bicicleta e do café. Pode ser que o piloto estivesse reagindo a qualquer coisa, mas Gino tinha certeza de que o cromado da bicicleta, brilhando ao sol, havia atraído o ataque. Dali em diante adquiriu o hábito de sujar a bicicleta antes de sair, para que ela não produzisse tantos reflexos. **Para alguém tão meticuloso com a bicicleta, isso parecia “sacrilégio”**, como diria depois o filho de Gino.

Os ataques aéreos, contudo, eram ameaça menor do que as patrulhas terrestres. Nas cidades, soldados uniformizados podiam parar qualquer um, a qualquer momento, por qualquer razão. Como se fuzis, granadas e outras armas que os soldados normalmente carregavam não despertassem medo suficiente, um anúncio em jornais advertia os civis italianos: **“Se você for abordado na rua** por qualquer patrulha militar que pergunte ‘Quem vem lá?’, pare imediatamente, dê seu nome e sobrenome, e aguarde o chefe da patrulha. Então, quando solicitado, mostre seus documentos. *Tome cuidado e não faça qualquer movimento brusco.*”

No campo, essas patrulhas assumiam a forma de grupos móveis de soldados alemães e italianos em caminhões e motocicletas que sistematicamente detinham civis e revistavam casas, tentando impedir que os *partisani* contrabandeassem materiais para seus ataques guerrilheiros. Se Gino tomasse conhecimento deles ainda a certa distância, pegava uma estrada lateral ou procurava algum lugar em que se pudesse esconder rapidamente. Uma vez chegou **a pular numa vala** quando viu, numa estrada escura, os faróis de uma motocicleta militar se aproximando.

Gino fugia desses encontros porque muitos soldados pareciam ofuscados por sua ideologia venenosa. **“Eu não era nem quente nem frio a respeito de política.** Não era meu negócio”, ele revelou. “Eu queria ser esportista.” Depois do outono de 1943, entretanto, isso se tornara impossível. Quando estava com os documentos escondidos na bicicleta, **qualquer parada num posto de controle militar** enchia-o de medo, pois seu trabalho poderia ser descoberto.

As verificações, porém, eram inevitáveis, particularmente nos arredores de cidades como Florença, cujo acesso era necessariamente feito por estradas específicas. E, assim, Gino tinha de pensar em seus próprios meios para enfrentar isso. Quando o mandavam parar em um posto de controle, ia para o lado da estrada. “*Documenti, prego*” – “Seus documentos, por favor” –, dizia um dos soldados. Um militar examinava cuidadosamente o rosto de Gino, enquanto outro verificava os papéis. Se ainda não o identificavam de vista, a maioria dos soldados reconhecia o nome instantaneamente. Se Gino percebesse que supunham que ainda era soldado, fingia estar fazendo seu antigo trabalho de mensageiro. Se lhe perguntassem por que não estava alistado, esclarecia que pedira baixa para se concentrar nos treinamentos e em ganhar corridas que trariam maior glória para a Itália (torcendo para que seu interlocutor desconhecesse o fato de que todas as corridas haviam sido suspensas). Enquanto muitos soldados haviam sido obrigados a voltar ao serviço militar depois que os alemães assumiram o controle ou tinham sido classificados como desertores se se recusavam a fazer isso, Gino conseguiu evitar ambas as situações devido ao mero acaso de o oficial que processou seu pedido de dispensa ser fã de ciclismo.

Não era de surpreender que Gino encontrasse muitos desconhecidos atenciosos ou mesmo fãs apaixonados entre os soldados que patrulhavam a Toscana e a vizinha região da Úmbria. Muitos jovens recrutas estavam entre seus mais entusiasmados admiradores nas corridas em que ele ascendeu à fama no fim da década de 1930; e nos anos seguintes, trabalhando como mensageiro militar, se tornara amigo de inúmeros militares da região.

Mesmo assim, ainda era revistado nos postos de controle; sem carregar volumes ou armas, entretanto, parecia bem inofensivo. Afastadas as suspeitas, os membros da patrulha liberavam-se fugazmente das ansiedades da guerra e se deliciavam com o fortuito acaso de encontrar uma das mais famosas celebridades esportivas da nação. Gino reconhecia esse interesse e se aproveitava um pouco dele. Os soldados rasos adoravam autógrafos ou uma piada bem-colocada em toscano, o dialeto local orgulhosamente exibido como marca de autenticidade toscana. E Gino também agradava aos chefes de patrulha ou outras autoridades que gostavam de brincar de especialistas em ciclismo, prestando-lhes requintada atenção e fazendo algumas observações lisonjeiras. Quando acabava a conversa com os soldados, Gino montava de novo, com os documentos ainda em segurança no interior da

bicicleta, e continuava até Florença, onde começaria a distribuição das falsificações.

A maior parte era entregue a um dos assistentes do cardeal, que a passava adiante para outro cúmplice ou a entregava pessoalmente a quem se destinava. Foi o caso dos Frankenthal, transformados em Franchi e que só alguns meses depois da guerra descobriram que Gino havia levado suas identidades falsas para Florença. Em casos mais raros, os refugiados recebiam as identidades diretamente de Gino. Dessa maneira, por exemplo, os Goldenberg, alojados no apartamento de Gino, tomaram conhecimento de seus novos nomes. Iriam se passar vários anos até eles conhecerem os incríveis detalhes da confecção de seus documentos de identidade.

Por mais eficaz que fosse o esquema de falsificação, aconteciam erros. Em uma ocasião, Gino foi a Lido di Camaiore entregar um conjunto de documentos falsos aos Donati, uma família judia de Florença que estava escondida naquela cidade costeira da Toscana. Tudo havia sido combinado, mas, quando ele chegou, a mulher não judia na casa de quem eles estavam entrou em pânico. Com medo de que a chegada de Gino ou a entrega dos documentos colocasse sua família em risco, ela o fez voltar da porta. Embora pelo resto da ocupação ela continuasse a ajudar os Donati, sem carteiras de identidade eles viveram em perigo diário.

O FATO DE A OPERAÇÃO de falsificação estar localizada em Assis demonstrou-se elemento importante para a rede de socorro. Sem indústria de qualquer tipo, a cidade tinha pouco valor estratégico e, portanto, não era alvo nem dos alemães nem das forças aéreas aliadas; a proximidade de fazendas e de atividades a elas relacionadas, como o moinho da família Niccacci, significava que a escassez de alimentos era menos aguda. No geral, seus moradores foram poupados de alguns dos aspectos mais brutais da fome e da violência que aterrorizavam o restante do país.

No entanto, de certa maneira, esses pequenos confortos também significavam risco, já que tornavam mais fácil perder de vista os perigos que rondavam a cidade. A verdade é que o Exército alemão e os fascistas italianos nunca deixavam de ser vistos em Assis. Ocorriam revistas nas casas; o perigo de ser traído por civis em troca de recompensas monetárias era invisível, mas sempre presente. À medida que as semanas se transformavam em meses e a rede de socorro entrava em seu próprio ritmo, era fácil ficar descuidado.

Numa manhã nublada do começo de 1944, Trento Brizi foi o primeiro a sentir os perigos de tal complacência. Estava trabalhando sozinho no último pacote de carteiras de identidade nos fundos da loja e se esqueceu de puxar a cortina que separava a área da frente. O susto foi grande quando dois soldados alemães uniformizados entraram na loja. Engoliu em seco. “Fui pego”, pensou. “Eles me viram e agora vêm prender-me.” Aterrorizado, caminhou na direção dos soldados para enfrentar seu destino.

Num italiano estropiado, um dos soldados educadamente explicou que queriam levar imagens de santa Clara para as esposas. Tentando se acalmar, Trento mal conseguia controlar os braços trêmulos para pegar duas imagens de madeira. Quando o soldado perguntou o preço, Trento replicou: “Nada, um presente de Assis para nossos amigos alemães.” Os alemães agradeceram calorosamente e saíram, sorrindo.

Dentro de Trento, algo se rompeu. A pressão de produzir as identidades falsas finalmente o atingiu. Um pequeno desleixo quase resultara em prisão por um crime que normalmente significava execução. Ele não podia mais arriscar a vida assim. Sabia que tinha de procurar frei Niccacci imediatamente e contar sua decisão de desistir daquilo. Escondeu o que vinha fazendo, saiu da loja e desceu correndo a estrada ladeada por ciprestes que levava ao mosteiro.

Quando chegou, um monge atendeu-o à porta lateral e pediu que esperasse no pátio. Enquanto lá estava, avistou frei Niccacci conversando com alguém em uma sala do outro lado, próximo à porta da frente. Era um jovem de cabelos escuros penteados para trás e encostado no guidão de uma bicicleta. Estava de calções, e as formas musculosas das pernas eram evidentes até mesmo de onde Trento estava. “Tenho certeza de que já vi esse homem antes em algum lugar”, pensou Trento.

O homem caminhou para o portão principal, montou a bicicleta e partiu. **Frei Niccacci começou a andar na direção de Trento**, que mal conseguiu conter a surpresa quando se deu conta de quem era exatamente aquele homem.

“Mas, frei, não é...”

“Sim, Trento, realmente é o grande corredor Gino Bartali”, Niccacci o interrompeu. “Pelo amor de Deus, não diga a ninguém que o viu aqui.”

Atordoado, Trento ouviu Niccacci dar mais algumas explicações para afastar o ar de surpresa de seu rosto. “Você vai gostar de saber que alguns

dos documentos que você preparou foram levados para Perugia e Florença pelo próprio [Gino]”, continuou Niccacci. “Falando nisso, Trento, como está indo o trabalho?”

“Bem... bem”, gaguejou Trento, admirador do grande astro. “Não deixe de dizer a Bartali que logo terá que pedalar com mais carteiras de identidade. E diga a ele para treinar bastante.”

Trento voltou para a loja. Mais tarde, refletiu sobre a singular importância que aquele momento teve sobre sua decisão de continuar a fabricar documentos de identidade falsos. “Sim”, revelou, “a ideia de fazer parte de uma organização que poderia se gabar de ter em seus quadros um campeão como Gino Bartali me encheu de tanto orgulho, que o medo ficou para trás.”

9. Queda livre

ENQUANTO A PRIMAVERA se esgueirava, tomando o lugar do inverno, a Florença que Gino tinha aprendido a amar desde menino passava por veloz mutação, tornando-se um lugar monstruoso e irreconhecível. Diariamente os jornais exibiam extensas matérias escritas pelo comandante alemão em Florença convocando os trabalhadores italianos para as fábricas alemãs. “**A Alemanha oferece a você trabalho, salário e bem-estar. Aceite!**” Poucos italianos, entretanto, estavam dispostos a abandonar suas raízes em prol de uma guerra voraz que consumia homens e bens a taxas alarmantes. Em Florença, **12 mil trabalhadores entraram em greve**, e dezenas de paralisações ocorreram em outras cidades toscanas. Os protestos muitas vezes provocavam represálias brutais, e diversos trabalhadores que entraram em greve ou se recusaram a se alistar **foram executados publicamente**. Combinada com uma frequência maior de ataques aéreos, essa violência ultrajante assustou ainda mais os italianos, que se mostravam progressivamente temerosos. Em meio a uma população faminta e furiosa, cada dia parecia trazer risco crescente de sair de controle.

Nessa fantasmagórica primavera de 1944, Adriana Bartali era atormentada por dramáticas novidades pessoais. **Estava grávida**. Em qualquer outra época essa notícia seria fonte de incondicional celebração na família Bartali. Com as rações de guerra minguando a ponto de deixar muitos florentinos subnutridos ou mesmo famintos, no entanto, a notícia trouxe uma vertiginosa preocupação ao lado de profunda alegria. Até uma celebridade como Gino tinha que batalhar a fim de conseguir provisões suficientes para alimentar Adriana, o filho de dois anos e ele próprio. As prateleiras das lojas das vizinhanças continuavam vazias, e suas cotas de produtos racionados diminuía cada vez mais. O **azeite de oliva** – o tesouro da despensa de qualquer dona de casa italiana – já não aparecia regularmente, e quando aparecia um litro às vezes custava o salário mensal de um

funcionário público. A carne se havia tornado tão escassa, que muitas vezes só se conseguiam ossos – com o que sempre se podia fazer sopa, contudo. O que se passava por pão, no entanto, era algo pouco comestível: uma mistura grumosa de batatas, maisena e insetos. Tendo que pensar na criança que iria nascer, a luta dos Bartali para conseguir comida tornou-se ainda mais premente.

Obrigada a enfrentar as novas circunstâncias, Adriana se preocupava menos do que seria de esperar com o fato de o marido sumir durante dias seguidos ao longo do inverno. Naturalmente ela havia perguntado várias vezes a Gino por onde ele andava, já que não havia corrida desde a primavera de 1943. Gino, porém, nunca respondia, de modo que Adriana parou de perguntar. O tempo revelaria que esse silêncio foi um dos mais generosos presentes que Gino lhe deu. Ela mesma se descrevia como uma “**personalidade ansiosa**”, mesmo nos dias mais felizes, e seu frágil estado durante a guerra talvez não resistisse se soubesse de todos os riscos que o marido enfrentava. Além disso, essa ignorância forçada era uma proteção contra as acusações das autoridades. Em caso de prisão ou de interrogatório de Gino, quanto menos ela soubesse, mais provável seria que não fosse considerada culpada.

As aflições de Adriana só aumentariam se ela soubesse que Gino havia mergulhado ainda mais nos esforços de socorro. Ele agora também coletava comida e roupas para um número cada vez maior de refugiados não judeus vindos das partes bombardeadas da Itália, em busca de abrigo no Vaticano e em outros lugares. Quando Niccacci e outros passaram a ajudar pequenos grupos de refugiados judeus a se aproximar das linhas aliadas no sul, Gino recebeu a missão de verificar trechos do caminho. Ele concordou e chegou a percorrer 430 quilômetros, a partir de Florença, **para verificar e comunicar a localização dos postos alemães de controle**. Com o tempo, **Gino conheceu alguns contrabandistas** que estavam dispostos a infiltrar judeus furtivamente no território aliado, e logo estava negociando o preço dos serviços. Quando uma patrulha alemã matou um desses contrabandistas e prendeu outro, foi Gino **quem primeiro teve conhecimento da notícia**, que repassou para Niccacci, em Assis.

UM POUCO ALÉM da casa dos Bartali, na via del Bandino, a escalada de violência também deixava os Goldenberg muito nervosos. Na primavera de 1944, a mãe de Giorgio Goldenberg decidiu que era tempo de tirar o filho do

pensionato Santa Marta e reuni-lo à família, escondida em Florença. Sua preocupação era pertinente. Ainda que ela desconhecesse o fato, os alemães haviam ido sem aviso prévio ao asilo à procura de crianças judias escondidas. Para identificá-las, chamaram todas para o pátio e mandaram rezar uma ladainha de orações católicas. Felizmente, *mamma Cornelia* havia se antecipado e lhes ensinado as orações requisitadas. E se alguém esquecesse uma frase, bastava olhar atrás dos soldados, e lá estava ela, pronunciando as palavras com os lábios, em silêncio, para garantir que ninguém tropeçasse.

Para os judeus na Itália, como os Goldenberg, a vida havia entrado em nova fase do pesadelo. Os alemães e seus colaboradores fascistas aumentaram a intensidade das perseguições, mesmo quando se tornou cada vez mais óbvio que seriam derrotados na guerra. Além de vasculhar conventos e mosteiros, os nazistas invadiam asilos de idosos e hospitais à procura de judeus. Os números logo ilustraram os resultados desse zelo assassino. Na primavera de 1944, com pouco mais de seis meses de ocupação, *mais de 6.500 judeus* (estrangeiros e italianos) haviam sido embarcados em trens só para Auschwitz.

Quando Elvira Goldenberg apareceu no Instituto Santa Marta, *Giorgio ficou encantado com a perspectiva de se reunir aos pais* e à irmã, Tea. Mas percebeu de imediato quão dramaticamente mudara a vida da família. Havia muito que a casa em Fiesole ficara para trás e o quarto no apartamento dos Bartali na via del Bandino também havia sido evacuado, por medo das investidas cada vez mais frequentes de nazistas e fascistas. Gino havia encontrado um lugar na *cantina*, ou porão, de um prédio um pouco adiante, na mesma rua – um espaço com pouco mais de três metros por três, de teto baixo e paredes de pedra; não havia janelas, e a única porta estava sempre fechada. Escuro e frio, cabia no quarto pouco mais do que a cama de casal que os quatro Goldenberg dividiam. Não havia eletricidade nem água corrente.



Florença devastada pela guerra (c.1944).

A vida na *cantina* se passava na menor escala imaginável. Só a mãe de Giorgio saía, armada com um balde d'água em cada mão. Com cabelos castanho-claros e olhos azuis, ela não chamava atenção em Florença. Para o pai de Giorgio, a irmã e ele próprio, era muito perigoso sair do esconderijo subterrâneo. Em consequência, os dias transcorriam entre o terror avassalador e o tédio. “O que você pode fazer quando está trancado em um quarto 24 horas por dia sem poder sair?”, Giorgio comentou mais tarde. “Minha irmã e eu ficávamos sentados contando as moscas.”

A fome continuava sendo uma obsessão constante. A comida era sempre escassa e geralmente consistia de uma parca porção de arroz, de macarrão ou de pão dormido. A maior parte era levada por Gino e Sizzi, e Elvira Goldenberg conseguia o resto em suas expedições por Florença. Num canto do quarto no porão ela mantinha um saco em que guardava as sobras das refeições do dia para servir no dia seguinte.

A noite trazia o toque de recolher e os blecautes obrigatórios. Nas longas horas de escuridão, qualquer som, imaginário ou real, servia impiedosamente de alimento para a imaginação das crianças. Para Giorgio, o grito estridente dos alarmes antiaéreos evocava a imagem indelével de um céu coalhado de aviões bombardeiros. Para Tea, era o som dos coturnos alemães estalando nas ruas de pedra, seu tinido metálico, que se transformava na trilha sonora de seus pesadelos.

À MEDIDA QUE A VIOLÊNCIA se espalhava, Adriana Bartali se sentia em queda livre. Depois de quase quatro anos, a guerra já não parecia evento com começo definido e fim provável. Em vez disso, evoluíra para incessante alucinação pontuada por mudanças súbitas, quando o perigo aumentava e eles saíam de casa para ficar com amigos em partes mais seguras da Toscana. Ela temia as noites em que o grito estridente dos alarmes antiaéreos invadia seu sono e, numa corrida louca, ela e Gino agarravam Andrea e desabalavam para os campos, juntando-se a incontáveis pessoas tentando escapar das bombas.

“O ar reverberava com o ronco pesado dos motores, como um cobertor de ondas sonoras suspenso acima de nós”, escreveu alguém sobre um bombardeio na Toscana naquela época. “O zumbido hipnótico vibrava, saturando cada centímetro cúbico de ar.” Sobre suas cabeças eles viam os “fogos de Bengala” azulados – artefatos usados pelos bombardeiros para iluminar os locais que desejavam atingir. Eles pairavam no ar, suspensos por paraquedas, e durante alguns segundos tudo era inundado por um brilho fantasmagórico, deixando as pessoas embaixo completamente expostas e sem enxergar, procurando esconder-se nas trincheiras profundas e nos abrigos cavados no solo da Toscana. Os aviões, invisíveis na noite escura acima dos fochos de luz, despejavam uma barragem de bombas que gritavam no ar até se chocar com a terra e desencadear uma série de explosões. Quando Adriana carregava Andrea, cobria seus ouvidos com as mãos e o envolvia nos braços enquanto se encolhiam, sentindo o solo tremer com o impacto das bombas. Finalmente soava o aviso de fim do alerta, mas a maioria esperava que ele tocasse durante algum tempo até ter coragem de sair. E quando se erguiam com cuidado e voltavam para casa, sentiam muitas vezes o cheiro da fumaça acre e ouviam as sirenes das ambulâncias. Caminhavam penosa e vagarosamente para casa, onde esperavam, tensos, o próximo uivo dos alarmes.

Durante o dia não era menos letal. À medida que os aliados avançavam lentamente pela Itália, os bombardeios aumentavam sua frequência e ferocidade, e espalhavam permanente ansiedade que tudo permeava, até parecer assumir vida própria. Em um dia do começo do verão de 1944, Gino evacuou a família para a casa de um amigo em uma cidade no topo de uma colina a sudoeste de Florença. Aos poucos, a frente de batalha se aproximava de Florença, e, ainda que a distância, eles já podiam ouvir **tiros esporádicos** e artilharia. Os canhões eram os mais traiçoeiros. Diferentemente das sirenes antiaéreas, que davam às pessoas alguns minutos para se proteger dos ataques aéreos, as balas de canhão **surgiam de qualquer lugar sem serem anunciadas**, disparadas de tanques ou de outros tipos de artilharia terrestre, muitas vezes a quilômetros de distância.

Diminuído o pânico inicial que provocara aquela evacuação, os Bartali se viram num período de calma muito bem-vinda. Gino, o amigo e Adriana consideraram um pequeno passeio perto de casa bom remédio para recompor suas reprimidas energias nervosas. Os homens logo se puseram a conversar, andando à frente de Adriana, que ficou um pouco para trás; caminhar estava ficando mais penoso, com a criança crescendo em seu ventre. Ouvindo um baque surdo a cerca de cinco metros, Adriana ficou imóvel. **Uma enorme bala de canhão se cravara na terra**. De onde teria vindo? Paralisada, Adriana fitava o projétil, sem nada ouvir além do silêncio letal.

Após alguns segundos agoniados, ela soltou lentamente a respiração. O artefato falhara. **“Se tivesse explodido**, eu iria pelos ares”, se deu conta, horrorizada. Caminhou lentamente para casa, o rosto pálido, cinzento. Gino ficou arrasado quando tomou conhecimento do que tinha ocorrido, percebendo que por um triz não perdera a mulher e o filho ainda não nascido.

Em algum momento o peso acumulado dessas preocupações com a família e com o trabalho secreto para o cardeal começou a perturbar a mente de Gino. **“Tentar se recompor, dia após dia ... sem alegria, sem satisfação**, em um estado de depressão e de ansiedade constante”, revelou, fazia-o abatido e recolhido em si mesmo, cada vez mais inquieto e inconstante – sinais reveladores de uma doença que na época era conhecida como **“neurose de guerra”**. (O distúrbio de tensão pós-traumática, ou DTPT, só recebeu esse nome em 1980.) **“Em qualquer lugar eu me sentia como se estivesse sendo seguido”**, lembrou Gino. “Eu, que dormia muito pouco,

passsei a não dormir de todo. Passava a noite inteira ouvindo o chiado de um lampião a querosene.”

Ele estava começando a desabar. O álibi para suas misteriosas excursões pela Toscana e Úmbria mostrava-se cada vez mais questionável, à medida que as corridas da primavera do ano anterior se tornavam memórias cada vez mais distantes do passado, e qualquer um que prestasse atenção poderia perceber que ele estava envolvido em alguma coisa. E no começo do verão, Mario Carità, um bandido fascista, percebeu.

NUM DIA INFELIZ de julho de 1944, Gino recebeu a convocação que temia há muitos meses. **Estava intimado a comparecer ao quartel-general do major Mario Carità**, no prédio que a maioria dos florentinos conhecia apenas por seu apelido, Villa Triste, a “Casa da Tristeza”, por causa dos gritos que de lá se ouviam. Teria algum vizinho avisado um dos criminosos de Carità sobre suas misteriosas viagens a Assis naquele ano? Ou, pior, teriam os Goldenberg sido descobertos? Gino foi ficando em pânico. **“Eram tempos em que a vida tinha pouco valor**, suspensa por um fio e vulnerável às circunstâncias e aos humores alheios”, ponderou. “Você podia desaparecer facilmente, como resultado de ódio, *vendetta*, boatos, calúnia ou fanatismo ideológico.”

Naqueles tempos incertos, nenhum italiano queria cruzar o caminho de Carità. Menos de dois meses após a ocupação alemã da Itália, em setembro de 1943, ele “surgiu em cena **como um insano Minotauro** e começou suas repressões maciças, torturas, interrogatórios infundáveis, tudo acompanhado pelas mais degradantes brutalidades e humilhações”, relatou um historiador. Seu sobrenome, Carità, significa “caridade”, mas seu comportamento era qualquer coisa menos caridoso. A ambição do major era simples. Desejava ser “o Himmler da Itália”, imitando Heinrich Himmler, o chefe alemão da Gestapo e da SS, internacionalmente conhecido por comandar os campos de concentração nazistas. Os homens de Carità, um bando de uns duzentos degenerados, tinham caído nas boas graças dos nazistas porque perseguiam meticulosamente judeus e antifascistas. Na época em que Gino compareceu à Villa Triste, em julho de 1944, Carità havia transformado em sombria ciência a tortura dos suspeitos de ser inimigos das forças fascistas e alemãs.

A apenas poucos quilômetros do coração de Florença, Villa Triste não era uma típica prisão desolada, pelo menos vista de fora, mas um luxuoso edifício de cinco andares, feito de mármore e de pedra amarela, num bairro

preferido por homens de negócios, advogados e outros profissionais liberais. “Os corredores atapetados e os apartamentos suntuosamente espaçosos davam à casa a impressão de um transatlântico que inexplicavelmente tivesse atracado em um pacífico recanto campestre”, como descreveu um historiador.

No entanto, o exterior sofisticado pouco fez para acalmar Gino quando caminhava pelo pátio interno, passando por uma fileira de janelas estreitas e baixas por onde se vislumbravam os depósitos de carvão do térreo, transformados em celas. Quanto mais adentrava o prédio, mais alarmado ficava. Villa Triste era “um lugar sinistro, que despertava terror”, declarou. “Como vou conseguir sair daqui?”, perguntava-se ao cruzar os umbrais. Encontrou-se em um grande saguão ladeado por colunas de mármore, atrás das quais havia uma sala espaçosa com mesa de jantar, frequentemente atulhada de numerosas garrafas de vinho vazias e restos dos pródigos festins que aconteciam quando Carità resolvia transformar o *interrogatório de algum prisioneiro em diversão para a noite*. Nessas ocasiões, ele amarrava o prisioneiro em uma cadeira e o interrogava, algumas vezes simulando execuções. *Disparava o revólver* bem perto de sua nuca, a fim de assustá-lo, enquanto ria com seus convidados. Havia ali um piano, e diz-se que um monge que havia se unido ao bando de Carità tocava “*canções napolitanas e a Sinfonia inacabada de Schubert* ... para abafar os gritos do torturado”.

A maioria dos prisioneiros, no entanto, era primeiramente arrastada para baixo, como Gino, para os porões subterrâneos. Antes que seus olhos se adaptassem às sombras escuras, os sentidos eram assaltados pelo cheiro acre de sangue velho e suor azedo. Os passos rangiam no chão onde se espalhava uma mistura de restos de carvão e sangue. Carità se comprazia em aterrorizar seus prisioneiros antes do interrogatório, e entre seus choques iniciais, quando seus olhos começavam a enxergar o inferno em que se encontravam, estava um conjunto de instrumentos medievais de tortura. Havia “*chicotes grossos, varas de metal, alicates, algemas*”, além das primitivas ferramentas de carpintaria usadas “para arrancar os lóbulos das orelhas de vítimas recalcitrantes”. Em uma sala havia um pesado triângulo de madeira no qual Carità estendia e amarrava os prisioneiros e então os surrava até que a carne pendesse em tiras sangrentas. Em outra área, equipamentos médicos roubados de hospitais eram usados para administrar choques elétricos nos prisioneiros.

Gino vislumbrou os horrores que poderiam estar à sua espera, ao ser levado para uma sala de interrogatórios e aguardar Carità. Sentou-se, petrificado. Os minutos se escoavam e ele ia ficando cada vez mais apreensivo quanto ao encontro com o homem que havia se tornado um dos mais celerados fascistas sedentos de sangue na Itália.

Enquanto esperava, viu, sobre uma mesa, algumas cartas endereçadas a ele. De alguma maneira a tropa de Carità as havia interceptado. Gino entrou em pânico. O que ele poderia dizer se Carità houvesse encontrado algum fragmento de prova sobre seu trabalho de transporte de documentos falsos ou sobre o abrigo dado à família Goldenberg? Ajudar inimigos declarados do Estado, como os judeus, era traição. Muita gente havia sido fuzilada por crimes menores.

Carità irrompeu pela porta. Era uma força a se temer, “**com sua boca de sapo**” e as “pálpebras semicerradas cobrindo os olhos frios de lagarto”. O major disparou uma invectiva contra a religião católica, tentando provocar o ciclista desde o começo. Gino se esforçou para manter a calma.

Carità pegou na mesa uma das cartas endereçadas a Gino e **começou a ler em voz alta**. A carta havia sido enviada do Vaticano e agradecia a Gino por sua “ajuda”.

“Você mandou armas para o Vaticano!”, gritou Carità.

“Não! Essas cartas se referem a farinha, açúcar e café que mandei para pessoas necessitadas. Não mandei armas. Nem sei atirar! Quando prestei serviço militar, minha pistola estava sempre descarregada.”

“Isso não é verdade”, disse o major, olhando fixamente para o prisioneiro com um sorriso intencional.

“É verdade”, replicou Gino, sustentando o olhar firme do major.

Carità não se convenceu. Jogou Gino em uma cela, deixando-o às voltas com suas preocupações e escutando, pois o porão da Villa Triste era um lugar muito barulhento. Homens e mulheres eram arrastados aos chutes e gritos pelas escadas abaixo e depois jogados nas celas, buracos com menos de três metros por dois em que poderiam ficar semanas a fio. Quando não estavam sendo eles próprios interrogados ou torturados, ouviam os gemidos e os gritos de outros prisioneiros nos momentos em que Carità e seus homens tentavam obter informações e forçar confissões de culpa. Para isso apagavam cigarros em seus rostos, perfuravam seus tímpanos com estiletos e os obrigavam a abrir a boca para derramar líquidos escaldantes em suas

gargantas. Se mesmo assim não confessassem, as pancadas continuavam até que as pessoas fossem transformadas em restos irreconhecíveis de carne sanguinolenta e machucada, tão feridas que tinham de ser encaminhadas aos hospitais prisionais ou morreriam em Villa Triste.

Gino tinha conhecimento de quase tudo isso pelos boatos que haviam se espalhado por Florença, e sua imaginação preenchia as lacunas com detalhes macabros, esperando na semiescuridão, ouvindo os passos nas proximidades de sua cela, perguntando-se quando chegaria sua vez na câmara de tortura de Carità.

No terceiro dia em Villa Triste, foi levado mais uma vez para a sala de interrogatório, onde estavam Carità e três de seus capangas. Carità perguntou de novo sobre as cartas do Vaticano e Gino repetiu sua história. Algumas paróquias toscanas estavam coletando café, farinha e açúcar para enviar aos refugiados que haviam acorrido à Cidade Santa. Gino ajudou a recolher esses produtos com os vários fazendeiros que conhecia e os havia mandado para o Vaticano.

Carità ainda não estava convencido.

Exasperado, Gino acrescentou: “Se quiser tentar, major, vou lhe dizer como. Consiga açúcar e farinha. Vamos fazer um pacote e mandamos em seu nome. O senhor verá que o Santo Padre vai lhe enviar seus agradecimentos.” Gino nunca tivera muito tato e vinha dormindo tão pouco nos últimos três dias que estava estressado. Ainda assim, percebeu que tinha ido longe demais. Carità ficou furioso.

Antes, porém, que ele pusesse as mãos em Gino, um de seus milicianos saiu das sombras, interrompendo-o: “Se Bartali diz que é café, farinha e açúcar, então é café, farinha e açúcar. Ele não mente.”

Gino estava tão aterrorizado com Carità que mal havia percebido os outros interrogadores. Quando olhou para o homem que o defendera, espantou-se ao ver um rosto familiar, emoldurado por cabelos curtos e escuros. Era Olesindo Salmi, que fora seu supervisor militar em Trasimeno e havia autorizado Gino a usar bicicleta em vez de motoneta em suas obrigações militares. Salmi estava assumindo um risco grande ao defender Gino, suspeito de antifascismo, mas havia esperado até ter certeza de que Carità não conseguira levantar mais provas incriminatórias.

Desconhecendo esses detalhes, Gino ficou atônito com as palavras de Salmi e ainda mais com o que aconteceu em seguida. Carità finalmente

cedeu. Gino seria libertado. Sua fama certamente ajudou a salvar-lhe a pele, mas acontece também que Carità estava tomado por preocupações maiores do que Gino. Naquele dia, os aliados se aproximavam de Florença.

“Nós vamos nos encontrar outra vez”, rosnou ameaçadoramente Carità ao sair, ordenando que Gino permanecesse em Florença.

“Espero nunca mais encontrá-lo”, Gino murmurou ao deixar o prédio.

AO VOLTAR, Gino encontrou a mulher, grávida, em terrível estado de nervos. Adriana sabia muito bem que muita gente não saía viva das garras de Carità, e com Andrea tão novo e a gravidez, teve ainda mais medo de perder Gino. Mal pôde acreditar que ele sobrevivera e escapara às famosas torturas que tanto assustavam os que passavam algum tempo na Villa Triste.

Os Bartali **moravam então no centro de Florença**, na casa do amigo de Gino que era dono da *pasticceria* em frente à loja de departamentos onde Adriana havia trabalhado. A Florença que os cercava em julho de 1944, no entanto, não poderia ser mais diferente que aquela dos dias inocentes de 1936, quando Gino começara a cortejar Adriana. **Os alemães haviam decidido destruir o máximo que pudessem antes da chegada dos aliados**. E, assim, explodiram dezessete moinhos de trigo e fábricas de macarrão e destruíram as duas maiores centrais telefônicas da cidade com ácido, arrebetando-as depois com pés de cabra. À noite derramaram gasolina nos trilhos da estrada de ferro e atearam fogo. Saquearam toda a cidade, pilhando desde camas e binóculos a equipamentos especializados, retirados de consultórios médicos. E sequestraram todos os tipos de veículos: ambulâncias, carros funerários e até os carrinhos de três rodas que os garis da cidade usavam para recolher o lixo. Florença sofreu em consequência dessa profanação. Dejetos e carcaças de cavalos apodreciam nas ruas, atraindo moscas, e não era raro ver pessoas carregando seus mortos em carrinhos de mão até um parque atrás da Universidade de Florença no qual os corpos eram amontoados e cobertos de cal para evitar a propagação de doenças.

No fim de julho de 1944, o Exército alemão estava em plena retirada. Circulavam rumores de que os alemães planejavam destruir as pontes de Florença para atrasar os aliados. No final do mês, uma diretriz do comandante alemão que controlava Florença deixou poucas dúvidas. Todos os que moravam ao longo do Arno **receberam ordens de evacuar suas residências** até o meio-dia de 30 de julho. Gino ficou muito assustado.

Embora seu esconderijo não estivesse na zona de evacuação, estava a menos de um quilômetro do Arno.

Logo se seguiu o caos, com a correria de milhares de florentinos à procura de algum lugar para se esconder. Os que não tinham amigos ou parentes compuseram um triste desfile pelas ruas, carregando o que podiam até os pontos que haviam sido designados, um deles a menos de dois quilômetros dos Bartali, o célebre palazzo Pitti, nos jardins Boboli. Um correspondente do *Manchester Guardian* descreveu a cena no local: “É como se uma parte da população de Londres estivesse acampada no palácio de Kensington, dormindo no chão dos aposentos reais entre pinturas de antigos mestres e mobiliário de época e cozinhando refeições ligeiras, enquanto atiradores alemães disparam intermitentemente dos telhados da Barkers’ and Derry and Toms’ mandando suas balas para Bayswater Road. Só esta manhã dois civis foram atingidos pelos atiradores.”

No dia 3 de agosto os Bartali ouviram a notícia que aterrorizaria todos os florentinos. O comandante alemão de Florença emitiu sua intimação final, declarando estado de emergência na cidade: “Deste momento em diante, é severamente proibido a qualquer um deixar suas casas e andar pelas ruas e praças da cidade de Florença ... as patrulhas das Forças Armadas alemãs têm ordens de atirar em quem for encontrado nas ruas, ou aparecer nas janelas.” À noite Florença estava embrulhada em escuridão. Os alemães haviam destruído completamente a principal estação elétrica da cidade, e em todos os lugares havia blecaute.

Por trás de janelas fechadas e portas trancadas, os Bartali esperavam, em tensa ansiedade. Pouco depois de o relógio bater dez horas, o silêncio foi quebrado por uma terrível explosão. “O céu na direção do palazzo Pitti ficou completamente escarlate”, descreveu um morador das margens do Arno. Gino sentiu a casa tremer. Com o ribombar das explosões, o pequeno Andrea acordou, assustado. “O que é isso, papà?” “Durma, durma”, confortou-o Gino. “É uma trovoadas.” Por mais de sete horas o clamor ensurdecido da detonação dos explosivos rasgou o ar, enquanto cada uma das amadas pontes de Florença era destruída.

Todas, menos uma. Uma grande carga de explosivos havia sido colocada nas casas em cada extremidade da ponte Vecchio, a mais antiga ponte de Florença, e a única em que havia uma fileira de lojas. No meio da noite de 3 de agosto eles foram detonados. Telhas, tijolos e janelas voaram para todos os lados. A joia da coroa de Florença sobreviveu, mas completamente

inutilizada, em consequência das enormes pilhas de escombros em cada lado. A confusão era deliberada. Afirma-se que Hitler ordenara que todas as pontes de Florença fossem destruídas, exceto “a mais artística”.

OS ESCOMBROS DEIXARAM todos abalados. “Florença era um espetáculo devastador”, Gino lembrou. A área coberta de destroços se estendia por cerca de duzentos metros ao longo do Arno. E, ele sabia, haveria mais violência nas margens do rio quando os aliados finalmente chegassem por terra. Decidiu, então, mudar-se mais uma vez com a família, dessa vez para a casa dos pais de Adriana, na periferia nordeste da cidade. Ela precisava de um lugar menos tumultuado onde passar as últimas semanas de gravidez. Os pais iriam ajudar a acalmá-la.

Uma noite, porém, pouco depois que chegaram, Adriana começou a sentir contrações. Ela e Gino ficaram assustados, era cedo demais. Ele pulou na bicicleta e pedalou em direção ao centro de Florença, para buscar um médico. Já havia sido dado o toque de recolher, estava ficando escuro, e a destruição era evidente, especialmente junto ao Arno. Mais de quarenta prédios medievais e inumeráveis residências dos séculos XIII e XIV estavam completamente arrasados. A Florença de Dante e Petrarca estava em ruínas. De alguma forma, apesar de toda a destruição e caos, Gino encontrou um médico e ambos correram para a cabeceira de Adriana. A cena com que se depararam iria assombrar Gino pelo resto da vida.

Seu segundo filho havia nascido morto.

A situação de Adriana era séria, e Gino passou a noite aterrorizado, temendo perder também a mulher. O médico fez o melhor que pôde, e na manhã seguinte Adriana havia superado o pior. Gino ficou aliviado, mas a angústia provocada pelo filho morto era avassaladora. Atordoado, procurou um marceneiro seu amigo que morava na vizinhança e que lhe fez um caixão minúsculo.

De volta para casa, sentou-se com Adriana diante do ataúde com seu filho natimorto e depois levou-o carinhosamente até a bicicleta, do lado de fora. Embalando-o com um braço, pedalou para o sul, na direção da cidade arrasada. **Passou pelo Campo di Marte**, onde estavam acampados milhares de florentinos evacuados de seus lares próximos ao Arno. **As casas da vizinhança**, bombardeadas meses antes, jaziam em ruínas. Passou por grupos de pessoas agachadas em torno de fogueiras improvisadas, tendo por perto carrinhos de mão transbordando com os pertences que haviam carregado

pela cidade. De vez em quando, os olhos de Gino cruzavam com os deles, e ao encará-los não podia deixar de perceber o cansaço e o vazio em seus olhares. Finalmente, Gino chegou ao cemitério de Ponte a Ema. Pedalou pelo caminho sinuoso e ladeado de glicínias que subia até a construção de pedra branca, onde desceu da bicicleta e carregou o **filho morto**, colocando amorosamente o pequeno caixão na cripta da família, ao lado de seu irmão, Giulio.

Ao voltar para casa, a imagem de seu filho permaneceu gravada a fogo em sua memória. Era uma criança pequena, mas suas feições estavam bem-formadas. Ele e Adriana haviam pensado em chamá-lo de Giorgio, em homenagem ao irmão dela, desaparecido no mar. Gino e Adriana **se consolaram mutuamente**, mas durante anos se recusaram a falar sobre isso com outras pessoas.

NA MANHÃ DO DIA 4 de agosto de 1944, **os primeiros tanques aliados** se aproximaram das margens sul do Arno. No coração da cidade, do outro lado do rio, um pequeno grupo de florentinos emergiu de seus esconderijos, correndo para a margem sul, apenas para morrer em meio a uma série de minas plantadas pelos alemães. Outros florentinos morreram logo em seguida, atingidos por atiradores fascistas que ainda rondavam a cidade.

Embora tivesse de se passar uma semana inteira antes que esses redutos fascistas fossem eliminados, nem mesmo eles poderiam impedir que as notícias da liberação lentamente se espalhassem pela cidade. Na via del Bandino, ela era anunciada pelos gritos esperançosos dos meninos do lugar, “*Gli inglesi son arrivati!*” – “Os ingleses chegaram!”. Do porão, onde estava sentado com os pais e a irmã, Giorgio Goldenberg saiu furtivamente para investigar. Espantou-se ao ver um soldado britânico bem ao lado de seu prédio. No ombro do soldado viu uma estrela de davi. Giorgio não falava inglês, mas queria desesperadamente comunicar-se com aquele homem em quem reconhecia um aliado. Então, começou a cantar, primeiro baixinho, depois suficientemente alto para que o soldado ouvisse, a melodia de “Hatikvah”, uma popular canção hebraica que mais tarde se tornaria o hino nacional de Israel.

O soldado reconheceu a canção e disparou, comovido, em uma torrente de palavras em inglês que Giorgio não compreendeu. Voou, então, para baixo a fim de chamar o pai e trazê-lo para a rua. O pai e o soldado começaram a falar em ídiche. Giorgio os observava, feliz, sentindo, pela primeira vez em

anos, uma sensação de alívio. “Para mim, aquele foi o fim da guerra”, declarou mais tarde.

Os Bartali receberam as notícias da liberação no dia 11 de agosto, pelo badalar dos sinos no Bargello, o “palácio do povo” no centro de Florença. Depois que os batedores dos *partisani* se certificaram de que as ruas estavam seguras para os civis, mandaram um mensageiro, uma moça, espalhar as boas-novas entre os florentinos instalados na sede da prefeitura e em alguns outros lugares-chave. Correndo pela cidade, a mensageira foi tomada simultaneamente pela alegria e pela angústia, captando o tenso espírito da cidade:

Meu coração parecia que ia explodir, eu me sentia desesperada e feliz, abatida e cheia de energia. Diante das persianas abaixadas da Química Bizzarri eu parei, perdida: o sino do Bargello, silencioso havia quatro anos, tocou uma vez, e naquele silêncio parecia mágico; e de novo, uma segunda vez, e eu ergui os olhos e outro milagre aconteceu: lentamente, na torre do palazzo Vecchio ergueu-se a tricolor [a bandeira da Itália]. Eu me ajoelhei chorando na calçada, enquanto, uma a uma, as persianas da praça se escancaravam e uma mulher, de uma janela baixa, gritou:

“Eles foram embora?”

“Estamos livres, livres”, respondi, soluçando e abrindo os braços.

Em Assis, as celebrações haviam começado mais cedo, e seus habitantes, normalmente sóbrios, regozijaram-se com fervor. Quando os primeiros tanques aliados entraram na cidade, no dia 17 de junho de 1944, os sinos de todas as igrejas e mosteiros começaram a tocar. Na basílica de São Francisco, um monge começou a tocar no órgão “**God Save the King**” e a música se espalhou por toda a cidade. Na via San Paolo, um velho cartaz fascista com uma palavra de ordem de Mussolini foi arrancado e substituído pelo que Luigi e Trento Brizi fizeram: “**Os judeus da Itália têm sangue italiano, almas italianas e gênio italiano.**”

À MEDIDA QUE A ONDA de liberação avançava lentamente na direção da fronteira norte do país, o legado agridoce da guerra foi ficando mais aparente. Judeus italianos e estrangeiros emergiram das sombras e começaram a entender o quanto um pequeno grupo de heroicos não judeus os

havia ajudado. Em Florença e arredores, **estima-se que 330 judeus foram salvos** pelos esforços do cardeal Dalla Costa e seus associados; **em Assis e Perugia, outros trezentos**. Gino Bartali abrigou a família Goldenberg e transportou documentos fundamentais entre Toscana e Úmbria (se Gino ou Dalla Costa mantiveram algum **registro de quantos documentos de identidade Gino levou**, nenhum deles jamais disse nada a ninguém, de modo que esse dado permanece desconhecido).

As notícias de tais salvamentos, no entanto, foram inevitavelmente maculadas pela tristeza, à medida que emergia um quadro mais completo de todos os que haviam perecido. Ao fim da guerra, cerca de 15% da comunidade judaica da Itália havia sido morta. Comparado com outros países da Europa, onde a ocupação alemã havia começado muito mais cedo, o número de mortes foi significativamente menor. Ainda assim, era impossível não fazer perguntas incômodas para quem estivesse disposto a levá-las em consideração. **Em pouco mais de dezoito meses** quase 7 mil judeus haviam sido mortos, entre eles os primos dos Goldenberg, os Klein. Embora os principais arquitetos dessa campanha assassina fossem os alemães, eles receberam ajuda eficiente de um pequeno grupo de fascistas comprometidos e de um segmento mais amplo da população que, com seu silêncio, se dispôs a colaborar com o crime.

A história de como tudo isso aconteceu iria permanecer oculta ao longo de várias décadas. Ao invés de desvendá-la, os italianos na Itália liberada tentariam deixar o passado para trás e se concentrar, nos meses finais da guerra europeia, em conseguir provisões e lentamente recomeçar a vida. Com Gino não foi diferente. Na esperança de retomar a carreira, tentou reunir suficientes equipamentos ciclísticos para voltar a correr. Infelizmente, poucas pessoas na Toscana tinham quaisquer dos materiais necessários para lhe vender. Frustrado, resolveu fazer uma viagem até Milão em uma bicicleta velha.

O momento que ele escolheu foi infeliz. Quando chegou à cidade, Gino foi obrigado a passar **pelos cadáveres de Mussolini e de uma de suas amantes**, pendurados pelos tornozelos em um posto de gasolina na piazzale Loreto. Abaixo, milhares de italianos arregalavam os olhos para o corpo do líder que havia comandado a nação por mais de vinte anos. **“Era um espetáculo obscuro, um testemunho selvagem da crueldade dos tempos”**, Gino disse mais tarde. Naquele momento, porém, ele simplesmente tentou não encarar o olhar gelado dos grotescos cadáveres pendurados. **“Esta não é**

a Itália que sonhei para mim e para minha família”, pensou Gino. Embora fatigado, logo tomou o caminho de volta para Florença. Quando, seis semanas mais tarde, a guerra na Europa chegou ao fim, Gino se uniria a seus compatriotas na monumental tarefa da reconstrução, mesmo atormentado por tudo o que havia perdido.



Parte III

10. Ginettaccio

NOS MESES QUE SE SEGUIRAM à liberação de Florença, em agosto de 1944, Gino finalmente começou a avaliar os destroços de sua vida. Aos trinta anos, ele tinha mulher e um filho de três anos para sustentar, além dos pais, já ficando velhos. Como muitos outros ciclistas, havia torrado as poupanças durante a guerra, tempo em que não havia qualquer possibilidade de ganhar dinheiro com o esporte. “O que ganhamos entre 1935 e 40 havia virado fumaça”, explicou ele. Num nível mais profundo, os rigores físicos daquela época o haviam mudado. Não se tratava apenas dos prêmios que poderia ter conquistado durante seus anos de ouro como atleta – o Tour foi cancelado entre 1940 e 1946, e o Giro, entre 1941 e 45 –, mas das cicatrizes que a própria guerra havia deixado nele. “Todo aquele tempo, mais do que apenas perdido, deve ser visto como uma força negativa”, explicou. “Você sente que envelheceu muito mais do que se tivesse levado uma vida normal.”

Se Gino se sentia velho, sua aparência demonstrava e reforçava isso ainda mais. O cabelo ondulado e cheio havia rareado e recuado para muito além das têmporas, e a testa ficou para sempre marcada com rugas profundas. Os olhos eram fundos, destacando o nariz, que parecia esculpido em pedra com golpes grosseiros. Ele mal estava entrando nos trinta, mas poderia passar por um homem com pelo menos dez anos mais.

Embora não ganhasse nada com o ciclismo havia muitos anos, Gino sabia que não tinha como começar outra carreira: não tinha ofício ou instrução e estava com medo de ter de enfrentar os rigores financeiros pelos quais o pai havia passado como trabalhador diarista. “Ele me dizia que a pobreza tem gosto amargo quando se tem vinte anos e que parece sal numa ferida aberta quando se tem quarenta.” Se quisesse construir uma vida nova para si mesmo e a família, teria de ser nas corridas.

Juntou-se a um pequeno grupo de ciclistas, e começaram a viajar pelo país, entrando em contato com outros corredores e organizando pequenas

corridas. Poucos tinham carros ou reboques para carregar o equipamento, de modo que iam, “**como palhaços de um circo ambulante**”, no caminhão todo amassado de um dos ciclistas, onde cabiam dez corredores e suas bicicletas. As cenas que os aguardavam nas estradas eram de cortar o coração. Nas aldeias, os moradores locais vestiam os restos de uniformes militares que haviam sido jogados fora; nos cemitérios das redondezas abundavam as covas recentes dos mortos na guerra.

Gino e seus colegas de corrida iam de clube esportivo em clube esportivo, procurando ciclistas que quisessem competir com eles. Mas, com o país ainda cambaleante devido à destruição física da Segunda Guerra Mundial e à debilitante inflação do pós-guerra, o desafio era encontrar os *tifosi*, os fervorosos fãs italianos que cresceram acompanhando as corridas. “**Aqueles anos cheios de satisfação de antes da guerra** – os campeonatos, os Giro d’Italia, as vitórias duramente conquistadas – estavam distantes. Parecia que haviam se perdido no tumulto ensurdecedor que abalou a natureza e as almas”, disse Gino. “As pessoas tinham nos esquecido. Estavam com outras coisas na cabeça, e quem ainda seguia um pouco os esportes achava que nossa geração já estava ‘velha’. E, assim, batalhamos muito para conseguir retomar.”

Eles sobreviviam com prêmios tão **fortuitos quanto as próprias corridas**. Os vitoriosos ganhavam galinhas, porcos, móveis, vinho e – o melhor de tudo – dinheiro coletado em um chapéu entre os fãs ao longo da rota. Os vencedores muitas vezes dividiam os lucros de suas vitórias com seus companheiros de equipe, famílias ou mesmo cidades. Em uma competição, Gino acertou ser pago com canos de gás. Grande parte do encanamento de gás de Florença havia sido destruída pelas bombas, de modo que Gino pediu os canos, caso ganhasse, para doar a uma companhia de gás de Florença. “**Estávamos todos na mesma penúria**”, contou.

No esforço de recomeçar a competir, entretanto, ele subestimou em muito quanto havia perdido da sua capacidade de correr. No primeiro evento após a guerra, uma corrida de média distância em uma pequena cidade industrial perto de Florença, Prato, Gino teve de passar por uma desistência humilhante, porque estava fisicamente incapaz de completar o trajeto.

Esse desapontamento e outros mais o feriram, cimentando seu profundo sentimento de injustiça com o fato de a guerra tê-lo privado de seus melhores anos de corrida. Esse latente sentimento de indignação começou a transformar Gino, a quem já faltava diplomacia, em personalidade amarga,

sempre reclamando e criticando, sempre prestes a explodir com qualquer insignificância, real ou imaginária. Em pouco tempo, esse temperamento rabugento o fez ganhar seu apelido mais duradouro – Ginettaccio, Gino, o Terrível –, atribuído por repórteres e fãs que aprenderam a esperar suas farpas.

Mas, naquele momento posterior à corrida em Prato, Gino foi simplesmente atingido por uma frustração paralisante. “**Eu terminei completamente desmoralizado**. Qualquer tipo de retomada digna de nossa atividade parecia impossível”, revelou. Quando voltou para casa, pedalou estrada acima pelo caminho familiar que ia dar no cemitério de Ponte a Ema e foi visitar o túmulo de Giulio. E, sentado ali por um longo tempo, lembrou-se da promessa que havia feito pouco depois de Giulio morrer – a de honrar sua memória tornando-se campeão. “**Então encontrei minha força outra vez**”, recordou ele. “Eu tinha mulher, filho e pais. E tinha de continuar por eles.”



Gino Bartali e outro ciclista aproveitam um intervalo para fumar.

ENQUANTO CICLISTAS DE COMPETIÇÃO, como Gino, se empenhavam em recuperar as pernas após a guerra, a bicicleta tinha se tornado mais importante do que nunca para a vida cotidiana. As pessoas pedalavam para comprar comida, contar as novidades e procurar trabalho. Nos primeiros meses, quando as fábricas ainda não haviam se recuperado e o transporte público era uma desordem, muitas vezes a bicicleta era a única maneira de percorrer grandes distâncias pelas estradas marcadas pela violência da guerra. E estava em toda parte, “a **companheira inseparável do camponês**, do trabalhador, do profissional liberal, do funcionário, do estudante, da dona de casa e de nossas garotas das faces rosadas”, como descreveu um jornalista.

Mesmo depois de recuperadas as fábricas e de consertadas as estradas principais, os carros eram **proibitivamente dispendiosos** para qualquer um que não fosse muito rico. Três anos depois do fim da guerra, o carro mais barato à venda na Itália ainda custava quase cinco vezes o salário anual de um trabalhador médio. (Em termos atuais, isso equivaleria a um carro compacto custar quase 150 mil dólares, em vez dos 13 mil dólares de hoje.) Em compensação, uma bicicleta nova custava para o trabalhador médio apenas um mês de salário, e havia um grande mercado de segunda mão em que uma usada podia ser comprada por muito menos. Levando isso em conta, não é de surpreender que em 1947 existissem cerca de **3,5 milhões de bicicletas** rodando pela Itália e apenas 184 mil carros.

Um filme, *Ladrões de bicicleta*, de Vittorio De Sica, vencedor do Oscar de filme estrangeiro de 1949, foi o que melhor capturou a centralidade da bicicleta na Itália do pós-guerra. A história começa com o protagonista, Antonio, numa longa fila de emprego. Quando finalmente chega sua vez, oferecem-lhe um trabalho desde que tenha bicicleta. Em seu primeiro dia de emprego – colando cartazes por toda Roma sobre um filme estrelado por **Rita Hayworth** (ela mesma uma fã de Bartali, e **vice-versa**) – sua bicicleta é roubada. Após várias tentativas infrutíferas de recuperá-la, Antonio faz uma patética e fracassada tentativa de roubar uma bicicleta.

Do começo ao fim do filme, as bicicletas permeiam a vida. São pré-requisito para o trabalho e maneira de sair das infundáveis filas de desempregados. São matéria de fantasia – o quarto do filho de Antonio está coberto de fotos dos ciclistas famosos daquele período. São também um símbolo espiritual da dignidade a que um homem pode aspirar em sua vida de trabalho – esperança e integridade modeladas em metal e borracha e engrenagens.

No filme e na vida real, na Itália do pós-guerra a bicicleta, muito mais do que um simples meio de transporte, servia de elo – uma conexão com o mundo – da mesma maneira que os automóveis e os telefones celulares atualmente ligam uma pessoa a outra. A bicicleta era considerada parte tão integral da vida de todos os italianos que seu roubo sempre foi encarado com especial **severidade pelo sistema jurídico**, segundo Oscar Scalfaro, antigo presidente da Itália e juiz. Assim como roubar um cavalo nos Estados Unidos ou no Reino Unido dos séculos XVIII e XIX – crime passível de prisão ou, às vezes, de morte –, roubar uma bicicleta na Itália do pós-guerra não era apenas um furto; era um ato de isolamento forçado que despojava a pessoa de seu meio de vida e a exilava do mundo.

SE AS BICICLETAS davam o ritmo da vida cotidiana na Itália do pós-guerra, a pobreza e o desemprego endêmico definiam seu espírito. A cobertura econômica nos jornais da época era tão otimista quanto uma nova versão da história das pragas do Egito. Manchetes e artigos eram repletos de estatísticas alarmantes. **Seiscentos mil agricultores** entraram em greve no outono de 1947 no vale do Pó. **A escassez fez a gasolina na Itália ser três vezes mais cara que na França** e quase quatro vezes mais cara que nos Estados Unidos. A taxa de desemprego dos trabalhadores industriais na Itália central (incluindo a Toscana) **disparou a mais de 60%**.

Os números contavam apenas parte da história. Gino e seus companheiros de equipe viam a face da pobreza em todos os lugares por onde corriam. A guerra havia transformado bairros inteiros em escombros. As mulheres acendiam fogueiras em qualquer lugar nas ruas para esquentar comida. Homens grisalhos e alquebrados olhavam, sombrios, o nada, tomando café em velhas latas de sopa. Em Ventimiglia, uma cidadezinha no norte da Itália, um jornalista americano ficou chocado ao ver uma pizzeria destruída durante a guerra na qual **“crianças seminuas se amontoavam sobre paredes em ruínas e nos buracos em que haviam existido janelas”**.

Florença estava em frangalhos. Ao longo do Arno, onde Gino nadara quando criança, jaziam pilhas de escombros, os restos das muitas pontes bombardeadas pelos alemães em retirada. Os prédios próximos e as torres medievais estavam em vários estágios de colapso e de estrago. A sinagoga judaica também havia sido desfigurada; uma parte se estragou porque fora usada para guardar caminhões alemães, e outra havia sido dinamitada.

Frente a tal destruição nacional e com poucas oportunidades de emprego, **cerca de 750 mil italianos** foram trabalhar em regime temporário na França, Bélgica e Suíça. (Dezenas de milhares de outros italianos deixariam a Itália para sempre.) Os trabalhos que os esperavam nesses países eram inevitavelmente os mais penosos – em minas de carvão, nos campos ou nas florestas – e os salários tendiam a ser baixos. Vivendo em condições penosas e sem saber falar a língua daqueles países, muitos trabalhadores italianos logo se viram menosprezados pelos nativos – embora tivessem sido oficialmente convidados e contratados pelos governos locais.

Coletivamente, a persistência dessas misérias, as adversidades cotidianas, as indignidades sofridas tanto em seu país como fora dele transformaram uma tensa situação política em algo inteiramente volátil. Questões complexas e carregadas de emoção nublavam todos os aspectos da vida pública. O que fazer com a monarquia? Como elaborar uma nova Constituição? O que fazer com as pessoas que se envolveram no governo fascista anterior? Que caminho a Itália deveria tomar no pós-guerra?

E, talvez o mais importante de tudo, quem iria liderá-la?

Dois homens surgiram como candidatos viáveis para a tarefa. O primeiro era Alcide De Gasperi, ex-bibliotecário de 67 anos de idade, muito severo, que um jornalista descreveu como “**profundamente honesto e sincero**, dolorosamente sem humor e desinteressante”. Era o líder dos democratas-cristãos, um grande partido de centro e aliado muito próximo da Igreja católica. **Era também amigo de Gino**, que conhecera na década de 1930 por intermédio de amigos católicos comuns. Seu rival era Palmiro Togliatti, o atarracado líder do Partido Comunista, tão carismático que até uma revista americana de direita, que não tinha nenhuma simpatia por ele, o reconheceu como o “político mais brilhante da Itália”.

Nos meses posteriores ao fim da guerra, ambos prometiam ao público recuperar a indústria italiana e colocar a nação trabalhando de novo. Embora os objetivos imediatos fossem semelhantes, suas alianças internacionais eram completamente opostas. Junto com a Igreja católica, os democratas-cristãos eram aliados próximos dos Estados Unidos. O Partido Comunista, embora oficialmente não fosse antirreligioso, estava mais intimamente ligado à União Soviética. Tendo essas alianças como pano de fundo, talvez a maior pergunta que a Itália enfrentava não dizia respeito à política interna, mas ao lado em que ela se posicionaria na Guerra Fria em vias de eclodir. A decisão tomada iria “**influenciar o curso da história**”

européia durante cem anos, talvez”, nas palavras de um importante jornalista americano.

Tudo isso passava pela cabeça dos italianos, enquanto se preparavam para suas primeiras eleições parlamentares livres em um quarto de século. Passariam por virulenta campanha política de quase meio ano e, em 18 de abril de 1948, tomariam uma decisão.

O APETITE DE GINO pela política só diminuíra durante a guerra, e quando o ciclismo competitivo recomeçou, ele se sentiu aliviado ao perceber que os funcionários do governo não questionavam mais cada uma de suas decisões. “Eu já não tinha que me preocupar com as autoridades”, disse ele. “Podia treinar e seguir os métodos que julgasse mais adequados, com base em minha experiência e nos conselhos dos meus médicos e do treinador.”

A temporada de 1946 teve a abertura tradicional, o clássico Milão-San Remo. Apesar das traiçoeiras estradas danificadas pela guerra e da passagem por um desfiladeiro crítico na montanha em completa escuridão, porque a eletricidade ainda não havia sido reparada, a corrida foi considerada um sucesso. Poucos meses depois, o Giro ressurgiu de um hiato de seis anos (poucas pessoas consideravam a versão fascista de várias corridas de um dia durante a guerra um verdadeiro Giro). Apelidado de “Il Giro della Rinascita”, “o Giro do Renascimento”, a corrida também reacendeu a rivalidade entre Gino e seu antigo companheiro de equipe Fausto Coppi. Gino entrou de cabeça na prova, animado com a feliz novidade pessoal do nascimento de seu segundo filho, Luigi.

Os fãs que esperavam assistir a uma batalha pontuada de suspense entre os titãs do ciclismo não se desapontaram. A camisa cor-de-rosa do líder mudou várias vezes de dono, e era Coppi quem a estava usando quando começou a etapa final. O vencedor só se definiu nos últimos minutos, quando, numa virada da sorte, Gino conseguiu derrotar Coppi por escassos 47 segundos. Ele se sentiu invencível. “Sim, eu tinha me tornado Ginettaccio, mas ‘Gigante das Montanhas’ era um apelido que ninguém me tiraria.”

No final da segunda temporada depois da guerra e no começo da terceira, porém, Gino estava sendo derrotado cada vez mais. Jornalistas e fãs se deram conta disso. A inconsistência de seu desempenho não podia ser explicada por uma contusão casual aqui ou uma má corrida ali. Não, era algo muito mais desconcertante. Seu iminente declínio como atleta parecia bem óbvio quando ele se mostrava ofegante no fim de uma corrida. De repente,

contudo, ele reencontrava seu ritmo na competição seguinte e reativava um pouco do velho fogo.

O culpado mais óbvio desse comportamento errático parecia ser alguns conselhos bastante dúbios de seu médico na época. Em 1946, Gino começou a notar uma mudança no comportamento de seu coração no começo das corridas. Especificamente, sentia o coração bater mais regularmente, mas com menos frequência do que antes da guerra. “**Eu demorava para entrar no ritmo**, meu corpo estava entorpecido”, ele explicou, como um “carro de corrida” com o motor frio. Embora a mudança na regularidade de sua taxa cardíaca ainda seja um enigma, sabemos hoje que taxa cardíaca baixa em situação de repouso é efeito colateral completamente normal do treinamento prolongado para aumentar a resistência cardiovascular, e que começar mais lentamente é algo natural para muitos ciclistas ao envelhecer. Mas Gino queria saber como isso afetava sua capacidade de correr e procurou seu médico. Surpreendentemente, o médico também ficou preocupado e sugeriu que ele tomasse café e fumasse alguns cigarros antes da corrida, para acelerar o coração. Com essa sanção oficial, logo Gino estava tomando **até vinte espressos por dia**. Fumar, por sua vez, passou de incentivo antes das corridas a lenitivo para todas as suas ansiedades. “**O cigarro, que eu havia evitado por tantos anos**, acabou sendo meu mais fiel companheiro em certos momentos. Para corredores como eu, uma tragada oferece um breve e modesto consolo para as dificuldades da corrida ou para os momentos de melancolia em nossa vida solitária e errante – sempre cercados pela multidão, mas sempre essencialmente sozinhos com nossos pensamentos ou nossas preocupações.” Junto à tendência crescente a passar muitas horas da noite com os amigos, consumindo copiosas quantidades de *chianti*, Gino ia aos poucos abandonando seu ascetismo de antes da guerra e adotando hábitos “**mais próprios de uma pessoa normal do que de um ciclista**”, como descreveu um companheiro de equipe.

Outra explicação possível para seus fracos resultados era o treinamento. Depois da guerra Gino começou a brincar com algumas novas ideias sobre preparação física. Pelo menos uma vez ele **tentou treinar à noite**, pedalando à frente do carro da família, dirigido por Adriana, com o caminho iluminado pelos faróis. E também experimentou outra tática nova – arrumar os móveis do quarto de modo a deixar a cama alinhada exatamente no eixo norte-sul, convencido de que isso o protegeria do que acreditava serem os efeitos perniciosos das ondas magnéticas.

Em geral, no entanto, **seguia essencialmente a estratégia** que usara quando tinha vinte e poucos anos. Aumentava a extensão de seus treinos ao longo da temporada até chegar a praticar quase todo dia, cobrindo até quatrocentos quilômetros de cada vez. Já as modernas teorias de treinamento afirmam que **acrescentar alguns dias de recuperação teria sido muito melhor** para um atleta de mais idade, como ele. Um corredor nessa faixa etária é mais afetado por uma perda na **capacidade de explosão**, a capacidade extrema de acelerações intensas, do que por qualquer redução na resistência global. Na verdade, algumas evidências sugerem que até certo ponto a **resistência muscular melhora** com a idade, à medida que os músculos ficam mais eficientes no processamento de ácido lático e que os muitos anos de treinamento aumentam o número, o tamanho e a atividade cinemática da mitocôndria, as células presentes nas fibras musculares responsáveis pela produção de energia. Assim, Gino estava certo em seu regime de ir aumentando a distância, mas **concentrar-se em treinos mais curtos e mais intensos** teria sido melhor para a reposição de sua capacidade de dar arrancadas, o ímpeto instintivo que dava a seus ataques a eficácia nas escaladas.

De qualquer forma, Gino estava perdendo – e levando essas derrotas para o lado pessoal. As vaias e os questionamentos que todo corredor enfrenta começaram a atingi-lo mais profundamente. Falando com um jornalista, queixou-se de que os espectadores ignoravam todo o treinamento a que um ciclista se submetia para competir com os melhores, qualquer que fosse o resultado. Chamou as multidões de ingratas e temperamentais, proporcionando **“glória total ao vencedor e indiferença absoluta para os que perdem”**. Tudo isso parecia uma alteração sísmica no corredor que evitava criticar os espectadores pela imprensa porque sua popularidade afetava diretamente seu meio de vida.

No Giro d'Italia de 1947 a situação passou de ruim a melancólica. Em uma das etapas, na segunda metade da corrida, Gino acertou contas com um espectador que, da beira da estrada, o provocou com um **insulto anticatólico**. Embora naquele momento ele fosse líder na classificação geral e estivesse a caminho da vitória na prova, Gino saltou da bicicleta em plena corrida. Dirigiu-se ao espectador, agrediu-o e depois calmamente montou e seguiu em frente. Ainda conseguiu vencer a etapa, mas seria seu último dia no topo. Na etapa seguinte Fausto Coppi ultrapassou-o na classificação e poucos dias depois venceu a corrida.

ACARREIRA DE GINO estava claramente rateando, mas isso não impedia que os **democratas-cristãos usassem seu nome para mobilizar apoio a seu candidato**, Alcide De Gasperi, quando intensificaram sua feroz campanha política na eleição nacional de 1948. Havia certa lógica em seu raciocínio. Além da amizade entre os dois, ou do valor promocional da popularidade de Gino, eles tinham muita coisa em comum. Ambos eram católicos devotos e ambos travavam batalhas públicas contra opositores mais carismáticos e mais jovens, um paralelo tão forte que levaria um jornalista a fazer uma definição memorável – Gino era “**De Gasperi de bicicleta**”. Ele elaborou um pouco mais: “**Com sua cara amarrotada e nada bonito**, sem voos líricos ou retórica, [Bartali] mostra, ao pedalar, a tenacidade e a paciência calculadas que De Gasperi inspira no governo.” Perto das eleições os democratas-cristãos foram ainda mais longe e perguntaram a Gino se poderiam **incluir-lo em sua lista eleitoral**, o que significava que, caso vencessem, provavelmente ele seria deputado em Roma. Gino recusou educadamente.

A Igreja católica também lançou mão da fama de Gino, ao descrever o que acreditava estar em jogo na eleição. No outono de 1947, o papa Pio XII dirigiu-se aos católicos italianos reunidos na praça São Pedro **com um apelo que vinculava temas da vida de Gino à Bíblia**:

É tempo de nos pormos à prova. Essa difícil competição, de que são Paulo falou, já começou. É tempo dos esforços intensos. A vitória pode ser decidida em um instante. Vejam Gino Bartali, membro da Ação Católica. Muitas vezes ele conquistou o direito de usar a muito ambicionada “camisa”. Vocês também devem participar do campeonato de ideias, para poder alcançar uma forma muito mais nobre de vitória.

O significado da mensagem do papa era “**inequívoco**”, segundo um historiador italiano. Ele advertia aos fiéis católicos que ficassem em guarda e estivessem “prontos para lutar por sua fé contra a ameaça do comunismo, assim como Bartali lutava para abrir caminho até a vitória”.

Mais perto das eleições, dezenas de milhares de membros leigos da **Ação Católica foram mobilizados** visando conseguir votos para os democratas-cristãos. Nas cidades, batiam em cada apartamento e, no interior, iam de bicicleta de uma cabana isolada a outra, batendo nas portas, pleiteando apoio para sua causa. Um pequeno grupo de sacerdotes

complementava esse trabalho realizando uma **campanha de persuasão moral**. Filmes dramáticos advertindo contra a vitória comunista eram exibidos em todo o sul da Itália em caminhões com projetores de cinema. Apresentavam cenas alarmantes – e provavelmente fictícias – do que poderia acontecer se os comunistas ganhassem, entre elas, imagens de comunistas saqueando igrejas e retirando os sinos dos campanários. Em locais em que poucos moradores haviam visto um filme, o efeito era hipnotizante.

ACERCA DE 7 MIL QUILOMETROS de distância, **nos Estados Unidos, um pequeno grupo de pessoas acompanhava a campanha italiana** com mais atenção do que a maioria dos italianos – uma nova organização chamada Central Intelligence Agency [Agência Central de Inteligência]. No fim de 1947 a CIA recebera suas primeiras ordens do Conselho de Segurança Nacional: realizar “**operações psicológicas secretas** para se opor a atividades soviéticas e de inspiração soviética”. Com a batalha que se travava entre democratas-cristãos e comunistas, a Itália representava um alvo de grande importância no conflito crescente que viria a ser conhecido como Guerra Fria.

A geografia explica muito de sua importância para os Estados Unidos. A Itália está no coração da Europa, e, no que diz respeito ao alcance de voo de um avião ou de um míssil, Turim (no nordeste da Itália) está mais perto de Londres do que de Brindisi (no calcanhar da bota da Itália). Quem controlasse a Itália teria toda a Europa ocidental à sua porta. Naturalmente, os membros do Partido Comunista rejeitavam as insinuações de que imediatamente transmitiriam todo o poder para Stálin e para a União Soviética, caso vencessem. Os americanos, no entanto, não confiavam nisso. Acreditavam que uma vitória eleitoral comunista na Itália criaria outra oportunidade para um golpe soviético, como acontecera poucos meses antes na Tchecoslováquia.

No entanto, influenciar ativamente os resultados das eleições em um país estrangeiro parecia tarefa perigosa, sobretudo para os funcionários americanos encarregados de levá-la a cabo. Apesar disso, foi dada autorização secreta para uma campanha italiana que seria a primeira de todas as missões da CIA. Significativamente, nunca foi aprovada pelo Congresso e era “**ilegal desde o começo**”, segundo Mark Wyatt, um dos agentes da CIA designados para a tarefa.

As operações secretas na Itália desenvolveram uma série de atividades. A agência criou documentos falsos, livros e panfletos, todos eles com o

objetivo de sabotar o Partido Comunista. Acima de tudo, havia dinheiro – estima-se que **10 milhões de dólares**. Segundo um importante jornalista americano, milhões foram canalizados para “**as contas bancárias de cidadãos americanos ricos**, muitos deles descendentes de italianos, que enviavam o dinheiro para frentes políticas criadas pela CIA”. Foram tomadas providências para impedir que o departamento de imposto de renda desconfiasse de tal fluxo de dinheiro: “**Os doadores receberam instruções** para registrar um código especial nos formulários de imposto de renda junto com suas ‘doações para a caridade’.”

E quando as transferências bancárias ilícitas se mostraram insuficientes para a tarefa em mãos, havia uma maneira mais direta de levar o dinheiro até seus destinatários – **em maletas pretas**. Naquele tipo de roteiro que mais tarde iria dominar os filmes de Hollywood, agentes mal treinados da CIA se encontravam com políticos italianos famosos em um quarto do hotel Hassler, um luxuoso quatro estrelas de Roma, e entregavam sacos de dinheiro para custear as despesas de campanha. Mais tarde Wyatt iria reconhecer: “**Por nós, teríamos feito isso de maneira mais sofisticada** ... Entregar sacos pretos para influenciar uma eleição política não era algo tão atraente assim.”

Apesar da atividade e do dinheiro, o trabalho da CIA era apenas parte do esforço americano na Itália. Outros funcionários do governo trabalhavam com várias organizações ítalo-americanas para implementar uma campanha pública de grande alcance com o objetivo de ganhar para os democratas-cristãos os corações e mentes dos eleitores italianos. Paróquias, jornais e outras organizações incitavam os americanos com raízes italianas a escrever cartas, cartões-postais e telegramas e enviar para a Itália – foram cerca de 10 milhões – com mensagens aterrorizadoras. (“Uma vitória comunista vai arruinar a Itália. Os Estados Unidos vão cancelar a ajuda e o resultado provavelmente será uma guerra mundial.”) Hollywood também assumiu a causa democrata-cristã. Estações de rádio italianas transmitiram programa de uma hora a fim de levantar fundos para os órfãos dos pilotos italianos mortos na Segunda Guerra Mundial, e estrelas como Frank Sinatra e Gary Cooper, ganhador do Oscar, gravaram mensagens de apoio irradiadas por todo o país.

Os comunistas russos, trabalhando em prol do “Tio José”, apelido dado a Stálin por alguns jornais americanos, também ensaiaram algumas dessas proezas. Libertaram prisioneiros de guerra italianos, numa tentativa de ganhar simpatia, e apoiaram os jornais comunistas na Itália. Também deram

dinheiro. Embora o volume total permaneça desconhecido, **um repórter avaliou em vários milhões de dólares.**

COM TODO ESSE DINHEIRO estrangeiro e no centro das atenções, a Itália se transformou em “**uma espécie de Wisconsin europeu**, dominada por propaganda extremada, por políticos corruptos que só pensavam em se perpetuar no poder e sofrendo uma campanha de alta pressão por parte do mundo externo”, segundo um jornalista americano. Nem mesmo os líderes dos partidos davam a mínima para a conveniência, e suas batalhas eram travadas nas enlameadas trincheiras dos insultos pessoais e da calúnia. De Gasperi denunciou Togliatti, acusando-o de ter “**os cascos fendidos, como o demônio**”. Togliatti não era muito melhor, chamando **De Gasperi de fascista**. De acordo com o entendimento de alguns analistas, chegou até mesmo a fazer **vaga ameaça de morte**, quando previu publicamente que De Gasperi, como Hitler e Mussolini, teria fim violento.

Em meados de abril, a poucos dias das eleições, a atmosfera carnavalesca da campanha foi subindo de tom até o fim. A política italiana dominava as primeiras páginas dos jornais em todas as línguas de vários países. Diz-se que na Inglaterra as discussões sobre as eleições tornaram-se tão populares que **o Lloyd's de Londres passou a aceitar apostas**, com De Gasperi como favorito, pagando três por um. Nos Estados Unidos, onde De Gasperi e Togliatti viraram nomes familiares, o *New York Daily News* fez a pergunta que estava na cabeça de todos: “**Hoje a Itália escolhe seu tio; será Sam ou José?**”

Na Itália, havia alguns indícios de que muitos eleitores médios se viam sem recursos frente a todo o envolvimento estrangeiro. Respondendo a um jornalista americano sobre como se sentia um eleitor na Itália, um italiano reagiu ceticamente: “**Como nos sentimos?** Como você acha que se sente uma corda num cabo de guerra? A corda tem alguma chance de vencer?”

NO FINAL, o povo italiano deu um veredicto claro. Os democratas-cristãos tiveram avassaladora vitória que lhes garantiu maioria absoluta na Câmara dos Deputados. Gino imediatamente enviou telegrama felicitando De Gasperi por ter sido eleito primeiro-ministro da Itália: “**Com meus sinceros agradecimentos**, reforço minha devoção ao senhor e envio meus profundos votos de boa sorte pela grande vitória da democracia. Gino Bartali.” Com a

mensagem foi confeccionado um cartaz exposto publicamente em várias cidades.

De Gasperi logo formou seu novo governo, mas era óbvio que as tensões continuavam. Os grandes problemas do dia, desemprego maciço e escassez endêmica, continuavam sem solução; e muitos comunistas estavam amargurados com a derrota nas eleições. Em junho de 1948 isso transpareceu no discurso de um importante comunista na Câmara dos Deputados. Ele audaciosamente acusou padres simpáticos aos democratas-cristãos de encorajar as mulheres da Calábria, no sul da Itália, a fazer “**greve de cama**” e se recusar a ter relações sexuais com os maridos, para levá-los a não votar nos comunistas. Um deputado democrata-cristão gritou sua refutação: “**Vocês, comunistas, só encontram seguidores entre criminosos e mulheres de má reputação.**” Os comunistas não gastaram palavras com a resposta e, em bloco, cruzaram o recinto num furioso ataque aos democratas-cristãos. Em segundos, dezenas de pessoas brigavam escancaradamente no que foi chamado de “**o pior conflito da história parlamentar**”. Tinteiros voavam e as mesas das estenógrafas foram arrancadas do chão para servir de arma. Diz-se que até uma deputada comunista participou da briga, acertando vários democratas-cristãos barbados.

Quando, noventa minutos depois, a ordem foi finalmente restabelecida, três deputados necessitavam de cuidados médicos e vários outros apresentavam nariz sangrando e olhos roxos. Foi estabelecida uma trégua instável, mas não se podia mascarar o estado deplorável das relações na Câmara. Com todo o trabalho a ser feito, e com a crônica hostilidade entre os partidos, sem dúvida era necessária uma mudança dramática. Apesar de tudo, foi surpreendente e quase sacrílega a proposta apresentada nos dias seguintes visando realizar o politicamente impensável: **encurtar as férias de verão dos deputados.**

COPPI: 21 votos, BARTALI: 1 voto

Enquanto o novo governo tomava forma no verão de 1948, Gino lutava contra as consequências de uma seleção completamente diferente. Ele quase havia sumido de vista no começo do ano, quando os líderes da Federação Italiana de Ciclismo, junto com suas contrapartes internacionais, elegeram o melhor desempenho na temporada anterior de ciclismo. Com a vitória no Giro de 1947 e uma série de outros triunfos, Coppi recebeu 21 dos 26 votos possíveis, provando-se, positivamente, o “**maior ciclista da Itália**”, como

descreveu o editor de um dos principais jornais italianos. Gino recebeu apenas um voto, dividindo o último lugar com um corredor praticamente desconhecido.

Na cobertura de imprensa depois da cerimônia de premiação, nada se disse sobre Gino – provavelmente porque ninguém saberia o que dizer. Pode-se não levar em conta um resultado ruim, e alguns episódios aqui e ali não formam um padrão. No entanto, Gino nada havia feito para ganhar qualquer apoio na corte indiferente da opinião pública. Enquanto alguns o consideravam um atleta envelhecido e cada vez mais desesperado, outro grupo, o contingente devotado, embora cada vez menor, de *bartaliani* se aferrava à evanescente perspectiva de um renascimento.

Gino sabia que a única corrida capaz de acabar com a discussão era aquela que o havia consumido na última década: o Tour de France. Fora no Tour que ele primeiro ganhara a coroa do ciclismo; era para o Tour que tinha de voltar-se a fim de recuperá-la.

11. Les Macaroni

O PLANEJAMENTO PARA O Tour de France começou nos primeiros meses de 1948, e logo surgiram as especulações sobre quem iria liderar a equipe. “Um monte de discussões, um monte de coisas escritas, um monte de politicagem escondida”, como explicou Gino. Quando ele apareceu como favorito porque havia liderado a equipe italiana na vitória de 1938, Fausto Coppi não demorou a manifestar sua insatisfação, numa entrevista para a imprensa francesa. “Eu realmente gostaria de competir, mas prefiro correr contra Bartali e não com ele, por motivos que certamente vocês podem entender.” Já tendo derrotado Gino em várias corridas, inclusive no Giro d’Italia, Coppi achava que já havia provado que não tinha por que servir de *domestique* para outro corredor, e certamente não para Gino. Outras pessoas não viam a questão por essa perspectiva e simplesmente consideraram a reação de Coppi o mais recente exemplo de sua profunda rivalidade com Gino. Quando, porém, foi definitivamente decidido que Gino capitanearia a equipe italiana, Coppi surpreendeu muitos fãs ao recusar qualquer participação no Tour. Estrearia em outro ano e em seus próprios termos.

Perder Coppi como ciclista de apoio foi um golpe duro, e completar a lista do restante da equipe foi ainda mais difícil. Depois da guerra, poucos corredores que antes competiam voltaram a disputar nos níveis mais altos. E a maioria dos ciclistas mais jovens, a nova geração, só tinha corrido duas temporadas e ainda não se estabelecera profissionalmente. Isso criou, inevitavelmente, um hiato no processo de desenvolvimento de talentos, provocando escassez de candidatos com que formar uma equipe. O grupo que acabou sendo escolhido refletia essa realidade. Apenas um corredor além de Gino havia corrido o Tour antes da guerra.

A questão do treinador iria se mostrar igualmente espinhosa. Gino procurou seu antigo treinador no Tour, Costante Girardengo, e convidou-o a chefiar a equipe italiana na França. Girardengo considerou a proposta

seriamente. Mas aos 55 anos de idade achou que estava velho demais para voltar ao Tour. Declinou do convite de Gino com uma advertência nada ambígua. “**Já se passaram dez anos** – e isso é muito.” Sem Girardengo e Coppi, Gino e a Federação Italiana de Ciclismo foram obrigados a usar um pouco de criatividade. Como treinador, escolheram Alfredo Binda, velho e temperamental astro do ciclismo que fora ídolo de Gino quando menino.

A imprensa italiana acompanhava esses fatos com preocupação, e queria se precaver. Por um lado, era claro o interesse nacional no evento, como sugeriu um repórter, para quem todos na Itália pensavam “**apenas no Tour**”. No entanto, os editores dos jornais, com os pequenos orçamentos do pós-guerra, não queriam investir muitos recursos numa causa perdida, e assim suas ações refletiram **seu abjeto pessimismo quanto às perspectivas de Gino**. Ao fim e ao cabo, os editores italianos enviaram apenas quatorze jornalistas para cobrir o Tour na França. Em contraste, a Bélgica, com população muito menor e muito menos leitores de jornais, mandou cerca de cinquenta repórteres e a França, duzentos.

Os corredores italianos, ou *les Macaroni*, como eram chamados por muitos torcedores franceses, estavam com a viagem à França marcada para o dia 26 de junho de 1948. Nas vésperas da partida, cada um fez seus arranjos finais. Gino treinou um pouco, sob a supervisão de sua equipe profissional, Legnano, cujo diretor se mostrava cautelosamente otimista a respeito de suas perspectivas. Falando com a imprensa, declarou que Gino só pensava na vitória no Tour. E logo em seguida, como se pensasse que de alguma maneira estava desafiando o destino com tal comentário, afirmou que Gino, a poucos dias de seu 34º aniversário, estava disposto, caso vencesse, a assinar um documento se comprometendo a encerrar a carreira de corredor.

Em Florença, Gino passou parte de seus últimos dias na Itália com Adriana, Andrea e Luigi, sabendo que o Tour e a agenda de exposições em velódromos e em pequenas corridas que se seguiriam o deixariam longe de casa pelos meses seguintes. Conversando com Andrea, que estava a poucos meses do seu sétimo aniversário, Gino foi pego de guarda baixa quando o filho lhe fez uma pergunta simples.

“**Papà, quem lhe deu a ideia de ir ao Tour de France? Você é muito velho. Vai levar uma surra.**” Ainda que Gino tenha percebido que o filho apenas repetia, sem entender, algo que ouvira, deve ter sido um choque em sua confiança saber que, aparentemente, até Andrea tinha perdido a fé nele.

Na manhã de 26 de junho a equipe se reuniu em um hotel de Milão para as últimas verificações e, no final da tarde, se dirigiu à principal estação de trens da cidade. Surpreendentemente, pouquíssimos fãs apareceram para as despedidas. Um dos que estavam lá era o diretor da equipe da Legnano, levando dois presentes. O primeiro era um enorme empadão, para a viagem, e o segundo, uma barra de sabão para cada um usar durante a estada na França, onde, ele supunha, sem talões de racionamento seria impossível conseguir o produto.

No trem, uma triste descoberta. A Federação Italiana de Ciclismo não havia tido o cuidado de comprar bilhetes para os vagões-dormitórios de primeira classe que normalmente eram reservados, para que a equipe pudesse descansar durante a viagem. Era uma desatenção espantosa, que só enfatizava o ceticismo da comunidade ciclística acerca das perspectivas de Gino no Tour. Ele tentou levantar o moral, oferecendo-se para pagar na hora do embarque pelos bilhetes de primeira classe, mas estavam todos vendidos. Frustrados e resignados a uma noite insone, ele e os companheiros de equipe se arranjaram em suas apertadas acomodações, com oito pessoas sentadas em cada compartimento.

Na segunda classe de um trem noturno para Paris, um dos atletas mais famosos da Europa começou sua longa viagem de volta à França.

A EDIÇÃO DE 1948 seria anunciada como o primeiro Tour verdadeiramente europeu depois da guerra, embora não fosse a primeira vez que era corrido desde que haviam cessado as hostilidades. Já em 1946, seu diretor, Jacques Goddet, tentara reiniciar o evento, mas, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu. O governo negou autorização, dadas as extraordinárias quantidades de comida e de gasolina que a competição demandava. No começo ele até hesitou um pouco em sancionar a edição de 1947, pelas mesmas razões. No fim, acabou cedendo, porque, diz a lenda, os estivadores franceses ameaçaram entrar em greve se não houvesse Tour.



Gino Bartali e o companheiro de equipe Giovanni Corrieri desfrutaram um raro momento de descanso durante o Tour de France.

Resultou que na prova daquele ano não faltaram agitações trabalhistas e outras ameaças. Todas as comunicações foram feitas por telegrama, porque uma greve nacional dos correios deixou as correspondências paradas nas agências postais. E, o mais importante, havia uma evidente ausência de variedade internacional entre os corredores. Nem Alemanha nem Espanha participaram. A Itália também não mandou equipe, ausentando-se por razões diplomáticas e comerciais. Para Goddet, a ausência da Itália foi um grande aborrecimento, porque significava uma superpotência a menos no Tour, diminuindo o prestígio internacional do evento e arriscando potencialmente seu renascimento no pós-guerra.

Mas Goddet era empreendedor e audacioso demais para desistir tão facilmente. Embora bloqueado no nível oficial pela decisão do governo italiano e da Federação Italiana de Ciclismo, ele trabalhou discretamente durante as semanas antes da corrida até reunir uma equipe italiana própria, composta, em grande parte, de emigrados italianos residentes na França e de outros corredores de segundo time que ele e seus colaboradores conseguiram atrair. Muitos desses corredores italianos se saíram surpreendentemente

bem; dois deles terminariam entre os cinco primeiros, o que é muito impressionante, uma vez que tinham sido recrutados na última hora, alguns já tendo de pedalar ao longo de centenas de quilômetros na França só para chegar à linha de largada.

O Tour de 1947 levou ao conhecimento do público uma nova geração de ciclistas – muitos deles retornariam em 1948 – que foram apresentados como sendo pelo menos tão excêntricos quanto seus predecessores de antes da guerra. Diz-se que um dos corredores ligava para casa depois de cada etapa para falar com o cachorro. Outro era um visconde da nobreza piemontesa, que afirmava estar correndo por diversão e que não ligava se chegasse em primeiro ou em último lugar. De um terceiro, falava-se que durante a competição deitava a bicicleta na cama e passava a noite no chão, ao lado dela. Quando seus resultados na corrida não eram o que esperava, ele, segundo se diz, ia para casa e, revoltado, despedaçava a bicicleta e enterrava os pedaços no jardim.

Entre os cem homens que correram o Tour de 1947, havia apenas duas revelações, cujas estrelas brilhariam ainda mais um ano depois, quando Gino retornou. O primeiro era um francês agressivo, Jean Robic. Com óculos escuros de aviador e um lenço branco que colocava na cabeça nos dias de sol, poderia passar por um membro da Legião Estrangeira Francesa, não fosse pelo fato de ter menos de 1,60 metro de altura e a tendência a cair no choro quando fazia uma corrida ruim. Ainda assim, não lhe faltava coragem ou, pelo menos, fanfarronice. Embora fosse um corredor desconhecido de um time mal-ranqueado na França, prometeu publicamente que iria vencer e levar a camisa amarela para sua mulher. Pouco mais de três semanas depois, na última etapa do Tour de 1947, assumiu a liderança geral com a ajuda de um colega de equipe e venceu a competição.

De acordo com a imprensa italiana, ele havia trapaceado, seguindo no vácuo de um carro naquela etapa crítica, mas as acusações não deram em nada. Robic celebrou a vitória com a extravagante compra de três automóveis e a promessa de comprar um quarto se vencesse de novo em 1948. Sua mulher ganhou a camisa amarela e a nação, um novo campeão. Robic logo se tornou uma figura popular na imprensa francesa, e seu rosto era usado para vender produtos variados, de creme de barbear a selim de bicicleta. Em 1948 ele estava onipresente e parecia onisciente. Como um monarca solene, participou das despedidas dos organizadores que iriam inspecionar a rota antes do Tour. Quando o roteiro foi divulgado, uma

fotografia sua aparecia no centro dos mapas da prova publicados nos jornais e revistas. Se alguém sugerisse que toda essa atenção havia transformado uma personalidade irritadiça em um ser completamente napoleônico, Robic dava de ombros. “**Esses detratores, este ano vou deixá-los espantados, juro!**”, declarou.

A outra grande descoberta fora um corredor italiano chamado Aldo Ronconi. Na verdade, ele não era inteiramente desconhecido. Quem acompanhava de perto o ciclismo italiano sabia que durante anos ele fora corredor de apoio, primeiro para Gino, depois para Coppi. No Tour de 1947, porém, mostrou-se um astro por méritos próprios e ganhou apelido adequado a seu novo status – “**Escravo Emancipado**”. **As tintas de seu passado tinham tons semelhantes aos de Gino**. Vinha de uma família pobre e profundamente religiosa. Um de seus irmãos, aliás, era padre católico, que não hesitou em se fingir de mecânico para driblar as regras do Tour, que proibiam membros da família na caravana da prova.

Na primavera de 1948 Ronconi se encontrava no incômodo papel de ciclista de apoio para Coppi. Queixou-se na imprensa internacional por ter de sacrificar suas chances em prol de Coppi, como parte de seu duelo com Gino. Quando Coppi declarou que não participaria do Tour em 1948, foi anunciado que Gino iria capitanear a equipe “A” da Itália e Ronconi, a equipe “B” – Itália e Bélgica, duas superpotências do ciclismo, tinham permissão de enviar duas equipes cada uma, competindo como entidades separadas. Ronconi percebeu sua oportunidade e não fez nenhuma cerimônia acerca de suas ambições: “**Depois do Tour eu vou correr por conta própria.**”

O TOUR DE 1948 prometia a sua audiência uma lista ainda maior de astros europeus e, acima de tudo, espetáculo. Numa época em que a escassez de alimentos era preocupação corrente, o Tour era uma celebração de inimaginável extravagância. Nas preliminares, jornais de toda a França não deixaram escapar nenhum dos apetitosos detalhes ao descrever as **provisões necessárias para a competição** de três semanas. Destacados na longa lista de alimentos que seriam consumidos, estavam quase seiscentos quilos de macarrão, 1.500 frangos inteiros e cem quilos de chocolate. Trinta mil garrafas de vinho, cerveja e água também foram requisitadas, **porque “sem vinho”**, declarou um jornalista, “o Tour não seria digno de ser chamado Tour de France”. Até a farmácia da competição, normalmente sóbria, imbuíu-se de certa complacência ao anunciar que levaria 6 mil comprimidos de aspirina e

cerca de 13 mil litros de água-de-colônia, a que se atribuía certo valor medicinal quando usada em massagens.

Iniciado o Tour, cabia à caravana de publicitários levar adiante o espírito de excessos. No total, eram cerca de 45 patrocinadores que haviam pagado vários milhares de francos para promover seus artigos junto ao público nos desfiles que precediam os corredores em cada etapa. Do caminhão que promovia a Royal Mint Bubble Gum Américain, sorridentes modelos lançavam para os espectadores pequenos pacotes de goma de mascar. Em outros, novas máquinas eram postas a funcionar em vitrines móveis. Um fabricante de detergente para roupa equipou um caminhão com uma máquina de lavar especial que mostrava ao público a lavagem das enlameadas camisas dos corredores. Outro patrocinador, O.C.B. Rolling Papers, exibia uma máquina que cortava e dobrava papel de cigarro diante dos olhos de todos. Inevitavelmente, os anunciantes mais populares eram os fabricantes de bebidas, que após algumas etapas promoviam festas animadas, com a presença de cantores franceses populares.

Os anúncios em jornais e revistas também entraram na onda, espalhando as notícias de uma inebriante nova era de prosperidade no pós-guerra a apenas uma compra adiante. Uma empresa de alimentos assinalava um mundo moderno em que os vegetais seriam armazenados e consumidos ao longo do ano – era a comida congelada. Um fabricante de perfumes anunciava uma nova oferta chamada *Après le Match* (“Depois da partida”), que, segundo ele, dispensava o banho quando usada após uma suarenta competição esportiva. E uma indústria química anunciava um novo e milagroso inseticida doméstico chamado DDT, que vinha sob a forma de aerossol e em embalagem original, e prometia que matar insetos seria “*brincadeira de crianças*”.

A conta pela organização e montagem do Tour deveria ser paga pelas cidades e aldeias onde se situavam as etapas – *cada municipalidade pagava caro pelo privilégio de ser anfitriã*, em um momento em que muitas ainda lutavam pela reconstrução após a guerra. Porém, quando a caravana chegava, pouca gente lamentava a despesa. Na verdade, a única pessoa a criticar e que conseguiu alguma cobertura de imprensa foi *Hedy Lamarr*, uma aspirante a estrela do cinema americano, que ficou furiosa pelo fato de as atividades relativas ao Tour terem reduzido a cobertura de sua chegada a Paris. O restante do país parecia satisfeito em ter uma distração e uma chance de

aproveitar os feriados improvisados que muitas vezes eram declarados para celebrar a chegada do Tour.

Alguns indivíduos tentariam explorar todo esse entusiasmo com propósitos menos nobres. Em Toulouse, **um réu em um processo por colaboração** com o governo de Vichy apresentou um dos mais desavergonhados exemplos de oportunismo. Quando soube que o juiz, o querelante e os advogados tinham, todos eles, adiado o julgamento a fim de participar da chegada do Tour à cidade, pediu para ser libertado da cadeia pela mesma razão, prometendo retornar a sua cela assim que a corrida tivesse terminado. Diz-se que em Marselha um assassino em série apelidado de **“Pierrot le Fou”** – “Pierrot, o Louco” – estava planejando escapular da França aproveitando a inédita passagem do Tour pela Itália. Uma teoria postulava que Pierrot, vestido como ciclista, se misturaria ao pelotão quando ele cruzasse a fronteira, saindo da França. A diferença entre medo e excitação sempre foi uma questão de distância relativa, de modo que essa história virou alimento para uma agitação e uma especulação sem fim em toda a França, ainda que os verdadeiros participantes do Tour se tenham sentido um pouco nervosos com a possibilidade de ter o inimigo público número um da França pedalando entre eles.

EM MEIO A TODA ESSA ANIMAÇÃO, a primeira metade do Tour de 1948 se desdobrou bem, como seria de esperar. Robic, que a imprensa havia apelidado de **“Biquet”** – **“Cabritinho”** – por sua agilidade nas montanhas, assumiu a liderança na competição durante a primeira série de montanhas, os Pirineus. Ronconi correu consistentemente e era tido por seus concorrentes como um dos mais fortes da competição.

Gino também foi bastante bem no começo, chegando a ganhar três etapas. Quando o Tour entrou na segunda metade, entretanto, ficou óbvio que ele estava começando a declinar. Parte desse desempenho poderia ser atribuída a algumas interrupções infelizes, o tipo de coisa que acontece com todos os corredores. Ainda assim, algumas pessoas começaram a imaginar se o desgaste de vários dias consecutivos de corrida não iria aumentar a distância entre ele e os líderes. Um redator belga, para quem Gino já havia perdido seu lugar entre os principais contendores, descreveu-o como **“um corredor muito normal, de segunda classe”**. Um repórter francês estava mais preocupado em diagnosticar por que ele estava falhando. Especulou que

Gino havia perdido *le jump*, aquela capacidade crítica de dar uma grande arrancada final e que define o grande escalador.

Todos, entretanto, estavam mais interessados em falar sobre outro corredor, o jovem francês Louis Bobet, que, como gracejou um repórter, **poderia passar por sobrinho de Gino**. Com 23 anos de idade e um rosto digno de astro de cinema, ele era “**Le Pin-Up Boy**”, como o chamou um jornal francês – um verdadeiro sonho para qualquer diretor do Tour. **Ele combinava** desempenho excepcionalmente forte na bicicleta com atitude confiante longe dela – a singular mistura que trazia novos fãs para o esporte e vendia jornais às centenas de milhares. Os demais corredores e inicialmente alguns jornalistas sentiam ciúmes e se mostravam céticos. Muitos passaram a chamá-lo de “Louison” – “Luisinho” –, apelido carinhoso usado por sua mãe, sugestão nada sutil de que ele ainda não estava maduro o suficiente para deixar a barra de sua saia. Outros, cada vez mais numerosos à medida que se multiplicavam seus dias com a camisa amarela, percebiam algo mais substantivo em sua ascensão, de quase desconhecido corredor de apoio a líder de fato da equipe francesa.

O julgamento final de Bobet teria lugar nos Alpes, a segunda série de montanhas no Tour de 1948. Para chegar lá, ele e os demais competidores precisavam dominar o Col de Turini, desfiladeiro a mais de 3.700 metros de altitude na estrada de San Remo a Cannes. A imprensa se referia ao Turini como a primeira subida alpina, mesmo que tecnicamente estivesse em uma parte que não era considerada etapa de montanha. Pela primeira vez o trajeto passava por lá, de modo que poucos jornalistas sabiam o que esperar dele. Com estrada estreita e sinuosa até o topo e asfaltada apenas em alguns trechos, sem dúvida seria uma subida exaustiva. Um ciclista mais novo, sem hábito de correr em estradas tão ruins, facilmente poderia fraquejar. Bastava um excesso de fadiga ou de desidratação para a possibilidade de acidente ou ferimento crescer exponencialmente. Assim, não era de surpreender que a imprensa estivesse extremamente cética quanto às chances de Bobet. **“Duvidamos que Bobet possa cruzar o Turini adequadamente.** Esse desfiladeiro é um desafio tão difícil, que seria uma verdadeira catástrofe se Bobet não fosse apoiado [por sua equipe].”

AO MEIO-DIA DE 13 DE JULHO, com a temperatura chegando a 36°C, os corredores enfrentavam seu destino. Gino sentia-se forte: **“Naquela etapa** eu me dei conta de que havia alcançado minha melhor forma física e a máxima

facilidade ao pedalar. Meus músculos funcionavam como engrenagens de relógio.”

A meio caminho do Turini, Gino se viu lado a lado com Bobet, à frente de todos os outros. Estavam circulando rumores de que havia algo errado com Bobet, embora ninguém soubesse com certeza o que era. Gino pensou em escapar, mas hesitou. “**Todo mundo iria dizer que sim, que eu tinha feito bem**”, raciocinou Gino, “mas que eu tinha chutado uma porta entreaberta, já que Bobet estava doente e não tinha sido capaz de competir no mesmo nível.” Além do mais, no que dizia respeito a Gino, Bobet era muito verde para ser uma ameaça real. “**Eu o considerava um convidado de luxo do Tour**, um jovem de grande potencial que queria chamar a atenção para si.” Gino estava certo de que poderia esperar o tempo adequado.

Em poucos minutos, porém, seu otimismo esvaneceu. Passando em cima de um prego na estrada, o pneu de Gino estourou. Bobet se aproveitou da situação e acelerou. “**Bobet não tinha nada, só uma bolhinha no pé**”, descobriu Gino mais tarde, “e assim que percebeu que eu tinha furado um pneu, disparou para a frente como um raio.” Sem saber onde estava o carro de apoio e com os companheiros de equipe muito atrás, Gino se abaixou e começou a trocar o pneu ele mesmo. No tempo gasto para substituir o pneu e encher o novo, um pequeno grupo de corredores da França e de Luxemburgo passou por ele. Gino ficou lívido.

“**Eu fiquei num humor terrível**. Tinha me deixado enganar como um novato.” O que o deixava mais furioso era ter subestimado grosseiramente o jovem rival, um erro tático que um ciclista com sua experiência não poderia ter cometido. “**Claro que se eu soubesse** que Bobet também era forte nas subidas não teria deixado que assumisse aquela vantagem toda.”

Quando finalmente pôde voltar, Gino perseguiu o grupo de ciclistas que o ultrapassara. Girando desesperadamente os pedais, correu para a frente com toda a energia que possuía.

E, então, perdeu velocidade.

Talvez fosse o calor, talvez fosse o pensamento de que Bobet tinha sido mais esperto. Ou, talvez, a percepção de que, embora se sentindo mais forte do que nunca nos últimos anos, seu corpo já não reagia à pressão. O repórter francês tinha razão.

Ele estava perdendo *le jump*.

À sua frente, Bobet era um modelo de força e de inteligência. Chegou em primeiro lugar ao cume do desfiladeiro Turini e ganhou a bonificação de tempo. Pouco a pouco, prudentemente reduziu e deixou que o grupo de ciclistas atrás dele o alcançasse. Correndo com o grupo poderia aproveitar a proteção dos outros e preservar-se para as etapas à frente.

Quem esperava algum sinal auspicioso para registrar a importância do momento não se desapontou. Logo depois de Cagnes, **o chefe do trem expresso para Paris** que corria pelos trilhos ao lado dos ciclistas avistou-os. Imediatamente reduziu a velocidade, para que os passageiros, e até mesmo o maquinista, pudessem correr para as portas e janelas e olhar Bobet pedalando com confiança na direção da reluzente costa da Riviera.

O final da corrida foi pouco mais do que uma formalidade. Em Cannes, Bobet deslizou pelas praias, palmeiras e hotéis de luxo que se enfileiravam ao longo do bulevar principal, La Croisette, e cruzou a linha. A imprensa ficou eufórica, e os repórteres que antes duvidavam dele viraram fiéis seguidores. Le Pin-Up Boy passou a ser o **“Herói Incontestado”**.

Vários lancinantes minutos depois, quando o vitorioso já havia sido beijado, fotografado e exibido, Gino cruzou a linha, cercado por uma falange de corredores anônimos. Perdera terreno ao invés de ganhar, o que significava que tinha se colocado fora da contenda. No total, estava 29 minutos e 28 segundos atrás de Bobet na classificação geral.

Mas havia algo mais do que a derrota – a etapa revelara um corredor diferente daquele que ganhara o Tour de 1938. Ao confrontar os maiores desafios do Tour nas oitenta horas que os ciclistas haviam corrido até então, começaram a aparecer algumas falhas fundamentais na força de Gino. Jacques Goddet, diretor do Tour e sua eminência parda, deu o veredicto divulgado por muitos jornalistas. **“Nós, que vamos ao lado do corredor,** de carro ou de motocicleta, podemos perceber, acredito eu, a sua verdadeira dor. Bartali não vai vencer o Tour de 48. Foi o Turini quem afirmou isso.”

12. Quatro balas

QUATORZE DE JULHO DE 1948 foi um dia tórrido em Roma, com aquela espécie de sol ardente que derrete o asfalto e obriga as pessoas a correr para a sombra. Na Câmara dos Deputados, os políticos debatiam **uma proposta de lei para recolher muitas das armas de fogo** que ainda continuavam em poder de particulares depois da guerra. A coalizão dominante dos democratas-cristãos advogava a medida como passo importante para aumentar a segurança pública. O Partido Comunista, mais cético, não estava disposto a confiscar as próprias armas com que os *partisani* italianos haviam ajudado na luta contra os alemães pela independência do país durante a guerra.

Para Palmiro Togliatti, líder do Partido Comunista, era uma manhã como outra qualquer. Discussões acaloradas e em altas vozes explodiam no plenário; reuniões, reservadas e de rotina, se desenrolavam nos escritórios que o cercavam. Às onze e meia, **Togliatti resolveu ir até uma afamada gelateria local**. Talvez quisesse um sorvete. Ou talvez, como milhões de outros italianos fãs do ciclismo, simplesmente quisesse dar uma olhada nos jornais **para saber o que estava acontecendo com Gino Bartali** na França. O que quer que fosse, decidiu ir à Giolotti, famosa por seus *gelati* de sabores que iam de avelã a melancia e incluíam tudo o que ficasse entre os dois. Estava acompanhado de Nilde Iotti, uma colega que a revista *Time* descreveu como de “**olhos quentes**” e “seios fartos”, declaradamente sua amante.

Não foram longe. Ao passar pelas portas de vidro da entrada lateral da Câmara que davam para a rua, um jovem de casaco azul esbarrou neles e, em questão de segundos, enfiou a mão no casaco e puxou um revólver que estava enfiado no cinto. O revólver ficou preso, mas ele rapidamente o puxou e começou a atirar. Instintivamente Togliatti ergueu o lenço para proteger o rosto.

A primeira bala roçou a orelha de Togliatti. A segunda atingiu-o no lado esquerdo e atravessou o corpo, saindo pela ilharga. A terceira bala foi muito mais traiçoeira. Passou entre as costelas e atingiu o pulmão esquerdo. Togliatti cambaleou, e um jornalista que por acaso estava perto correu para segurá-lo pelos braços, enquanto ele tombava no chão ao lado de um carro estacionado. Foi disparado um quarto tiro, mas errou o alvo. Togliatti ainda estava consciente, mas seriamente ferido e sangrava muito. “**Jotti! A maleta!**”, conseguiu dizer, num alerta para que ela verificasse se seus documentos estavam em segurança. Perguntou então **se o atirador já havia sido detido**. Jotti, que nada sofrera, jogou-se sobre o corpo do amante para protegê-lo de outros ferimentos e gritou: “**Prendam ele! Prendam ele!**” Togliatti foi levado a toda pressa para o hospital. Em questão de minutos a notícia do atentado chegou à Câmara dos Deputados e espalhou-se pela Itália, iniciando um turbilhão de caos e de violência. O misterioso quase assassino que havia desencadeado tudo isso, no entanto, ficou ali, indiferente, e deixou-se prender pela polícia sem protestar.

Seu nome era Antonio Pallante, e logo percorreram toda a nação os mais delirantes rumores sobre o que havia levado aquele jovem de 24 anos de idade a atirar no líder do partido da oposição de seu país. Algumas vozes à esquerda acusavam-no de fazer parte de uma trama mais ampla do governo para suprimir o Partido Comunista. Outras, à direita, especulavam temerariamente que teria sido um trabalho interno; até vozes mais razoáveis, como a do *New York Times*, argumentavam que os comunistas iriam explorar o incidente para “**incitar tumultos e mobilizar a multidão**”. Houve também as que fizeram circular o boato de que ele era um assassino pago, trabalhando para um infame bandido siciliano. E ainda algumas sugerindo que se tratava de um simpatizante do nazismo, **acusação que o próprio Pallante rejeitaria veementemente**. O que havia de mais notável em sua maleta, um exemplar de *Mein Kampf*, de Hitler, sugeria o contrário.

Quando foram publicadas as primeiras fotos do criminoso, os italianos devem ter percebido a disparidade entre o insano pistoleiro que imaginavam e o rapaz que viam nos jornais. De rosto pálido e redondo e suaves olhos castanhos, Pallante dificilmente passaria por um assassino a sangue-frio. Um jornalista descreveu-o como “**sonhador**”. E nenhum dos detalhes que surgiram a respeito de sua família ofereceu qualquer pista sobre suas motivações. **Havia crescido na Sicília**, e a mãe mencionou suas profundas convicções religiosas. Passara quatro anos em um seminário, pensando na

possibilidade de se tornar padre católico. O pai, guarda-florestal, descreveu-o como um jovem plácido e obediente que detestava armas. Observou que o filho se encolerizava facilmente quando desafiado, mas temperamentos explosivos não são nada raros na Sicília, nem na Itália, aliás.

Nada sugeria que Pallante estivesse visivelmente perturbado nos dias que antecederam o ataque. Um estranho que o vira na viagem de trem para Roma não percebera nele algo que parecesse anormal. Uma das últimas pessoas a estar com Pallante foi o amigo com quem dividia um quarto de pensão. Haviam conversado sobre vários assuntos, mas Pallante não dissera nada que desse qualquer pista sobre as suas sinistras intenções. Na verdade, parecia mais interessado em **discutir um assunto que nada tinha a ver com política – as chances de Gino Bartali no Tour de France.**

No entanto, nos interrogatórios policiais que se seguiram à prisão surgiu uma imagem diferente, distorcida, de segredos e de vida dupla. Durante vários anos ele circulou a esmo entre os partidos políticos em Catania, cidade na costa leste da Sicília. Vivia do dinheiro do pai, que havia vendido uma parte das terras da família para custear sua educação e acreditava que o filho estudava Direito na universidade.

Patriota feroz, suas simpatias políticas, no entanto, eram confusas, cambiantes e erráticas. Havia apenas uma constante – um ódio profundo por Togliatti. Segundo a tortuosa lógica de Pallante, Togliatti não só era responsável por alguns dos assassinatos por vingança realizados pelos *partisani* no fim da guerra, mas estava agora tramando entregar a Itália à União Soviética.



IL FASCISMO
NON
RISORGERA

C.G.E.
VOGLIAMO LA
PUNIZIONE DEI
COLPEVOLI

IL CORRIERE
E' STATO
SODDISFATTO

UNO E' LO
SPARATORE
MOLTI GLI
ASSASSINI

L'ENTANO
UCCIDERE
UNICO DIFENSORE
GLI DISOCCUPATI

La Celere
contro i
fascisti e
non alle
MORTA
contro il
popolo!

Sceba
e
Respi

TOGLIATTI
È L'IDEA
CHE NON
MUORE

Gli
hanno
TOGLIATTI
Hanno

TESSUTI
Warro

Grande manifestação em Milão, uma das muitas ocorridas em 14 de julho de 1948.

No começo de julho, Pallante pediu mais dinheiro à família, para voltar a Catania e terminar sua tese de graduação. Com o dinheiro na mão, realmente voltou a Catania, mas só o tempo suficiente para comprar cinco balas e um revólver Smith & Wesson calibre 38. Então deu início a sua longa viagem para o norte. Quando chegou a Roma, conseguiu convencer um deputado pela Sicília a lhe dar autorização para assistir às sessões na Câmara dos Deputados, pretendendo assim observar as rotinas e os comportamentos de Togliatti. Primeiro tentou atrair Togliatti para um encontro privado, enviando-lhe um bilhete urgente e misterioso. Como não teve resposta, decidiu eliminar Togliatti quando ele estivesse na rua. Na manhã do dia 14 de julho, esperou quase trinta ansiosos minutos na entrada lateral da Câmara dos Deputados. Mesmo depois de atirar e começar a se dar conta da enormidade do que havia feito, Pallante não se mostrou arrependido. Sob custódia da polícia, falou calmamente sobre os tiros em Togliatti. “Sempre achei que sua eliminação seria saudável para a Itália, mas só há três ou quatro meses atinei com a ideia de eu mesmo cometer o assassinato.”

NA FRANÇA, aquela manhã se desenrolava de maneira mais feliz. A nação celebrava o Dia da Bastilha, data nacional da França. Nesse dia em Paris todos se transformavam em *boulevardiers* e percorriam animadamente as vastas avenidas da cidade em busca de diversão. Pela manhã, podiam assistir à grande parada militar nos Champs-Élysées, a que o presidente da República comparecia como convidado de honra. À tarde, os vários teatros da cidade ofereciam matinês gratuitas para todos os franceses que aproveitavam o dia sem trabalho. À noite, Paris resplandecia com fogos de artifício lançados de vários lugares. E quando suas cores se apagassem na escuridão do céu, a cidade, embaixo, continuaria brilhando, seus mais belos monumentos enfeitados com milhares de pequenas luzes clareando o horizonte.

Na Riviera Francesa, Cannes também trepidava com fervor patriótico. Nas águas azuis-turquesa da Côte d’Azur, iates brancos e cor de creme moviam-se preguiçosamente ao sol. Nas praias, crianças faziam castelos de areia e muitas jovens, as belezas que nunca escasseavam em Cannes, usavam o novo e chocante tributo francês ao minimalismo em roupas de banho – *le*

bikini. Perto dali, jovens casais passeavam sob as tamareiras que cercavam La Croisette, o bulevar mais famoso da cidade. Essa longa corrente verde de folhas pendentes de palmeira era complementada por ocasionais pés de acácia cujas pequenas flores amarelas exalavam um perfume leve e frutado com toque de manga, que os *perfumeurs* locais engarrafavam e vendiam para que os visitantes pudessem saborear a Riviera por muito tempo depois de encerradas as férias.

O Dia da Bastilha era dia de vinho e de alegres piqueniques, e em Cannes esses prazeres simples assumiam a encantadora elegância que lhe era própria. As cestas de piquenique transbordavam com os mais suculentos tesouros da Provence – os tipos sem conta de azeitonas e de *tapenades* que são a especialidade da região e vários *confits* e *calissons* de frutas, deliciosos confeitos típicos feitos de amêndoa, melão e açúcar. O apreciador de vinhos com certeza iria saborear suas próprias delícias. A Provence é famosa por seus *rosés*, mas em um feriado nacional o champanhe era *de rigueur* para qualquer francês com sangue nas veias e com meios para adquiri-lo.

Em 1948, quem tivesse o cuidado de observar bem perceberia, naturalmente, alguma escassez. Nas lojas, muitas prateleiras ainda estavam vazias, e como em qualquer outro lugar da França, em Cannes muitos produtos alimentícios ainda continuavam estritamente racionados. A própria cidade também parecia um pouco dilapidada. A guerra transformara a torrente de turistas em busca de sol num filete d'água, e em Cannes o dinheiro era curto.

Para o Tour, contudo, Cannes não poupou despesas. Partes inteiras da cidade foram cercadas por cordões de isolamento preparando sua chegada; uma tribuna especial foi montada na linha de chegada para que dali os principais políticos da região assistissem ao final da corrida. Os ciclistas, habituados a alojamentos mais simples nas demais cidades da França, foram colocados nos mais opulentos hotéis. Não se tratava apenas de hotéis de luxo, eram alguns dos melhores da Europa – o tipo de estabelecimento normalmente reservado aos mais ricos do mundo, “os marajás e as louras”, como denominou um jornalista. Em inspirado ato de benevolência, a cidade e os organizadores do Tour haviam reservado **para a equipe italiana quartos em um hotel específico**, supostamente o melhor de todos – o Carlton, cujas duas proeminentes cúpulas, segundo se dizia, **havam sido desenhadas para se parecer com os seios da mais famosa cortesã da cidade**.

Dias de descanso como esse ofereciam mais oportunidades de celebração, embora a intenção oficial dos organizadores do Tour pretendesse um dia de calma recuperação antes e depois de ásperas etapas de montanha. Seriam organizadas várias recepções bem-providas, e clubes da moda chamariam os ciclistas como convidados de honra em suas festas. Nas casas noturnas, conjuntos musicais iriam tocar para todos os visitantes que haviam seguido o Tour até a cidade. Sem dúvida alguma, os ciclistas mais ciosos iriam recusar todos esses compromissos. Mas não seria nenhuma surpresa encontrar pelo menos alguns deles aproveitando as festividades. Depois de 2.700 quilômetros no selim, não se podia criticar ninguém por um canapé ou dois coquetéis.

NO QUARTO 112 DO CARLTON, tudo indicava que o dia seria calmo. Já tendo dado uma volta para conhecer a cidade com seu colega Giovanni Corrieri, em outro dia de descanso, Gino planejou algo mais calmo em Cannes. A manhã havia começado bastante bem. Dormiu muito e tomou um desjejum tardio, o duplo prazer dos ciclistas do Tour nos dias de descanso. A pilha diária de correspondência havia produzido suas gratificações, sob a forma de dois telegramas notáveis de Roma. Um deles havia sido enviado por *monsignor Montini*, transmitindo as bênçãos do papa no Vaticano. (O próprio Montini mais tarde seria eleito papa.) O outro era do primeiroministro da Itália, Alcide De Gasperi, agradecendo a Gino os cumprimentos enviados pela eleição e desejando-lhe sorte na corrida do dia seguinte.

Quando os repórteres começaram a chegar a seu quarto para o interrogatório diário de rotina, a expressão de Gino logo azedou.

“**Sempre as mesmas perguntas!**”, vociferou, raivoso, para os vinte e tantos jornalistas que cercavam a cama em que descansava. Os italianos e outros corredores muitas vezes recebiam a imprensa na cama, aproveitando qualquer oportunidade de recuperar as pernas. Corrieri, na cama a seu lado, se manteve calado enquanto Gino, sarcástico, criticava as perguntas dos repórteres:

“Então, Gino, vai ganhar o Tour? Seu atraso na classificação geral não o assusta? O que está planejando fazer?”

Gino estava com um humor daqueles, o que não era novidade para ninguém, muito menos para os jornalistas que vinham seguindo todos os seus movimentos nas duas últimas semanas. Suas perguntas, no entanto, realmente

pareciam redundantes, ou mesmo impertinentes, considerando-se que muitos deles já o haviam descartado em seus periódicos.

Os jornalistas italianos, tanto os que estavam em Cannes como os que acompanhavam o Tour pelo telefone e por transmissões pelo rádio, eram particularmente eloquentes em suas críticas. Como seria de esperar, a maioria atribuía o mau desempenho de Gino à idade. Como corredor mais velho, faltava a Il Vecchio a resistência necessária para acompanhar o ritmo dos ciclistas mais jovens ao longo de três semanas de competição. “**Eu me sentia bem de verdade**, mas todos diziam que eu estava acabado: um velho que ainda sabia se defender, mas era preciso mais do que isso para ganhar o Tour”, recordou Gino mais tarde.

Outros jornalistas italianos eram mais diretos. Um deles atribuiu a fraca atuação de Gino à adoração dos *bartaliani*, seus fãs. “**Bartali é querido por muita gente**. Amor demais sempre leva ao pecado.” Outros o censuravam por ter convidado **Adriana para passar a noite com ele dois dias antes**, quando o Tour parou em San Remo, na Itália. Para Gino havia sido uma ocasião rara de ver a mulher em dois meses fora de casa, e ele, enraivecido, afirmava para a imprensa que haviam dormido com o filho entre eles. **Para ciclistas calejados, contudo, a presença de uma mulher e a mera possibilidade de relações íntimas**, por mais absurdamente remota que fosse, só poderiam significar problemas para um corredor.

O principal jornalista da seção de ciclismo do jornal esportivo mais importante da Itália, *Gazzetta dello Sport*, foi o crítico mais contundente, ao dizer que “**Bartali, o antigo rei das montanhas, hoje não é mais rei**”. Situou as deficiências de Gino no contexto da história recente da Itália: “São tempos negros para as monarquias, e os reis também morrem no mundo dos esportes. São as guerras que fazem o mundo desmoronar e, no campo do atletismo, são as grandes batalhas das corridas que substituem os campeões importantes do passado.”

Surpreendentemente, a imprensa francesa foi mais simpática. Gino retribuiu em espécie, concordando com entrevista exclusiva em que apresentou **as três principais razões** de seu fraco desempenho no Tour. Primeiro, queixou-se de que não estava competindo contra uma equipe francesa, mas contra várias. Ele estava certo. No Tour de 1948 havia diversas equipes regionais da França, além da equipe nacional. Segundo, declarou que se sentia “sozinho”, porque seus companheiros de equipe não eram corredores suficientemente fortes para apoiá-lo quando precisava.

Ambas as desculpas podiam ser tecnicamente acuradas, mas nenhuma fazia sentido. Havia muitos anos que o Tour apresentava mais de uma equipe francesa. Na verdade, em seu vitorioso Tour de 1938, Gino havia corrido contra três equipes francesas sem qualquer incidente de aliança desleal entre elas. E se Gino achava que seus companheiros de equipe eram fracos, só tinha que culpar a si mesmo – afinal de contas, ajudara a selecioná-los.

A queixa mais importante de Gino era de que as federações ciclísticas nacionais que governavam o esporte em cada país deveriam obrigar seus melhores corredores a competir no Tour. Nas palavras de Gino, segundo o jornal francês *L'Équipe*, tal imposição seria necessária porque o Tour era uma “**corrida com impacto internacional**, em que a honra de cada país estava em jogo”. A questão não era saber que corredor italiano Gino gostaria que a Federação Italiana de Ciclismo tivesse obrigado a correr no Tour e a auxiliá-lo – isso era óbvio: Fausto Coppi. A questão real era como alguém que havia sido tão marcado em termos emocionais pela interferência do governo fascista no início da carreira podia agora exigir que o governo atual interferisse na carreira de outrem. Em sua luta contra a perspectiva de perder o Tour e desaparecer na irrelevância, Gino estava abertamente considerando abandonar uma de suas mais caras convicções pessoais. Em Cannes, com a longa sombra de Coppi cobrindo-o como uma mortalha, Gino chegou ao fundo.

A ALGUNS PASSOS DE DISTÂNCIA, no hotel Victoria, a equipe francesa passava o dia de descanso muito mais animada. Jean Robic, o grande astro da equipe, estava particularmente falante – e com boas razões. Era a véspera de uma de suas etapas favoritas, a corrida de Cannes a Briançon, e até então seu desempenho no Tour havia sido excelente. No primeiro assalto da escalada nos Pirineus, Robic havia se saído bem ao desafiar Gino no campo de batalha favorito do italiano, a montanha. A imprensa havia registrado isso. Em Robic, proclamou um repórter, “**Bartali encontrou seu mestre**”. Robic, sem dúvida, tinha suas próprias preocupações. Ainda havia uma diferença considerável entre ele e o líder do Tour, seu compatriota Louis Bobet. Nada que não pudesse ser compensado em uma etapa ou duas. No ano anterior, Robic havia vindo de trás, também com grande diferença, e saíra vitorioso.

Robic estava pronto para celebrar, e seus planos para o dia refletiam isso. Como uma estrela iniciante do cinema numa sessão de fotos, Robic iria passar boa parte do dia posando para as câmeras da mídia nacional.

Exagerou em sua representação para os fotógrafos ao ordenhar uma cabra numa fazenda próxima. Também montou um burro na praia e depois foi até um hospital local para falar sobre o Tour com diversas crianças doentes. Outros corredores e observadores poderiam julgar que Robic estivesse abusando, na véspera da mais estafante etapa do Tour. No que dizia respeito aos dias de descanso de Robic, porém, essas atividades eram até moderadas. Em Biarritz, ele havia tomado emprestada a motocicleta de alguém da caravana do Tour e dado um passeio com amigos. Mais tarde, foi visto em um cassino local. Poucos dias depois, quando o Tour se deteve em Toulouse, Robic adorou quando os fãs se aglomeraram para aplaudi-lo diante do hotel. Escapuliu pela porta dos fundos e foi passear no mercado da cidade, sendo de novo identificado, dessa vez por um grupo de **corpulentas peixeiras**. Elas o agarraram e o carregaram nos ombros, desfilando com ele durante quase uma hora em meio a uma delirante multidão. A pândega continuou na sede da prefeitura de Toulouse, onde Robic e vários outros corredores foram ovacionados em uma recepção pública. Embora ainda não fosse meio-dia, várias garrafas de champanhe foram abertas.

Aldo Ronconi, capitão da equipe B italiana, provavelmente passou boa parte do dia de descanso como passara os anteriores, escrevendo cartões postais para amigos, família e fãs. Depois de anos labutando à sombra de Gino ou de Coppi, era uma deliciosa novidade escrever para seus próprios fãs. O fato de ter muitas notícias boas para contar também não era nada mau. Ronconi havia tido alguns lampejos brilhantes na planície e estava se garantindo nas montanhas. Como Gino, Ronconi havia se esforçado muito na última etapa. Para completar, sentado no quarto de hotel em Cannes, podia se orgulhar de ser o primeiro entre os italianos na classificação geral. O corredor que tinha vindo à França para mostrar a seus compatriotas que era páreo para Gino estava agora a caminho de derrotá-lo.

Outros competidores passaram o dia de forma mais rotineira. Um francês planejou uma sessão de acupuntura para tratar de um joelho dolorido. Outros dois ajudaram um terceiro em sua higiene pessoal e o barbearam deitado na cama. Sabe-se de um belga que descansou algumas horas numa banheira de vinagre, supondo que isso ajudava a relaxar os músculos. Outro belga se ocupou limpando as roupas, ritual que cumpria diariamente. Seu colega de quarto, no entanto, menos caprichoso, se contentava em virar as roupas sujas pelo avesso, conseguindo outra muda com menos esforço.

O corredor mais comentado, Louis **Bobet**, líder do Tour, quase desapareceu. Para ser diferente dos dias de descanso anteriores, como o que terminou em um coquetel oferecido por uma deslumbrante atriz, Bobet decidiu permanecer em seu quarto de hotel. Por mais tentadoras que fossem as festividades do dia, havia muito a perder caso se fatigasse. Ainda assim, Bobet parecia estar em excelente estado de espírito. Ganhara a etapa da véspera, mantendo a camisa amarela que usara em oito das doze etapas já corridas. Estava recuperando sua melhor forma com uma injeção de penicilina que parecia ter eliminado algumas dolorosas bolhas nas pernas – que a imprensa havia pragmaticamente atribuído ao “**cansaço excessivo, muita comida e, talvez, abuso de substâncias para melhorar o desempenho**”.

Depois de uma boa noite de sono, ele podia passar a manhã sossegado, pensando em sua longa trajetória. Em cerca de duas semanas e meia, o filho de um padeiro da Bretanha se transformara em nome familiar na França. Sua mulher era figura habitual na imprensa. Nas linhas de chegada a polícia o protegia dos ardorosos fãs; admiradores leais cobriam-no de presentes, como o meio quilo de manteiga sem sal que recebera naquele dia, vindo de sua cidade natal. Artigos de jornal de diferentes lugares da Europa ungiam-no como o mais novo príncipe do ciclismo francês. Não importava para onde olhasse, Bobet não podia escapar a um fato: sua vida havia se transformado irrevogavelmente. Depois de anos de treino e sacrifício, chegara afinal à iminência da vitória em Paris.

E então ele ficou muito, muito nervoso.

NA ITÁLIA, a situação passava de ruim a péssima. Togliatti havia sido submetido às pressas a uma cirurgia de emergência, conduzida por um dos principais cirurgiões do país. Democratas-cristãos, comunistas e jornalistas congregavam-se na sala de espera. “**Essa é a pior coisa que poderia acontecer**”, comentou o primeiro-ministro Alcide De Gasperi, juntando-se a eles no hospital. Embora provavelmente em estado de choque extremo e delirante com a dor, Togliatti ainda estava consciente. Uma hemorragia interna, contudo, roubava-lhe muito sangue, e ele já havia tomado várias transfusões. Às 13h15 foi anestesiado, e os cirurgiões iniciaram a árdua tarefa de tentar remover as balas de seu corpo.

Fora do hospital, **as notícias do atentado a Togliatti varriam o país**, com as estações de rádio transmitindo boletins noticiosos e os jornais lançando edições especiais. Tais informações lançaram o país no caos. Quase

imediatamente o trabalho foi interrompido nas fábricas e em muitos escritórios. Manifestantes se reuniam nas ruas, arrancando paralelepípedos e construindo barricadas para deter a polícia. “Um vento de pânico” ameaçava o país, escreveu um jornalista. Em Roma, “a cidade colocou a lívida máscara do medo”, relatou outro. Em Milão, operários de fábrica assumiram à força o controle de seus locais de trabalho. Outros operários fizeram o mesmo em Turim e chegaram a tomar como reféns cerca de trinta gerentes, entre eles o diretor administrativo da fábrica de automóveis Fiat.

Os tiros em Togliatti trouxeram à tona todas as insatisfações, frustrações e divisões na Itália do pós-guerra, com resultados desastrosos. Todos temiam o que iria acontecer à Itália caso Togliatti morresse. Enquanto seu estado permanecia incerto, o país cambaleava, cada vez mais perto da iminência de uma revolução ou guerra civil. As manifestações públicas de protesto que ocorriam na maioria das grandes cidades italianas logo se transformavam em tumultos. Em Veneza, um grupo de comunistas radicais se apossou de uma estação de rádio e atacou um centro de armazenagem de petróleo. Em Pisa, um fascista armado de revólver sequestrou uma carroça puxada a cavalo e abriu fogo contra uma multidão de trabalhadores, até ser agarrado e espancado até a morte. Em Taranto, manifestantes lançaram pedras e garrafas com gasolina na polícia. Em Roma, uma multidão se reuniu na grande piazza diante do Ministério das Relações Exteriores. Os amotinados fizeram várias tentativas de invadir o prédio e a polícia deu tiros para o ar para repeli-los. Em Gênova, um grupo de radicais assumiu o controle total do governo da cidade.

Na cidade natal de Gino, Ponte a Ema, ocorreram demonstrações ruidosas nas ruas. Na multidão muitos choravam, segundo dois moradores antigos, os Grifoni, que testemunharam os acontecimentos. “Nós perdemos a cabeça”, lembrou Tullia Grifoni. “Essa notícia realmente nos abalou.” Do outro lado do rio Arno, em Florença, uma multidão enfurecida tomou de assalto os escritórios dos democratas-cristãos e os saqueou. Outro partido político, que simpatizava com alguns elementos da plataforma fascista, pagou preço ainda maior: os manifestantes invadiram seus escritórios, queimaram os arquivos e jogaram a mobília na rua. Numa parte mais remota e montanhosa da Toscana, onde Gino gostava de treinar, um grupo de *partisani* armados rumou para as montanhas e iniciou sangrenta batalha contra o Exército e a polícia.

Na União Soviética, estações de rádio de Moscou anunciaram que **Stálin e o Partido Comunista Soviético** estavam “ultrajados” com o ataque a Togliatti. Do outro lado do Atlântico, a CIA e o Departamento de Estado devem ter sabido do atentado no início da manhã. Para os funcionários que achavam que as escolhas da Itália afetariam os destinos da Europa ocidental, deve ter sido terrível acompanhar os acontecimentos tão de longe. Às 8h55 da manhã o terror chegou muito mais perto, quando um anônimo, que a polícia acreditava ter sido motivado pelos tiros em Togliatti, ligou para a central telefônica da catedral de St. Patrick, na cidade de Nova York, e anunciou: “**Sou comunista**. A catedral explodirá quinze minutos antes do meio-dia.”

Uma tragédia nacional se havia transformado em potencial crise internacional.

A MAIOR PARTE dos jornalistas italianos em Cannes começou a fazer as malas assim que tomou conhecimento das notícias de casa. Gino os viu quando acertavam as contas no hotel. Convencido de que partiam mais cedo por supor que o Tour estivesse perdido, Gino pulou da cadeira em que conversava com seu colega Corrieri e avançou para os enfrentar. Eles mal tiveram tempo de justificar a volta para a Itália quando Gino interrompeu, desafiador:

“**Vão! Vão para casa!**”, gritou. “Sei o que vocês estão pensando: eu estou velho. Vocês vieram para cá e se cansaram para nada. Não faz sentido acompanhar a corrida de Bartali, aquele pobre velho, não é? Mas estou avisando: um cronômetro não será suficiente para registrar a quantidade de tempo com que vou superar os outros. E não me venham entrevistar depois, quando eu ganhar a camisa amarela!”

A raiva nos pálidos olhos azuis de Gino logo se dissipou quando explicaram que seu retorno nada tinha a ver com ele. Pensou imediatamente na mulher e no filho em Florença. Tentou falar com eles, mas não conseguiu.

Os detalhes do atentado contra Togliatti foram pingando à medida que o dia passava. Desde logo, porém, a semelhança com um episódio doloroso que marcou a infância de Gino era de arrepiar. Quando tinha onze anos, Gino recebeu sua primeira lição sobre os perigos da política ao ajudar o pai a esconder panfletos socialistas depois que o patrão foi morto, um dos vários esquerdistas de peso assassinados pelos fascistas. Para os italianos, foram cruciais os momentos em que a nação foi sequestrada por uma ditadura e,

mais tarde, pela guerra e pela destruição. Com o atentado a Togliatti, o país parecia estar repetindo sua história recente e recaindo no ciclo de assassinato, caos e repressão.

Com pouco a fazer além de esperar, Gino atormentou-se o resto da tarde, ansioso. Restava um último problema: seu treinador, Alfredo Binda. Comparado com todos os problemas da Itália, era uma questão menor. Questão menor, contudo, que aborrecia muito Gino. Depois da desastrosa corrida do dia anterior, Binda fizera declarações ao jornal da organização do Tour, tecendo vários comentários cáusticos sobre as perspectivas de Gino. “Bartali já não é jovem o suficiente para aguentar os testes repetitivos de um Tour de France. Ele corre bem e conserva a energia, mas já não se recupera com a rapidez necessária. Amanhã ele poderá realizar um grande feito ... mas vai sofrer as consequências no dia seguinte.”

Binda atribuía o fraco desempenho de Gino à sua decisão de correr o Giro e o Tour no mesmo ano. Gino não se saíra bem no Giro de 1948, e agora Binda acreditava que ele estivesse por demais exaurido para poder ter sucesso no Tour. Essas críticas não eram novidade para Gino, mas isso não as tornava menos dolorosas. Binda havia traído a relação privada entre ciclista e treinador, e fizera isso com o claro objetivo de melhorar a própria reputação junto à imprensa francesa.

Gino tentou se manter firme. Depois de uma tranquila refeição com os colegas de equipe, levou todos à praia, para jogar algumas partidas de *terziglio*, um jogo italiano de cartas. Os dez consumiram um grande bolo decorado com as cores da Itália, uma garrafa de vermute e uns dois maços de cigarros. Por algum tempo sentiram-se um pouco mais animados, mas inevitavelmente todos retornaram a seus pensamentos. Gino também não estava bem, com a cabeça girando em torno de uma sensação estranha e nova que havia começado a devorá-lo já havia alguns dias. Era difícil apontar com precisão o que o estava deixando agitado. Talvez fossem as notícias da Itália. Ou, talvez, seus resultados desapontadores, ou o fato de que os corredores que ele estava tentando acompanhar nem sequer eram adolescentes quando ele corresse o Tour. Ou talvez o fato de estar a apenas quatro dias de seu aniversário de 34 anos. O que quer que fosse, não podia deixar de sentir que finalmente estava sucumbindo à dúvida que seus críticos não paravam de levantar.

Estava se sentindo velho.

NA ITÁLIA, à medida que a tarde corria, a situação se deteriorava ainda mais. Os prejuízos às propriedades públicas e privadas aumentavam. Havia um grande número de feridos em tumultos e vários mortos. **Uma greve geral nacional foi anunciada** e marcada para a meia-noite. Greves setoriais não eram fenômeno novo na Itália do pós-guerra; aquela, porém, iria envolver quase todas as indústrias, os serviços de correios e telégrafos e, pela primeira vez em 25 anos, as estradas de ferro.

Em reuniões privadas, os líderes comunistas exortavam os quadros do partido a se manter calmos, para que qualquer ação fosse deliberada e considerada, e não uma reação apressada às provocações. **Os principais deputados comunistas foram enviados** a diversas partes do país para pacificar membros do partido, líderes sindicais e trabalhadores organizados. Os mesmos homens que antes na Câmara dos Deputados haviam feito pregação incendiária viam-se agora tentando aplacar as devastadoras chamas do descontentamento. Ninguém lhes invejava a tarefa. Os comunistas haviam sido vítimas tão óbvias e públicas de um ataque sem provocação, que não era de surpreender que alguns de seus membros mais radicais quisessem retaliar. Mesmo assim, individualmente, muitos devem ter percebido o cruel paradoxo da situação em que se encontravam. O *New York Times* explicava: **“Na verdade, é uma irônica virada da sorte** o fato de Togliatti ter sido baleado enquanto liderava os comunistas numa batalha parlamentar *contra* uma lei proposta pelo governo em prol do recolhimento de armas sem licença. Isso desarmaria os *partisani* comunistas, mas também dificultaria os assassinatos.”

Os democratas-cristãos enfrentavam seus próprios problemas ao tentar conduzir a logística efetiva de como estabilizar o país. Para o primeiro ministro De Gasperi e seus colegas de gabinete, o dia era **uma caótica agitação de reuniões**, atualizações e decisões impossíveis. A Itália foi declarada em estado de sério perigo nacional, e todas as reuniões públicas foram proibidas. Foi imposto toque de recolher obrigatório, e cerca de 250 mil membros do Exército e da polícia foram postos em estado de alerta, para possíveis deslocamentos a fim de garantir a segurança do país.

Em algum momento desse dia de medidas extraordinárias, alguém teve uma ideia nada comum. Os políticos mais poderosos da Itália perceberam que havia alguém fora da política e, na verdade, fora da Itália, que poderia ajudar. Segundo o jornal francês *Le Monde*, **De Gasperi discutiu com seu ministro das Relações Exteriores a possibilidade de enviar um telegrama a**

essa pessoa. Afinal, em vez disso o primeiro-ministro resolveu ele próprio telefonar. Ninguém poderia duvidar de que a situação justificava isso, mas muitos ficaram boquiabertos quando descobriram para quem ele iria telefonar. Não era para Harry Truman em Washington, ou para Joseph Stálin, em Moscou. Não era nem mesmo para o papa Pio XII, do outro lado do rio, no Vaticano.

Era para Gino Bartali.

“Sabe quem está falando, Gino?”, perguntou De Gasperi, em um telefonema para Gino no começo da noite.

“Claro que sei, é Alcide. Por favor, me desculpe, senhor primeiro ministro ... é que nós costumávamos nos tratar em termos familiares”, reagiu Gino.

“E assim devemos continuar”, respondeu de pronto De Gasperi.

Gino escutou, profundamente perplexo. Um minuto antes, ele estava na praia, sentado com os companheiros de equipe, e agora estava falando com o líder de seu país. Os dois nada tinham de estranhos; conheciam-se desde bem antes da guerra, já que se movimentavam em círculos semelhantes do ativismo católico na Itália. Também haviam trocado telegramas amigáveis no começo do Tour. Ainda assim, nada disso diminuía a surpresa do telefonema.

“Me diga, Gino, como vão as coisas por aí?”

“Bem, amanhã teremos os Alpes...”

“Você acha que vai ganhar o Tour?”

“Bem, ainda falta uma semana. De qualquer forma, tenho 90% de certeza de que vou ganhar amanhã”, respondeu Gino, tentando imaginar por que razão De Gasperi, com todos os problemas que tinha em casa, estava preocupado com ele e com uma corrida de bicicleta.

“Você tem razão, Gino. É verdade que ainda falta uma semana. Mas se esforce e faça acontecer. Você sabe que seria muito importante para todos nós.”

“Por quê?”

“Porque há muita confusão por aqui”, suspirou o primeiro-ministro.

“Não se preocupe, Alcide. Amanhã nós vamos dar tudo o que pudermos.” Apesar dessa mostra involuntária de confiança, era uma aposta arriscada, e disso Gino não duvidava. Sem mais nada a dizer, o primeiro ministro encerrou a ligação. Gino desligou e engoliu em seco. De Gasperi estava pedindo muito, sem dúvida. Mas já lhe tinha sido pedido mais, antes, e ele

sempre dera conta. Enchendo-se de coragem para enfrentar o desafio que estava adiante, Gino voltou para junto dos colegas na praia.

Quando os encontrou, ajoelhou-se na areia e silenciosamente começou a desenhar o traçado da corrida do dia seguinte. A sabedoria convencional sugeria que reservassem suas energias para as últimas subidas. Dada a incerteza quanto ao comportamento da equipe nas montanhas, parecia mais seguro para os italianos aguardar e verificar como os oponentes atacariam. Gino, por sua vez, poderia então contar com suficiente energia dos companheiros para apoiá-lo na última montanha, o que ajudaria a aumentar suas chances gerais. Com vários dias de etapas na montanha o esperando depois da corrida do dia seguinte, a prudência recomendava que um velho corredor procurasse se preservar.

Prudência, contudo, não era opção que Gino quisesse considerar. Com o dedo riscando a areia, delineou uma estratégia de ataque contínuo. Em vez de aguardar as subidas decisivas, mais para o fim do dia, os italianos atacariam logo no começo. Em vez de esperar para reagir ao primeiro movimento dos adversários, iriam atacar antes. Em vez de ter o apoio dos companheiros, Gino investiria sozinho nas montanhas.

Em outros locais de Cannes os demais corredores do Tour faziam seus acertos finais. Bobet jantou no quarto, e às nove horas já estava dormindo. Robic e quatro companheiros só terminaram de jantar às dez horas, começando então uma extensa inspeção final do equipamento, reduzindo as preciosas horas de descanso até o despertar, bem antes de o sol nascer no dia seguinte. Os italianos fizeram uma pequena caminhada para desgastar o bolo e o vermute e então retiraram-se para seus quartos. Depois de vestir pijamas iguais, de listras, Gino e Corrieri prepararam-se para se deitar. Variando entre nervosismo e vertigem, Gino tagarelou até as primeiras horas da madrugada. Corrieri, no entanto, fez o que sempre fazia. Apagou a luz, virou-se na cama e caiu no sono.

13. Um inferno gelado

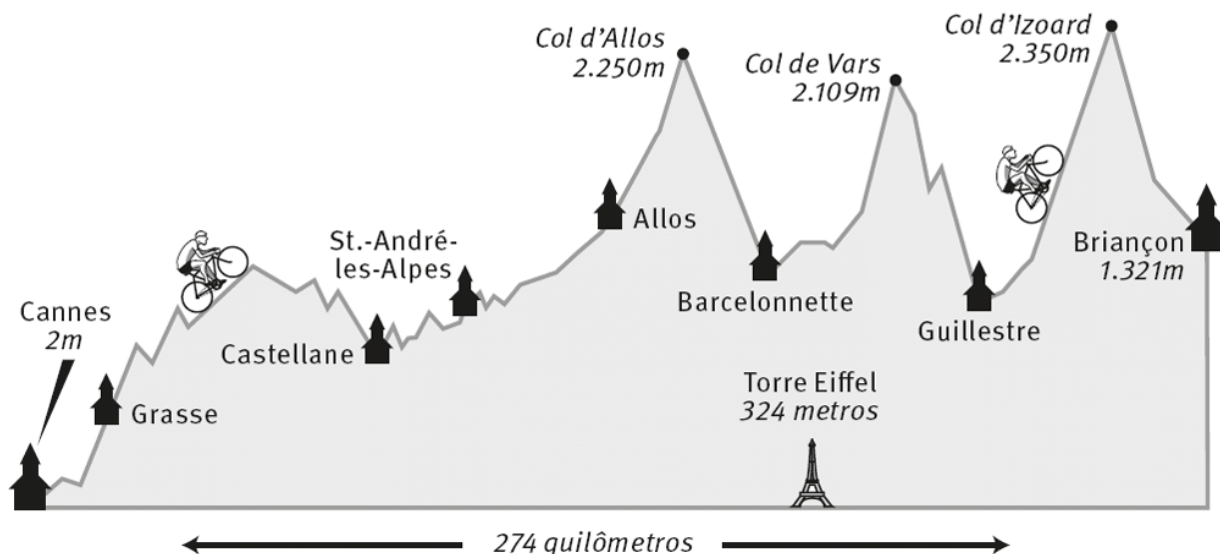
GINO ACORDOU BEM ANTES da aurora. Giovanni Corrieri, seu colega de quarto, olhou para ele. Havia algo estranhamente tranquilizador no que via. Gino estava silencioso, calmamente deitado na cama, em completo contraste com as brincadeiras frenéticas da noite anterior. Sua bicicleta estava perto, encostada em uma das paredes do quarto de hotel. Como os cowboys de seus filmes favoritos, Gino havia insistido em passar a noite ao lado do cavalo.

Depois de alguns minutos, Corrieri pulou da cama. Caminhou até a janela e abriu-a. A chuva desabava nas praias amareladas de Cannes em pesado *staccato*, tempestade rápida que transformava a superfície do Mediterrâneo em espuma encapelada. Por trás dos conjuntos de prédios de Cannes, caiados ou pintados em tons pastel, os Alpes se destacavam, seus cumes projetando-se milhares de metros para cima, uma barreira cinzenta e serrilhada que impedia a passagem para o mundo além. Por trás deles estava a Itália, estilhaçada e agitada por violentos protestos nacionais.

Gino logo começaria uma corrida de dez horas através dos Alpes contra os melhores ciclistas do mundo, usando apenas uma fina camisa de algodão, calções e um boné de pano. Se a chuva continuasse nos Alpes, a elevada altitude iria transformá-la em neve e granizo. As toscas estradas de terra esculpidas nas montanhas cederiam facilmente a essa torrente, fazendo com que os ciclistas tivessem de navegar por um perigoso rio de lama em que se transformariam as curvas fechadas das íngremes subidas alpinas.

Não havia muito a dizer ou a fazer. Os dois homens apenas olharam em silêncio para a chuva que caía. Passado um tempo, Corrieri virou-se para o companheiro à espera de um comentário ou, pelo menos, de um gesto de reconhecimento da situação. Gino percebeu seu olhar. Já imaginando os adversários lutando desesperadamente contra os elementos, respondeu a Corrieri com uma reação das mais inesperadas. Começou a rir.

Etapa Cannes-Briançon,
 Tour de France de 1948, 15 de julho
 🏰 Cidades • Passagens pelas montanhas
 Diagrama fora de escala



Os alto-falantes estalaram, voltando à vida, às quatro horas da manhã. Enquanto os empregados do Tour faziam os preparativos finais antes de começar o dia de corrida, uma massa de veículos e de figuras coloridas se reuniu na linha de largada, na principal via pública de Cannes. Cada um assumiu seu lugar, qual membro veterano de uma orquestra cacofônica. À frente, os motoristas ligaram os motores dos 45 caminhões da caravana comercial dos patrocinadores do Tour que haviam pagado vários milhares de francos para promover suas marcas junto às multidões à espera dos corredores, atrás deles. Depois do desfile publicitário e dos corredores, seguia a imprensa: 311 profissionais da mídia lá estavam para acompanhar aquela etapa. A maioria juntara-se à expedição mais de duas semanas antes, quando o Tour começara, em Paris. Repórteres seguiam em carros adornados com os nomes dos jornais mais famosos da Europa. Alguns tinham motorista, de modo que podiam datilografar enquanto a corrida se desenrolava, batucando seus artigos em máquinas de escrever instaladas no painel dos carros à frente do banco do passageiro. Outros tomavam notas à mão e no fim do dia as transmitiam por telefone para seus editores. Outros, ainda, como os fotógrafos, iam de motocicleta, podendo circular perigosamente entre os corredores. Os mais audaciosos eram os que iam para a frente e

para trás ao longo de toda a procissão, como os radialistas, transmitindo atualizações para suas estações.

Uma grande fila de carros de apoio se alinhava depois da imprensa. Cada equipe tinha um pequeno caminhão que transportava peças sobressalentes e bicicletas de reserva, além de um vistoso automóvel Renault para o treinador e o comissário. Os organizadores do Tour levavam seus próprios suprimentos em um enorme reboque de dezoito toneladas puxado por um trator, apelidado de “**Couraçado**”, equipado com uma farmácia e um escritório completo, com mesas e armários aparafusados às paredes. Dois veículos mais humildes rondavam a caravana do Tour; um deles era a ambulância, em que três enfermeiras, as únicas mulheres oficialmente autorizadas no comboio, cuidavam dos corredores com lacerações, arranhões e membros fraturados; o outro, apelidado de “**Vagão da Vassoura**”, varria os espíritos derrotados do Tour – os corredores que chegavam à conclusão de que não conseguiriam correr mais e precisavam ser levados até a linha de chegada, e sempre havia alguns na maior parte das etapas.

Um último veículo, conhecido universalmente como “**Carro número 1**”, ocupava o lugar de honra, bem atrás dos corredores. Era um sedã conversível, o automóvel pessoal de Jacques Goddet, o grisalho diretor do Tour de France. Tendo seu próprio motorista, podia passar toda a corrida em pé, vestido de cáqui da cabeça aos pés. Seus olhos escuros esquadriavam sob o resistente chapéu de fibra e tudo observavam com mirada solene como a de um general britânico comandando uma força expedicionária na África.

“**CANNES NUNCA ACORDOU TÃO CEDO**”, dizia-se, e um elegante grupo nem sequer tinha dormido. Muito antes de o sol considerar a ideia de nascer, uma grande multidão havia cambaleado para fora dos mais finos estabelecimentos de Cannes, seus cintilantes cassinos e clubes noturnos, e descido ruidosamente para os principais bulevares da cidade. Nela estavam as estrelas e a equipe de um filme francês sobre Buffalo Bill.

Poucas pessoas nessa ilustre multidão se incomodaram em caminhar até a linha de largada enquanto durou a breve tempestade; um número menor ainda parecia se perturbar com o fato de estar em seus trajes de noite, carregando garrafas de champanhe. Aparentemente ninguém se importava se tal comportamento ultrapassava os limites e se transformava em grosseria. Talvez porque muitos pertencessem ao etéreo mundo do cinema. Ou talvez

fosse apenas uma questão de geografia. Na Riviera, ricos e bêbados nunca se preocuparam muito com as trivialidades do adequado.

O restante dos espectadores, os simples mortais, afluíram como a maré matinal. Tanto vinham sozinhos como em multidões. Alguns a pé e um grande número de bicicleta. Alguns casais pedalavam juntos, usando camisas iguais, enquanto outros fãs ocupavam bicicletas de duas, três ou quatro pessoas. Se as etapas anteriores significavam alguma coisa, provavelmente haveria até monges franciscanos de bicicleta, embora o ruído familiar de suas sotainas drapejando contra as rodas mal pudesse ser ouvido. Era abafado pela alegre conversa das moças, chilreando sob coloridos guarda-chuvas, cuidadosamente posicionados de modo a proteger os cabelos cacheados então em voga.

Todos se misturavam, em ruidosa e extravagante mostra do gênero humano. Nas calçadas, crianças pequenas corriam, enquanto os pais conversavam com outros adultos. Trabalhadores italianos emigrados se misturavam aos cidadãos franceses para quem estavam construindo casas e estradas. Algumas pessoas perambulavam pela rua, espiando através da floresta de guarda-chuvas para ver se os corredores mais famosos já haviam aparecido. Outros riam com as centenas de panfletos distribuídos pelos empregados do Tour, com suas advertências ridiculamente severas contra qualquer ajuda aos corredores nas montanhas. Algumas eram muito diretas: “Empurrar: isso é trapaça.” Outras eram mais filosóficas: “Esses corredores que hoje lutam nas colinas desejaram ardentemente correr o Tour. Eles escolheram livremente seu destino.”

Muitas pessoas disputavam bons lugares de onde olhar a ação que logo aconteceria. Os madrugadores ocupavam espaços junto ao meio-fio. Os demais improvisavam. Subiam em bancos, carros, sacadas superlotadas e telhados. Meninos assistiam das marquises de lojas; alguns escalavam os postes de luz.

Toda essa frenética atividade, porém, parecia desnecessária a algumas pessoas. O trajeto daquele dia, com quase 270 quilômetros, daria espaço mais do que suficiente para todos se congregarem. E eles se congregaram. De Cannes até a linha de chegada em Briançon, nas montanhas, as laterais da estrada fervilhavam de espectadores. As partes planas e os cumes das montanhas logo se povoaram, e não iria demorar muito até que alguns zelosos seguidores também pontilhassem as desoladas subidas pelos Alpes. Cidades inteiras pararam, e os fãs passaram horas a fio antecipando aquele

emocionante momento em que os astros surgiriam e então passariam como um raio, visíveis por menos de um minuto. Enquanto isso, esperavam. Se o tempo permitisse, era certo que os mais audazes escreveriam com giz mensagens de estímulo para seus corredores favoritos nas partes pavimentadas da estrada, cada palavra encorajadora medindo quase um metro. Os fãs italianos, tanto os que trabalhavam na França quanto os que estavam de visita, vindos de Milão ou de Turim, sempre escreviam grandes proclamações patrióticas em italiano: *Viva l'Italia! Viva Gino!* O resto dos espectadores contentava-se em passar em volta suas garrafas de vinho, aplaudindo ruidosamente, e até de maneira turbulenta, olhando as brincadeiras das crianças fantasiadas com uniformes de ciclista e capacetes, competindo em pequenas corridas em busca dos prêmios doados pelos lojistas locais.

Em todos os lugares, eles esperavam.

NO HOTEL CARLTON, em Cannes, cada um dos membros da equipe italiana fazia seus últimos preparativos. Encheram de água recipientes de alumínio que foram colocados em seus suportes, a altura dos selins foi medida com precisão milimétrica pela enésima vez. O quadro das bicicletas foi examinado e reexaminado. Bastava olhar para ver que Gino havia optado por pneus ligeiramente mais grossos. Sem dúvida, eles eram mais pesados do que os normais, mas Gino esperava que isso fosse compensado por tração adicional nas montanhas.

Quando todos se mostraram satisfeitos com o estado do equipamento, sentaram-se para o desjejum. Gino devorou uma quantidade respeitável de ovos, carne e pão com geleia, que engoliu junto com várias xícaras de café. As discussões à mesa foram poucas e esparsas. Era como se a barulhenta mistura de risadas, fofocas e bravatas que normalmente acompanhava a equipe italiana tivesse sido levada pela chuva. Na verdade, as condições não pareciam propícias nem mesmo à mais superficial das conversas. Às cinco da manhã, antes de um longo dia de subida, poucos assuntos pareciam merecer a energia necessária para que se falasse deles. A maioria dos membros da equipe, entre eles o capitão, estava mergulhada em seus pensamentos sobre os acontecimentos na Itália.

“**Como está Togliatti?**”, perguntou Gino a um jornalista.

“Foi operado. Ouvi no rádio que ainda está vivo.” Gino acalmou-se um pouco, mas a notícia não trouxe muito alívio para os demais corredores

italianos.

Alguns pensaram em silêncio na incômoda pergunta feita pelo diretor do Tour em um artigo que escrevera para um dos jornais mais populares da França. “**Bartali trava a batalha final de sua carreira.** Depois de uma derrota no Tour, o que resta para esse campeão, ultrapassado por Coppi?” Outros refletiam sobre suas perspectivas futuras, cada vez menores. O vencedor do Tour de 1948 levaria para casa 600 mil francos e, depois, mais ainda, participando de outras corridas menores. Quase todos os outros competidores voltariam para casa sem nada em troca de seus esforços, além de desapontamento. Gino sabia disso. Terminada a refeição, e antes de acender um dos cigarros americanos que reservava para os momentos importantes, rompeu o incômodo silêncio que pesava na sala.

“**Vamos pensar na corrida, rapazes, pode ser a última!**” Não era um apelo às armas, mas um mero reconhecimento dos fatos.

Ninguém respondeu.

NO HOTEL VICTORIA, Bobet fez suas inspeções finais. Como Gino e muitos outros corredores, havia adaptado sua bicicleta para a etapa daquele dia, **optando por trocar o sólido eixo do pedal por outro, oco**, que, por ser mais leve, permitia andar mais rápido. Para a maior parte dos observadores, parecia decisão estranha, porque um pedal oco era, decididamente, menos robusto. Com uma vantagem tão grande sobre Robic e Gino, Bobet não precisava fazer uma corrida tão agressiva. Na verdade, ele poderia se dar ao luxo de perder a etapa e até mesmo alguns minutos do tempo – desde que evitasse qualquer desastre maior que o impedisse de brilhar nas planícies que se seguiam aos Alpes. Mas Bobet não estava com disposição para uma corrida conservadora. Talvez fosse ansiedade – a camisa amarela só fica confortável em poucos ombros. Ou talvez fosse vaidade – vencer nos Alpes exorcizaria os últimos demônios na imprensa que ainda duvidavam dele. O que quer que fosse, Bobet planejava correr para vencer.

Robic deve ter esboçado um sorriso ao examinar seu equipamento. Dessa vez, seu capacete de tiras de couro seria alvo de inveja no pelotão. Esse acessório único o tinha feito motivo de inúmeras piadas, porque poucos usavam regularmente qualquer proteção maior do que um boné de pano. O ciclismo sempre foi um esporte perigoso, mas, nas montanhas, cujas estradas tantas vezes eram pouco mais do que cascalho e lama, não raro era mortal. Poucas semanas antes do Tour, **um corredor belga havia morrido** em uma

descida no Tour da Suíça em que Robic havia competido. Mais tarde, nas etapas nos Pirineus do próprio Tour, um colega de equipe de Gino fora atingido por um automóvel que derrapara, e um veículo da imprensa resvalou para fora da estrada em um barranco, matando um passageiro e ferindo seriamente o outro.

Pelo menos uma das equipes seguiu o exemplo de Robic e insistiu em usar capacete nessa e em todas as outras etapas de montanha. Outros corredores também adotaram no Tour medidas não ortodoxas de proteção. Um corredor francês, comunista declarado, foi visto mergulhando uma medalha de Nossa Senhora em água benta, na esperança de ter sorte nas subidas, e isso momentos depois de fazer uma grande cena, virando as costas para um bispo durante missa celebrada para os corredores.

Terminados todos os preparativos, a equipe francesa se dirigiu para a linha de largada no centro de Cannes. O hotel Victoria logo sumiu de vista, e com ele as palavras que seu treinador havia escrito no livro de hóspedes: “Com a esperança de que as horas aqui passadas nos permitam manter a camisa amarela até Paris.”

“O CLIMA ESTÁ INSTÁVEL. Tempestades e relâmpagos se deslocam através dos Alpes e dos Pirineus. As temperaturas estão mais baixas do que o normal para a estação.” As notícias do serviço nacional de previsão de tempo eram perturbadoras, mas ninguém na área de registro no Café des Allées parecia prestar muita atenção. Prever o tempo sempre havia sido um desafio, e no verão de 1948 parecia ser tema particularmente difícil. Os relatórios de Paris mencionavam padrões anômalos para o clima do verão, com neve na Floresta Negra, mas em Cannes nada parecia fora do normal. Os verões na Riviera tendem a variar apenas entre o quente e o escaldante, e os dois últimos dias não haviam se mostrado diferentes. Em 13 de julho todos sofreram com temperaturas acima de 38°C, embora o mar tenha ficado turbulento à noite, com “ondas ameaçadoras e espuma branca como presas que anseiam morder”. O dia de descanso, 14 de julho, trouxe algum alívio do sol, com ligeira nebulosidade. Dado isso tudo, não era de surpreender que quem prestasse atenção à previsão de tempo fosse cético. As almas mais generosas podem ter atribuído esse erro aparente à dificuldade de interpretar padrões regionais de clima; corações mais cínicos veriam nisso apenas outro exemplo daquela bravata de cidade grande que conferiu a Paris a inimidade eterna das províncias.

De qualquer forma, a imprensa estava demasiadamente entretida com um recém-chegado para se preocupar com o clima. Maurice Chevalier, famoso cantor de vaudeville e ator indicado para o Oscar, havia sido tirado de sua *villa* na cidade próxima de Bocca para servir como colunista convidado durante dois dias. Ele havia trabalhado para pesospesados de Hollywood, como a MGM e a Paramount, mas não tinha qualquer experiência como jornalista esportivo, e não se tinha certeza de que já houvesse assistido a alguma corrida de bicicleta antes. Apesar disso, iria receber 100 mil francos por seu trabalho – quantia igual à que em Paris aguardava o vencedor da disputa pelo título de Rei da Montanha no Tour.

Não há o que indique que os corredores tivessem se ressentido com Chevalier devido a toda a atenção ou dinheiro que receberia. A maioria estava ocupada demais com questões muito mais importantes, como encher os bolsos da camisa com alimentos que pudessem ingerir enquanto corressem. Poucos, talvez ninguém, notaram que Gino chegou à linha de largada com “olhos sorridentes”, como apontou um jornalista, embora estivesse acompanhado por uma insignificante guarda de honra de apenas quatro fãs. Gino apenas estava feliz por correr uma de suas etapas favoritas. Como declarara a um jornalista poucos dias antes, não acharia tão penoso perder o Tour se ouvisse anunciar que, mais uma vez, ele era o primeiro no desfiladeiro Izoard.

Sem dúvida pensando em suas próprias perspectivas, Ronconi exibia largo sorriso na linha de largada. Bobet estava visivelmente agitado, como um inquieto puro-sangue esperando o sinal de partida. Robic, no entanto, resplandecia de confiança e felicidade. “Os três desfiladeiros de hoje são os meus desfiladeiros da sorte”, revelou. “Não tenho como perder.”

DEZ MINUTOS DEPOIS das seis horas soou um tiro de pistola, e a corrida começou. Gino deu um impulso para a frente, e suas rodas deslizaram com facilidade sobre a estrada. Os torcedores aplaudiram, e todo o préstito do Tour se deslocou. Abastecida por uma quantidade incomum de diesel, a caravana publicitária acelerou na frente, deixando para trás uma considerável nuvem de fumaça em meio à qual a imprensa deveria se orientar. Os corredores, muitos deles exibindo ataduras em decorrência de quedas nas etapas anteriores, seguiram atrás dela com a implacável determinação de cavaleiros feridos que cavalgam para a batalha. Nas muitas horas seguintes eles iriam cobrir uma subida gradual, uma suave descida até

um vale e, então, subir e descer três desfiladeiros nas montanhas. Subir apenas um deles já era aventura considerável. O menor tinha cerca de 2.100 metros, o que era ainda mais impressionante e incomum, lembrando que naquele dia o percurso começava muito próximo ao nível do mar.

Mal cruzaram os portões da cidade, os italianos começaram o ataque. Um dos companheiros de Gino disparou na frente. Em reveladora mostra de nervosismo, Bobet o acompanhou, embora tivesse uma equipe inteira para apoiá-lo. Vários outros ciclistas foram atrás dele. Gino ficou para trás, com Robic a poucos centímetros, acompanhando todos os seus movimentos. Em minutos Bobet e o grupo da dianteira haviam alcançado o ciclista que escapara. O primeiro ataque terminou. O céu se cobriu de nuvens enquanto o pelotão se reagrupava abaixo dele.

As coisas se acalmaram quando os competidores fizeram uma lenta subida saindo da Riviera. Depois de pedalar por filas infundáveis de oliveiras e ao longo de vinhedos, começaram a descida através de um vale até uma pequena aldeia. Os corredores reduziram a velocidade pouco antes das onze horas, quando os funcionários do Tour lhes passaram o primeiro dos dois sacos amarelos de alimentos, suas provisões em mais de 130 quilômetros de árdua subida: alguns pedaços de frango frio, uma barra de chocolate, cinco cubos de açúcar e algumas bananas. Transferiram essa magra ração para os bolsos da camisa e jogaram os sacos na beira da estrada. À frente estava o primeiro desfiladeiro, o Col d'Allos, com a metade superior invisível sob o pesado nevoeiro que começara a cobrir o vale em meio à chuva fria. O humor dos corredores e da caravana mudou tão bruscamente quanto o tempo. “**Já não havia multidões alegres, aldeias, bandeiras.** O pequeno grupo de homens em seus abrigos coloridos parecia abandonado na vastidão daquela magnífica paisagem”, escreveu um repórter americano.

Relembrando a paisagem da última vez que havia corrido ali em 1938, Gino **sentiu o coração apertar** e foi tomado pela emoção. “**Eu ouvia os gritos dos italianos que dez anos antes me deixaram surdo naquelas mesmas subidas**”, revelou. Não havia muito tempo, contudo, para nostalgia. Ao trocar de marcha, o que o obrigava a pedalar para trás e então inclinar-se e puxar uma alavanca, ficou vulnerável, mesmo que por um breve momento.

Robic notou esse momento e atacou. Destacou-se do grupo e avançou montanha acima, onde alguns pés de alfazema e pequenos abetos se destacavam na infundável muralha cinzenta. Gino, que, para conservar suas

energias, ia atrás de um companheiro de equipe, protegido da corrente de ar, pesou bem o movimento seguinte. Robic continuou a toda velocidade, e logo assumiu a liderança. Em poucos minutos passou pela bandeira vermelha que assinalava o último quilômetro de subida, e na mesma velocidade passou pelo topo. Gino já estava um minuto atrás, e a distância aumentava.

Embora estivesse pilotando por uma estrada que era pouco mais do que lama e cascalho, Robic acelerou habilidosamente na descida. Jornalistas franceses que haviam chegado antes e subido no teto dos carros abandonaram qualquer pretensão de objetividade e aplaudiram. **O carro de um jornal que o seguia pela lama perdeu o controle**, derrapou e caiu em um barranco. O motorista foi projetado para fora, mas escapou sem grandes ferimentos. Um passageiro fraturou a clavícula. Miraculosamente, ninguém morreu.

A temperatura continuava caindo, tanto que a chuva fria transformou-se em **neve molhada**. A ideia de neve no meio de julho, entretanto, era tão do outro mundo que os jornalistas lançaram mão de alusões literárias para descrevê-la. Um deles viu nisso algo de apocalipse bíblico, outra visão dantesca do inferno. Ouvintes de toda a França escutaram tudo isso quando **ligaram o rádio para o noticiário do meio-dia**. Embora a mudança de clima deixasse muita gente preocupada, todos podiam sentar-se para almoçar reconfortados pelos fatos. Robic estava na frente, e a camisa amarela continuava em segurança, em mãos francesas.

LÁZARO REVIVEU NO DESFILADEIRO do monte Vars. Gino atacou essa segunda e penúltima escalada com o olhar vazio e sem emoção. A camisa e os calções agora estavam duros com a lama congelada, mas por baixo deles seu corpo movia-se com fluidez de um lado para outro. Um vento gelado soprava enquanto ele pedalava, forçando os atrofiados abetos enraizados nas pedras da montanha a se vergar, como se o homenageassem. Olhando para Robic à sua frente, Gino refletiu sobre seu ataque final. Só tinha que escolher o momento certo.

Adiante, multidões enroladas em cobertores encharcados e casacos improvisados observavam a estrada que levava ao pico do Vars render-se ao ataque da neve e da chuva gelada. Os ônibus que os haviam levado lá permaneciam, entre as pedras, gigantes metálicos em uma paisagem lunar. Robic ainda mantinha a liderança, mas periodicamente olhava para trás e tentava avaliar as forças da familiar figura de verde atrás dele.

O que ele via não podia ser reconfortante. Bombeando incansavelmente os pedais, Gino se aproximava. Na beira da estrada, os fãs franceses observavam com nervosismo crescente o italiano reduzir a liderança do francês a alguns metros. Alguns deles, ainda furiosos com a aliança entre Itália e Alemanha contra a França, vaiavam e xingavam de fascista primeiro ele e depois seus companheiros de equipe. Eram, contudo, meros desvios provocados pela raiva. O resto da multidão se mostrava mais passivo, transfixado pelo mórbido suspense de observar um leão perseguindo sua presa. “Meu coração fazia bum, bum no peito”, confessou um jornalista francês de meia-idade. “E eu não trocava meu lugar pelo cabelo que tinha aos vinte anos.”

Robic aguentou até o topo do Vars. Gino, no entanto, havia reduzido sua dianteira a apenas trinta segundos. Em pânico, Robic mergulhou na descida da montanha. Gino seguiu depois dele, pedalando tão agressivamente na descida quanto fizera na subida. Bem atrás dele, Louis Bobet começava a fraquejar. Sua visão nublou-se, um dos primeiros sinais de queda de açúcar – quando o corpo do corredor apaga, porque consumiu todas as reservas de energia nos músculos. Bobet logo sofreria outro revés, quando o eixo oco de seu pedal rachou com a lama. Mais atrás ainda, o restante do pelotão lutava. Contra as estradas e o clima, seria pesado terminar uma subida, quanto mais, três.

Robic corria loucamente nas curvas fechadas. O vento frio fustigava seu corpo cansado, aumentando a probabilidade de queda séria. Numa derrapada rápida, gritou alguma coisa incompreensível para o passageiro de um carro oficial que estava próximo. Alguém lhe passou um jornal, que ele enfiou sob o blusão, frágil proteção contra o frio, e tentou manter-se à frente da familiar figura de verde que aos poucos ganhava terreno em sua esteira.

Quando desciam o Vars, Gino o alcançou. Acelerando em uma estrada devastada pelas enchentes, ultrapassou Robic, então desalentado a ponto de não conseguir nem mesmo juntar forças para esboçar um contra-ataque. Em vez disso ergueu os olhos lentamente para Gino, com a tristeza de quem sabe que seu destino está selado. Exaustão física, falta de alimento e condições climáticas haviam cobrado seu preço. Como Bobet atrás dele, o corpo de Robic havia entrado em colapso e logo outros corredores iriam ultrapassá-lo. Muita gente se perguntava se ele conseguiria pelo menos alcançar a linha de chegada.

Poucos minutos depois, Gino percebeu que estava prestes a se chocar contra o mesmo muro. Havia perdido seu saquinho de comida, e o corpo estava ameaçando apagar. “**Céus! Que frio! Que fome absurda!**”, exclamou ele depois. “Eu estava faminto, achava que iria morrer de fome.” Sem dúvida alguma estava arrependido de ter recusado o pão com salsicha que alguém em um carro da imprensa lhe havia oferecido antes, mesmo sendo pesado demais para comer antes de uma subida árdua. Esfomeado, Gino olhou em volta para ver se algum espectador tinha alguma coisa. Nada se materializou de imediato, e ele começou a questionar se teria de desmontar e empurrar a bicicleta pela subida até o último desfiladeiro, o Col d’Izoard.

Foi uma sorte grande quando alguém se esticou e lhe passou três bananas. Até hoje a identidade desse generoso estranho permanece desconhecida. É possível que fosse algum empregado do Tour oferecendo alimentos de um saco extra. Um dos companheiros de Gino supôs que fosse um padre. Quem quer que fosse, o presente não poderia ter vindo em momento mais propício. Gino devorou rapidamente as três bananas. Seu corpo respondeu quase imediatamente.

No sopé do Izoard, diante de uma subida de quarenta quilômetros tão íngreme que só os carros mais robustos poderiam enfrentá-la, **Gino sentiu as pernas inchadas. “O frio bloqueava o fogo de seus músculos,** mas um Gino entorpecido e encharcado acelerou sua máquina”, observou o diretor do Tour. O velho ciclista iria atribuir isso aos poderes da boa fortuna. Era evidente que o homem que havia ganhado o Tour de 1938 com a camisa 13 iria se reerguer na 13ª etapa. Mas os *bartaliani*, os verdadeiros crentes, descartavam tais reflexões como mera superstição. Para eles, não era nada menos do que intervenção divina. “**O bom Deus pegou um par de asas de um de seus anjos e colocou-o nas costas de Bartali**”, escreveu um deles.

Gino se deslumbrou com a clareza de um pensamento: “**Eu me sentia um gigante.**” Sem olhar para a esquerda ou para a direita, passou direto pelas multidões de espectadores estupefatos. Coberto de lama e de restos de graxa aplicada sobre a pele para se proteger do frio, era quase impossível identificá-lo. Homem e bicicleta eram um, uma massa pulsante de músculos e metal cromado, resplandecendo sob a chuva leve. Movendo ritmicamente um pedal e outro, Gino estava completamente à vontade abrindo caminho montanha acima. Com a diferença de seis minutos para o corredor seguinte, passou sozinho pelo topo. No cume, Maurice Chevalier gritou para ele, de

um carro da imprensa francesa: “**Bartali! Você é imortal!**” E, no efêmero momento em que Gino cruzou a linha de chegada, ele estava certo.

AS NOVIDADES PERCORRERAM os Alpes até a Itália tão rápido **quanto os sinais de rádio puderam carregá-las**. As rádios italianas haviam recomeçado a transmitir por volta de uma hora da tarde, e um bom número de italianos, especialmente no norte, também conseguia captar as rádios francesas. Em Roma, um jovem deputado correu para a Câmara dos Deputados e anunciou alto:

“**Attenzione! Grandes novas**. Bartali ganhou a etapa e talvez a camisa amarela. Viva a Itália.”

As palmas que começaram por todos os lados da sala transformaram-se em ruidoso e trovejante aplauso.

Do hospital em que estava Togliatti, **chegou a informação de que ele se recuperava lentamente**. A dose dupla de boas-novas levou a Itália a um estado de total euforia. As pessoas corriam dos cafés e bares para as grandes praças da capital, em espontânea e **espetacular celebração**.

Giorgina Rietti, judia italiana que passara a guerra escondida em Assis e Perugia, caminhava pelos arredores de Pádua e, passando por um beco, ouviu um locutor de rádio anunciar que Gino havia vencido a etapa da montanha. Deixando de lado protestos e brigas, as pessoas à sua volta começaram a aplaudir e a brindar umas com as outras. A vitória de Gino mudou-lhes completamente o humor, **recorda-se Rietti**. “Italianos prestes a se atacar acabaram bebendo juntos.”

Cenas semelhantes se repetiram nas cidades e nas aldeias de toda a Itália, atordoando tanto cidadãos como jornalistas com a rapidez da mudança no espírito do país. O correspondente do *Le Monde* na Itália capturou os sentimentos de muitos italianos ao escrever: “**Nenhum acontecimento no mundo poderia ser tão importante quanto a vitória de Bartali**. Isto ficou bem claro no dia 15 de julho, quando a notícia de seus feitos transformou a atmosfera altamente dramática em que a Itália havia mergulhado depois do ataque a Togliatti.”

Da mesma forma que dez anos antes, a façanha de Gino rapidamente assumiu valor político que muito a superou. Para as multidões que o aplaudiam em toda a Itália do pós-guerra, ele logo personificou todo o país e todas as suas emoções – furioso, ferido, indomável e triunfante. Nenhuma vitória atlética jamais havia sido tão doce para tanta gente.

NA LINHA DE CHEGADA em Briançon, os organizadores celebraram a vitória de Gino tocando uma ária da *Tosca*, a ópera de Puccini – “**Eu vivi para a arte, eu vivi para o amor**” fluuava dos alto-falantes. No entanto, depois de dez horas, nove minutos e 28 segundos no selim, Gino estava cansado demais para reconhecer a música ou erguer a mão. Coberto de lama da cabeça aos pés, tremia até Binda o agasalhar em um sobretudo. Caminhando para o carro da equipe, alguns repórteres cercaram-no e perguntaram como ele se sentia. Se alguém esperava um florido discurso de vitória, logo se desapontou. Gino, com o rosto esverdeado e contorcido pelo esforço do dia, pronunciou apenas uma frase: “*Ho fame*”, “**Estou com fome**”. Como de praxe depois de cada etapa, a recepcionista do Tour, sempre uma bela jovem do lugar, presenteou o vitorioso com um ramo de flores. Gino, no entanto, colocou-o de volta em seus braços, dizendo que o levasse para a igreja mais próxima. Em seguida, entrou com Binda no carro da equipe e partiu.

Dezoito minutos depois de Gino, Louis Bobet cruzou a linha de chegada. Completamente derrotado e com o rosto coberto de lama, exceto **pelos pequenos sulcos que as lágrimas haviam desenhado em suas faces**. Quando desmontou teve de ser sustentado por uma pessoa para não cair no chão. Embora a coisa mais sensata a fazer fosse descansar imediatamente, os aplausos da multidão obscureceram seu juízo e ele se deixou convencer a dar uma volta olímpica inteiramente imerecida. Robic conseguiu alcançar a linha de chegada seis minutos depois de Bobet. Perigosamente fatigado, ele havia caído da bicicleta no Izoard e talvez não tivesse terminado a corrida se vários espectadores não o tivessem ajudado a montar outra vez, até que um ciclista de apoio o auxiliasse a subir até Briançon. Na linha de chegada, ele agarrou esse corredor e pediu que não o deixasse sozinho. Ronconi foi o último grande astro a cruzar a linha de chegada, após uma humilhante subida final em que foi literalmente empurrado Izoard acima por seus companheiros. Três dias depois ele desistiria do Tour.

No hotel, a animação dos italianos era palpável. Os membros da equipe, que no começo do dia se haviam preparado para o retorno prematuro à Itália, agora ousavam imaginar uma vitória final em Paris. Gino, no entanto, arrancou sua camisa enlameada e acendeu um cigarro. No dia seguinte teria de repetir o desempenho, só que dessa vez precisaria escalar cinco desfiladeiros em vez de três. Sentindo-se prestes a se resfriar, desabou em um banho quente.

EM ROMA, o homem que estava no centro da tempestade política da Itália jazia inconsciente, recuperando-se da operação. **Sob qualquer aspecto, seu quarto no hospital era espartano.** Nada além de uma cama de ferro pintada de branco e um armário baixo com algumas garrafas de água mineral e uma pequena cesta com frutas e alguns doces. Só do lado de fora do quarto – onde uma equipe de segurança estava de olho em todos os visitantes que apareciam para espiar Togliatti através da janela – se podia avaliar a importância do paciente que estava lá dentro.

Quando seus olhos finalmente tremeram e se abriram, a família e os amigos devem ter imaginado o que ele iria perguntar. A Itália havia mudado dramaticamente nos últimos dias, e Togliatti, cuja **última lembrança** era ouvir os tiros de Pallante, ainda ignorava completamente tudo o que acontecera. O que se viu, no entanto, é que não o preocupavam o país nem o paradeiro do atirador, nem sequer sua própria saúde. Ele murmurou duas perguntas simples:

“O que aconteceu no Tour? Como foi Bartali?”

14. O caminho para casa

NA NOITE QUE SE SEGUIU ao retumbante triunfo de Gino, os jornalistas italianos burilaram longos e apaixonados artigos. A diferença de Gino para o líder havia passado de 21 minutos e meio para apenas 66 segundos, graças à sua vitória naquela etapa e à bonificação de tempo ganha por chegar em primeiro lugar ao cume do Izoard. Vários jornalistas franceses, no entanto, mais incrédulos, especulavam que Bobet ainda poderia conservar a camisa amarela. A maioria desses céticos agia por pouco mais do que interesse econômico. Se sugerissem que o vencedor do Tour já estava definitivamente identificado, talvez os leitores ficassem menos inclinados a comprar jornais e a acompanhar seu progresso. Mas alguns deles, como muitos outros franceses, acreditavam genuinamente nas perspectivas de Bobet. Encantados com seu desempenho anterior e com seu personagem pomposo, agarraram-se à perspectiva de uma vitória francesa em Paris. Bobet, pairando nas alturas depois de sua imerecida volta olímpica em Briançon, embarcou nesse sentimento nas entrevistas que deu após a corrida. Fez pouco do sucesso de Gino e pronunciou algumas palavras desafiadoras que logo voltariam para assombrá-lo. “**Bartali ainda não está com *minha* camisa amarela!**”

Pouco mais de doze horas depois de cruzar a linha de chegada, os homens se reuniram outra vez na linha de largada e se prepararam para deixar para trás Briançon e suas encantadoras muralhas. Depois do tempo péssimo, das estradas encharcadas e das várias panes mecânicas e físicas, a maioria dos corredores provavelmente desejava esquecer a etapa da véspera. Nesse dia, o tempo na linha de largada estava claro, havia até um arco-íris, dando fé à esperança de que tudo o que ocorrera na véspera fora apenas uma extravagância da natureza. Levaria menos de duas horas para aquela ilusão acabar.

O primeiro desfiladeiro do dia, o Galibier, era o mais alto do Tour, com 2.465 metros. Quando iniciaram a subida, o céu ficou cinzento, o ar esfriou

muito e flocos de neve começaram a cair. “Estava horrivelmente frio”, Gino comentou. “O frio intenso penetrava os músculos, e eu não tinha trazido minha capa de chuva.” Os corredores escalaram mais e foram envolvidos por uma tempestade de neve. Estavam amortalhados pela escuridão, exceto pelos faróis dos carros que os seguiam. Em revelador sinal de sua feroz lealdade nacional, os fãs franceses que estavam nas montanhas ofereciam bebidas quentes para os corredores franceses, deixando todos os outros competidores tremendo no frio. Felizmente Gino conseguiu alguns goles de café de um dos corredores franceses que era seu admirador. Era melhor do que nada, mas ele teria ficado mais feliz com um copo de conhaque, como revelou mais tarde.

A cadência da nevasca diminuiu, mas o tempo continuou péssimo durante o resto do dia, enquanto os ciclistas pedalavam na direção de Aix-les-Bains. Logo se tornou quase impossível passar pelas estradas. Pelo menos um carro da imprensa teve a transmissão completamente destruída em resultado da árdua subida no gelo e na lama impenetrável. Corredores azuis de frio se viam com a nada invejável tarefa de navegar ao longo de 240 quilômetros de subida. Alguns deles inventaram alucinações desvairadas para sobreviver à luta, como o corredor que imaginou seu filho pequeno, faminto, em um distante pico da montanha, só para conseguir reunir energia e chegar até lá. Outro perdeu o selim e foi obrigado a continuar durante muitos quilômetros sem assento até o treinador trazer uma bicicleta sobressalente. Outros desmontavam e sacudiam os braços, como pássaros infelizes, na tentativa desesperada de voltar a sentir as extremidades. Alguns competidores haviam desistido até mesmo disso, tendo de trocar, como aconteceu com um belga, seus pneus furados com os dentes, porque as mãos estavam congeladas e os dedos, encurvados, completamente insensíveis. Os mais azarados tiveram de ser literalmente carregados pelos companheiros de equipe. Um fotógrafo capturou essa façanha. Com um companheiro ferido se segurando em seus ombros, um corredor pedala precariamente, com uma das mãos em sua própria bicicleta e a outra segurando o guidão do companheiro.

Robic deu tudo de si sob o peso do tempo impiedoso, já profundamente abalado pela etapa da véspera. Logo descobriu que, por um capricho cruel, muitos espectadores franceses haviam se voltado contra ele. Pouco mais de um dia depois de os fãs se aglomerarem nos desfiladeiros da montanha para aplaudi-lo, eles agora desconfiavam de todos os seus movimentos. Alguns até zombavam dele, com aquele tipo de covardia que só um espectador com

um casaco quente ou num carro aquecido pode ter. A certa altura, Robic ficou com tanta raiva que saltou da bicicleta e partiu para cima de um torcedor insolente sentado dentro de um carro. Por fim, cansou-se até de enfrentar essas pequenas batalhas. Entorpecido de frio, Robic não reagiu quando um torcedor, enfurecido, gritou para ele: “O que você está fazendo, seu vagabundo preguiçoso?” Incapaz de dar uma resposta, ele simplesmente irrompeu em prantos.

Bobet atuou melhor no início, atacando agressivamente no começo da corrida. Talvez imaginasse que Gino teria dificuldade nas primeiras montanhas, pensando equivocadamente, como um repórter afirmou, brincando, que Gino, “como todos os velhos, não era muito rápido para tirar as pernas da cama”. Ou talvez estivesse apenas tentando repetir seu sucesso no ataque da equipe italiana no dia anterior. Quaisquer que fossem os motivos, a estratégia de Bobet fracassou. Como Robic antes, logo veria, impotente, Gino passar por ele.

Nessa etapa, como na Cannes-Briançon, Gino correu como um homem possuído. Como observou Goddet: “Criou-se um mundo de diferença entre o florentino e os homens que, por um momento, ainda passavam por seus adversários.” Gino suportou todos os insultos habituais dos fãs franceses e até mesmo uma ocasional bola de neve, vencendo subidas lamacentas a velocidades que muitas vezes eram o dobro da de seus adversários. “Ele estava”, continuou Goddet, “superaquecido por uma chama interior que o consumia há dez anos, e nada poderia apagar o fogo que incendiara seu coração.” Goddet estava certo. A inflamada determinação de Gino só havia crescido na última década, alimentada, de maneiras que nem mesmo ele entendia por inteiro, por todo o tumulto e sofrimento que testemunhou quando a guerra dilacerou sua pátria.



Gino Bartali em sua volta da vitória após a conquista do Tour de France de 1948.

Ao cruzar a linha de chegada em primeiro lugar, a multidão que se juntara em Aix-les-Bains vaiou. Ele ficou impávido, deleitando-se com a força que havia demonstrado nas montanhas. “**Eu me sinto um leão**”, pensou. A vitória nessa etapa confirmava o precedente estabelecido por seu desempenho da véspera. Daí em diante, a camisa amarela era dele. E, como logo se veria, não sairia mais de seus ombros.

Levou algum tempo até que os espectadores que se juntaram na linha de chegada absorvessem o impacto de algo que Gino já sabia. Para alguns, aquele momento chegou depois de apenas 66 segundos – a diferença de tempo entre Gino e Bobet na classificação geral. Para os demais, chegou nos minutos assustadoramente calmos que se seguiram. A cada segundo que se passava sem que os demais corredores aparecessem, crescia a liderança de Gino. Bobet demorou um pouco mais de tempo para aceitar. E quando ele finalmente reconheceu, era impossível negar a verdade da vitória de Gino. **O sonho de Bobet acabara**. Morrera, como mais tarde ele reconheceria, na estrada entre Cannes e Briançon.

NO HOTEL DE AIX-LES-BAINS, **Gino recebeu uma visita de surpresa, um deputado democrata-cristão** que trazia os cumprimentos do primeiro ministro De Gasperi. Nos dois dias que se haviam passado desde o telefonema, Gino excedera em muito sua promessa ao primeiro-ministro. Ele havia “**derrotado a tudo e a todos, natureza e homem**”, como declarou um jornalista, e despontava como uma barbada para ganhar o Tour. Logo se viu que o primeiro-ministro não era o único líder a transmitir votos de sucesso. Um emissário do papa também apareceu e deu a Gino uma medalha especial, dizendo-lhe que “**Sua Santidade deseja que você vença o Tour, como campeão leal e atlético**”.

Sentado com Gino no quarto, cercado por vários ramos de flores e telegramas de congratulações, o treinador Binda estava reduzido ao silêncio com tudo aquilo. Finalmente conseguiu gaguejar algumas palavras.

“**Meu Deus, você quase me matou, meu campeão.**”

“Você nem sempre me chamou assim. E também não tinha fé em mim”, observou Gino, sorrindo.

“Você tem razão, quem diria ... na sua idade”, replicou Binda, constrangido.

Gino deu uma gargalhada e anunciou que iria escrever um telegrama para o filho de seis anos, Andrea. A mensagem tinha apenas uma frase: “Seu pai é campeão outra vez.”

Na Itália, continuavam as celebrações que haviam começado na noite anterior, ganhando força à medida que Gino se aproximava de Paris. Havia um “sentimento de ressurreição”, disse um ex-presidente da Itália que estava em Roma na ocasião. Em outra parte da cidade, relata-se, um comício promovido por um sindicato terminou abruptamente quando um carro com alto-falantes passou dando informações sobre a vitória de Gino. A multidão se dispersou para buscar uma atualização completa e comemorar com um trago nos cafés próximos. Perto da casa de Gino, em Florença, as pessoas gritavam “Viva Bartali” pelas ruas. Muitas até mesmo tocaram a campainha da casa dele, celebrando. Mais ao norte, um jovem padre, num encontro da congregação para as preces noturnas, colocou um rádio no altar, bem baixinho. Quando ouviu o familiar tom de voz de Gino, ele interrompeu o serviço e aumentou o volume para que toda a igreja pudesse ouvir a entrevista do ciclista.

Em outras partes da Europa, trabalhadores italianos e imigrantes estavam encantados com o desempenho de seu compatriota. Numa etapa que passava pela Bélgica, sete espectadores com camisas amarelo brilhante carregavam cartazes com letras formando o nome de Bartali. Em Liège, cidade belga onde o Tour parava por uma noite, 10 mil italianos se reuniram na praça em que ficava o hotel de Gino e, das dez da noite até quase as duas da manhã, comemoraram efusivamente. Alguns dançavam e jogavam os chapéus para o ar; outros se abraçavam e derramavam lágrimas de felicidade. A comemoração só terminou quando a polícia evacuou a praça para que Gino e as demais pessoas das redondezas pudessem descansar. Os jornais belgas locais, refletindo o sentimento presente em muitos países nos quais viviam trabalhadores italianos, arrogantemente viram nisso tudo um exemplo do “temperamento meridional”. Um repórter francês, no entanto, mostrou-se mais simpático ao entusiasmo dos italianos. “Essa glorificação desenfreada não nos faz rir. Nós também gostaríamos de ter nosso próprio Bartali e aclamá-lo como a um deus, expressar nossa admiração e cobri-lo de flores.”

Outros membros da imprensa eram igualmente fervorosos na cobertura das vitórias de Gino. Embora pelo menos um jornalista tentasse fingir que não havia escrito um artigo duvidando das chances do italiano, a maioria era honesta. Um redator italiano descreveu a amplitude do triunfo de Gino:

“Bartali escreveu nestes dois últimos dias – se é que se pode escrever com pedaladas e gotas de suor – talvez a mais bela página de sua carreira. ... Hoje basta lembrar que 48 horas atrás, em Cannes, Bartali era tido como alguém já parcialmente derrotado e talvez às vésperas da aposentadoria.”

O diretor do Tour que havia duvidado de Gino apresentou seu próprio relato poético de tudo o que se havia passado. “Da nevasca, água e gelo, Bartali surgiu como um anjo coberto de lama, carregando debaixo de sua túnica encharcada a alma preciosa de um campeão excepcional.”

EM NOVA YORK, a ameaça de bomba na catedral de St. Patrick não se materializou. Na Itália, a incendiária situação política aos poucos foi se acalmando. Depois da greve, que terminou ao meio-dia de 16 de julho, as empresas e os cidadãos comuns se entregaram às tarefas de reparação e de limpeza. Táxis voltaram a circular, ônibus e trens retomaram seus esquemas regulares de funcionamento. Gino telefonou para os pais e perguntou-lhes sobre a situação em Florença e a reação à sua vitória. Os pais responderam com sua brevidade típica: “Calma e entusiástica.”

No entanto, em todo o país diversas manifestações de protesto continuavam a ecoar. Ocorreram ainda surtos de violência em várias cidades, apesar da mobilização de 55 mil membros da Marinha e da Força Aérea, além dos 250 mil soldados e policiais já envolvidos. Uma escaramuça em remota região da Toscana entre o Exército e um grupo de *partisani* renegados continuou por vários dias. Na Câmara dos Deputados, recriminações inflamadas eram proferidas enquanto os políticos debatiam sobre quem era o mais culpado por tudo o que havia acontecido.

Ao fim e ao cabo, os custos humanos e financeiros dos motins foram significativos. Ao longo de poucos dias, quatorze pessoas foram mortas e outras duzentas ficaram seriamente feridas, entre as quais muitos policiais. Estima-se ainda que o país sofreu perda de cerca de 70 bilhões de liras com os prejuízos com a greve, o que significava mais de 10% do PIB do país em 1948. Tais custos somavam-se à enorme despesa que a nação já enfrentava com os esforços de reconstrução depois da guerra.

No hospital, Togliatti continuava a se recuperar. Teve de enfrentar breve contratempo com uma pneumonia, mas a infecção foi contida com dose maciça de penicilina fabricada nos Estados Unidos. (Alguns críticos chamaram a atenção para a ironia, dada a acrimônia das relações entre comunistas e americanos.) Em determinado momento, pediu ao filho que

lesse para ele os jornais a fim de se inteirar do que vinha acontecendo desde o atentado. Seus médicos, no entanto, se opuseram, receando que as notícias afetassem negativamente sua saúde, dado seu estado debilitado. Decidiram por um meio-termo, e o filho deveria ler apenas as notícias esportivas. Togliatti ficou muito satisfeito com todos os sucessos de Gino.

Do outro lado da cidade, no presídio Regina Coeli, Antonio Pallante, isolado em uma cela improvisada no escritório do capelão da prisão, no qual os guardas haviam instalado barras, só veio a saber da vitória de Gino vários dias depois. Ouvindo o relato dos guardas sobre o que havia acontecido na França, ele foi tomado pelo que descreveu como um “grande orgulho nacional” que, por um breve instante, uniu-o a seus compatriotas.

À MEDIDA QUE O Tour se aproximava da etapa final, os organizadores tinham muito o que celebrar. Embora, sem dúvida alguma, preferissem que um francês usasse a camisa amarela ao entrar em Paris, quanto mais não fosse pelo maior número de jornais que venderiam, o dramático retorno de Gino era garantia de grandes tiragens. Os desafortunados e os reveses esportivos sempre produzem grandes manchetes, e o desempenho de Gino injetou um suspense palpável em uma corrida que apenas alguns dias antes era criticada por ter perdido o entusiasmo de anos anteriores.

Os espectadores abraçaram o Tour de 1948 numa extensão que hoje parece extraordinária. Em parte, era a tensão dramática da corrida. No entanto, o mais importante era que o Tour trouxera uma bem-vinda distração às contrariedades da vida no pós-guerra. Quinze milhões de pessoas na França, ou cerca de 38% da população do país, haviam ido para a beira das estradas a fim de ver pessoalmente a corrida. Nos Estados Unidos de hoje, para um evento poder ostentar participação semelhante, seria preciso contar com a presença de mais de 115 milhões de pessoas. O que se vê na história americana é que, em termos de público presente, o mais popular evento esportivo em vários dias foram as Olimpíadas de Los Angeles, em 1984. Com comparecimento estimado de apenas 5,8 milhões de pessoas, ou 2,5% da população do país, elas empalidecem na comparação.

Esses números de presença ao vivo, por maiores que sejam, representam apenas uma fração do público que acompanhou o Tour. Do restante da população, milhões leram a cobertura dos jornais, ouviram as transmissões radiofônicas ou assistiram aos cinejornais. Muitos milhões mais acompanharam o Tour em outros países da Europa e no mundo todo.

O Tour de 1948 foi mais popular do que seria de esperar, mas não foi lucrativo. **Gino ganharia pouco mais de um milhão de francos em prêmios em dinheiro**, e os compromissos para corridas curtas depois do Tour lhe renderiam cerca de 3,5 milhões de francos. Os ganhos totais equivaleriam hoje a cerca de 187 mil dólares, que Gino combinara dividir com seus dez companheiros de equipe. Os demais corredores famosos ganharam menos: Bobet, 486.400 francos ou pouco mais do que 20 mil dólares de hoje; e Robic, 261.700 francos, equivalendo atualmente a 11 mil dólares. Comparadas aos ganhos atuais dos vencedores do Tour ou mesmo de astros do esporte em geral, essas cifras parecem incrivelmente pequenas. Mesmo assim, depois de anos de ganhos ínfimos ou inexistentes, os competidores ficaram satisfeitos em conseguir o que pudessem. E na Itália do pós-guerra, o dinheiro podia esticar. Um dos mais jovens companheiros de Gino recebeu do Tour dinheiro suficiente para casar com a namorada, dar entrada numa casa e equipá-la com os utensílios mais modernos.

No entanto, os prêmios, e mesmo a simples possibilidade de competir por eles, cobravam um preço alto. Após três semanas de uma corrida árdua, expostos aos extremos do clima e do terreno, ninguém poderia negar que o Tour exigia dos participantes um sacrifício terrível. Dos 120 homens que haviam começado a corrida, apenas 44 a completaram. A taxa de desgaste para a velha guarda – aqueles que, como Gino, haviam corrido antes da guerra – era igualmente desalentadora. Apenas quatro entre dez cruzaram a linha de chegada em Paris, embora, dos quatro, três estivessem entre os dez primeiros. Isso era óbvio testemunho de sua capacidade como corredores, mas também da natureza da corrida. Considerando os elementos enfrentados e as grandes distâncias cobertas, o Tour exigia uma espécie de resistência e de “capacidade para o sofrimento”, como dizia Gino, que muitos corredores mais jovens ainda não haviam cultivado.

O Tour transformou até mesmo Gino, o homem que havia suportado seus testes melhor do que ninguém. A mudança não foi imediatamente perceptível em seu físico ou em sua maneira de ser. Na aparência, Gino estava em excelente estado físico e continuava irascível como sempre, **chegando mesmo a socar um policial francês armado**, seu admirador, que inexplicavelmente tentou lhe dar um tapinha no rosto na linha de chegada de uma das etapas. No entanto, havia uma tristeza indelével que começou a crescer nas etapas finais e que Gino só iria entender completamente ao chegar a Paris.

O ÚLTIMO DIA DO TOUR começou com leve chuvisco, curiosamente apropriado para uma odisséia que havia sido forjada pelas devastações dos elementos da natureza. A chuva tornaria as estradas que levavam a Paris ainda mais escorregadias, mas pouco efeito teve sobre o entusiasmo das multidões, que haviam dedicado o dia a assistir à coroação do campeão do Tour. Oficialmente, a etapa final do Tour ainda é uma corrida, mas seus resultados só têm importância quando as posições na classificação geral estão próximas, algo que em 1948 estava longe de acontecer. Com 26 minutos de diferença do corredor seguinte, não havia dúvida de que, para Gino, seria apenas uma longa volta olímpica.

As celebrações começaram cedo, com os corredores serpenteando preguiçosamente pelas ruas de Roubaix, como parte de um espetáculo prévio que durou cerca de 45 minutos. Lá pelas dez horas da manhã, eles começaram a jornada de 285 quilômetros até Paris. Não demorou muito para verem a primeira das bandeiras italianas desfraldadas naquele dia. Estava numa fábrica na periferia de Paris e havia sido colocada por um dos muitos trabalhadores italianos que agora aplaudiam a equipe italiana na beira da estrada. Uma mensagem simples, mas sincera, havia sido escrita no tecido verde, branco e vermelho: *Viva Gino Bartali!*

À medida que as multidões cresciam, era óbvio pelas palavras de apoio gritadas em francês que muitos torcedores franceses haviam degelado suas atitudes em relação a Gino e aos italianos. Eles haviam arremessado bolas de neve, vaiado nas linhas de chegada e **um espectador até mandara anonimamente uma ameaça de morte** (Binda preferiu não falar dessa carta a Gino). Em Paris, porém, Gino finalmente recebia um pouco de respeito. A imprensa francesa havia despertado muito mais cedo. Embora seu próprio governo estivesse mudando, com o cargo de primeiro-ministro trocando de mãos, ela iria dedicar suas primeiras páginas a longos e barrocos tributos ao triunfo de Gino. Como um jornalista perversamente observou: “**Gino Bartali, depois de bater seus adversários, derrotou o primeiro-ministro**”.

Quando a caravana do Tour alcançou a periferia de Paris, o tempo havia melhorado, e os ciclistas assistiram a algumas cenas de exuberância espontânea como as que os haviam saudado nas chegadas por toda a França. Um piloto fez um voo rasante bem ao lado deles, com as asas tão próximas ao chão, que poderiam podar as árvores. Multidões alegres e estridentes aglomeravam-se em filas de dez e vinte pessoas na beira da estrada para ver os corredores passarem. E, pela primeira vez na história do Tour, **algumas**

câmeras de televisão transmitiam o final da corrida. Naquele tempo poucos poderiam avaliar seu significado, mas, com sua ajuda, o Tour se transformaria em um evento verdadeiramente global.

Em outros lugares, o trânsito ficou completamente engarrafado com os alegres fãs lotando as ruas a caminho do velódromo de Parc des Princes, onde 40 mil pessoas iriam assistir ao final da corrida. Apesar de tudo, nesse mar de bandeirolas e de rostos bronzeados em que os ciclistas mergulharam quando abriam caminho para Paris, ninguém perdia de vista o homem do momento. “Bartali se destacava em sua camisa amarela no céu claro e quente como o toque de corneta do legionário no deserto solitário”, escreveu um jornalista francês.

Enquanto Gino se concentrava em salvaguardar sua vitória geral, os astros menores do Tour lutavam pela etapa final. Foi, portanto, um feito de beleza poética quando Giovanni Corrieri, companheiro de quarto de Gino e seu lugar-tenente, disparou pelo túnel e foi o primeiro a aparecer na pista do velódromo, ganhando a corrida do dia. Depois de correr durante três semanas a serviço de Gino e à sua sombra, a “Flecha Siciliana” pôde gozar seu próprio triunfo.

Quarenta mil vozes urraram em uníssono quando Gino passou pelo túnel e irrompeu no velódromo poucos minutos depois. Sua pele bronzeada resplandecia sob a camisa amarela de algodão, e cada grama de seu corpo pulsava com um vigor audacioso quando ele acelerava pelo cimento rosa pálido da pista. Garantida a vitória, correu para a linha de chegada onde seus colegas de equipe o aguardavam.

E, assim, não mais do que de repente, tudo estava terminado. Depois de quase 150 horas no selim, a corrida estava encerrada. Dez anos depois de seu primeiro triunfo, Gino Bartali vencera o Tour de France mais uma vez, estabelecendo um novo recorde – o maior lapso de tempo entre vitórias –, que se mantém até hoje.

DESMONTANDO, GINO RUMOU para o gramado no centro das pistas. Ficou ali, conversando com Corrieri e com os outros que já haviam terminado, esperando a chegada dos demais corredores, até que viu um corredor francês, o outro membro da velha guarda com 34 anos, chorando solitariamente. Gino caminhou para ele e o abraçou, reconhecendo que ele contemplava as perspectivas cada vez menores de sua própria carreira, na qual por três vezes chegara enlouquecedoramente perto de ganhar o Tour.

Pondo a mão em seu ombro, Gino tentou consolá-lo. “A guerra nos arruinou, a nós, os velhos. Ela nos fez perder nossos melhores anos e muitas vitórias que nunca recuperaremos.” O francês, de olhos vermelhos e rosto hirsuto, apenas acenou, concordando.

Embora para Gino o espinho dos anos perdidos nunca desaparecesse por completo, ao falar com a imprensa naquele dia ele deu os primeiros sinais de que parava de lutar contra o peso da história. Sob qualquer aspecto ele desafiara as probabilidades (em mais de cem anos de história do Tour, apenas três vencedores eram mais velhos do que Gino). Ao agradecer aos companheiros de equipe e aos fãs, transmitiu sua gratidão pela improvável jornada, um sentimento que só depois conseguiu articular mais eloquentemente. “Todos na vida têm sua própria maneira de expressar seu propósito – o advogado, sua eloquência, o pintor, sua paleta, e o homem de letras, sua pena, de onde fluem as palavras velozes de sua história. Eu tenho minha bicicleta.”

Depois de cerca de vinte minutos, o último corredor cruzou a linha de chegada, e teve início a cerimônia de premiação. Fotógrafos e cinegrafistas garantiram às próximas gerações o registro permanente daqueles momentos finais do Tour de 1948. Nessas imagens, Gino caminha para o pódio, onde vários funcionários o cumprimentam e colocam em seu peito uma larga faixa com os dizeres “Tour de France 1948”. A anfitriã do Tour, uma bela e loura atriz, Line Renaud, entrega-lhe um grande ramo de flores e lhe dá um beijo. Gino sorri timidamente e limpa o batom vermelho do rosto. A multidão fica de pé em longa ovação, e por um momento Gino é tomado pela emoção. “Eu venci a corrida mais bonita do mundo. Com isso, vou entrar para a história”, diria depois. Nos cinejornais ele apenas sorri largamente e acena de volta para os fãs. E então desce lentamente do pódio e monta sua bicicleta.

Gino começa a volta olímpica, numa cena de amargo triunfo que só os antigos poderiam escrever. Vencer o Tour culminava uma busca que o motivara durante quase dez anos. No entanto, ao escalar o pico mais alto que o ciclismo tinha a oferecer, foi finalmente forçado a aceitar a superioridade do único rival que ele nunca poderia ter esperanças de derrotar: o tempo. Em sua camisa amarela, aos 34 anos, chegava ao fim de uma jornada que jamais repetiria.

Sozinho na pista, um brilho de tristeza passa pelo rosto de Gino. Logo, porém, desaparece, intensificando ainda mais sua capacidade de saborear aquele momento perfeito. Pois quando começa a volta final, a felicidade que

ele irradia é clara como o dia – é o prazer descuidado de um menino em sua bicicleta, deslizando sem esforço através do ar, resplandecente ao sol da tarde.

Epílogo

EM UMA TARDE ENEVOADA de janeiro de 2011, encontramos com Giorgio Goldenberg em sua casa, nas imediações de Tel Aviv. De cabelos prateados e ondulados e maneiras joviais, Giorgio é agora um avô de 79 anos de idade. Fala inglês com segurança e com apenas um leve sotaque, algo notável para quem nunca morou por muito tempo em qualquer país de língua inglesa. Enquanto tomávamos espressos em sua sala de estar, ele nos contou como chegou a Israel. Nos meses que se seguiram à liberação de Florença, em 1944, seus pais fizeram planos para retirá-lo da Europa, temerosos de um contra-ataque alemão. Conseguiram um lugar em um navio britânico que levava crianças judias para o que então era a Palestina. Lá, um grupo de socorro judeu providenciou que ele e outras crianças longe das famílias fossem viver em diferentes *kibutzim*, os grandes coletivos agrícolas que estavam sendo estabelecidos em todo o país. Giorgio foi mandado para um *kibutz* perto de Hedera, onde começou a aprender hebraico e a usar seu nome hebreu, Shlomo Pas. Os pais e a irmã migraram para Israel três anos depois, em 1948. Nenhum dos Goldenberg jamais veria Gino Bartali outra vez.

Tínhamos falado antes com Giorgio por telefone, no outono de 2010, depois de rastreá-lo por intermédio de vários judeus italianos que com ele haviam frequentado a escola elementar em Florença, meio século atrás, e que agora viviam na Itália, em Israel e no Reino Unido. Depois de nossas primeiras conversas com Giorgio, **um jornalista judeu italiano também o encontrou**, o que provocou um turbilhão de entrevistas. Vários jornais italianos publicaram artigos sobre sua história, que logo foram referenciados e traduzidos em vários fóruns na web. A RAI, rede italiana de rádio e TV, **filmou uma entrevista que foi ao ar como parte da comemoração italiana do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto**, em 27 de janeiro de 2011.

Quase sete décadas depois, as lembranças de Giorgio a respeito de suas experiências de guerra ainda eram minuciosas e vivas. Ele próprio o percebia, observando que em quase meio século não havia falado com ninguém sobre Gino Bartali ou sobre qualquer outra coisa acontecida com ele ou com sua família durante a guerra. Como muitos dos sobreviventes do Holocausto, eram-lhe muito dolorosas as lembranças de parentes e amigos mortos, e muito difícil falar com qualquer um, até com os próprios filhos, sobre as trevas daquele tempo. Só em anos recentes, por sugestão da mulher, é que começara a desabafar e a contar sua história.



Alcide De Gasperi visita Gino Bartali no hospital em 1953.

Conversamos durante várias horas, e a conversa lentamente derivou para o presente. Giorgio foi ficando mais animado, sorrindo ao falar com orgulho dos filhos e dos netos. Perto do fim de nosso encontro, Giorgio voltou a ficar pensativo e fez uma avaliação de sua experiência de guerra e de como sua família foi salva. O tempo e a geografia podem tê-lo impedido de reencontrar Gino, mas ele insistiu em reconhecer a dívida da família com o ciclista. “**Não tenho nenhuma dúvida de que ele salvou nossas vidas.** Ele não apenas salvou nossas vidas, como ajudou a salvar as vidas de centenas de

pessoas. Para fazer isso, colocou a própria vida e as de seus familiares em risco”, disse Giorgio, com a voz embargada pela emoção. “**Em minha opinião ele foi um herói** e tem o direito de ser chamado de herói do povo italiano na Segunda Guerra Mundial.”

ASSIM COMO GIORGIO, durante a maior parte de sua vida Gino evitou falar sobre o que havia acontecido durante a guerra. Apesar de que, logo depois do final da guerra, **rumores sobre seu envolvimento na rede secreta do cardeal Dalla Costa** circulassem em alguns grupos da comunidade judaica em Florença, iriam se passar décadas até que a nação viesse a conhecer os detalhes. Muitos dos compatriotas de Gino também resistiam a falar sobre suas experiências nos tempos de guerra, e tal silêncio não era característico da Itália. Após anos de ocupação e de guerra, cidadãos de diversos países da Europa ocidental **optaram por ignorar deliberadamente as dificuldades do passado recente**, preferindo, naqueles primeiros anos, concentrar-se inteiramente em reconstruir o futuro.

Em 1978, o jornalista e cineasta Alexander Ramati, judeu polonês, publicou um livro que escrevera com frei Rufino Niccacci sobre o trabalho dos religiosos em Assis durante a ocupação alemã. (Ramati, correspondente de guerra, encontrou Niccacci e Luigi Brizi pela primeira vez no dia em que os aliados libertaram Assis, em junho de 1944.) Sete anos depois deu seguimento ao assunto, com um longa-metragem baseado no livro. Embora ambos fossem estruturados em torno da perspectiva de Niccacci sobre os acontecimentos, muito revelavam sobre o cardeal Dalla Costa, os Brizi e Gino. A imprensa italiana cobriu a história com muito interesse e com fartos elogios a todos os protagonistas da rede de falsificação.

Gino reagiu com raiva à cobertura e em particular ameaçou processar um canal italiano de televisão que anunciou que levaria ao ar o filme de Ramati. Seu filho Andrea, no entanto, argumentou contra tais medidas, observando que Ramati havia trabalhado muito próximo a Niccacci, Trento Brizi e outros. Aos poucos Gino se acalmou e acabou concordando com o filho, mas na maior parte da vida não abriu a boca para a imprensa a respeito de suas atividades na guerra. A raiz de sua reserva era a enorme preocupação de que sua fama como ciclista fosse engrandecer seu papel na rede e velar as contribuições dos outros participantes, italianos comuns e padres católicos que assumiram riscos extraordinários para salvar pessoas. Mais tarde, falando em um documentário italiano sobre sua vida, Gino justificou seu

silêncio como uma questão de respeito por aqueles que haviam sofrido mais do que ele durante a guerra. “**Não quero parecer herói.** Heróis foram os que morreram, os que foram feridos, os que passaram meses na prisão.”

A modéstia de Gino, junto com a necessidade geral de manter segredo absoluto sobre a rede clandestina durante a guerra, deixou apenas um tênue registro sobre suas atividades. Nos últimos anos descobriu-se que Gino pode ter ajudado a transportar documentos para uma área da Toscana e da Úmbria ainda maior do que a que se pensava. **Em 2006, o presidente da Itália, Carlo Ciampi, prestou uma homenagem póstuma a Gino e a quatro padres,** conferindo-lhes medalha de ouro de mérito civil por seus esforços numa rede clandestina de auxílio a refugiados judeus escondidos em Lucca, ao norte da Toscana. Pouco se sabe sobre a atividade de Gino nessa rede em especial. Apesar de muitos pedidos, o ministério responsável pela premiação não divulgou as informações compiladas a respeito de Gino porque, segundo eles, o processo de seleção para essa homenagem não era público. **Em Lucca, os dois sobreviventes dessa rede que também foram homenageados nos disseram que nunca se encontraram com Gino durante a guerra.** Sugeriram que seus colegas mortos podem ter interagido com o ciclista, mas que qualquer registro de tal contato estava perdido. Como explicaram, era muito comum *não* saber com quem os outros padres trabalhavam. O compromisso de segredo de cada um e o desconhecimento proposital sobre as atividades dos demais membros é que protegiam essas redes e lhes permitiam salvar tantas vidas. Infelizmente esse mesmo segredo também tornou essas redes muito mais impenetráveis à luz da investigação histórica.

Outros fatores dificultaram ainda mais a pesquisa sobre a atividade de Gino durante a guerra. Como a segurança da rede exigia que Gino reduzisse ao mínimo seus contatos com quem recebia os documentos falsos que transportava, ou os impedia completamente ao utilizar outros intermediários de confiança, ele não aparece com frequência nos testemunhos cada vez mais numerosos dos sobreviventes reunidos por várias organizações de recuperação da memória do Holocausto. Da mesma forma, muitos dos que trabalharam com ele, particularmente na rede Florença-Úmbria, morreram sem fazer um relato completo sobre suas experiências de guerra ou sobre o que sabiam a respeito do envolvimento de Gino. Ele próprio não ajudava muito, por recusar-se a comentar e por minimizar teimosamente seu papel,

mesmo diante de irretorquíveis testemunhos em contrário por parte dos outros membros.

Uma exceção foi **frei Pier Damiano, do mosteiro de São Damião**, que encontramos no começo da pesquisa e que numa ocasião, durante a guerra, viu Gino entregar documentos a frei Niccacci. Depois de quase dez anos de pesquisa, entretanto, ficou claro que provavelmente jamais conheceríamos tudo o que Gino fez ou os riscos que correu para ajudar o cardeal Dalla Costa. Talvez fosse isso o que Gino pretendia o tempo todo. Para alguém que passou quase toda a vida adulta sob o incansável escrutínio da curiosidade pública, há algo de apropriado no fato de que foi capaz de manter ocultos alguns elementos de sua maior realização. Como ele diria ao filho Andrea: **“Se você é bom em um esporte**, eles penduram as medalhas em sua camisa e depois as colocam em algum museu. O que se ganha ao fazer boas ações fica pendurado em sua alma e brilha para sempre.”

NAS HORAS QUE SE SEGUIRAM à vitória de Gino na etapa crítica no Tour de 1948, ocorreu **“uma explosão de alegria”** em todo o país, observou Oscar Luigi Scalfaro, ex-juiz e depois presidente da Itália que na época era um jovem político em Roma. “Foi como um vento que varresse as nuvens”, acrescentou aos 91 anos, movendo a mão energicamente pelo ar para ilustrar o efeito da vitória de Gino para a Itália depois da tentativa de assassinato de Palmiro Togliatti.

Até hoje os italianos discutem se a nação chegou perto de um levante geral naquele tenso momento em julho de 1948. Muitos italianos comuns que assistiram ao vivo aos motins e à destruição insistem em que testemunharam os primeiros sinais de uma revolução e de uma guerra civil. O historiador Patrick McCarthy concorda em parte com essa visão ao descrever uma Itália em que **“Milão, Turim e Gênova pareciam estar à beira da insurreição”**. Outros são mais céticos. O historiador Paul Ginsborg pesquisou os protestos no norte e a reação relativamente fraca no sul rural, e argumentou que a possibilidade de uma revolução de âmbito nacional era improvável. Observou, no entanto, que um importante político comunista lhe apontara que a **“insurreição era factível no norte, mas que a Itália teria sido dividida em duas”**.

A percepção do impacto da vitória de Gino sobre os efeitos dos conflitos também iria evoluir ao longo dos anos. Nos dias imediatos à conquista, o fato de Togliatti ter sobrevivido à tentativa de assassinato desempenhou

papel crítico na entusiástica reação do país ao triunfo de Gino. Tivesse ele morrido, a nação sem dúvida estaria em um espírito muito diferente, não importando o desempenho de Gino no Tour. No entanto, nos meses e anos seguintes, *bartaliani* apaixonados e italianos linha-dura de extrema direita, desejosos de ganhar pontos na batalha que se travava entre comunistas e democratas-cristãos, inflaram a importância da vitória de Gino e reduziram o papel da recuperação de Togliatti. Gino tornou-se o “salvador da pátria”, aquele que, sozinho, impediu a eclosão de uma guerra civil.

Nos últimos anos, líderes nacionais e historiadores da cultura apresentaram visão mais nuançada do significado da vitória. Giulio Andreotti, deputado e primeiro-ministro, e que testemunhou as celebrações na Câmara dos Deputados com as notícias da vitória de Gino, apresentou sua avaliação. “Dizer que a guerra civil foi evitada por uma vitória no Tour de France certamente é um exagero”, mas é “inegável”, insistia ele, que Gino “contribuiu para aliviar as tensões”. O antigo presidente Oscar Scalfaro, quando o encontramos, deu mais corpo a essa ideia descrevendo o triunfo de Gino como um elemento alegremente diversionista representado por um sucesso duramente conquistado, com repercussões profundas naquele momento em que a nação tentava se reconstruir. Pelo menos dois historiadores italianos repetiram essa argumentação. De sua parte, Gino subestimou com firmeza seus feitos, ponderando: “Não sei se salvei o país, mas eu lhe devolvi o sorriso.”

EMBORA GINO TENHA DECLARADO sua intenção de se aposentar depois da vitória no Tour de 1948, poucas semanas depois embarcou para a Holanda com Fausto Coppi rumo ao Campeonato Mundial de Ciclismo em Pista, em Valkenburg. Com os dois correndo juntos na equipe nacional, a Itália não deveria ter problemas para vencer. Tragicamente, porém, um e outro não estavam dispostos a um trabalho cooperativo. Com ciúmes de todos os comentários pelo rádio sobre a vitória de Gino no Tour, Coppi só concordou em correr devido à possibilidade de derrotar seu rival toscano. Quando a corrida começou, Gino não se mostrou melhor, recusando-se a fazer qualquer ataque significativo só para não ajudar Coppi inadvertidamente. Correram o tempo todo um ao lado do outro, esquecendo-se dos demais competidores, que disparavam à frente deles. Finalmente, situados bem atrás, deixaram suas bicicletas e abandonaram a corrida, sob vaias furiosas dos espectadores.

Na Itália, esse desempenho vergonhoso deixou todos tão chocados, que a Federação Italiana de Ciclismo os suspendeu temporariamente, adicionando mais lenha ao fogo de sua rivalidade. Por muitos anos ainda a história de seus confrontos dominou as manchetes. Uma imprensa faminta que queria vender jornais aumentava ainda mais o antagonismo. Havia, no entanto, alguma substância real em suas batalhas. Nenhum deles tinha medo de desdenhar publicamente das perspectivas do outro, e havia muito ambos tinham deixado de se referir ao rival pelo nome, substituído pela expressão “aquele lá”. Os fãs seguiram o exemplo, e bairros inteiros tomavam partido como *coppiani* ou *bartaliani*. Quem se arriscasse a desafiar essas fidelidades locais corria risco de confronto. Os homens se envolviam em brigas e pelo menos uma mulher foi perseguida aos berros em sua aldeia rural por jovens fãs de Bartali depois de confessar que apoiava Coppi. Ao fim e ao cabo, essas divisões tomariam dimensão política, quando os comunistas se alinharam ao apolítico Coppi para combater a aliança de Gino com os democratas-cristãos.

A batalha alcançou seu zênite na primavera de 1949, quando chegou a hora de escolher a equipe italiana para o Tour de France. Coppi havia acabado de derrotar Gino no Giro d'Italia, e sua equipe profissional, Bianchi, solicitou que Gino não fosse incluído e que Coppi liderasse a campanha na França. No entanto, Gino tinha acabado de ser o campeão do Tour e seus seguidores achavam inconcebível que ele fosse impedido de defender o título só para Coppi poder fazer sua estreia. Os dois argumentos tinham méritos, e o debate rapidamente se tornou popular em círculos públicos. Uma solução satisfatória, no entanto, parecia improvável. Em determinado momento, o primeiro-ministro Alcide De Gasperi chegou a fazer pronunciamento público insistindo em que Gino e Coppi corressem juntos pela Itália. Em mostra incomum de unidade política, Palmiro Togliatti, seu rival de longa data, concordou.

A preferência por uma equipe unificada foi crescendo, e o treinador Alfredo Binda concebeu uma aliança entre os astros segundo a qual ambos concordavam em correr de maneira cooperativa durante a primeira parte. Quando chegassem aos Alpes, seria cada um por si. Para o eterno desapontamento dos *bartaliani*, Coppi eclipsou o rival e entrou em Paris com a camisa amarela. Embora Gino chegasse em segundo, Coppi ofuscou-o ao ser o primeiro ciclista a conseguir o que já era considerado impossível: vencer o Giro e o Tour no mesmo ano. A importância simbólica do momento

não podia deixar de aflorar. Numa disputa cabeça a cabeça em alguns dos terrenos mais desafiadores da Europa ocidental, Coppi havia realizado o sonho que Gino acalentara desde os primeiros dias de ciclista.

Coppi não parou, e ganhou um segundo título do Tour, e ao final da carreira suas distinções também incluíam cinco vitórias no Giro. Comparado com Gino, dois títulos no Tour e três no Giro, alguns consideravam encerrado o debate sobre o melhor corredor italiano. Outros argumentavam que a comparação não era justa, já que Gino provavelmente teria ganhado mais títulos no Tour e no Giro se sua carreira não tivesse sido interrompida pela guerra, que teve menos impacto sobre Coppi porque então ele ainda não estava nos anos de apogeu. Para sustentar esse argumento, os *bartaliani* apontavam para o duradouro recorde de Gino no Tour – dez anos entre vitórias. Mesmo que os avanços na saúde e nos treinamentos tenham permitido que os ciclistas atuais estendam suas carreiras e ganhem corridas como o Tour de France em uma idade mais avançada, nenhum outro permaneceu no topo do esporte por tanto tempo.

Atualmente Coppi continua sendo mais conhecido fora da Itália, em parte porque suas vitórias são mais recentes e em parte porque foi um dos pioneiros nos modernos métodos de treinamento cientificamente fundamentados, em contraste com a abordagem de Gino, desafiadoramente antiquada. Na Itália, entretanto, quando questionada sobre a dupla, a maioria dos italianos contemporâneos de todas as idades **tem lealdade multigeracional, seja a Bartali, seja a Coppi**. Com o tempo, as arestas mais agudas da rivalidade já se reduziram e se transformaram em celebrações do legado de cada ciclista.

Entre os *bartaliani* as lembranças assumiram muitas formas. Em 2006 foi inaugurado um museu Gino Bartali em sua cidade natal, Ponte a Ema, que exibe bicicletas antigas, fotografias e outras parafernalias de Bartali. Em 2009, Ivo Faltoni, um dos antigos mecânicos de Gino e amigo de toda a vida, instituiu um *ciclopelegrinaggio* anual, **ou peregrinação ciclística anual**, refazendo parte dos roteiros de Gino entre Florença e Assis, quando entregava os documentos. No ano inaugural, mais de cem pessoas, incluindo meninos, um casal numa bicicleta dupla e vários ciclistas de cabelos brancos, pedalarão de Terontola até a praça principal de Assis, onde foi servido um dos lanches preferidos de Gino, *prosciutto panini*. Os vencedores da primeira peregrinação pertenciam a uma sociedade ciclística

católica do norte da Itália, cujos membros assumem o compromisso de viver de acordo com os valores de Gino Bartali.

NO DIA 18 DE OUTUBRO DE 1953 Gino e alguns amigos dirigiram-se ao que seria uma das últimas corridas de sua carreira. Aos 39 anos, ele havia competido oitenta vezes naquela temporada e só ganhara duas, dando à imprensa ainda mais combustível para debochar de sua idade. Depois de sua vitória no Tour, ele deixara de ser chamado de Il Vecchio, substituído por “**Il Vecchiaccio**”, “O Velhote”, e mesmo Matusalém, o homem mais velho na Bíblia. Ainda que de má vontade, Gino aceitava as brincadeiras e em certos momentos até se divertia, como, por exemplo, quando foi parodiado num teatro de revista por um ator de camisa amarela “**e uma barba que chegava ao umbigo**”. Gino aceitava tudo sem se perturbar. “**Nós, atletas, não somos como belas mulheres que podem esconder seus anos**, e, além do mais, não tenho nenhuma vontade de escondê-los. Se para os espectadores a hilaridade afetuosa provocada por minha idade ‘venerável’ puder ser uma distração das fainas e dos aborrecimentos do dia a dia e que não são agradáveis para ninguém, tanto melhor.”

Enquanto seguiam naquela manhã para a Suíça, onde aconteceria a corrida, Gino cochilou no banco do passageiro. Foi arrancado do sono, no entanto, quando sentiu o carro rodopiar e ouviu um choque ensurdecedor e metálico. Ao abrir os olhos, viu que o “**carro estava girando, girando, como num redemoinho**”. A porta se abriu e ele foi catapultado para fora do veículo. Bateu no chão na beira da estrada e o carro continuou a rodar várias vezes até finalmente se deter a pouca distância.

Ele via o sangue quente correndo da perna, onde havia se chocado contra o pavimento, e ao tentar movê-la sentiu uma punhalada de dor nas costas e encolheu-se. Logo tomou consciência de várias mãos se estendendo para ele, de estranhos a sua volta inclinando-se para ajudá-lo.

“Não mexam em mim! Não mexam em mim!”, gemeu Gino, com medo de que as costas fossem prejudicadas com o movimento. “Se quiserem, me cubram, mas não mexam em mim!”, Gino tentou gritar. “Só me levantem quando a ambulância chegar.”

Logo apareceu uma ambulância, e enquanto era levado para o hospital Gino manteve os olhos fechados, murmurando o nome dos filhos para se manter calmo. No hospital, foi cercado por uma grande confusão de médicos e enfermeiras. Quando finalmente foi instalado em um quarto, conseguiu

concentrar-se em seus pensamentos. Precisava falar com Adriana. Pegou o telefone e discou.

“Adriana ... Adriana!”, Gino balbuciou quando ela atendeu. “Estou em Milão”, e acrescentou o nome do hospital.

“O que aconteceu com você, Gino?”, perguntou Adriana, ansiosa.

“Foi um acidente de carro. Venha para cá imediatamente.”

“É sério? Me diga, Gino, é sério?”

“Ainda não sei. Venha para Milão imediatamente. Não diga nada para as crianças. Conte para mamãe.”

Esgotado pelo esforço do telefonema, Gino desmaiou.

Adriana correu para Milão e encontrou Gino em péssimo estado. Havia sofrido ferimentos graves, fraturado duas vértebras e machucado os intestinos. Nos dias que se seguiram foi operado e teve parte dos intestinos removida. Lentamente começou a se recuperar.

Alcide De Gasperi, o antigo primeiro-ministro que lhe telefonara durante o Tour de 1948, visitou-o no hospital. Não há registro da conversa, mas **uma fotografia tirada na ocasião diz muito**. O político de fala mansa e cabelos cinzentos, então já passado seu apogeu político, está inclinado e carinhosamente segura o antebraço do atleta envelhecido, deitado na cama, imobilizado pelos ferimentos. É um momento caloroso entre velhos amigos, e o final pungente de uma era em que as duas grandes personalidades do esporte e da política atuaram juntas no mesmo palco.

De Gasperi morreria em menos de um ano, de um ataque cardíaco. Gino recuperou-se suficientemente para ainda correr mais algum tempo, mas afastou-se formalmente do esporte em fevereiro de 1955.

AO SE APOSENTAR, Gino dedicou-se em tempo integral a diversos empreendimentos que havia iniciado colateralmente em seus últimos anos de ciclismo. Já em 1949, depois de anos trabalhando com a Legnano, uma equipe profissional de ciclismo pertencente à segunda maior fábrica de bicicletas da Itália, Gino se convenceu de que poderia ganhar mais dinheiro se lançasse uma equipe profissional e sua própria **fábrica de bicicletas** – decisão que iria lamentar quase ao começar. As primeiras bicicletas Bartali eram de má qualidade, e o ciclista logo se deu conta de seu despreparo para dirigir uma fábrica de bicicletas. “**Uma coisa é montar [em uma bicicleta] e levá-la a velocidades altas ou mesmo impossíveis**, através de tempestades

ou nas batalhas de uma corrida; outra coisa é administrar sua produção e venda”, constatou. Sua equipe profissional não foi melhor. No que dizia respeito a contratar bons ciclistas, não tinham dinheiro para competir com as equipes estabelecidas, como Legnano e Bianchi, o que lhes deixava um grupo de corredores de terceira ordem que muitos viam como piada. Nem mesmo Gino conseguia ver qualquer coisa de recompensador na experiência, e mais tarde lamentou profundamente. “Se eu tivesse ficado com a equipe Legnano, teria ganhado mais corridas, que foram perdidas por causa de bicicletas inferiores.”

Apesar de todo o dinheiro e do esforço despendidos, Gino seguiu tentando. Continuou a se envolver com negócios, anunciando lâminas de barbear Bartali e até mesmo sua própria marca de vinho *chianti*, que dubiamente prometia “juventude eterna” para quem o tomasse. Poucos anos depois de sua decepção com as bicicletas Bartali, deu início a uma pequena loja de departamentos que vendia de tudo, de motocicletas da marca Bartali a máquinas de costura Bartali e creme de barbear Bartali. Era outra área de negócios sobre a qual Gino conhecia pouco, e, embora suas intenções fossem boas, não levou muito tempo para ter problemas. “Era a época do crediário”, explicou seu filho Andrea. “Papà vendia, mas aí ficava constrangido de cobrar os atrasados daqueles que não podiam ou não queriam pagar. E, assim, com o tempo a empresa deixou de ir bem.”

ENQUANTO GINO lutava com seus negócios na década de 1950, uma poderosa expansão econômica acontecia em toda a Europa ocidental, com a reconstrução e a restauração da base industrial do continente. A renda crescente dos consumidores enriquecia os fabricantes, e sua permanente necessidade de fazer publicidade efetiva ajudou a transformar o ciclismo em poderoso gerador de dinheiro. Os prêmios nas corridas e os pagamentos pela presença dos ganhadores logo refletiram essa crescente prosperidade. Em 1952, apenas quatro anos depois da vitória de Gino, o vencedor do Tour ganhou 20 milhões de francos em contratos, ou o equivalente a cerca de 517 mil dólares atuais (aproximadamente o triplo do que Gino levou para casa no Tour de 1948). Nas décadas seguintes, contratos de patrocínio empresarial vinculados a maior cobertura de televisão fariam com que uma vitória no Tour fosse exponencialmente mais lucrativa.

Paradoxalmente, no entanto, essa mesma prosperidade iria, aos poucos, tirar o esporte de seu lugar central na vida europeia. De 1950 em diante, as

vendas de bicicletas na França e na Itália **começaram a declinar**, eclipsadas, primeiro, pelas motonetas e, mais tarde, pelos automóveis compactos. Com isso, foi murchando a conexão entre os ciclistas do dia a dia e os profissionais, e dissiparam-se a experiência e a percepção populares do ciclismo. As inovações tecnológicas subsequentes erodiram ainda mais aquela conexão. Hoje em dia é difícil para os recém-chegados ao esporte apreciar a majestosa resistência de um ciclista que sobe os Alpes a 25 quilômetros por hora, enquanto um automóvel popular pode facilmente fazer isso a velocidade duas ou três vezes maior. Da mesma forma, a audácia de percorrer a França em três semanas parece menor, numa era em que qualquer um pode fazer isso em questão de horas, dormindo, num voo econômico. Nada disso, é claro, diminui o feito de um grande ciclista, mas, desde que as bicicletas deixaram de fazer parte da vida cotidiana de tantas pessoas, os espectadores já não compreendem instantaneamente a vitalidade e a pura força de vontade exigidas para completar corridas tão exaustivas quanto o Tour.

Nesse mundo em transformação, um Gino recém-aposentado lutou para encontrar seu lugar. Depois que seus negócios fracassaram e suas economias se esvaíram, Gino trabalhou algum tempo como narrador esportivo na RAI, o canal estatal italiano, gerando alguma controvérsia ao se recusar a seguir as orientações dos produtores quanto a seus comentários. Anos mais tarde, cobriu as corridas como repórter de outros órgãos da mídia. E também marcou presença e assinou autógrafos em eventos promocionais da Coca-Cola.

Várias figuras do mundo ciclístico iriam se lembrar de Gino nessa época por sua língua afiada, um traço que ficaria marcado em seu apelido público mais duradouro, Ginettaccio – Gino, o Terrível. Gianni Bugno, duas vezes campeão do mundo, descreveu Gino cobrindo as corridas “**para nos dizer todos os dias o que havíamos feito de errado**”. Outros se recordam da facilidade com que ele se envolvia em discussões acaloradas. De sua parte, Gino defendia seu tom rabugento como prova de honestidade, e geralmente até exagerava. Durante um Giro d’Italia combinou escrever uma coluna sobre a corrida para os maiores jornais esportivos da Itália chamada “**Um erro por dia**”; deu a uma de suas autobiografias o título de *Está tudo errado, tudo tem de ser refeito*, referência a um episódio famoso em seus dias de corrida, quando gritou com os mecânicos que haviam cometido um erro ao montar sua bicicleta. Havia certo elemento de humor nisso tudo, mas às

vezes Gino estereotipava seu papel. Onde outros atletas aposentados tinham passado de boa vontade a desempenhar o papel de velhos estadistas benevolentes, ele era às vezes descrito como a caricatura do ranzinza nacional.

Aos setenta e muitos anos, Gino concordou em co-apresentar um programa satírico de notícias em que ajudava a parodiar as notícias diárias com moças exiguamente vestidas dançando provocadoramente ao fundo. Essa decisão provocou controvérsias e, aos olhos de muitos, foi um deslize hipócrita e de mau gosto para um homem que havia sido um dos mais importantes membros da Ação Católica. Embora considerações financeiras provavelmente tivessem sido um dos motivos básicos para participar do programa, Gino defendeu a decisão em nome de seu feroz senso de independência. “**Na minha idade**”, argumentou, “acho que já sei o que é bom para mim.” Nos registros gravados do programa, seus sorrisos forçados e algumas caretas mal dissimuladas às vezes traem seu desconforto.

APESAR DE TODAS AS MUDANÇAS de carreira e frustrações, a família de Gino seria um refúgio e fonte de felicidade duradoura. Até hoje Adriana mora na casa que Gino comprou depois de sua vitória no Tour de 1938, onde ela nos recebeu para falar sobre o marido. **Adriana**, atualmente uma graciosa, eloquente e generosa senhora de 91 anos, foi se animando ao falar de Gino e da vida que compartilharam. Em determinado momento ela fez uma pausa para recuperar o fôlego, e perguntamos se queria fazer uma interrupção. Andrea, hoje um homem de setenta anos e que estava perto, falou em voz alta: “Sim, diga a eles quando estiver cansada, e aí nós jogamos um balde de água!”

“Não ouse”, protestou Adriana rindo, com um brilho malicioso nos olhos. “Eu não estou numa corrida!”

Nas anedotas familiares Gino aparece como pai e marido brincalhão, afetuoso e leal. As fotografias de família revelam um Gino relaxado, sem o peso da carranca que exhibe em muitas fotos públicas. Depois de algum tempo com Adriana Bartali, percebe-se também o amplo espectro de gente que era amiga do marido – todo mundo, de Juan e Evita Perón ao papa Pio XII e à cantora de ópera **Maria Callas**. Certa noite, quando Callas encontrou-se com Gino e Adriana na ópera de Florença, ela disse a Gino: “*Signor Bartali*, nós somos iguais, eu e você. Somos obstinados, combativos, generosos, nada nos detém e sempre damos o máximo.” Adriana gostava de

ter conhecido tantas figuras lendárias? Certamente, mas também era claro que depois de mais de setenta anos ela tinha se acostumado a viver com a fama do marido.

“Vamos colocar desta maneira”, propôs. “Esses eram acontecimentos normais que faziam parte de nossa vida, ocorriam de tempos em tempos.”

Depois de Andrea e Luigi, Adriana e Gino tiveram uma filha, Bianca Maria. Os três moram perto, com suas famílias. Para os filhos de Gino, pelo menos nos primeiros anos, a fama do pai pode ter sido uma faca de dois gumes. **Andrea**, que tinha seis anos quando o pai venceu o Tour de 1948, percebeu em primeira mão os compromissos de um campeão nacional. O pai ficava fora de casa durante longos períodos na temporada de corridas, e, quando voltava, amigos e estranhos estavam o tempo todo tentando ficar com ele. Andrea iria passar grande parte de seus anos de formação em um internato católico, e mesmo ali a rivalidade entre *coppiani* e *bartaliani* era sentida amargamente. Com o tempo, no entanto, ele passaria a aceitar o lugar único do pai no imaginário nacional. À medida que ia ficando mais velho e depois que o pai deixou a vida de corredor, os dois foram encontrando mais tempo um para o outro, fazendo viagens de carro juntos ou apenas jogando cartas calmamente em casa.

Os pais de Gino, Torello e Giulia, continuariam a ser dois pilares em sua vida pelo resto de seus dias. Ambos desempenharam papel ativo na vida dos netos, com Torello contando histórias dos tempos antigos de Ponte a Ema em torno da lareira, enquanto Giulia preparava delícias culinárias, entre eles um popular coelho guisado. Os dois viveram o suficiente para ver o sucesso internacional de Gino, mas ambos ficaram aliviados quando ele parou de correr. Como disse Gino ao se aposentar: “**Há um quarto de século minha mãe está esperando que eu deixe de correr.** Eu a conheço bem, e suas ansiedades. Sempre senti suas orações em meu coração. Agora finalmente ela terá um pouco de paz.”

AOS OITENTA E POUCOS ANOS, a saúde de Gino começou a falhar. O coração, que lhe deu impulso por **estonteantes 600 mil quilômetros de bicicleta ao longo da vida**, ficou mais caprichoso e logo exigiu um marca-passos para regular as batidas. **A voz ficou tão grave**, que era quase incompreensível, alterada pelo desgaste cumulativo de uma operação na garganta e décadas de muito cigarro. A pele ficou amarelada e o cabelo rareou. O corpo ficou mais pesado e propenso a perder a respiração e a se cansar com facilidade.

Sentindo que sua vida estava chegando ao fim, Gino foi ficando cada vez mais pensativo. As entrevistas na imprensa naqueles últimos anos revelam um homem em paz consigo mesmo. Em uma delas, Gino apresentou uma descrição sincera de sua visão de vida: “A vida é como um Giro d’Italia, que parece que nunca vai acabar, mas em certo ponto você atinge a etapa final. E talvez você não esteja esperando. Agora estou começando a esperar por isso. Sim, logo serei chamado e irei lá para cima. ... O céu deve ser um lugar feliz, como os cumes verdes das montanhas Dolomitas, depois que você fez cem curvas, pedalando todo o tempo.”

Em particular ele comunicou aos membros da família seus desejos sobre os arranjos finais. Pediu uma tradicional missa de corpo presente segundo os ritos católicos romanos e que fosse enterrado com a sotaina marrom dos carmelitas, uma ordem católica da qual ele era membro laico. Finalmente, confessou-lhes que rezava para morrer pacificamente em casa, e que fosse poupado das dificuldades de um prolongado declínio terminal em um hospital.

Conforme seus desejos, Gino, aos 85 anos, passou seus últimos dias em casa, na cama. Na tarde de 5 de maio de 2000, com a mulher e os filhos reunidos em volta dele, sua respiração foi ficando mais fraca, até que faleceu calmamente.

A notícia de sua morte foi transmitida pela televisão italiana. O papa João Paulo II saudou-o como um “grande desportista” e jornais da Europa e da América do Norte publicaram obituários. Na Itália, o *Corriere dello Sport* dedicou sua primeira página a uma reflexão sobre sua carreira com a manchete “Adeus, Ginettaccio”.

O funeral teve lugar três dias depois. Amigos e familiares reuniram-se numa igreja local, enquanto um grupo de envelhecidos *bartaliani*, muitos deles com suas antigas camisas de ciclistas, ficou do lado de fora. Falando a um jornalista, um desses fãs ofereceu um tributo simples ao legado do ciclista: “Quando nós éramos pobres e abatidos, ele nos deu de volta nossa honra.”

Depois que acabou a missa, antigos companheiros de equipe carregaram o ataúde para fora da igreja. Levaram-no ao cemitério de Ponte a Ema e depositaram-no para descansar ao lado dos pais, do filho natimorto, Giorgio, e de seu amado irmão, Giulio.

Onde eles estão agora

LOUIS BOUBET venceu o Tour de France em 1953, 1954 e 1955. Na edição de 1959, desistiu no meio da corrida, depois de subir o Col d'Iseran. Aposentou-se em 1960 e morreu de câncer em 1983.

LUIGI e TRENTO BRIZI continuaram a trabalhar em sua gráfica de Assis pelo resto de suas vidas. Luigi morreu em 1969; Trento, em 1992. Em 1997 ambos foram reconhecidos pelo Yad Vashem – Memorial Oficial do Holocausto, em Jerusalém – como Justos Entre as Nações.

MARIO CARITÀ fugiu de Florença antes da liberação, seguindo para o norte da Itália. Foi morto em maio de 1945, numa escaramuça com soldados aliados que tentavam capturá-lo.

FAUSTO COPPI, como Gino, perdeu o irmão, Serse, em um acidente de bicicleta em 1951. No outono de 1959 ingressou na equipe de ciclismo San Pellegrino, que foi treinada por Gino durante algum tempo. Tragicamente, no entanto, a convivência deles foi subitamente interrompida quando Coppi contraiu malária ao disputar uma corrida na África e morreu em janeiro de 1960.

GIOVANNI CORRIERI, A FLECHA SICILIANA, continuou a competir profissionalmente até 1956. Vive até hoje na Toscana.

O CARDEAL ELIA DALLA COSTA se manteve como arcebispo de Florença até morrer, em 1961.

GIORGIO GOLDENBERG chegou à Palestina na primavera de 1945. Os pais e a irmã, Tea, seguiram-no após a criação do Estado de Israel. Tea morreu em

2009. Ele atualmente vive em Tel Aviv e mantém contato com os amigos e com a família na Itália.

FREI RUFINO NICCACCI continuou a viver na Úmbria pelo resto da vida. Em 1974 foi reconhecido pelo Yad Vashem como Justo Entre as Nações. Morreu em 1976.

ANTONIO PALLANTE foi condenado a dez anos e oito meses de prisão por seu ataque a Palmiro Togliatti. Mais tarde a sentença foi reduzida, como parte de um programa nacional de anistia. Depois de solto, retornou à Sicília, onde trabalhou com o pai em um setor da polícia encarregado das florestas nacionais. Casou, teve filhos e continuou a acompanhar o ciclismo, mesmo depois que Bartali se retirou das corridas. Atualmente, aposentado, vive na Sicília.

JEAN ROBIC, embora nunca mais tenha vencido o Tour, continuou a correr profissionalmente até 1961. Morreu em um acidente automobilístico em 1980.

ALDO RONCONI passou os anos restantes de sua carreira profissional correndo separado de Gino Bartali e de Fausto Coppi. Chegou em terceiro lugar no Tour da Suíça de 1950 e afastou-se das corridas em 1952. Atualmente vive em Faenza, na Itália.

PALMIRO TOGLIATTI continuou sendo líder do Partido Comunista Italiano até morrer, em 1964.

Notas

Prólogo

Bartali perdeu a paciência: Dante Gianello, “Bartali m’a dit: ‘Je croyais mourir de faim’”, *L’Équipe*, 16 de julho de 1948, p.4.

estrada enlameada ... abetos estiolados: H.W. Heinsheimer, “Le Tour de France”, *Holiday*, julho de 1949, 85 (embora esse artigo tenha sido publicado em 1949, trata exclusivamente da experiência do autor ao assistir ao Tour de 1948); Jacques Goddet, “Bartali avait rendez-vous avec L’Izoard”, *L’Équipe*, 16 de julho de 1948.

15 de julho de 1948 ... Etapa Rainha: “Aujourd’hui repos à Cannes. Demain treizième étape”, *L’Équipe*, 14 de julho de 1948, p.2.

grossas nuvens ... lama sob as rodas: Heinsheimer, “Le Tour de France”, 87; Goddet, “Bartali avait rendez-vous avec L’Izoard”, p.1.

sensações e emoções de Gino nessa etapa crítica: Foram tiradas das autobiografias de Gino e das entrevistas dos autores com Giovanni Corrieri, ciclista de apoio de Gino. Ver a discussão completa nas notas dos cap.12 e 13.

Il Vecchio – “o Velho”: Pier Lietto Chiapponi, *Il Tirreno*, 12 de abril de 1948, p.1.

Ginettaccio – “Gino, o Terrível”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.65.

relatos sobre maciços atos de protesto: Carlo Maria Lomartire, *Insurrezione: 14 luglio 1948*, Milão, Mondadori, 2006, p.145-54.

telefonema do primeiro-ministro: Ver a discussão completa sobre esse telefonema nas notas do cap.12.

ergueu-se sobre o selim: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.181.

o francês lançou um alarmado olhar para trás: Heinsheimer, *Le Tour de France*, p.88.

Gino ergueu-se para novo ataque: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.181.

francês alcançou o topo... estava completamente exausto: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.145.

Gino...tremia de excitação: “Dans L’Izoard, Bartali fit le vide autour de lui”, *L’Équipe*, 16 de julho de 1948, 2. Bartali estava 32 segundos atrás.

Eu e a montanha somos um: Bartali, *La mia storia*, p.85.

os lábios de Gino formaram um sorriso: André Costes, do *France Soir*, escreveu, “Seus lábios vermelhos, respingados de lama, começaram a se curvar”, citado em Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.181.

1. Do outro lado do Arno

Para descrever a infância de Gino utilizamos várias entrevistas publicadas com ele, dentre elas, Gino Bartali, “La mia vita”, *Tempo*, 29 de novembro de 1952, p.13-5; nossas conversas com seu filho Andrea e a esposa, Adriana (entrevistas dos autores em 17 de julho de 2009; 3 de agosto de 2009; e 14 de setembro de 2009), e suas três autobiografias: Gino Bartali e Mario Pancara, *La mia storia* (Milão, Stampa Sportiva, 1958); Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare* (Milão, Mondadori, 1979); e Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali* (Florença, Ponte Alle Grazie Editori, 1992). Para dar vida à cidade natal de Gino, Ponte a Ema, e à Florença do começo do século XX, dois historiadores e bibliotecários da biblioteca local de Bagno a Ripoli, perto de Florença, foram de ajuda inestimável: Raffaele Marconi e Maria Pagnini, a quem entrevistamos longamente em 12 de agosto de 2009 e 11 de setembro de 2009. Gabriella Nardi (entrevista dos autores a 11 de setembro de 2009) e Cesare e Tullia Grifoni (entrevista dos autores a 31 de julho de 2009), moradores antigos de Ponte a Ema, também forneceram detalhes interessantes sobre as indústrias e a vida cotidiana nessa pequena cidade desde o nascimento de Gino até a Segunda Guerra Mundial. Outro nativo de Ponte a Ema, Fosco Gallori (entrevista dos autores a 31 de julho de 2009), frequentou a mesma escola primária que Gino Bartali e ajudou a dar vida à sua personalidade infantil.

“Quando correremos juntos, vamos deixar cada um ganhar um pouco!”: Bartali, *La mia storia*, p.30.

Os Bartali moravam na Via Chiantigiana: Bartali, *La leggenda*, p.197-8.

O apartamento tinha “um cômodo”: Jean-Paul Ollivier, *Le Lion de Toscane: la véridique histoire de Gino Bartali*, Grenoble, Éditions de l’Aurore, 1991, p.12-3.

“Ele fazia Gino pensar em *Pinóquio*”: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.

“A mobília”: Carlo Collodi, *Pinocchio*, traduzido por Carol Della Chiese, Public Domain Books, 2006, cap.3.

“Embora pequena, a casa de Geppetto era limpa”: Ibid.

- “Eu bem que queria ter amigos”: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.
- “Eu era um mau jogador de bola de gude”: Ibid.
- “As crianças se divertiam com pouco”: Entrevista de Marco Pastonesi com Gino Bartali, in Paolo Costa, *Gino Bartali: la vita, le imprese, le polemiche*. Portogruaro, Ediciclo, 2001, p.173-80.
- O rio Arno e a fábrica de biscoitos próxima: Alberto Marcolin, *Firenze in Camicia Nera*, Florença, Medicea, 1993, p.191; entrevista dos autores com Fosco Gallori, 31 de julho de 2009.
- Giulia roubou as roupas de Gino quando ele nadava: Entrevista dos autores com Adriana Bartali.
- o cinto de couro do pai: Costa, *Gino Bartali*, p.173-80. 20 Gino arquitetou um plano: Bartali, *La leggenda*, p.14.
- “Eu tinha pouco gosto pelos estudos”: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.
- “Eu não gosto da escola”: Carlo Maria Lomartire, *Insurrezione: 14 luglio 1948*, Milão, Mondadori, 2006, p.133. Entrevista dos autores com Adriana Bartali.
- Gino foi reprovado na primeira série: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.
- comentário caridoso: Claudio Gregori, “La pagella di Bartali pedalava in salita”, *La Gazzetta dello Sport*, 17 de maio de 2005.
- “Para ir a Florença você precisa de uma bicicleta”: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.
- Torello e Giulia Bartali: Além das entrevistas e autobiografias de Gino e de nossas conversas com Andrea e Adriana Bartali, usamos as seguintes fontes: Ollivier, *Le Lion*; Marc Dewinter, “Gino the Pious”, *Cycle Sport*, julho de 1999, p.40.
- xisto azulado: *The Quarterly Journal of the Geological Society of London* 1, 1845, p.275.
- Salários de diaristas: Gaetano Salvemini, *Under the Axe of Fascism*, Londres, V. Gollancz, 1936, p.161-2.
- Taxa de câmbio do dólar americano nesse período: Michele Fratianni e Franco Spinelli, *A Monetary History of Italy*, Nova York, Cambridge University Press, 1997, 135. A taxa de câmbio flutuou nas primeiras décadas do século XX, de modo que o equivalente em dólares ao que Torello provavelmente teria ganhado é, necessariamente, uma aproximação.
- História do nascimento de Gino: Entrevista dos autores com Andrea Bartali.
- Horário de trabalho dos camponeses na Toscana: Frank M. Snowden, *The Fascist Revolution in Tuscany, 1919-1922*, Nova York, Cambridge University Press, 1989, p.26-7; Kate Carlisle, *Working and Living Italy*, Londres, Cadogan Guides, 2007, p.103.
- “O dinheiro é necessário para comprar comida”: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.
- muitas delas sem pedais: Bartali, *La leggenda*, p.14.
- “Passaria muito tempo”: Ibid.
- História da bicicleta: Geoffrey Wheatcroft, *Le Tour: A History of the Tour de France, 1903-2003*, Londres, Simon and Schuster, 2005, p.2-3.

“alguns alunos de Harvard”: Wheatcroft, *Le Tour*, p.2-3.

“treme-ossos”: Todd Balf, *Major: A Black Athlete, a White Era, and the Fight to Be the World’s Fastest Human Being*, Nova York, Three Rivers Press, 2008, p.8.

“o ciclista ficava a estratosféricos”: Balf, *Major*, p.9.

Bianchi: David Forgacs e Stephen Gundle, *Mass Culture and Italian Society from Fascism to the Cold War*, Bloomington, Indiana University Press, 2008, p.13.

Custo de uma bicicleta em termos de horas de trabalho em 1893: Wheatcroft, *Le Tour*, p.7.

Organizações católicas e socialistas: Forgacs e Gundle, *Mass Culture*, p.13.

“Uma memória de movimento”: H.G. Wells, *The Wheels of Chance: a Bicycling Idyll*, Nova York, Breakaway Books, 1997, p.71.

“satisfações genitais”, “masturbações esportivas”: Wheatcroft, *Le Tour*, p.9.

“estimular tendências criminosas e agressivas”: Benjo Maso, *The Sweat of the Gods: Myths and Legends of Bicycle Racing*, Norwich, Inglaterra, Mousehold Press, 2005, p.3.

Impostos sobre bicicletas: Marcolin, *Firenze in Camicia Nera*, p.194-5; Forgacs e Gundle, *Mass Culture*, p.13.

filhos desesperados que roubavam a bicicleta da mãe: Balf, *Major*, p.55-6.

figuras notáveis assassinadas enquanto pedalavam: “Assassinato in bicicletta un ragioniere a Putignano”, *Il Tirreno*, 6 de janeiro de 1948, p.1.

Gino passou o verão: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.

“Daquela pilha de ráfia”: Ibid.

“É claro que eu não podia”: Ibid.

“Você pode imaginar minha alegria”: Bartali, *La mia storia*, p.16.

“As estradas que para lá levavam”: Bartali citado in Leo Turrini, *Bartali: L’uomo che salvò l’Italia pedalando*, Milão, Mondadori, 2004, p.7.

“como um punhado de maçãs maduras”: Bartali, “La mia vita”, p.13-5.

Se aproximava de um *carabiniere*: Entrevista dos autores com Fosco Gallori, 31 de julho de 2009.

Moccoli: “Moccoli”, a rigor, quer dizer “ranho” em italiano. Oscar Casamonti, vídeo de entrevista pelo Instituto Luce, *Coppi e Bartali: Gli eterni rivali*, 2004.

“sacada” de Florença: D. Medina Lasansky, *The Renaissance Perfected: Architecture, Spectacle, and Tourism in Fascist Italy*, University Park, Pennsylvania State University Press, 1988 e 2005, p.30, 92.

A vista da piazzale: D.H. Lawrence, *Sketches of Etruscan Places and Other Italian Essays*, Cambridge, Inglaterra, Cambridge University Press, 2002, p.324.

“Quando eu descia para Florença”: Entrevista com Gino Bartali em Augusto De Luca, *Firenze: Frammenti d’anima*, Roma, Gangemi Editore, 1998.

Trapeiros, guarda-chuvas, consertadores de vasos, vendedores de grilos: Marcolin, *Firenze in Camicia Nera*, p.195-7.

“Fui morto para você”: Ibid.

Informação sobre a oficina de bicicletas de Armando Sizzi: Entrevista com Andrea Bartali por Adam Smulevich em “Sono vivo perché Bartali ci nascose in cantina”, *Pagine Ebraiche*, fevereiro de 2011; entrevista dos autores com colegas de equipe de Gino.

Aparência, antecedentes e chegada à Itália de Giacomo Goldenberg: Entrevistas dos autores com Giorgio Goldenberg, 20 de dezembro de 2010, 25 de janeiro, 4 de abril e 14 de novembro de 2011; fotografias dos Goldenberg recebidas nas entrevistas.

Amizade de Armando Sizzi e Gino Bartali: Smulevich, *Pagine Ebraiche*, fevereiro de 2011. Entrevistas dos autores com Giorgio Goldenberg e Andrea Bartali. Embora não se saiba onde se encontraram pela primeira vez, o mais provável é que tenha sido na oficina de Sizzi, onde Sizzi e Gino passavam muito tempo.

Atração da Itália para os refugiados judeus: Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, and Survival*, Nova York, Basic Books, 1987, p.8.

“A política é uma armadilha”: Turrini, *Bartali*, p.27. Entrevista dos autores com Andrea Bartali.

promulgou vários decretos: Frank Rosengarten, *The Italian Anti-Fascist Press (1919-1945)*, Cleveland, The Press of Case Western University, 1968, p.64.

Atividades socialistas de Torello: Lomartire, *Insurrezione*, p.131-2; Turrini, *Bartali*, p.27; entrevista dos autores com Andrea Bartali.

Círculo Italia Libera, ataque a Gaetano Pilati: Rosengarten, *The Italian Anti-Fascist Press*, p.64-5; Pietro Nenni, *Ten Years of Tyranny in Italy*, traduzido por Anne Steele, Londres, G. Allen & Unwin, 1932, p.185-7.

Detalhes sobre Bartali trabalhando periodicamente para Pilati: Lomartire, *Insurrezione*, p.131-2; entrevista dos autores com Andrea Bartali.

“Está vendo? Eu defendia um ideal”: Turrini, *Bartali*, p.27; entrevista dos autores com Andrea Bartali.

2. No selim

Além das fontes apresentadas abaixo, muitos detalhes sobre ciclismo e sobre a cultura de corridas na Itália durante a primeira metade do século XX vieram de entrevistas dos autores com vários ciclistas italianos que treinaram e correram com Gino Bartali, ou trabalharam para ele como mecânicos de bicicleta em diferentes momentos de sua longa carreira. Incluem Giovanni Corrieri (15 de julho de 2009, 10 de setembro de 2010, 2 de outubro de 2011, 27 de novembro de 2011), Ivo Faltoni (18 de julho de 2009, 12-13 de setembro de 2009, 2 de outubro de 2009; 18-19 de setembro de 2010, 2 de outubro de 2011), Alfredo Martini (16 de julho de 2009, 10 de setembro de 2009, 2 de outubro de 2011), Renzo Soldani (27 de julho de

2009, 14 de setembro de 2009), Fiorenzo Magni (17 de setembro de 2009), Aldo Ronconi (27 de agosto de 2009) e Vittorio Seghezzi (13 de agosto de 2009).

“Eu me sentia como um daqueles poldros”: Gino Bartali, “Qui giace il campione fra la polvere”, *Tempo*, 20 de dezembro de 1952, p.17.

“Vamos ver quem chega primeiro ao topo daquela colina”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.17.

“Céus, como eles se empenhavam”: Ibid.

“Chateados com um bando de meninos em sua cola”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.16.

“Todo mundo tinha bicicleta de corrida”: Bartali, *La mia storia*, p.18.

“Eu não queria desrespeitá-lo”: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzarini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.16.

o ciclismo ... era o símbolo do verão: A popularidade da bicicleta em áreas rurais é descrita por Carlo Levi em *Christ Stopped in Eboli*, Nova York, Farrar Strauss, 1947, e por Orio Vergani, que cobriu o esporte para o *Corriere della Sera*, e depois para outros meios de comunicação.

“Para muitas casas perdidas nas montanhas”: Orio Vergani, “Quando la Corsa è Passata”, *Corriere della Sera*, 8 de junho de 1936.

Antecedentes dos corredores: Entrevista dos autores com Giovanni Corrieri; ciclista Jef Janssen em *Tour des légendes*, documentário sobre o Tour de France de 1948, dirigido por Erik van Empel.

“Naquele tempo os corredores eram personalidades”: Entrevista dos autores com Renzo Soldani.

“Antes esses corredores eram parecidos”: Vergani, “Quando la Corsa è Passata”.

trajes de Charles Terront: Todd Balf, *Major: A Black Athlete, a White Era, and the Fight to Be the World’s Fastest Human Being*, Nova York, Three Rivers Press, 2008, p.11.

celebrações de Terront: Graham Robb, *The Discovery of France: A Historical Geography from the Revolution to the First World War*, Nova York, W.W. Norton & Company, p.340.

Lugar de honra e camarote no Ópera de Paris: Eugen Weber, *France: Fin de Siècle*, Cambridge, MA, The Belknap Press da Harvard University Press, 1986), p.197; Benjo Maso, *The Sweat of the Gods: Myths and Legends of Bicycle Racing*, Norwich, Inglaterra, Mousehold Press, 2005, p.10.

romance de Paul D’Ivoi: Maso, *The Sweat of the Gods*, p.10.

detalhes sobre “rodar” nos Estados Unidos: Balf, *Major*, p.55-7.

Triciclo elétrico: “Planning an Electric Tricycle”, *New York Times*, 5 de janeiro de 1896.

informações pessoais sobre cerca de quinhentas mulheres: “Ils sont pendant un mois les fiancés de la France”, *Match*, 4 de agosto de 1938, p.9.

“belas alminhas libidinosas”: Henri Desgrange, citado em Christopher Thompson, *The Tour de France: A Cultural History*, Los Angeles, University of California Press, 2006, p.109.

familiaridade do corredor com prostitutas de Roma: Livio Trapè, medalhista de ouro e de prata em ciclismo nas Olimpíadas, contou essa história sobre um companheiro de equipe (entrevista dos autores em 18 de setembro de 2010).

propostas de casamento de Pélissier: Maso, *The Sweat of the Gods*, p.58.

suicídio da esposa de Pélissier e sua própria morte: Bill e Carol McGann, *The Story of the Tour de France*, Indianápolis, Dog Ear Publishing, 2006, p.79-80; Serge Laget e Luke Edwardes-Evans, *The Official Treasures: Le Tour de France*, Londres, Carlton Books, 2008, p.18.

“Todos nós éramos deuses”: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.19.

“Lá estava eu, encantado”: Bartali, *La mia storia*, p.17.

“Babbo não queria que eu corresse de bicicleta”: Ibid., p.16.

O medo que Torello e Giulia tinham de corridas de bicicleta: Bartali, *La mia storia*, p.16; Paolo Costa, *Gino Bartali: la vita, le imprese, le polemiche*, Portogruaro, Ediciclo, 2001, p.173-80.

violência dos ciclistas em seus choques: Muitos jornais apresentavam uma lista registrando acidentes de bicicletas e crimes, p.e., *Il Telegrafo*, 23 de junho de 1938, p.6.

“Ao chegar do trabalho Torello”: Bartali, *La mia storia*, p.19.

Doença no inverno de 1929: Bartali, *La leggenda*, p.16; entrevista dos autores com Andrea Bartali.

“Um dia você vai trazê-lo aos pedaços”: Jean-Paul Ollivier, *Le Lion de Toscane: la véridique histoire de Gino Bartali*, Grenoble, Éditions de l’Aurore, 1991, p.17.

“Se for preciso, vá você”: Bartali, *La mia storia*, p.19; Bartali, *Tutto sbagliato*, p.16.

“Meu coração disparou”: Bartali, *La mia storia*, p.19.

Gino é desclassificado: Bartali, *La mia storia*, p.19; Bartali, *Tutto sbagliato*, p.16.

3. O primeiro teste

Para lançar luz sobre os primeiros treinamentos de Gino, seus hábitos nas corridas e sua rápida ascensão nas fileiras profissionais, garimpamos detalhes em suas três autobiografias, em diversas entrevistas com ele e em nossas entrevistas com seu filho Andrea, a esposa, Adriana, e vários antigos companheiros de equipe.

- “Escute, Gino, se alcançarmos”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.20; entrevista dos autores com Andrea Bartali.
- “Até então”: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie Editori, 1992, p.17.
- “Muitas vezes meus colegas de classe debochavam”: Bartali, *La mia storia*, p.16.
- Rotina matinal: Bartali, “Qui giace il campione fra la polvere”, *Tempo*, 20 de dezembro de 1952.
- bíblia de seu treinamento: Bartali, *La mia storia*, p.124.
- dimensões do peito: Bartali, *La leggenda*, p.57.
- “o Contador”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.29.
- “capacidade de sofrimento”: Gino Bartali, *Match*, 4 de agosto de 1938, p.8.
- massas simples e bananas: Paolo Costa, Gino Bartali: la vita, le imprese, le polemiche, Portogruaro, Ediciclo, 2001, p.176-7.
- Nutrição esportiva nas décadas de 1920 e 1930 à luz do pensamento científico atual: Entrevistas dos autores com a dra. Helen Iams, especialista em medicina esportiva, 29 de março de 2010; Leslie Bonci, diretor de Nutrição Esportiva do Centro Médico da Universidade de Pittsburgh, 29 de março de 2010; dr. Massimo Testa, médico e fisiologista de exercício que auxiliou a treinar ciclistas, entre eles Levi Leipheimer, 15 de abril de 2010; Chris Carmichael, atualmente treinador de ciclistas do Tour, inclusive Lance Armstrong, 27 de abril de 2010.
- conselho de um médico francês para os ciclistas: Benjo Maso, *The Sweat of the Gods: Myths and Legends of Bicycle Racing*, Norwich, Inglaterra, Mousehold Press, 2005, p.4.
- “Bartali subia aos pulos”: Entrevista dos autores com Renzo Soldani.
- “Parecia que ele estava”: Corredor Jean Robic, citado em Jean-Paul Ollivier, *Le Lion de Toscane: la véridique histoire de Gino Bartali*, Grenoble, Éditions de l’Aurore, 1991, p.34.
- “Ele explodia para a frente”: Entrevista dos autores com Renzo Soldani, 27 de julho de 2009.
- “Reagir a seus ataques”: Robic, citado em Ollivier, *Le Lion*, p.33.
- “dançando atrás do joelho”: Entrevista dos autores com Giovanni Corrieri.
- “dinamite”: Uma das primeiras discussões sobre o uso de drogas no Tour foi uma apresentação em 1924 por Albert Londres em *Le Petit Parisien*, Christopher Thompson, *The Tour de France: A Cultural History*, Los Angeles, University of California Press, 2006, p.190. Nas décadas de 1930 e 1940 os produtos usados pelos ciclistas não eram “intensificadores de desempenho” tal como hoje é entendido, mas medicamentos usados para ampliar “o limiar da dor e a tolerância à exaustão”, como explica Benjo Maso. Ele observa que “os mais populares eram as anfetaminas, que devido a seus supostos efeitos explosivos eram chamadas ‘La Bombe’ na França, ‘La Bomba’ na Itália e ‘Atoom’ na Holanda” (*Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour*

de France von 1948, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.156). Embora Bartali gostasse de cigarro e de café, era crítico de *la bomba* e de outras substâncias intensificadoras de desempenho no ciclismo, porque acreditava que elas reduziam a carreira do ciclista e eram “degradantes não apenas para o esporte, mas, acima de tudo, para o homem”, Bartali, *La mia storia*, p.74.

“como Sherlock Holmes”: Bartali, *La leggenda*, p.145-6.

“Ninguém podia falar nada”: Ibid., p.31.

“Terminei com um pé descalço”: Bartali, *La mia storia*, p.32.

“entre os muitos pequenos contratemplos”: Ibid., p.32.

“Eu me senti degradado”: Ibid.

“Você pode ser como Binda”: Ollivier, *Le Lion*, p.29.

Gino confundido com “Lino”: “Lino Bartali, Vencedor En La VIII Vuelta Al Pais Vasco”, *As*, 12 de agosto de 1935, p.1, 6-7.

contrato na equipe: Costa, *Gino Bartali*, p.36.

cinco vezes o salário de um operário médio na Itália: O salário médio por dia de um operário de fábrica na Itália era 14,3 liras, segundo Antonio Fossati, *Lavoro e produzione in Italia dalla metà del secolo XVIII alla seconda guerra mondiale*, Turim, G. Giappichelli, 1951, p.630-4.

casa nova para os pais: Entrevista dos autores com Adriana e Andrea Bartali.

já havia vencido seis corridas: Bartali, *La leggenda*, p.12.

“Eu tentava lhe dar conselhos”: Bartali, *La mia storia*, p.35.

“Eu mal era maior de idade”: Ibid., p.34.

assessor de imprensa: Ibid.; Bartali, *Tutto sbagliato*, p.32.

“Você é o sal”: Bonheur, “Ils sont pendant un mois les fiancés de la France”, p.8.

“Aqui na poeira jaz”: Bartali, “Qui giace il campione fra la polvere”.

“É melhor não ler”: Ibid.

“Eu estava no sétimo céu”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.31-2.

“Fisicamente Giulio era mais bem-dotado”: Ibid., p.32.

Detalhes do acidente de bicicleta de Giulio: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.32; Bartali, *La mia storia*, 37; Bartali, *La leggenda*, p.9.

“Aconteceu alguma coisa com Giulio?”, Bartali, *La leggenda*, p.8.

“Essas coisas acontecem”: Ibid.

Morreu apertando a mão do irmão mais velho: Bartali, *La leggenda*, p.9.

“A tristeza mais profunda caiu”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.33.

“Está vendo que meus temores eram justificados?”: Ibid.

Devotou-se ainda mais à Igreja: Ollivier, *Le Lion*, p.48.

História da Ação Católica: Gianfranco Poggi, *Catholic Action in Italy: The Sociology of a Sponsored Organization*, Stanford, Stanford University Press, 1967, p.15; Paul Ginsborg, *A History of Contemporary Italy: Society and Politics, 1943-1988*, Nova

York, Palgrave Macmillan, 2003, p.169; R.J.B. Bosworth, *Mussolini's Italy: Life Under the Fascist Dictatorship*, Nova York, Penguin, 2005, p.261.

pequena capela: Adriana Bartali mostrou a capela da família e discutiu sua história com Aili McConnon em 3 de agosto de 2009.

“Giulio se foi. Meu Giulio, meu irmão”: Bartali, *La mia storia*, p.36.

visitar a sepultura de Giulio: O filho de Gino, Andrea, falou desse ritual; quando treinava, Gino frequentemente também parava no local onde Giulio foi morto, segundo o companheiro de equipe Renzo Soldani.

conselho de Adriana sobre a morte de Giulio: Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 17 de julho de 2009.

romance de Gino com Adriana Bani: Entrevista dos autores com Adriana Bartali; Bartali, *La mia storia*, p.35-6; Bartali, *Tutto sbagliato*, p.32; Bartali, *La leggenda*, p.48-51.

“Com aqueles olhares”: Entrevista dos autores com Adriana Bartali.

“Você não deveria dizer alguma coisa?”: Bartali, *La leggenda*, p.50.

“Ele era tão envergonhado”: Adriana Bartali, citada em Paolo Alberati, *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo*, Florença, Giunti, 2006, p.48-9.

Companhia do cunhado e detalhes do primeiro beijo: Costa, *Gino Bartali*, p.176-7.

“Um corredor?”: Entrevista dos autores com Adriana Bartali.

“Vamos esperar um pouco”: Ibid.

“Familiar demais”: Ibid.

“Às vezes íamos ao cinema”: Ibid.

“Nós teríamos filhos”: Bartali, *La mia storia*, p.36.

Ganhar o Tour e o Giro: “Il toscano riprenderà a correre soltanto in autunno”, *Il Popolo d'Italia*, 15 de julho de 1937, p.4; Bartali, *La mia storia*, p.46-7; “Le decisioni federali per il Giro d'Italia e il ‘Tour’”, *Il Popolo d'Italia*, 6 de abril de 1938, p.4; “Precisazioni del Presidente della F.C.I.”, *Il Popolo d'Italia*, 9 de abril de 1938, p.6.

4. “O Esportista Número Um da Itália”

Para descrever a importância cada vez maior dos esportes na Itália da virada do século XX até a Segunda Guerra Mundial, apoiamo-nos nas seguintes fontes: Patrizia Dogliani, “Sport and Fascism,” *Journal of Modern Italian Studies* 5, nº 3 (outubro de 2001); Gigliola Gori, “Model of Masculinity: Mussolini, the ‘New Italian’ of the Fascist Era,” em J.A. Mangan, *Superman Supreme: Fascist Body as Political Icon – Global Fascism* (Londres, Frank Cass, 2000), 45; David Forgacs e Stephen Gundle, *Mass Culture and Italian Society from Fascism to the Cold War* (Bloomington, Indiana University Press, 2008); George Baer, *Test Case: Italy, Ethiopia, and the League of*

Nations (Stanford, California, Hoover Institution Press, 1976); Gigliola Gori, *Italian Fascism and the Female Body: Sport, Submissive Women and Strong Mothers* (Londres, Routledge, 2004).

“povo guerreiro”: Forgacs e Gundle, *Mass Culture*, p.242.

“engenheiros biológicos”: Dogliani, “Sport and Fascism”, p.327.

controle do treinamento atlético das crianças: Gori, *Italian Fascism and the Female Body*, p.97.

“grotesca imitação estrangeira”: Angela Teja, “Italian sport and international relations under fascism”, in P. Arnaud e J. Riordan (orgs.), *Sport and International Politics*, Nova York, Routledge, 1998, p.153.

“Eu não quero uma população”: Alberto Marcolin, *Firenze in Camicia Nera*, Florença, Medicea, 1993, p.183.

“O Cigarro dos Grandes Atletas”: A marca que usava esse slogan era Macedonia Extra. *Lo Sport Fascista*, junho de 1936, p.74.

“ceticismo, preguiça e pessimismo”: Elizabeth David, *Italian Food*, Harmondsworth, Penguin, 1963, p.93, citado em Forgacs e Gundle, *Mass Culture*, 242.

mergulhassem de um trampolim: Gori, “Model of Masculinity,” p.45.

fuzis com baioneta calada: “Mussolini alle prove atletiche dei Gerarchi del Partito” e fotografia anexa, *Il Popolo d'Italia*, 2 de julho de 1938, p.1.

desempenho de Mussolini: D. Medina Lasansky, *The Renaissance Perfected: Architecture, Spectacle, and Tourism in Fascist Italy*, University Park, Pennsylvania State University Press, 1988 e 2005, p.172; Gori, “Model of Masculinity”, p.43.

ascética dieta: Carol Helstosky, *Garlic and Oil: Politics and Food in Italy*, Nova York, Oxford International Publishers, 2004, p.99.

Mussolini, Hitler e Franco e sua falta de interesse por esportes no começo da vida:

Forgacs e Gundle, *Mass Culture*, p.240; John Pollard, “Sport”, in *World Fascism: A Historical Encyclopedia*, vol.1, Santa Barbara, CA, ABC-Clio, 2006, p.630.

perspectiva inferior: Gori, “Model of Masculinity”, p.37.

“cabeça grande e calva, um rosto marcado pela varíola”: *Ibid.*, p.45.

“Esportista Número Um da Itália”: Era uma designação popular de Mussolini. Forgacs e Gundle, *Mass Culture*, p.240.

Honorários por apresentação: Benjo Maso, *The Sweat of the Gods: Myths and Legends of Bicycle Racing*, Norwich, Inglaterra, Mousehold Press, 2005, p.63, 79.

“cartão de visita da nação no exterior”: Forgacs e Gundle, *Mass Culture*, p.241.

“embaixadores de azul”: Teja, “Italian Sport”, p.156.

“uma medalha de ouro”: *Ibid.*

Órgãos governamentais de atletismo: O diretor da Federação Italiana de Ciclismo era o general Antonelli; Paolo Costa, *Gino Bartali: la vita, le imprese, le polemiche*, Portogruaro, Ediciclo, 2001, p.50. Lando Ferretti, um jornalista fascista, foi nomeado chefe do Comitê Olímpico Italiano (Coni); Dogliani, “Sport and Fascism”, p.329.

atender ao regime: Gori, “Model of Masculinity”, p.38.

pneumonia: James Le Fanu, *The Rise and Fall of Modern Medicine*, Nova York, Carroll & Graf, 2000, p.5-6. O primeiro paciente a tomar penicilina, o antibiótico mais comum para o tratamento de pneumonia, foi tratado em 1941.

“Você pode imaginar”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.40.

“Não adianta esconder”: Giorgio Boriani, “Dal ‘Giro’ al ‘Tour’”, *Lo Sport Fascista*, 26 de junho de 1937.

***Il Popolo d’Italia*:** Marco Palla, *Mussolini and Fascism*, Nova York, Interlink Illustrated Histories, 2000, p.20; Gori, “Model of Masculinity”, p.34.

“entender que no...”: Nino Nutrizio, “Gino Bartali andrà al ‘Tour’ al commando della squadra italiana”, *Il Popolo d’Italia*, 2 de junho de 1937, p.6.

pagamento de 200 mil liras e “um soldado que defende sua bandeira”: Nino Nutrizio, “Se lo sport è milizia Gino Bartali deve andare al ‘Tour’”, *Il Popolo d’Italia*, 17 de junho de 1937, p.4.

Schmeling: Para detalhes sobre a vitória de Max Schmeling em 1936 contra Louis e sobre seus contatos, ver David Margolick, *Beyond Glory: Joe Louis vs. Max Schmeling, and a World on the Brink*, Nova York, Knopf, 2005, p.146-78; ver também David Clay Large, *Nazi Games: The Olympics of 1936*, Nova York, W.W. Norton, 2007, p.173.

Kristallnacht: Margolick, *Beyond Glory*, p.350.

encontro de Schmeling com Hitler: Large, *Nazi Games*, p.173.

Joseph Goebbels: Margolick, *Beyond Glory*, p.151, 339.

um dos principais jornalistas políticos: Paolo Facchinetti, *Bottecchia: Il forzato della strada*, Portogruaro, Ediciclo, 2005, p.186-9.

detalhes sobre a morte de Bottecchia e teorias: Les Woodland, “Cycling’s murder mysteries”, *cyclingnews.com*, 10 de março de 2007; Facchinetti, *Bottecchia*, p.185-8.

amizade com o cardeal Elia Dalla Costa: Entrevista dos autores com Andrea e Adriana Bartali; ver as notas no cap. 6.

“Me dava o impulso para tentar de novo”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.78.

“magnífico atleta cristão”: C. Trabucco, “Gino Bartali di Azione cattolica”, *Gioventù nova*, 14 de junho de 1936, citado por Stefano Pivato, “Italian cycling and the creation of a catholic hero: The Bartali myth”, in Richard Holt, J.A. Mangan e Pierre Lanfranchi (orgs.), *European Heroes: Myth, Identity, Sport*, Londres, Frank Cass, 1996, p.130.

um avião de três motores: Marco da Faenza, “Asso pigliatutto”, *Credere*, 13 de junho de 1937, em Pivato, *Sia lodato Bartali*, Roma, Lavoro, 1985, p.187-9.

críticas ao regime: Pivato, “Italian cycling”, p.132.

o pequeno monge: Pivato, *Sia lodato*, p.39. O jornal esportivo que defendeu o catolicismo de Bartali foi o *Guerin Sportivo*.

“pela Itália e por Il Duce” e “rapazes de Mussolini”: Robert S.C. Gordon e John London, “Italy 1934: football and fascism”, in Alan Tomlinson e Christopher Young (orgs.), *National identity and global sports events: culture, politics, and spectacle in the Olympics and the World Cup*, Albany, State University of New York Press, 2006, p.42.

formação fascista: Dogliani, “Sport and fascism”, p.331-2.

“quatro anos”: Mussolini citado em Large, *Nazi Games*, p.167.

linchamento midiático: Sobre o controle do regime fascista sobre a imprensa, ver Gigliola Gori, “Mussolini’s boys at Hitler’s olympics”, in Arnd Kruger e William Murray (orgs.), *The Nazi Olympics: Sports, Politics and Appeasement in the 1930s*, Urbana e Chicago, University of Illinois Press, p.115.

intenção de competir: “Bartali si è deciso”, *Il Popolo d’Italia*, 18 de junho de 1937, p.4.

“mudança verdadeiramente radical”: Geoffrey Wheatcroft, *Le Tour: A History of the Tour de France, 1903-2003*, Londres, Simon and Schuster, 2005, p.123.

Mudanças de marchas em Tours anteriores: Bill e Carol McGann, *The Story of the Tour de France*, Indianápolis, Dog Ear Publishing, 2006, p.132.

favorito: McGann, *The Story of the Tour de France*, p.133.

4.400 quilômetros no Tour de France de 1937: Wheatcroft, *Le Tour*, p.360.

ternos elegantes: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.219.

“Bartali nunca será alcançado”: Jacques Goddet, “Dans le Tour, un trop grand effort se paie toujours”, *L’Auto*, 8 de julho de 1937, p.2.

Queda no rio Colau: Robert Perrier, “Le Miracle!”, *L’Auto*, 9 de julho de 1937, p.2; Henri Desgrange, “Nous l’avons échappé belle!”, *L’Auto*, 9 de julho de 1937, p.1; foto de Bartali sendo carregado para a bicicleta, *L’Auto*, 9 de julho de 1937, p.2; “Suivez Le Guide”, *L’Auto*, 9 de julho de 1937, p.2; Bartali, *La mia storia*, p.42-6; Bartali, *Tutto sbagliato*, p.36-43.

“como uma bola no espaço”: Perrier, “Le Miracle!”, p.2.

“Suba na bicicleta, Bartali”: Ibid.

“bifes sangrentos”: Nino Nutrizio, “Bartali resta maglia gialla nonostante una drammatica caduta con Camusso, Simonini e Giulio Rossi”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de junho de 1937, p.4.

“Fiquei desorientado”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.41.

“plena forma física”: Henri Desgrange, “Le fait majeur”, *L’Auto*, 12 de julho de 1937, p.1.

Outro organizador do Tour: Jacques Goddet, “Un temps qui paraît être pour rien”, *L’Auto*, 12 de julho de 1937, p.2.

razões de saúde: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.72-3; Paolo Alberati, *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo*, Florença, Giunti, 2006, p.53.

fascista de carteirinha: Bartali, *La leggenda*, p.73.

“Eu chorei”: Bartali, *La mia storia*, p.46.

“Quando o médico”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.37.

“a maior injustiça sofrida”: Bartali, *La leggenda*, p.73.

passagem de trem: Ibid.

pessoas, reconhecendo-o: “Il toscano riprenderà a correre soltanto in autunno”, *Il Popolo d’Italia*, 15 de julho de 1937, p.4; Bartali, *La mia storia*, p.46.

tempo para se recuperar: “Il toscano riprenderà a correre soltanto in autunno”, p.4. 73 temporada de ciclismo do ano seguinte: Ibid.

Bartali deixado de lado no Giro de 1938: “Le decisioni federali per il Giro d’Italia e il ‘Tour’”, *Il Popolo d’Italia*, 6 de abril de 1938, p.4; “Precisazioni del Presidente della F.C.I.”, *Il Popolo d’Italia*, 9 de abril de 1938, p.6.

“tinham tanto a ver com o ciclismo”: Bartali, *La mia storia*, p.47.

Diálogo entre Gino e a Federação Italiana de Ciclismo: Ibid.

Mussolini ansioso para melhorar as relações com Hitler: Gori, “Model of Masculinity”, p.53; John Gooch, *Mussolini and his Generals: The Armed Forces and Fascist Foreign Policy, 1922-1940*, Cambridge, R.U., Cambridge University Press, 2007, p.384.

Artista fracassado: Ian Kershaw, *Hitler: 1889-1936 Hubris*, Nova York, W.W. Norton, 2000, p.82.

“Operação Florença Linda”: Lasansky, *The Renaissance Perfected*, p.85.

Detalhes sobre a chegada de Hitler, a cerimônia de homenagem e visita: Ibid., p.73-5.

“rouge”: *Diary 1937-1943: The complete unabridged diaries of Count Galeazzo Ciano, Italian Minister for Foreign Affairs, 1936-1943*, Londres, Phoenix, 2002, p.88.

Desfile de automóveis conversíveis: Lasansky, *The Renaissance Perfected*, p.85.

A experiência da família Donati com a visita de Hitler: Entrevista dos autores com Giulia Donati.

Protesto de Elia Dalla Costa e ofício secreto da polícia política fascista: Arquivo Cardeal Elia Dalla Costa, Ministero dell’Interno, Divisione di Pubblica Sicurezza, Divisione Polizia Politica 13 157, 2 Pacco #378, Fascicoli #70, 378, #9. Carta intitulada *Roma, 18 de fevereiro de 1939*; Marcolin, *Firenze in Camicia Nera*, p.74.

Incêndio do escritório do cardeal: Entrevista dos autores com Attilio Piccini, 20 de outubro de 2009. Piccini trabalhou com o cardeal Dalla Costa no convento Sparugoru Murbis e anos depois auxiliou Meneghello, secretário de Dalla Costa.

plena satisfação: *Diary 1937-1943*, p.88; Marcolin, *Firenze in Camicia Nera*, p.75.

19 milhões de liras: Lasansky, *The Renaissance Perfected*, p.98.

“pavimento havia sido temporariamente refeito”: Ibid., p.91.

“Agora nenhuma força...” e Hitler com os olhos marejados: *Diary 1937-1943*, p.89.

precursora da infame Olimpíada de Berlim em 1936: Gordon e London, “Italy 1934”, p.42.

jogadores saudaram Mussolini: Richard Witzig, *The Global Art of Soccer*, Nova Orleans, Cusiboy Publishing, 2006, p.349.

jogadores italianos com camisa preta e a reação dos torcedores antifascistas: Teja, “Italian sport”, p.163; John London, “Football/Soccer”, in *World Fascism*, p.239.

garrafas quebradas: Ulrich Hesse-Lichtenberger, *Tor! The Story of German Football*, Londres, WSC Books, 2002, p.84-5.

“uma cidade, um preconceito”: Lando Ferretti, “Uno, due... (e tre?)”, *Lo Sport Fascista*, julho de 1938, p.13.

evento de grande porte: “Il Duce riceve oggi a Palazzo Venezia i calciatori campioni del mondo”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de junho de 1938, p.4; “Il Duce riceve i calciatori azzurri”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de junho de 1938, p.1.

Uniforme de gala do Exército ou da Marinha: Foto de Mussolini e a equipe italiana da Copa do Mundo de Futebol de 1938 em uniforme militar, *Il Popolo d’Italia*, 30 de junho de 1938, p.1

Camisas dos jogadores de futebol: Ferretti, “Uno, due... (e tre?)”, p.14.

Vagão-dormitório: “Gli azzurri per il ‘Tour’ partono stasera per Parigi”, *Il Popolo d’Italia*, 29 de junho de 1938, p.4; “L’équipe italienne du Tour arrivera ce matin a Paris”, *L’Auto*, 30 de junho de 1938, p.1.

Voltaggio: Jean Leuillot, “Italie, Belgique, France trois méthodes pour le Tour”, *L’Auto*, 30 de junho de 1938, p.1, A1; Baker d’Issy, “Vicini et son ‘double’ Cottur”, *Paris-Soir*, 2 de junho de 1938, p.10.

“Foi o período mais intenso”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.44.

“Querido Giulio, veja só as condições”: Bartali, *La mia storia*, p.12.

5. Tempestade no cume

Multidões aplaudiam: “Gli azzurri del Giro di Francia sone partiti ieri sera per Parigi con la ferma volontà di puntare alla vittoria”, *Il Popolo d’Italia*, 30 de junho de 1938, p.4.

Pouco depois das nove: “L’équipe italienne du Tour arrivera ce matin a Paris”, *L’Auto*, 30 de junho de 1938, p.1.

“O passado está dado”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.13.

Desfilando: Claude Tillet, “Les Italiens du Tour ont rallié Saint-Germain”, *L’Auto*, 1 de julho de 1938, p.1; R. de LaTour, “Les Italiens du ‘Tour’ sont arrivés à Paris”, *Paris-Soir*, 1 de julho de 1938, p.6.

“tarefa sobre-humana”: LaTour, “Les Italiens du ‘Tour’”, p.6.

primeiro telefonema: Tillet, “Les Italiens du Tour”, p.4.

encantou de tal maneira duas mulheres: Géo Villetan, “Gagner le Tour de France”, *Paris-Soir*, 10 de julho de 1938, p.6A.

Fratura de Gino: No dia 24 de maio de 1934, numa competição em Grosseto, Itália, Gino caiu numa estrada de pedra, o que o deixou com uma “cicatriz em forma de sol” no

- nariz. Paolo Costa, *Gino Bartali: la vita, le imprese, le polemiche*, Portogruaro, Ediciclo, 2001, p.173-80; Bartali, *La leggenda*, p.30.
- “**delicado, nervoso**”: Raymond Huttier, *Le Miroir des Sports*, 26 de julho de 1938, p.1.
- “**lembravam a hera**”: Georges Vigarello, “The Tour de France”, *Realms of Memory: The Construction of the French Past*, vol.2, *Traditions*, organizado por Pierre Nora e Lawrence Kritzman, Nova York, Columbia University Press, 1998, p.496.
- 75 quilos**: Costa, *Bartali*, p.183.
- “**como as oliveiras**”: Gino Bartali, “Qui giace il campione fra la polvere”, *Tempo*, 20 de dezembro de 1952.
- Acidente com o ciclista francês**: “La chute de Paul Maye est à retenir”, *L’Intransigeant*, 6 de julho de 1938, p.4.
- seus próprios aviões**: Em um anúncio do dia 5 de julho de 1938, na p.1 do *Paris-Soir*, o jornal menciona que terão uma equipe com dez veículos, oito motocicletas e um avião.
- vinte noticiários**: “La radiodiffusion”, *L’Auto*, 13 de julho de 1938, p.4, 19.
- Origem do Tour de France**: Para a discussão sobre a origem do Tour de France usamos as seguintes fontes: Christopher Thompson, *The Tour de France: A Cultural History*, Los Angeles, University of California Press, 2006, p.17; Bill e Carol McGann, *The Story of the Tour de France*, Indianápolis, Dog Ear Publishing, 2006; Serge Laget e Luke Edwardes-Evans, *The Official Treasures: Le Tour de France*, Londres, Carlton Books, 2008, p.14; Hugh Dauncey e Geoff Hare, *The Tour de France, 1903-2003: A Century of Sporting Structures, Meanings and Values*, Taylor and Francis eLibrary, 2005, p.55; Geoffrey Wheatcroft, *Le Tour: A History of the Tour de France, 1903-2003*, Londres, Simon and Schuster, 2005; Les Woodland, *The Yellow Jersey Companion to the Tour de France*, Londres, Random House, 2007.
- “**Se estou entendendo**”: McGann, *The Story of the Tour de France*, p.7.
- “**Se eu não for assassinado**”: Wheatcroft, *Le Tour*, p.21.
- dito famoso de Desgrange**: Dauncey e Hare, *The Tour*, p.7.
- “**Assassinatos!**”: Laget e Edwardes-Evans, *Official Treasures*, p.16.
- Ciclista com septicemia**: Daniel Coyle, *Lance Armstrong’s War*, Nova York, HarperCollins, 2005, p.101.
- a estratégia de Girardengo de poupar os ataques**: Gino Bartali, “Mon Beau Maillot”, conforme relatado para Robert Perrier, *L’Auto*, 9 de agosto de 1938, p.1, 4; Jacques Goddet, “Gino, tu es un héros”, *L’Auto*, 23 de julho de 1938, p.2.
- “**a mais importante do Tour**”: Henri Desgrange, “Entre eux et moi”, *L’Auto*, 16 de julho de 1938, p.1.
- “**deixar carne na estrada**”: Coyle, *Lance Armstrong’s War*, p.16.
- “**à tombeau ouvert**”: Henri Desgrange, “Je ne suis pas très content de Bartali”, *L’Auto*, 15 de julho de 1938, p.3.
- “**É inimaginável**”: Gaston Bénac, “Le Tour n’est pas fini!”, *Paris-Soir*, p.15 de julho de 1938, p.9.
- “**Essa etapa é uma das piores**”: Gino Bartali, “Mon Beau Maillot”, p.4.

- “De repente, do pequeno grupo”: Raymond Huttier, *Le Miroir des Sports*, 16 de julho de 1938, p.11.
- “Não empurre!”: Ibid., p.6.
- “lançado por uma catapulta invisível”: Ibid., p.11.
- “comer alguns pombinhos bem macios”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.45-6.
- “Será que não vou conseguir me livrar desse sanguessuga?": Bartali, “Mon Beau Maillot”, p.4.
- “Senti meu coração”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.45-6.
- “Não consigo”: Ibid., p.46.
- “Difíceis, malvadas e feitas de pedra”: Ibid.
- “Vá, vá, vá!": Ibid.
- Braços e costas, encurvados: Ibid.
- A camisa amarela era virtualmente dele: Ibid.
- “Eu voei da bicicleta”: Robert Perrier, “Les Pensées de l’homme du jour: ‘Quel dommage cette chute... nous dit Gino Bartali’”, *L’Auto*, 15 de julho de 1938, p.4.
- Sete horas e dezesseis minutos na bicicleta: O tempo de Bartali foi de sete horas, 16 minutos e 14 segundos. “Classement de la 8^e Etape”, *L’Auto*, 15 de julho de 1938, p.1.
- Manifesto dos Cientistas Raciais*: Susan Zuccotti, *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy*, Nova Haven, Yale University Press, 2000, p.27; Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, and Survival*, Nova York, Basic Books, 1987, p.35; *Antisemitism: A Historical Encyclopedia of Prejudice and Persecution*, org. por Richard S. Levy, Santa Barbara, CA, ABC-Clio, 2005, p.442.
- “praticamente escreveu tudo sozinho”: *Diary 1937-1943: The complete unabridged diaries of Count Galeazzo Ciano, Italian Minister for Foreign Affairs, 1936-1943*, Londres, Phoenix, 2002, p.109.
- “ariana, nórdica e heroica”: Otto D. Tolischus, “Nazi Press Hails Italian ‘Aryanism’”, *New York Times*, 15 de julho de 1938, p.6.
- “judeus não pertenciam à raça italiana”: Zuccotti, *The Italians*, p.35; Patrick J. Gallo, *For Love and Country: The Italian Resistance*, Lanham, Maryland, University Press of America, 2003, p.19.
- “Chegou o tempo de os italianos”: Stanislao G. Pugliese (org.), *Fascism, anti-fascism, and the resistance in Italy: 1919 to the present*, Oxford, RU, Roman & Littlefield, 2004, p.194-5.
- A comunidade judaica na Itália: Gallo, *For Love and Country*, p.19.
- Conflito fascista com a Igreja católica em torno do: Manifesto Tolischus, “Nazi Press Hails Italian ‘Aryanism’”, p.6; Zuccotti, *The Italians*, p.36-8.
- criticou publicamente três vezes o *Manifesto*: Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.33-4.

“em nome de Mussolini”: Lando Ferretti, “Uno, due... (e tre?)”, *Lo Sport Fascista*, julho de 1938, p.14.

“usa a bicicleta como arma”: Bruno Roghi, “L’alto valore e la nera disdetta di un grande atleta italiano”, *La Gazzetta Dello Sport*, 15 de julho de 1938, p.2.

jornais e revistas ... anunciaram seu desempenho: Bruno Roghi, “Da un traguardo all’altro, nell ritmo incessante dei trionfi dello sport fascista – Gino Bartali Ha Vinto Il 32º Giro de Francia”, *La Gazzetta Dello Sport*, 1 de agosto de 1938, p.1.

corredor que já havia vencido o Tour de France: “‘Cet arrêt à Luchon marquera peut-être la fin de ma carrière cycliste’, nous déclare Georges Speicher”, *Paris-Soir*, 16 de julho de 1938, p.8.

“O rei das montanhas”: *Le Miroir des Sports*, 16 de julho de 1938.

“Ele é o grande e verdadeiro campeão”: *Ibid.*, p.5.

Torello visita Gino: Jean Leuillot, “Papa Bartali est venu embrasser son fils ‘Gino’ à Cannes”, *L’Auto*, 21 de julho de 1938, p.3.

ouvir o coração batendo: Bartali, *La mia storia*, p.49.

“Era um tumulto”: *Ibid.*, p.50.

“A verdade é”: Félix Lévitán, “Bartali, un être de légende”, *L’Intransigeant*, 24 de julho de 1938, p.4.

“O que é o destino”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.47.

“Senhor, minha fé”: Robert Bré, “Il ne faut pas confondre Bartali coureur avec Bartali ‘civil’”, *L’Auto*, 1 de agosto de 1938, p.5.

“Niente!” – “Não!”: Géo Villetan, “Le Tour continue”, *Paris-Soir*, 27 de julho de 1938, p.9.

Bartali de camisa enlameada e boné empoeirado: Géo Villetan, “Le ‘Parc’ est plein ... c’est jour de fête!”, *Paris-Soir*, 1 de agosto de 1938, p.8.

“Realizei um dos sonhos”: *L’Intransigeant*, 1 de agosto de 1938, p.6A.

“Olhar você pedalar, Gino”: *Ibid.*

“No momento em que minhas pernas”: *Ibid.*

Medalha de prata por “valor atlético” e “embaixador esportivo de Mussolini” na Itália”: Roghi, “Da un traguardo all’altro”, p.1.

“democracia e da bazófia internacional”: Sisto Favre, “Il valore e lo spirito della vittoria azzurra”, *Lo Sport Fascista*, agosto de 1938, p.14.

“As ovações”: Roghi, “Da un traguardo all’altro”, p.1.

Discurso para ouvintes de rádio franceses: “Radio-Arrivée du 32ème Tour de France au Parc des Princes – Radio Actualités Françaises”, Arquivos de rádio e noticiários da Inathèque de France, na Bibliothèque Nationale de France.

“Em 1938 todo mundo sabia”: Entrevista dos autores com o historiador italiano Mauro Canali, 10 de agosto de 2009.

“ostentando bem alto as cores”: “Da Lilla a Parigi”, *Il Popolo d’Italia*, 1 de agosto de 1938, p.1.

- “tartamudeou”: arquivo Gino Bartali, Ministero dell’ Interno, Divisione di Pubblica Sicurezza, Divisione Polizia Politica 13 157, 1 Pacco #82, Fascicoli #70, 82 #66.
- “Apresento a vocês”: André Bourdonnay, “Le premier acte de Bartali ce matin fut d’aller déposer des fleurs à Notre-Dame des Victoires”, *Paris-Soir*, 2 de agosto de 1938, p.6.
- “Um italiano vence o Tour de France”, Robert Perrier, “Nul est prophète dans son pays”, *L’Auto*, 5 de agosto de 1938, p.1, 3.
- Primeiro compromisso como campeão do Tour ... diante de uma grande multidão: “Au Velodrome de Turin”, *L’Auto*, 5 de agosto de 1938, p.4.
- Ela chorava baixinho: Ibid.
- Detalhes sobre a Ufficio Stampa: Arnd Krüger e William Murray (orgs.), *The Nazi Olympics: Sports, Politics and Appeasement in the 1930s*, Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 2003, p.115.
- “Os jornais devem cobrir Bartali exclusivamente como esportista”: Relatório de 9 de agosto de 1938, F. Flora, *Stampa dell’era fascista: Le note di servizio*, Roma, Mondadori, 1945, p.79.

6. Das estrelas à lama

Baseamos a discussão sobre as leis raciais, e seu impacto, nas seguintes fontes: Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, and Survival* (Nova York, Basic Books, 1987), p.5-6; Susan Zuccotti, *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy* (Nova Haven, Yale University Press, 2000); Michele Sarfatti, *The Jews in Mussolini’s Italy: From Equality to Persecution*, trad. por John e Anne C. Tedeschi (Madison, University of Wisconsin Press, 2006); Patrick J. Gallo, *For Love and Country: The Italian Resistance* (Lanham, MD, University Press of America, 2003), p.16; Mirjam Viterbi Ben Horin, *Con gli occhi di allora: Una bambina ebrea e le leggi razziali* (Brescia, Editrice Morcelliana, 2008), p.15; *Racial Policies in Fascist Italy: New Documents and Perspectives*, uma conferência e exposição organizadas em Nova York pelo Centro de Documentação Judaica Contemporânea (CDEC) de Milão e por várias organizações americanas, outono de 2010.

Para melhor conhecer a experiência da vida cotidiana na Itália durante as leis raciais, falamos com os seguintes sobreviventes do Holocausto na Itália: Giorgio Goldenberg (20 de dezembro de 2010; 25 de janeiro de 2011; 4 de abril de 2011; e 14 de novembro de 2011); Giulia Donati (26 e 28 de janeiro de 2011); Giorgina Rietti (5 de agosto de 2009; 6 de novembro de 2009; 11

de setembro de 2010); Graziella Viterbi (14 de julho de 2009 e 31 de agosto de 2009); Gianna Maionica (22 de novembro de 2007; 4 de agosto de 2009); Hella Kropf (15 de janeiro de 2008 e 4 de agosto de 2009); Cesare Sacerdoti (19 de outubro de 2010); Claudia Maria Amati (1 de fevereiro de 2011); Lya Haberman Quitt (20 de outubro de 2011); e Renzo Ventura, filho de sobreviventes (27 de julho de 2009). Também consultamos gravações de áudio e vídeo das seguintes pessoas: Enrico Maionica (entrevistado por Susanna Segrè, 30 de abril de 1998, University of Southern California Shoah Foundation); Emanuele Pacifici (entrevistado por Silvia Antonucci, 10 de março de 1998, USC Shoah Foundation); Louis Goldman (entrevistado por James Bond, 3 de fevereiro de 1995, USC Shoah Foundation).

equivocada estratégia da equipe: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.86.

Relatório com a especulação do espião: Arquivo Gino Bartali, Ministero dell' Interno, Divisione di Pubblica Sicurezza, Divisione Polizia Política 13 157, 1 Pacco #82, Fascicoli #70, 82 #66.

“Mas o barulho deles todos juntos era terrível”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.52.

“Milaneses, vocês não são esportistas!”: Bartali, *La leggenda*, p.52.

“O pedestal da fama não é nem muito confortável”: Bartali, *La mia storia*, p.51.

“rostos bronzeados inclinados sobre os guidões”: Orio Vergani, *Corriere della Sera*, 7 de junho de 1936.

A experiência de Giorgio com as leis raciais: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg.

Crianças judias expulsas de colégios públicos: Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.42; Sarfatti, *The Jews in Mussolini's Italy*, p.155.

Até na Alemanha nazista: Michele Sarfatti, diretor do Center for Contemporary Jewish Documentation, numa mesa-redonda, “Beyond the racial laws, fascist antisemitism revisited”, Museum for Jewish Heritage, 3 de novembro de 2010.

Perda de empregos dos judeus na Itália: “Italy's ‘Race’ Laws Take 15,000 Jobs”, *New York Times*, 20 de novembro de 1938.

“Proibida a entrada de judeus e cães”: entrevista na USC com Enrico Maionica.

Obituários de judeus: Entrevista dos autores com Giulia Donati.

“Fomos das estrelas à lama”: Entrevista dos autores com Graziella Viterbi, 14 de julho de 2009.

Com determinação ferrenha: Bartali, *La leggenda*, p.87.

“rapaz magro como um caniço”: Biagio Cavanna, treinador de Fausto, citado em William Fotheringham, *Fallen Angel: The Passion of Fausto Coppi*, Londres, Yellow Jersey Press, 2009, p.20.

mais parecia “um cabrito faminto e magro do que um ciclista”: Ibid.

anteriores de Coppi e primeiros treinos: Ibid, p.9, 20, 24.

primeiras relações entre Bartali e Coppi: Jean-Paul Ollivier, *Fausto Coppi*, Paris, PAC, 1985, p.14; Bartali, *La leggenda*, p.100.

mais nova estratégia de reconhecimento: Gian Paolo Ormezzano, Marina Coppi e Andrea Bartali, *Coppi & Bartali*, Milão, San Paolo, 2009, p.137.

Excruciante dor: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.62; Bartali, *La mia storia*, p.54.

“Uma grande tragédia iria cair sobre todos nós”: Bartali, *La leggenda*, p.109.

Prisão dos Klein em Fiume: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg.

Situação dos cidadãos estrangeiros: Mary Felstiner, *Refuge and Persecution in Italy, 1933-1945*, traduzido por Martha Humphreys e Sybil Milton, Simon Wiesenthal Center Annual, vol.4; Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.83.

Villa La Selva: Nissim Labi era um judeu italiano que foi preso em Villa La Selva durante a Segunda Guerra Mundial. O testemunho de Labi foi consultado na biblioteca do Yad Vashem, Jerusalém, Israel. Pesquisadores da biblioteca Bagno a Ripoli ajudaram a revelar detalhes sobre essa prisão (entrevista dos autores com Raffaele Marconi e Maria Pagnini, 12 de agosto e 11 de setembro de 2009).

Estipêndio de 6,5 liras para alimentação: Em diferentes campos na Itália, 6,5 liras era o estipêndio diário concedido aos prisioneiros. Felstiner, *Refuge and Persecution*.

Um prato de sopa aguada: Testemunho de Nissim Labi.

A vida dos Goldenberg em Fiesole e visita de Gino Bartali: Entrevistas dos autores com Giorgio Goldenberg.

“Bartali era uma espécie de semideus”: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg, 20 de dezembro de 2010.

“Não se preocupe, não vou acabar debaixo das bombas”: Bartali citado em Leo Turrini, *Bartali: L'uomo che salvò l'Italia pedalando*, Milão, Mondadori, 2004, p.20.

irmão mais velho de Adriana: Entrevista dos autores com Adriana Bartali.

exame médico: Bartali, *La mia storia*, p.54; Jean-Paul Ollivier, *Le Lion de Toscane: La Véridique Histoire de Gino Bartali*, Grenoble, Éditions de l'Aurore, 1991, p.97-8.

não gostava de andar com armas: Bartali, *La leggenda*, p.115.

Olesindo Salmi: Bartali, *La mia storia*, p.56; Ollivier, *Le Lion*, p.98.

“Mergulhei na leitura”: Bartali, citado em Ollivier, *Le Lion*, p.99.

“Gino, o tagarela”: Bartali, citado em Ollivier, *Le Lion*, p.99.

“Ninguém sabe o que vai acontecer”: Bartali, *La leggenda*, p.110.

“Melhor uma viúva do que uma namorada”: Ibid.

“Desde a infância meu sonho para o futuro”: Bartali, citado em Paolo Alberati, *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo*, Florença, Giunti, 2006, p.46.

“o momento fosse um tanto peculiar”: Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 17 de julho de 2009.

Casamento, lua de mel e recepção de Gino e Adriana: Entrevista dos autores com Andrea e Adriana Bartali.

“Era uma correria só”: Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 17 de julho de 2009.

Racionamentos de comida: Carole Counihan, *Around the Tuscan Table*, Nova York, Routledge, 2004, p.24, 52; Alberto Marcolin, *Firenze 1943- '45: Anni di terrore e di fame, fascisti e antifascisti*, Florença, Medicea, 1994, p.36-7.

“Ele “ficou cinzento””: Coppi, citado em Fotheringham, *Fallen Angel*, cap. 4.

“cercado de pessoas que só pensavam em corridas””: Bartali, citado em Alberati, *Mille diavoli*, p.70.

gigantesca cela para 7 mil judeus: Sarah Fishman, *The Battle for Children: World War II, Youth Crime and Juvenile Justice in Twentieth Century France*, Cambridge, MA, Harvard Historical Studies, 2002, p.72.

Coppi passaria o resto da guerra: Coppi chegou à África em março de 1943. Para um relato detalhado do tempo que passou ali, ver o capítulo 4 de Fotheringham, *Fallen Angel*.

“Foi bonito””: Entrevista dos autores com Giulia Donati.

Corrida de Ubaldo Pugnaroni: Fotheringham, *Fallen Angel*, p.55-6.

Importante editor de um jornal antissemita: Zuccotti, *The Italians*, p.71.

prisão do assassino de Matteotti: Marcolin, *Firenze 1943- '45*, p.24.

muitos (mas não todos) prisioneiros dos campos de concentração: Entrevista dos autores com Iael Orvieto, editora-chefe das publicações do Yad Vashem, 24 de janeiro de 2011.

apresentaram a papelada para serem dispensados: Bartali, *La mia storia*, p.56.

outros não estavam tão inclinados a seguir quaisquer procedimentos: Zuccotti, *The Italians*, p.6-7.

sobre soldados capturados e presos: Zuccotti, *The Italians*, p.7.

Gino reuniu a família: Bartali, *La leggenda*, p.120.

“Nesse pequeno canto perdido””: Ollivier, *Le Lion*, p.99.

longas e intranquilas horas na cama: Ibid.

“Você é Gino Bartali?”: Bartali, *La leggenda*, p.120, 122.

7. Uma escolha impossível

Sabemos da participação de Gino Bartali no esforço de socorro de Dalla Costa na Toscana e na Úmbria pelos relatos deixados por pessoas envolvidas na rede (fr. Rufino Niccacci e Trento Brizi) e pelos testemunhos de quem o viu ou se relacionou com ele pegando ou entregando documentos (fr. Pier Damiano, irmã Alfonsina e irmã Eleonora Bifarini). Giulia Donati, sobrevivente judia, testemunhou que Bartali foi entregar documentos forjados na casa em que ela e a família estavam escondidas, mas foi mandado embora pela mulher não judia que as abrigava (que entrou em

pânico). Renzo Ventura, filho de sobreviventes judeus, testemunhou que os pais descobriram, pouco depois do fim da guerra, que foi Gino quem levou seus documentos de identidade para Florença.

Sabemos da relação íntima de Bartali com Dalla Costa por entrevistas com dois companheiros de Dalla Costa (fr. Attilio Piccini e fr. Giulio Villani) e por entrevistas com Adriana e Andrea Bartali. Infelizmente, Bartali não deixou qualquer relato detalhado em primeira mão sobre como o cardeal Dalla Costa pediu-lhe para juntar-se à rede, ou o exato momento em que isso aconteceu, no outono de 1943. Entrevistas com a esposa de Bartali, Adriana, e com seu filho Andrea confirmam que o encontro aconteceu e que provavelmente se deu no fim de novembro ou no começo de dezembro de 1943.

Usamos o testemunho de outra pessoa, um padre chamado *don* Leto Casini, recrutado por Dalla Costa para a mesma rede, para reconstruir a cena de Dalla Costa convidando Bartali a se juntar a eles. *Firenze 1943-'45: Anni di terrore e di fame, fascisti e antifascisti* (Florença, Medicea, 1994), de Marcolini, lança luz sobre a vida do dia a dia em Florença naquele tempo. Apoiamo-nos também em extensas entrevistas com a família de Bartali e com seus amigos íntimos, bem como em entrevistas com companheiros de Dalla Costa e com judeus italianos ajudados por Dalla Costa, para caracterizar como provavelmente cada um deles agiu nesse encontro.

Dalla Costa não era do tipo que telefonava só para conversar: Entrevista dos autores com Attilio Piccini, 20 de outubro de 2009. Piccini trabalhou com o cardeal Dalla Costa no convento Sparagoru Murbis e anos depois auxiliou o secretário de Dalla Costa, *monsignor* Giacomo Meneghello.

“Coisas velhas, lugares velhos”: Henry James, *Collected Travel Writings: The Continent*, Nova York, Penguin, 1993, p.533.

Primeiros danos com a guerra: Marcolin, *Firenze 1943-'45*, p.52.

encenações de Shakespeare e Tchekhov: Ibid., p.39.

florentinos desesperados trocavam seus bens: Ibid., p.51.

vasculhando o lixo no mercado à procura de comida e caçando gatos de rua: Carole Counihan, *Around the Tuscan Table*, Nova York, Routledge, 2004, p.52.

Descrição de Giacomo Meneghello, secretário do cardeal: Entrevista dos autores com Lya Haberman Quitt, 20 de outubro de 2011. Haberman foi salva por *monsignor* Meneghello.

Escritório do cardeal: Tal como descrito pelo frei Ruffino Niccacci em Alexander Ramati, *The Assisi Underground: Assisi and the Nazi Occupation as told by Padre*

Rufino Niccacci, Londres, Unwin, 1978, p.47.

Aparência de Elia Dalla Costa: Fotografia de Dalla Costa no casamento de Gino Bartali, 14 de novembro de 1940, Fotocronache Olympia, Milão.

Setenta e um anos de idade: “Milestones”, *Time*, 29 de dezembro de 1961.

Rumores de Dalla Costa como candidato ao papado: Ver arquivo de Elia Dalla Costa, Ministero dell’Interno, Divisione di Pubblica Sicurezza, Divisione Polizia Politica 13 157, 2 Pacco #378, Fascicoli #70, 378, #9. Já em 1933 (19 de março e 25 de abril), relatórios secretos de espiões fascistas apresentam Dalla Costa como um dos prováveis sucessores do papa.

um sagaz juiz de caráter: Entrevista dos autores com Attilio Piccini, 20 de outubro de 2009.

“como faz um pai com seus próprios filhos”: Ibid.

Envolvimento de Dalla Costa no esforço de socorro: Para uma discussão sobre como e quando o cardeal Elia Dalla Costa começou a ajudar, ver Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, and Survival*, Nova York, Basic Books, 1987, p.211; Susan Zuccotti, *Holocaust Odysseys: The Jews of Saint-Martin-Vésubie and Their Flight through France and Italy*, Nova Haven, Yale University Press, 2007, p.161; Susan Zuccotti, “The Rescue of Jews in Italy and the Existence of a Papal Directive”, in David Bankier e Israel Gutman (orgs.), *Nazi Europe and the Final Solution*, Israel, Yad Vashem, 2003, p.532; Louis Goldman, *Amici per la vita*, Florença, Coppini, 1999, p.59-60.

Meneghello recebeu refugiados judeus: Zuccotti, “The Rescue of Jews in Italy”, p.532; Susan Zuccotti, *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy*, Nova Haven, Yale University Press, 2000, p.252.

Outro padre foi convocado a entrar em contato com os vários conventos: Zuccotti, *Holocaust Odysseys*, p.161; Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.253.

“Ele nos ordenou peremptoriamente”: Entrevista com *monsignor* Giulio Villani no Archivio della Curia Fiorentina, citado em Alberati, *Mille diavoli*, p.86-90.

O cardeal abrigando e alimentando vários judeus: Entrevista dos autores com Lya Haberman Quitt, 20 de outubro de 2011.

Jeito de falar do cardeal: Entrevista dos autores com Attilio Piccini, 20 de outubro de 2009.

refugiados precisavam de comida, abrigo e documentos falsos de identidade: Zuccotti, *Holocaust Odysseys*, p.160.

Risco de prisão, execução ou deportação: Casini, *Ricordi*, p.49-50. Depois da Carta di Verona, que considerava os judeus inimigos do Estado, ficou claro para todos que ajudar um inimigo do Estado era perigoso e passível de punição. Entrevista dos autores com a dra. Iael Nidam-Orvieto, editora-chefe de Yad Vashem Publications, 24 de janeiro de 2011.

fascistas italianos perigosos: David Tutaev, *The Consul of Florence*, Londres, Secker & Warburg, 1966, p.142.

Importância do segredo: Casini discute a importância do segredo, já que havia espiões fascistas em todos os lugares. Em 26 de novembro de 1943, vários membros da rede, entre eles Casini e o rabino de Florença, foram presos depois que um espião infiltrou-se no grupo. O rabino de Florença acabou morrendo em Auschwitz. Casini, *Ricordi*, p.52-3.

uma informação alarmante: Entrevista dos autores com a dra. Iael Nidam-Orvieto, editora-chefe de Yad Vashem Publications, 24 de janeiro de 2011.

Giorgio Goldenberg levado para o Instituto Santa Marta: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg. Para informações adicionais sobre como Dalla Costa solicitou a conventos locais que abrigassem refugiados judeus, ver Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.253.

uma recompensa que ia de mil a 9 mil liras por pessoa: Zuccotti, *The Italians*, p.156.

Salário médio de um operário de fábrica: Ibid.

prisioneiros aliados valendo até 1.800 liras de recompensa: Marcolin, *Firenze 1943-'45*, p.28.

Carta di Verona, “Os que pertencem à raça judia são estrangeiros”: Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.215-6.

Perigo de prisão para todos os judeus em solo italiano: Zuccotti, *The Italians*, p.159-60; Alexander Stille, *Benevolence and Betrayal: Five Italian Jewish Families Under Fascism*, Nova York, Picador, 1991, p.259; Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.254-7.

Encontro de Goldenberg e Sizzi: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg. 132 Antecedentes de Sizzi: Adam Smulevich, entrevista com Andrea Bartali, *Pagine Ebraiche*, fevereiro de 2011, discutindo a reação de Andrea Bartali ao testemunho de Giorgio Goldenberg; Alberati, *Mille diavoli*, p.13 e 75.

Investimentos de Gino em propriedades imobiliárias: Entrevista dos autores com Andrea e Adriana Bartali, 17 de julho de 2009; 14 de setembro de 2009; 3 de agosto de 2009. Naquela época, investimentos em propriedades imobiliárias eram comuns para ciclistas com dinheiro. Giorgio Goldenberg e Andrea Bartali acreditavam que Gino era o dono do apartamento, mas também é possível que Gino alugasse o apartamento em seu nome e deixasse os Goldenberg morar lá em segredo.

Mudança de comportamento de Gino: Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 17 de julho de 2009.

“Era algo que todos nós tínhamos de fazer”: Entrevista dos autores com o padre Arturo Paoli, participante da rede de socorro aos refugiados baseada em Lucca, 17 de fevereiro de 2007.

Ataque de novembro descrito por Niccacci: Ramati, *The Assisi Underground*, p.45-7.

“Vi uma família inteira ser colocada diante de um muro”: Ibid.

Aparência de Niccacci: Exame pelos autores das fotos de Niccacci nos arquivos históricos franciscanos, em fevereiro de 2007.

Antecedentes familiares de Niccacci: Entrevista dos autores com o sobrinho de Rufino Niccacci, Alviero Niccacci, 26 de outubro de 2009. Embora algumas fontes identifiquem Niccacci como “Nicacci”, consultamos a família e utilizamos a versão que preferem para seu sobrenome.

certos prazeres terrenos: Ramati, *The Assisi Underground*, p.2.

Trabalho de Niccacci com o primeiro grupo de refugiados judeus em Assis: Ibid., p.10-7.

Descrição de Dalla Costa em seu escritório: Ibid., p.47, e Casini, *Ricordi*, p.79-80.

Cena e diálogo entre Niccacci e Dalla Costa: Conforme descrito por Niccacci em Ramati, *The Assisi Underground*, p.44-50.

Gino prepara o apartamento para Goldenberg: Gino não deixou nenhum registro escrito sobre como preparou o apartamento dos Goldenberg. Nós construímos a cena com base no fato de que Gino pedia regularmente alimentos a fazendeiros seus conhecidos para ajudar vários refugiados de guerra (Paolo Alberati, *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo*, Florença, Giunti, 2006, p.75; Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.58). Também usamos as lembranças de Giorgio Goldenberg sobre seus pais no apartamento (*La Vita in Diretta [Rai Uno]* programa apresentando Giorgio Goldenberg, transmitido na quinta-feira, 27 de janeiro de 2011) e nossas entrevistas com Eldad Doron (20 de dezembro de 2010 e 1 de fevereiro de 2011), marido de Tea Goldenberg, já morta, e que confirmou que Tea lhe havia contado esses detalhes.

8. O círculo dos falsificadores

Gino nunca escreveu um relato detalhado sobre o que aconteceu em suas viagens de bicicleta entre Florença e Assis, e falou sobre isso apenas de passagem com familiares e amigos mais íntimos. Conseqüentemente, para criar essas cenas apoiamonos em relatos de várias outras pessoas que se relacionaram com Gino durante esse tempo ou que testemunharam seu trabalho na rede.

Em nossa descrição do tempo de Bartali em Assis, uma fonte importante foi o livro de Alexander Ramati, *The Assisi Underground*. Como observado antes, Ramati era um repórter de guerra polonês que encontrou Niccacci e Luigi Brizi pela primeira vez em junho de 1944, quando chegou a Assis com os soldados aliados. Desejando escrever sobre essa história, mais tarde ele regressou para entrevistar Niccacci com mais profundidade, bem como Trento Brizi e vários outros judeus italianos que passaram parte da Segunda Guerra Mundial escondidos em Assis. Quando o livro de Ramati foi

publicado, em 1978, teve em geral boa acolhida, embora algumas pessoas o criticassem por concentrar-se de maneira estreita na perspectiva de Niccacci sobre a vida em Assis durante a guerra. Ramati, no entanto, deliberadamente escolheu escrever uma narrativa ao estilo “conforme dito”, com todos os benefícios e limitações de tal estrutura, refletindo sua colaboração íntima com Niccacci. Ele também se comprometeu com seu relato. Quando um jornalista levantou questões sobre certos fatos no livro, várias de suas figuras centrais forneceram testemunhos por escrito e depoimentos juramentados registrados em cartório, confirmando-os. Entre eles, estão pessoas que foram salvas (Enrico Maionica, Paolo Jozsa e Paolo Gay), freiras que abrigaram judeus em Assis e Trento Brizi. Em 2007, nós examinamos esses documentos com o padre Marino Bigaroni no arquivo histórico franciscano em Assis.

Nós usamos o livro de Ramati basicamente nas relações diretas de Niccacci com Bartali e o cardeal Dalla Costa durante a guerra, já que Niccacci foi a única testemunha ocular a deixar um relato de tais eventos. Alviero Niccacci, sobrinho de Niccacci, forneceu detalhes muito úteis sobre a família e a personalidade do tio. O padre Pier Paolo Damiano, um membro do mosteiro de Niccacci que testemunhou pessoalmente o envolvimento de Bartali nessa rede e que falou com Niccacci sobre ele, nos deu um mundo de informações que serviram para caracterizar Niccacci, dados seus muitos anos trabalhando intimamente com ele. Ele também nos mostrou os principais lugares no mosteiro San Damiano onde Niccacci e Bartali se encontravam. Também entrevistamos a irmã Eleonora Bifarni no mosteiro San Quirico, que falou com Bartali quando ele chegou ao convento. As freiras eram enclausuradas, de modo que apenas uma delas, irmã Alfonsina, encontrou Bartali cara a cara. A irmã Alfonsina já faleceu, mas discutiu o envolvimento de Bartali com um repórter do jornal *La Nazione* e com o escritor italiano Paolo Alberati, como parte de sua pesquisa para o livro *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo* (Florença: Giunti, 2006).

Para dar mais substância aos Brizi, utilizamos uma entrevista muito detalhada que Trento Brizi concedeu antes de morrer. Também realizamos várias entrevistas com Ugo Sciamanna, neto de Luigi e sobrinho de Trento Brizi. Ugo lembrava-se de Ramati entrevistando longamente seu tio Trento (Luigi já estava morto nessa época) e pôde confirmar a veracidade dos detalhes a respeito dos Brizi. No momento de nossas entrevistas, Ugo trabalhava no estabelecimento do avô e do tio (agora uma loja de suvenires)

onde todas as impressões ocorreram. Ugo gentilmente nos permitiu examinar a impressora que havia sido usada para fazer os documentos de identidade e nos mostrou a mecânica de seu funcionamento.

Andrea e Adriana Bartali nos descreveram a visão de Gino sobre a guerra, contando algumas de suas histórias e o que ele achava sobre certas situações cotidianas. Amigos e colegas de equipe também nos falaram sobre ele naquele período. Outra fonte importante foi o testemunho extremamente detalhado dado antes de morrer por Enrico Maionica, uma peça-chave na rede de falsificação de documentos em Assis (entrevista feita por Suzanna Segre em 30 de abril de 1998 com Enrico Maionica na University of California Shoah Foundation).

“**Não me espere esta noite**”: Entrevista dos autores com Adriana e Andrea Bartali; Alberati, *Mille diavoli*, p.80-4.

Descrição das fotos: Nós vimos as carteiras de identidade falsificadas dos pais de Renzo Ventura, que souberam logo depois da guerra que Gino Bartali havia trazido os documentos de Florença através da rede de Dalla Costa (entrevista dos autores, 27 de julho de 2009). Documentos falsos de identidade de Graziella Viterbi feitos na impressora de Brizi (entrevistas dos autores a 14 de julho de 2009 e 31 de agosto de 2009).

Pedestres alinhavam-se nas calçadas: Alberto Marcolin, *Firenze 1943-'45: Anni di terrore e di fame, fascisti e antifascisti*, Florença, Medicea, 1994, p.11-2, 20.

Descrição da SS alemã: Louis Goldman, *Friends for Life: The Story of a Holocaust Survivor and His Rescuers*, Mahwah, NJ, Paulist Press, 2008, p.71.

“**Ele costumava falar tudo**”, “Ele nunca parava de falar”: Entrevista dos autores com Alfredo Martini, 16 de julho de 2009.

“**vovô ... levado para dar uma volta**”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.65.

“**anos mais férteis**”: Ibid.

Parada de Bartali na estação de trem de Terontola: Muito pouco se sabe sobre esse episódio, porque apenas uma testemunha direta, Ivo Faltoni, ainda está viva, e nenhuma das testemunhas já mortas deixou depoimentos escritos. Quando Faltoni era criança em Terontola, nos anos da guerra, testemunhou as visitas de Gino (entrevistas dos autores, 18 de julho de 2009; 12 e 13 de setembro de 2009; 19 de setembro de 2010). O filho do alfaiate que fazia os sanduíches de Gino durante essas visitas e o filho de outro morador, o motorista de táxi da cidade, também confirmaram que os pais haviam falado das visitas de Gino Bartali à cidade nesse período. (Entrevista dos autores com Luigi Magari, 5 de novembro de 2009; entrevista dos autores com Luciano Batani, 5 de novembro de 2009.) Em 2008, uma placa comemorativa foi colocada na estação de trem de Terontola em honra ao trabalho de Gino durante a guerra, carregando documentos entre Florença e Assis.

“Era onde havia maior probabilidade de ser pego”: Goldman, *Friends for Life*, p.116-7.

Vida no internato Santa Marta: Para descrever o Santa Marta e a rotina dos meninos durante a guerra, utilizamos nossas próprias entrevistas com Giorgio Goldenberg; o testemunho de Emanuele Pacifici, que também se abrigou no Santa Marta (entrevistado por Silvia Antonucci, 10 de março de 1998, USC Shoah Foundation), e nossa entrevista com sóror Mariana, que foi diretora da escola nos anos que se seguiram à guerra. Embora ela não estivesse lá nos anos de guerra, conversou muito com suas antecessoras sobre esse período e sobre o papel que o Santa Marta desempenhou abrigando judeus durante a guerra.

“fome era quase uma bênção”: Cesare Sacerdoti, discurso proferido em 2007 sobre suas lembranças de criança judia no orfanato Madonna Del Grappa, em Montecatini.

Gino se vestindo de manhã em Perugia: O relato de Niccacci para Ramati sobre a chegada de Gino ao mosteiro descreve a roupa de Gino e sua escolha do momento da viagem para Assis (Ramati, *The Assisi Underground*, p.57-9). Baseamos nossa cena nessa informação e em nossas entrevistas com Giovanni Corrieri e Renzo Soldani, colegas de Gino, que descreveram como Gino, tipicamente, começava seus treinos. Além disso, viajamos de carro por essas estradas para ter uma ideia melhor da paisagem.

“esquentando o motor”: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie Editori, 1992, p.143.

“Você vai pegar uma gripe, Bartali!”: O diálogo entre Gino e Niccacci nessa cena foi retirado de Ramati, *The Assisi Underground*, p.57-9.

Descrição de Gino desatarraxando o selim e retirando as fotos: Ramati, *The Assisi Underground*, p.57-9; entrevistas dos autores com o padre Pier Damiano (29 de julho de 2009; 2 de dezembro de 2009; e 4 de dezembro de 2010); entrevistas dos autores com Andrea e Adriana Bartali (17 de julho de 2009; 4 de agosto de 2009; e 14 de setembro de 2009).

Esconderijo de Niccacci e seu diálogo com Bartali no refeitório: Ramati, *The Assisi Underground*, p.57-9.

Descrição do refeitório; visita dos autores ao mosteiro e refeitório, 29 de julho de 2009.

“Um dia serei campeão outra vez”: Ramati, *The Assisi Underground*, p.57-9.

O padre Pier Damiano vê Bartali: Entrevistas dos autores com o padre Pier Damiano, um dos alunos de frei Niccacci, 29 de julho de 2009; 2 de dezembro de 2009; 4 de dezembro de 2010.

Descrição dos documentos de identidade: Documentos falsos de Viterbi; documentos falsos de Franchi; documentos falsos de Giordina Rietti.

Necessidade de carteira de identidade no dia a dia: Susan Zuccotti, *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy*, Nova Haven, Yale University Press, 2000, p.175.

“Um homem sem documento de identidade”: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg, 25 de janeiro de 2011.

Punição por falsificar documentos: “Due falsificatori di tessere annonarie condannati a morte a Berlino”, *Il Telegrafo*, 7 de julho de 1943, p.4. Histórias como essa

continuaram a aparecer nos jornais nos últimos meses da guerra.

Luigi Brizi, seus primeiros anos de vida e antecedentes familiares: Entrevistas dos autores com Ugo Sciamanna, 28 de julho e 31 de agosto de 2009; foto de Luigi Brizi na pasta sobre o esforço de socorro de Assis no Arquivo Histórico Franciscano.

Gráfica de Brizi: Entrevista dos autores com Ugo Sciamanna, 27 de julho de 2009.

Brizi era ateu: Ibid.

“Luigi Brizi, você vai ajudá-los?”: Ramati, *The Assisi Underground*, p.35.

“Vou fazer isso”: Ibid., p.37.

Pedido de Brizi para que o filho nada soubesse sobre as falsificações: Ibid.; Andrea Biavardi, “La straordinaria storia di uno stampatore di Assisi”, *Gente*, 15 de junho de 1989.

“Lutei durante três anos na frente de batalha”: Trento Brizi citado em Biavardi, Ibid.

Detalhes dos Brizi fabricando documentos: Ibid.

“imprimir é como fazer panquecas”: Ibid.

“Que medo” e descrição de Brizi sobre a conversa com Niccacci: Ibid.

Antecedentes de Enrico Maionica e chegada a Assis: Entrevista na USC com Maionica.

A falsificação dos documentos de identidade: Entrevista na USC com Maionica; Biavardi, “La straordinaria storia di uno stampatore di Assisi”; Ramati, *The Assisi Underground*, p.40-2.

“Eu colocava etiquetas de três ou quatro anos”: Entrevista na USC com Maionica.

“Ele chegou de bicicleta”: Irmã Alfonsina, citada em Maurizio Naldini, “Cosi Bartali salvó’ gli ebrei, 1943-44”, *La Nazione*, 2 de julho de 2003.

Outra freira, a irmã Eleonora, também falou com ele: Entrevista dos autores com irmã Eleonora Bifarni no mosteiro San Quirico, 29 de julho de 2009.

Castigo por violação do toque de recolher: Em um julgamento no dia 8 de setembro de 1943, três florentinos foram condenados a um ano de prisão por violarem o toque de recolher. Marcolin, *Firenze 1943-’45*, p.20.

Episódio em Bastia Umbra e “sacrilégio”: Entrevista com Andrea Bartali em Gaspare di Sclafani, “La sua fuga per i giusti”, *Novella Duemila*, 20 de outubro de 2005, p.77.

“Se você for abordado”: Marcolin, *Firenze 1943-’45*, p.10. Grifos dos autores.

Chegou a pular numa vala: Bartali, *La leggenda*, p.123.

“Eu não era nem quente nem frio a respeito de política”: Bartali, *La mia storia*, p.35.

Verificações nos postos de controle: Embora Gino não tenha deixado qualquer descrição escrita sobre os detalhes de suas passagens pelos postos de controle, sabemos, pelo relato de frei Niccacci em *The Assisi Underground*, que o rosto de Gino era tão conhecido dos fascistas e da “polícia nos postos de controle alemães que eles simplesmente acenavam mandando seguir, convencidos de que ele estava em treinamento” (p.57-9). Construimos essa cena com base em outras experiências similares de outras pessoas nos postos de controle. Louis Goldman, em *Friends for Life* (p.32), relatou que viu um soldado alemão pedindo os documentos do pai na Itália ocupada. Os amigos de Gino contaram várias histórias sobre sua capacidade de cativar

os estranhos. Fotos de corridas de Gino nos anos 1940 também mostram como ele era popular entre os soldados.

Documentos entregues a um dos assistentes do cardeal: Sabemos pelos Frankenthal que, embora Gino tenha levado seus documentos para Florença, foi outro intermediário que os entregou. Esta devia ser a maneira mais eficiente de garantir a segurança do grupo, de modo que é provável que tenha sido o *modus operandi* normal. Alguns desses intermediários provavelmente trabalhavam para o cardeal, enquanto outros seriam recrutados pelo grupo de socorro.

Frankenthal transformados em Franchi: Entrevista com Renzo Ventura a 27 de julho de 2009. Os pais do sr. Ventura eram Frankenthal e passaram a ser Franchi.

Refugiados recebiam seus documentos: Giorgio Goldenberg acredita que os pais receberam seus documentos de identidade falsos diretamente de Gino. Entrevista dos autores com Goldenberg, 25 de janeiro de 2011.

História dos Donati em Lido di Camaiore: Entrevistas dos autores com Giulia Donati, 24 de outubro de 2010; 26 e 28 de janeiro de 2011.

Perigos da vida em Assis: Entrevista dos autores com Giorgina Rietti, 11 de setembro de 2010. Durante esse período, Rietti viveu em Assis e em Perugia.

Acena final e o diálogo entre Trento Brizi e Niccacci: Biavardi, “La straordinaria storia di uno stampatore di Assisi”.

“Sim... a ideia de fazer parte”: Ibid.

9. Queda livre

“A Alemanha oferece a você trabalho”: Alberto Marcolin, *Firenze 1943-'45: Anni di terrore e di fame, fascisti e antifascisti*, Florença, Medicea, 1994, p.34-5.

12 mil trabalhadores entraram em greve: Luciano Casella, *The European War of Liberation: Tuscany and the Gothic Line*, trad. por Jean M. Ellis D’Alessandro, Florença, La Nuova Europa, 1983, p.92.

foram executados publicamente: Ibid., p.93-7.

Adriana Bartali descobre que está grávida: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.58. Entrevista dos autores com Andrea Bartali, 14 de setembro de 2009.

Azeite de oliva, sopa de ossos e ração de pão: Casella, *The European War*, p.93.

“personalidade ansiosa”: Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 17 de julho de 2009.

Relato de Gino sobre a localização dos postos de controle alemães: Ramati, *The Assisi Underground*, p.68, 96.

Gino conheceu alguns contrabandistas: Ibid., p.76-7.

Quando uma patrulha alemã matou um desses contrabandistas: Ibid., p.99.

- mamma Cornelia:** Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg; entrevista na USC Shoah Foundation com Emanuele Pacifici por Silvia Antonucci, 10 de março de 1998.
- Mais de 6.500 judeus:** Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, and Survival*, Nova York, Basic Books, 1987, p.190.
- Giorgio deixa o Santa Marta e vida na cantina:** Entrevistas dos autores com Giorgio Goldenberg, 20 de dezembro de 2010, 25 de janeiro de 2011 e 4 de abril de 2011. Entrevistas dos autores com Eldad Doron (marido de Tea Goldenberg, já falecida, que contou suas lembranças de guerra para Eldad), 10 de dezembro de 2010, 1 de fevereiro de 2011.
- “O que você pode fazer quando está trancado em um quarto”:** Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg, 25 de janeiro de 2011.
- O grito estridente dos alarmes antiaéreos:** Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg.
- O som dos coturnos alemães:** Entrevista dos autores com Eldad Doron.
- Ataques aéreos em Florença:** Entrevista dos autores com Adriana Bartali. Louis Goldman ainda era menino em Florença durante a Segunda Guerra Mundial e descreveu com muitos detalhes a experiência com os ataques aéreos no fim da guerra em seu livro de memórias, *Friends for Life: The Story of a Holocaust Survivor and His Rescuers*, Mahwah, NJ, Paulist Press, 2008, p.84-5, 145-6.
- “O ar reverberava”:** Goldman, *Friends for Life*, p.145.
- Tiros esporádicos:** Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 3 de agosto de 2009.
- As balas de canhão surgiam de qualquer lugar sem serem anunciadas:** Goldman, *Friends for Life*, p.202.
- A bala de canhão que caiu perto de Adriana:** Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 3 de agosto de 2009.
- Se tivesse explodido:** Ibid.
- “Tentar se recompor, dia após dia”:** Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.76.
- “neurose de guerra”:** Entrevista com o dr. Peter Faux, psiquiatra, 1 de março de 2011.
- “Em qualquer lugar eu me sentia como se estivesse sendo seguido”:** Gino Bartali, “Mes mémoires”, *Bibliothèque France-Soir*, Paris, Serie Sport, 1949, p.42.
- Gino é intimado a comparecer à Villa Triste:** Bartali, *La mia storia*, p.57-8; Paolo Alberati, *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo*, Florença, Giunti, 2006, p.20; Leo Turrini, *Bartali: L'uomo che salvò l'Italia pedalando*, Milão, Arnoldo Mondadori, 2004, p.73-4; Entrevista dos autores com Andrea Bartali.
- “Eram tempos em que a vida”:** Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.125.
- “um insano Minotauro”, “o Himmler da Itália”:** David Tutaev consultou cartas particulares e documentos do cônsul em Florença durante a Segunda Guerra Mundial para seu relato sobre o major Mario Carità em *The Consul of Florence*, Londres, Secker & Warburg, p.67-8.

“Os corredores atapetados”: Tutaev, *The Consul of Florence*, p.126-7.

“um lugar sinistro, que despertava terror”: Bartali, *La leggenda*, p.124.

Como vou conseguir sair daqui?: Bartali, *La leggenda*, p.124; Bartali citado em Turrini, *Bartali*, p.72.

Técnicas de tortura usadas na Villa Triste: Tutaev, *The Consul of Florence*, p.76-8, 126-8.

Disparava o revólver: *Ibid.*, p.76.

“canções napolitanas e a *Sinfonia Inacabada de Schubert*”: *Ibid.*, p.74-5.

“chicotes grossos, varas de metal, alicates, algemas”: *Ibid.*, p.127, 128.

“boca de sapo e pálpebras semicerradas”: *Ibid.*, p.68.

Conversa entre Carità e Bartali: Bartali, *La mia storia*, p.57-8; Bartali, *La leggenda*, p.124; Paolo Alberati, *Mille diavoli*, p.20.

“Se Bartali diz que é café”: Comentários de Olesindo Salmi em Bartali, *La leggenda*, p.124.

Descrição de Olesindo Salmi: Foto de Olesindo Salmi (também conhecido como “Selmi”) em Riccardo Caporale, *La “Banda Carità”: Storia del Reparto Servizi Speciali (1943-1945)*, Lucca, S. Marco Litotipo, 2005, p.397.

moravam então no centro de Florença: Bartali, *La leggenda*, p.124.

Destruição de Florença na retirada dos alemães: Tutaev, *The Consul of Florence*, p.203-4; Casella, *The European War*, p.229; Carlo Francovich, *La Resistenza in Firenze, A cura di Carlo Francovich e Giovanni Verni*, Florença, *La nuova Italia*, 1969, p.253; Marcolin, *Firenze 1943-’45*, p.72.

receberam ordens de evacuar suas residências: Casella, *The European War*, p.234.

o célebre palácio Pitti: Tutaev, *The Consul of Florence*, p.225.

“É como se uma parcela da população de Londres”: *Ibid.*, p.255.

“Deste momento em diante”: Casella, *The European War*, p.236-7.

“O céu na direção do palazzo Pitti”: Registros nos diários da srta. Gladys Hutton, citados em David Tutaev, *The Consul of Florence*, p.240.

“O que é isso, papà?”: Entrevista dos autores com Andrea Bartali, 17 de julho de 2009.

Uma grande carga de explosivos: Marcolin, *Firenze 1943-’45*, p.75.

“a mais artística”: Tutaev, *The Consul of Florence*, p.245; Marcolin, *Firenze 1943-’45*, p.50.

“Florença era um espetáculo devastador”: Bartali, *La leggenda*, p.124.

a cena próxima ao Campo di Marte: David Tutaev, *The Consul of Florence*, p.225.

As casas da vizinhança: Marcolin, *Firenze 1943-’45*, p.51.

O filho natimorto: Bartali, *La mia storia*, p.58; Bartali, *La leggenda*, p.119; entrevista dos autores com Andrea Bartali, 14 de setembro de 2009.

Gino e Adriana se consolaram: Entrevista dos autores com Andrea Bartali, 14 de setembro de 2009.

os primeiros tanques aliados: Marcolin, *Firenze 1943-’45*, p.74, 80.

“*Gli inglesi son arrivati!*”: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg, 25 de janeiro de 2011.

“Meu coração parecia que ia explodir”: Casella, *The European War*, p.249.

“God Save the King”: Ramati, *The Assisi Underground*, p.170.

“Os judeus da Itália têm sangue italiano”: Ibid., p.171.

Estima-se que 330 judeus foram salvos: Dentre os 330 judeus salvos em Florença pelos esforços do cardeal Dalla Costa e seus associados, 110 são italianos e 220, estrangeiros. Susan Zuccotti, *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy*, Nova Haven, Yale University Press, 2000, p.253.

Trezentos judeus foram salvos em Assis e Perugia: As estimativas do número de judeus salvos em Assis variam. Os cálculos variam entre cem, duzentos e trezentos, e escolhemos o número intermediário de duzentos. Uma sobrevivente, Graziella Viterbi, avalia em cem (Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.386). Padre Brunacci, um membro da rede, avalia em duzentos (Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.386). Frei Niccacci avalia em trezentos (Ramati, *The Assisi Underground*, p.173). Em Perugia, cem judeus foram salvos (Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, and Survival*, Nova York, Basic Books, 1987, p.215). Embora não haja números definitivos sobre quantos judeus de outras partes da Itália se beneficiaram com os documentos de identidade criados pela impressora de Brizi, vale a pena observar que se tratava de uma máquina movida a pedal, mas que também podia ser movida a eletricidade e era capaz de imprimir centenas de documentos em curto espaço de tempo. Enrico Maionica, um dos principais membros da rede, disse que muitos dos documentos de identidade que ele forjou seguiram para outras cidades, entre elas Gênova e Roma (entrevista na USC com Maionica).

Em pouco mais de dezoito meses: Zuccotti, *Under His Very Windows*, p.324; Zuccotti, *The Italians*, xvii.

um registro de quantos documentos Gino levou: O número preciso de fotos e de documentos falsos de identidade levados por Bartali permanece desconhecido. A irmã Alfonsina (já falecida) disse ao autor Paolo Alberati que calculava que Gino tivesse ido a seu convento umas quarenta vezes. No entanto, dada a natureza amorfa e secreta da rede, e o fato de que havia outros correios, provavelmente jamais saberemos toda a extensão do trabalho de Bartali.

cadáveres de Mussolini e de uma de suas amantes: Bartali, *La leggenda*, p.129; Ray Mosely, *Mussolini: The last 600 days of il Duce*, Lanham, Maryland, Taylor, 2004, p.312-9; Alberati, *Mille diavoli*, p.97-8; Carlo Maria Lomartire, *Insurrezione: 14 luglio 1948*, Milão, Mondadori, 2006, p.140-3.

“Era um espetáculo obsceno”: Bartali, citado em Turrini, *Bartali*, p.78.

“Esta não é a Itália que sonhei para mim”: Ibid.

10. Ginettaccio

- “O que ganhamos”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.80.
- “Todo aquele tempo”: Bartali, *Ibid.*, p.76.
- “Ele me dizia que a pobreza”: Marc Dewinter, “Gino the Pious”, *Cycle Sport*, julho de 1999, p.40.
- “como palhaços de um circo ambulante”: Bartali, citado por Paolo Alberati, *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo*, Florença, Giunti, 2006, p.97.
- “Aqueles anos cheios de satisfação”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.77.
- Corridas fortuitas e prêmios incomuns: William Fotheringham, *Fallen Angel: The Passion of Fausto Coppi*, Londres, Yellow Jersey Press, 2009, cap.4.
- “estávamos todos na mesma penúria”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.79.
- 181-“Eu terminei completamente desmoralizado”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.62.
- “Então encontrei minha força outra vez”: *Ibid.*
- “a companheira inseparável do camponês”: Bruno Roghi, em um artigo de 1946 em *La Gazzetta Dello Sport*, citado em Forgacs e Gundle, *Mass Culture and Italian Society from Fascism to the Cold War*, Bloomington, Indiana University Press, 2008, p.13-4.
- Preço dos carros em 1948: *Ibid.*, p.13. Forgacs e Gundle informam que “o carro mais barato, o Fiat Topolino 500B, lançado em 1948, custava 650 mil liras quando o salário médio era de 139 mil liras”.
- 3,5 milhões de bicicletas e 184 mil carros em 1947: *Ibid.*
- Rita Hayworth apoia Bartali: “Oggi il Tour parte da Parigi. Rita Hayworth e Tito Schipa, intervistati, danno favorito Bartali. Le ire de Hedy Lamarr”, *Il Tirreno*, 30 de junho de 1948, p.1.
- Gino também era fã de Hayworth: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.170.
- Severidade contra roubos de bicicletas na Itália: Entrevista dos autores com o presidente Oscar Scalfaro, 7 de outubro de 2009.
- Seiscentos mil agricultores: Paul Ginsborg, *A History of Contemporary Italy: Society and Politics, 1943-1988*, Nova York, Palgrave Macmillan, 2003, p.114.
- Escassez de gasolina na Itália: “Benzina a 118 lire”, *Il Tirreno*, 16 de junho de 1948, p.1.
- Taxa de desemprego acima de 60% em 1948: “Due milioni e mezzo i disoccupati in Italia”: *Il Tirreno*, 24 de junho de 1948, p.4.
- “crianças seminuas se amontoavam”: H.W. Heinsheimer, “Le Tour de France”, *Holiday*, julho de 1949, p.78.
- 750 mil italianos trabalhando no estrangeiro: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.275-6.
- “profundamente honesto e sincero” e “político mais brilhante da Itália”: Emmet Hughes, “Pre-election Report on Italy”, *Life*, 12 de abril de 1948, p.31-2.
- Amizade entre De Gasperi e Bartali: Bartali, *La leggenda*, p.198.
- “influenciar o curso da história europeia”: Hughes, “Pre-election Report on Italy”, p.29.

“Eu já não tinha que me preocupar com as autoridades”: Bartali, *La mia storia*, p.63.

“Sim, eu tinha me tornado Ginettaccio”: Ibid., p.65.

“Eu demorava para entrar no ritmo”: Ibid., p.63.

Consumo de café espresso: Fotheringham, *Fallen Angel*, p.102.

“O cigarro que eu havia evitado”: Gino Bartali, “Qui giace il campione fra la polvere”, *Tempo*, 20 de dezembro de 1952, p.17. Alfredo Martini, colega de equipe de Gino e muitas vezes acusado de pedir aos fãs cigarros para Gino, colocou de maneira clara, dizendo: “Gino fumava, e fumava muito, especialmente depois da guerra, quando estava na melhor forma.”

“mais próprios de uma pessoa normal”: Entrevista de Giovanni Corrieri, em Alberati, *Mille diavoli*, p.120.

Gino treinando à noite: Entrevista dos autores com Adriana Bartali, 3 de agosto de 2009.

Regime de treinamento de Gino: Ver as autobiografias de Gino *La mia storia* e *Tutto sbagliato* para uma discussão geral sobre seus métodos de treinamento. Ver também as entrevistas de Gino no documentário *Fausto Coppi Story – “Il Campionissimo”*, Parte 1, Bromley Video, 2000.

Importância dos dias de recuperação para os atletas mais velhos: Entrevista dos autores com o dr. Massimo Testa, médico e fisiologista de exercício, 15 de abril de 2010.

Capacidade de explosão, a capacidade extrema de acelerações intensas: Entrevista dos autores com Chris Carmichael, treinador de ciclistas contemporâneos do Tour, 27 de abril de 2010; entrevista dos autores com o dr. Massimo Testa.

Melhora do desempenho muscular: Entrevista dos autores com o dr. Massimo Testa.

Eficiência das corridas mais curtas e mais intensas: Entrevista dos autores com o dr. Massimo Testa; entrevista dos autores com Chris Carmichael.

“glória total ao vencedor”: Gianni Granzotto, “Bartali vinse Marie”, *L'Europeo*, 2-8 de agosto de 1948, p.3.

Insulto anticatólico: O desordeiro chamou Gino de “padre mentiroso”. Paolo Costa, *Gino Bartali: la vita, le imprese, le polemiche*, Portogruaro, Ediciclo, 2001, p.82.

Gino usado para mobilizar apoio para os democratas-cristãos: Stefano Pivato, “Italian Cycling and the Creation of a Catholic Hero: The Bartali Myth”, in Richard Holt, J.A. Mangan e Pierre Lanfranchi (orgs.), *European Heroes: Myth, Identity, Sport*, Londres, Frank Cass, 1996, p.135.

“De Gasperi de bicicleta”: Indro Montanelli, “Il De Gasperi del ciclismo”, *Corriere della Sera*, 11 de junho de 1947.

“Com sua cara amarrotada e nada bonito”: Ibid.

Oferta de um lugar na lista eleitoral de deputados: John Foot, *Pedalare! Pedalare!*, Londres, Bloomsbury, 2011, p.129.

Papa Pio XII cita Bartali: Discorsi e Radiomessaggi di Sua Santità Pio XII, IX, Nonno anno di Pontificato, 2 marzo 1947-1 marzo 1948, Tipografia Poliglotta Vaticana, p.213-20, tradução de Foot, *Pedalare!*, p.128.

“inequívoco” e “prontos para lutar por sua fé”: Pivato, “Italian cycling and the creation of a catholic hero”, p.134.

Propaganda da Ação Católica junto aos eleitores: “The Nations: How to hang on”, *Time*, 19 de abril de 1948, p.6.

Campanha de persuasão moral: Entrevista com o padre Lucio Migliaccio, um dos líderes de uma dessas campanhas, na série documental da CNN *Cold War*: Episódio 3, “Plano Marshall (1947-1951)”, transmitido em 10 de novembro de 1998.

Envolvimento americano nas eleições italianas: Além de livros sobre a história política geral da época, consultamos os documentários sobre a Guerra Fria feitos pela CNN, *Cold War*, que apresenta entrevistas com diferentes figuras-chave, e o livro de Tim Weiner, *Legacy of Ashes: The History of the Central Intelligence Agency*, Nova York, Doubleday, 2007.

“operações psicológicas secretas”: Ordem do Conselho Nacional de Segurança, citada em Weiner, *Legacy of Ashes*, p.29.

“ilegal desde o começo”: Agente F. Mark Wyatt da CIA, citado em Weiner, *Legacy of Ashes*, p.30.

para “as contas bancárias”: Ibid., p.30-1.

“Os doadores receberam instruções”: Ibid.

Dez milhões de dólares em dinheiro: Ibid.

Dinheiro em malas pretas no hotel Hassler: “Morreu F. Mark Wyatt, 86, agente da CIA.”, *New York Times*, 6 de julho de 2006.

“Por nós”: Weiner, *Legacy of Ashes*, p.30-1.

Estimativa do repórter sobre a ajuda russa: Hughes, “Pre-election report on Italy”, p.32.

“uma espécie de Wisconsin europeu”: Ibid., p.29.

“os cascos fendidos como o demônio”: Ginsborg, *A History of Contemporary Italy*, p.118.

De Gasperi era fascista: “Togliatti profetizza per De Gasperi la fine di Mussolini e di Hitler”, *Il Tirreno*, 19 de fevereiro de 1948, p.1.

Ameaça de morte a De Gasperi: Ibid.

O Lloyd’s de Londres oferece vantagem no evento: “De Gasperi a un terzo e Togliatti alla pari”, *Il Tirreno*, 16 de março de 1948.

“Hoje a Itália escolhe seu tio”: *New York Daily News*, citado em “Italy: Victory”, *Time*, 26 de abril de 1948.

“Como nos sentimos?”: Hughes, “Pre-election report on Italy”, p.33.

“Com meus sinceros agradecimentos, reforço”: O cartaz com o telegrama foi fotografado e reproduzido em Bartali, *La leggenda*, p.197.

“greve de cama” e detalhes sobre a briga parlamentar: “Italy: Yes, Petkoff”, *Time*, 21 de junho de 1948; Arnaldo Cortesi, “Italian deputies battered in fight”, *New York Times*, 10 de junho de 1948: 13; “Fighting Stirs Rome Chamber,” *Washington Post*, 10 de junho de 1948, p.2.

“Vocês, comunistas, só encontram seguidores”: Cortesi, “Italian deputies battered in fight”, p.13.

“o pior conflito da história parlamentar”: Ibid.

Proposta para encurtar as férias de verão dos deputados: “Il piano Fanfani abbrevia le vacanze agli onorevoli: Discussione immediata e gratifica in salvo”, *Il Tirreno*, 11 de junho de 1948, p.1.

Resultados da eleição (Troféu Edmond Gentil) em que Fausto obteve 21 votos e Bartali, 1: “Fausto Coppi a apporté à l’U.V. Italienne le Trophée international Edmond Gentil!”, *L’Équipe*, 6 de fevereiro de 1948, p.1.

“maior ciclista da Itália”: “Ce succès est pour moi le plus beau ... fait répondre Coppi à Guido Giardini”, *L’Équipe*, 6 de fevereiro de 1948, p.2.

11. Les Macaroni

“Um monte de discussões”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.134.

“Eu realmente gostaria de competir”: “Je veux faire le Tour de France mais si je suis opposé et non allié à Bartali’ declare Fausto Coppi”, *L’Équipe*, 4 de maio de 1948, p.1.

Coppi se recusa a correr com Gino: Ibid.

“Já se passaram dez anos – e isso é muito”: Carlo Maria Lomartire, *Insurrezione*, 14 de julho de 1948, Milão, Mondadori, 2006, p.145.

“apenas no Tour”: Guido Giardini, “Guido Giardini téléphone de Milan: L’Italie ne pense qu’au Tour 48 et ... espère!”, *L’Équipe*, p.19-20 de junho de 1948.

Pessimismo dos jornais italianos e número de repórteres internacionais: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.38.

Les Macaroni: Piero Monti, “Bartali ha vinto il Giro di Francia. Corrieri è primo sul traguardo di Parigi”, *Il Tirreno*, 26 de junho de 1948, p.1.

“Papà, quem lhe deu a ideia”: Paul Guitard, “Leçon des Hommes et L’École des Femmes”, *L’Équipe*, 18 de julho de 1948, p.4.

Treino final e viagem para a França: Albert de Wetter, “Pas de ‘Tour de Suisse Pour Gino’”, *L’Équipe*, 20 de maio de 1948, p.2-3; G. Bollini, “Bartali joue au modeste et affirme ne souhaiter que de ... terminer”, *L’Équipe*, p.26-7 de maio de 1948, p.4; “Bartali n’avait pu fermer l’oeil de la nuit”, *L’Équipe*, 28 de junho de 1948, p.4; Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.38-9.

Planos para o Tour logo depois da guerra e a crítica de personalidades internacionais: Entrevista dos autores com Aldo Ronconi e filho, 20 de agosto de 2009; Geoffrey Wheatcroft, *Le Tour: A History of the Tour de France, 1903-2003*, Londres, Simon and Schuster, 2005, p.141; Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.13, 15, 18, 227.

- “**Esses detratores**”: Pierre Bourrillon, “Jean Robic vainqueur du Tour de France 1947 retenu pour le ‘Tour’”, *L’Équipe*, 9 de abril de 1948, p.1.
- “**Escravo Emancipado**”: Claude Tillet, “Ronconi, L’Esclave Affranchi”, *L’Équipe*, 23 de junho de 1948, p.4.
- Antecedentes de Ronconi**: Entrevista dos autores com Aldo Ronconi, 20 de agosto de 2009; Albert de Wetter, “Ronconi veut égaler Bartali et gagner ...”, *L’Équipe*, 5 de março de 1948, p.1-2.
- “**Depois do Tour**”: Ibid.
- “**sem vinho o Tour**”: Victor Peroni, “Le ventre du Tour”, *Le Miroir Sprint*: Numéro Especial, junho de 1948, p.9.
- Provisões para o Tour**: “Le Tour ... a l’envers”, *L’Équipe*, 19-20 de junho de 1948: 4; R. Bastide, “Quelques chiffres sur le ‘Tour’”, *L’Équipe*, 11 de junho de 1948, p.2. 202
Descrição da caravana: H.W. Heinsheimer, “Le Tour de France”, *Holiday*, julho de 1949, p.82 (embora esse artigo tenha sido publicado em 1949, trata exclusivamente da experiência do autor no Tour de 1948); “La caravane va passer”, *L’Équipe*, 22 de junho de 1948, p.3.
- “**colônia Après le Match**”: “Une Déclaration de Fachleitner” (anúncio), *L’Équipe*, 3 de maio de 1948, p.6.
- “**brincadeira de crianças**”: Anúncio de DDT, *Il Tirreno*, 18 de julho de 1948, p.4.
- Hedy Lamarr**: “Oggi il Tour parte da Parigi. Rita Hayworth e Tito Schipa, intervistati, danno favorito Bartali. Le ire de Hedy Lamarr”, *Il Tirreno*, 30 de junho de 1948, p.1.
- Cidades pagando pelo privilégio de hospedar o Tour**: Christopher Thomson, *The Tour de France: A Cultural History*, Berkeley, University of California Press, 2006, p.83-5.
- História sobre o réu em um processo por colaboração com o governo de Vichy**: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.127.
- Pierrot Le Fou e o plano de fuga**: Raymond Vanker, “Douze Policiers armés ont cherché hier ‘Pierrot le Fou’ au passage d’Auteuil”, *L’Intransigeant*, 13 de julho de 1948, p.1.
- “**Cabritinho**”: Pierre Bourrillon, “Jean Robic, vainqueur du Tour de France 1947, retenu pour le ‘Tour’”, *L’Équipe*, 9 de abril de 1948, p.1. Em francês, *Biquet* pode ser traduzido por “cabrito” ou usado como uma expressão de carinho, como “querido”.
- “**um corredor muito normal, de segunda classe**”: Jornalista Wilhelm van Wijnendaele, citado em Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.42.
- le jump**: Jean Leuillot, “Bobet fait honneur a son maillot jaune”, *L’Intransigeant*, 9 de julho de 1948, p.4.
- “**Le Pin-Up Boy**”: “Bobet, nouveau ‘pin-up boy’”, *L’Intransigeant*, 5 de julho de 1948, p.3.
- Poderia passar por sobrinho de Gino**: “Avant les Alpes, Robic leader du ‘Meilleur Grimpeur’”, *L’Équipe*, 13 de julho de 1948, p.2.
- Antecedentes de Bobet**: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.42.
- “**Duvidamos que Bobet possa**”: Jacques Goddet, “Mi temps”, *L’Équipe*, 13 de julho de 1948, p.2.

Corrida do dia 13 de julho e ataque no Col de Turini: Claude Tillet, “Miracle! Louison Bobet ressuscité double vainqueur de la montagne et du sprint”, *L'Équipe*, 14 de julho de 1948, p.1; Jacques Goddet, “La glorification du beau maillot de Bobet”, 14 de julho de 1948, p.2; Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.160-1.

“Naquela etapa”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.141.

“Todo mundo iria dizer”: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.82.

“Eu o considerava um convidado de luxo”: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.190.

“Bobet não tinha nada”: Bartali, *La mia storia*, p.82.

“Eu fiquei num humor terrível”: Ibid., p.83.

“Claro que se eu soubesse”: Bartali, *La leggenda*, p.191.

Chefe do trem avista Bobet: Paul Guitard, “Quand le train bleu fait des galipettes”, *L'Équipe*, 14 de julho de 1948, p.4.

“Herói Incontestado”: Pierre le Marrec, do *L'Humanité*, citado em Roger Dutilh, “Petit Bonhomme vit encore”, *L'Équipe*, 15 de julho de 1948, p.4.

“Nós, que vamos ao lado do corredor”: Jacques Goddet, “Dans les Alpes, les grimpeurs resteront-ils des auxiliaires?”, *L'Équipe*, 15 de julho de 1948, p.2.

12. Quatro balas

Há uma imensa quantidade de fontes primárias sobre o desempenho de Bartali no Tour de France de 1948, desde os relatos de Gino em suas autobiografias e outras entrevistas, até nossas próprias entrevistas com pessoas que competiram no Tour de 1948 com ele, incluindo Giovanni Corrieri (seu colega de quarto, *gregario* e confidente), Vittorio Seghezzi e Aldo Ronconi. O volume das fontes secundárias também é impressionante. Assistimos a noticiários cinematográficos franceses e italianos e ouvimos gravações de programas radiofônicos franceses sobre diferentes etapas na Biblioteca Nacional, em Paris. Numa era anterior à televisão, a cobertura jornalística sobre o Tour era muito ampla. Fotógrafos esportivos capturavam imagens vibrantes da multidão de movimentos de todas as corridas e os jornalistas escreviam extensos perfis não apenas dos astros, mas também dos corredores de apoio. Cada etapa da corrida se tornava objeto de incontáveis comunicados, entrevistas e análises. Tomados como um todo, formam um conjunto que oferece uma estimulante visão do Tour de 1948 em seus

menores detalhes e um tributo duradouro a uma corrida que arrebatava completamente a imaginação popular.

Para uma cobertura do Tour, inclusive dos dias de descanso, utilizamos vários jornais, com foco especial em *l'Équipe*, *Le Parisien Libéré*, *L'Intransigeant*, *La Nazione* e *Il Nuovo Corriere de Firenze*. Antonio Pallante, a tentativa de assassinato de Togliatti e todos os detalhes da convulsão que se seguiu foram amplamente cobertos pela imprensa. Centramonos nos relatos de *New York Times*, *Time*, *Le Monde*, *Ce Soir*, *Il Corriere della Sera*, *La Nazione*, *Il Tirreno* e em transcrições das transmissões de rádio da BBC (a BBC reuniu e traduziu transmissões de rádio de várias fontes, entre elas a Agenzia Nazionale Stampa Associata). Antonio Pallante respondeu a uma série de perguntas por escrito, e seu filho gentilmente facilitou a logística da entrevista. O artigo de Alberto Custadero em *La Repubblica*, na ocasião em que os documentos do julgamento de Pallante foram tornados públicos, também foi de grande ajuda, já que incluíam detalhes de vários testemunhos prestados à polícia e também as cartas pessoais de Pallante apreendidas pelo censor estatal.

Debate sobre a proposta de lei acerca do recolhimento de armas de fogo: “A Madman’s Act”, *New York Times*, 15 de julho de 1948, p.22.

Togliatti sai para tomar sorvete: “Italy: Blood on the Cobblestones”, *Time*, 26 de julho de 1948.

Interesse de Togliatti por Bartali e pelo ciclismo: “Togliatti giubilante per le vittorie di Bartali”, *Il Tirreno*, 20 de julho de 1948, p.1; “Blood on the Cobblestones”, 26 de julho de 1948.

“olhos quentes” e “seios fartos”: “Blood on the Cobblestones”, 26 de julho de 1948.

“Jotti! A maleta!”: “Ritorno al lavoro dopo due giornate di sciopero e di sanguinosi episodi in molte città d’Italia”, *Il Tirreno*, 16 de julho de 1948, p.1.

Pergunta de Togliatti sobre a detenção do atirador: Ibid.

“Prendam ele! Prendam ele!”: Jotti, citada em Alberto Custadero, “Attentato a Togliatti – Le lettere segrete”, *La Repubblica*, 29 de abril de 2007, p.38-9.

“incitar tumultos”: “A Madman’s Act”, *New York Times*, 15 de julho de 1948, p.22.

Uma acusação que o próprio Pallante rejeitaria veementemente: Custadero, “Attentato a Togliatti”, p.38-9.

***Mein Kampf*:** “Il Pallante leggeva Hitler”, *Il Tirreno*, 17 de julho de 1948, p.1.

“sonhador”: “Chi è l’attentatore”, *Il Tirreno*, 16 de julho de 1948, p.1.

Antecedentes de Pallante: Custadero, “Attentato a Togliatti”, p.38-9.

Discussão de Pallante sobre o Tour de France: “Il Procuratore della Repubblica al Policlinico: ‘Non vidi nulla’, ha dichiarato Togliatti”, *La Nazione*, 23 de julho de 1948,

p.1. Em suas respostas por escrito às perguntas dos autores, Pallante revelou por que gostava tanto de ciclismo: “Eu sempre disse a meu filho que o ciclismo é o esporte que melhor incorpora o conceito de sacrifício para alcançar a satisfação pessoal e metas ambiciosas, e me concentraria em especial no tenaz Bartali.”

“Sempre achei”: Custodero, “Attentato a Togliatti”, p.38-9.

“os marajás e as louras”: H.W. Heinsheimer, “Le Tour de France”, *Holiday*, julho de 1949, p.83.

Italianos hospedados no Carlton Hotel: Luigi Chierci, *Bartali: Disastrosa partenza e avventuroso viaggio del vincitore del Tour de France 1948*, Roma, Compagnia Editoriale, 1977, p.68-71.

Inspiração para as cúpulas do Carlton Hotel: Stephen Gundle, *Glamour: A History*, Oxford, RU, Oxford University Press, 2009, p.108.

Quarto 112: Albert De Wetter, “Le dernier espoir de Bartali: Cannes-Briançon”, *L'Équipe*, 15 de julho de 1948, p.1.

Telegramas de monsignor Montini e do primeiro-ministro De Gasperi: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.167; “De Gasperi avait incité Bartali à bien faire”, *Le Parisien Libéré*, 17 de julho de 1948, p.6. O texto do telegrama de De Gasperi é o seguinte: “Recebi hoje os cumprimentos que você gentilmente me enviou de Lourdes. Desejo que meus sinceros agradecimentos o alcancem no dia anterior à primeira etapa dos Alpes e que eles o inspirem a nela brilhar com esplendor.”

“Sempre as mesmas perguntas!” e diálogo que se segue: De Wetter, “Le dernier espoir de Bartali: Cannes-Briançon”, p.1.

“Eu me sentia bem de verdade”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.142.

“Bartali é querido por muita gente”: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.166.

Adriana e Andrea passam a noite com Gino: Gianni Granzotto, *L'Europeo*, 2-8 de agosto de 1948, p.3.

Crítica por ficar com Adriana: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.166.

“Bartali, o antigo rei das montanhas”: Giardini, “Bartali et Ronconi battus dans le Turrini espèrent encore”, *L'Équipe*, 15 de julho de 1948, p.4. Os artigos de Giardini na *Gazzetta Dello Sport* eram muitas vezes reproduzidos em *L'Équipe*.

Três grandes razões para seu fraco desempenho: De Wetter, “Le dernier espoir de Bartali: Cannes-Briançon”, p.1, 4.

“corrida com impacto internacional”: Ibid.

“Bartali encontrou seu mestre”: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.121.

corpulentas peixeiras: J.J. Povech, “Robic a été porté en triomphe par les poissonnières toulousaines”, *L'Équipe*, 10 de julho de 1948, p.4.

Bobet fica preocupado: Jean Leuillot, “L'équipe de France adopte enfin Louison Bobet comme leader”, *L'Intransigeant*, 15 de julho de 1948, p.4.

- “cansaço excessivo, muita comida e, talvez, abuso de substâncias para melhorar o desempenho”: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.155.
- “pior coisa que poderia acontecer”: De Gasperi citado em “Italy: Blood on the Cobblestones”, 26 de julho de 1948.
- Notícias do ataque a Togliatti varrem o país: Jean D’Hospital, “Après l’attentat contre M. Togliatti”, *Le Monde*, 16 de julho de 1948, p.1.
- O trabalho nas fábricas e em muitos escritórios foi interrompido: Comunicados da *BBC Radio Ansa* (Agenzia Nazionale Stampa Associata) em italiano (Morse), traduzidos e transmitidos pela BBC, 14 de julho de 1948, p.17, 20.
- “Um vento de pânico”; “a cidade colocou a lívida máscara do medo”: Jean D’Hospital, “Après l’attentat contre M. Togliatti”, *Le Monde*, 16 de julho de 1948, p.1.
- O país cambaleava cada vez mais perto da iminência de uma revolução: Em mais de duzentas horas de entrevistas, descobrimos que um número imenso de cidadãos italianos comuns presentes nos protestos e nos tumultos lembravam-se de ter ficado muito temerosos de uma insurreição prolongada ou de uma revolução. Os políticos italianos daquele tempo e que ainda estão vivos tendem a ter uma visão mais matizada, tanto pelas informações que recebiam em encontros oficiais ou políticos, e que não eram divulgadas de imediato, como por suas próprias formas de ver. Nosso epílogo discute as diferentes perspectivas dos historiadores sobre esse momento.
- Demonstrações ruidosas nas ruas e observações de Tullia Grifoni: Entrevista dos autores com Cesare e Tullia Grifoni, 31 de julho de 2009.
- Stálin “ultrajado”: United Press, “Stalin is ‘Outraged’ by Togliatti Attack”, *New York Times*, 15 de julho de 1948.
- “Sou comunista”: “Bomb Threat Brings Police to Cathedral”, *New York Times*, 15 de julho de 1948.
- “Vão! Vão para casa!” e conversas com repórteres: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.194-5.
- O medo de Gino e de outros ciclistas de que o país estivesse se encaminhando para um caos violento: Bartali, *La leggenda*, p.195; entrevista dos autores com Giovanni Corrieri (15 de julho de 2009) e Vittorio Seghezzi (13 de agosto de 2009).
- “Bartali já não é jovem o suficiente”: “L’ échec de Bartali n’a pas surpris Binda”, *L’Équipe*, 14 de julho de 1948, p.4; “Bartali a mal couru”, *Le Parisien Libéré*, 14 de julho de 1948; Paul Guitard, “Leçon des Hommes et L’École des Femmes”, *L’Équipe*, 18 de julho de 1948, p.4.
- Gino começa a se sentir velho: Um ano depois do Tour, Bartali disse que começou realmente a sentir a idade em 8 de julho de 1948, quando descobriu que Bobet era uma década mais novo do que ele. Gino Bartali e André Costes, “Mes mémoires”, *Bibliothèque France-Soir*, Paris, Serie Sport, 1949, p.36.
- Anúncio de uma greve geral: Arnaldo Cortesi, “Riots Sweep Italy After an Assassin Wounds Togliatti”, *New York Times*, 15 de julho de 1948. Nem todas as fontes concordam em que os telégrafos fecharam com a greve. *Il Tirreno* sugere que os

telégrafos, junto com as rádios e os telefones, continuaram a funcionar depois dos tiros e da greve que se seguiu. “L’attentato”, *Il Tirreno*, 16 de julho de 1948, p.1.

Principais deputados comunistas são enviados: Entrevista dos autores com Giulio Spallone, deputado comunista em 1948, 10 de agosto de 2009.

“Na verdade, é uma irônica virada da sorte”: “A Madman’s Act”, *New York Times*, 15 de julho de 1948.

Caótica agitação de reuniões: “Due ansiose giornate”, *La Nazione*, 16 de julho de 1948, p.1.

De Gasperi discute a possibilidade de enviar um telegrama: Jean D’Hospital, “En Italie Bartali e Coppi font figure de héros nationaux”, *Le Monde*, 29 de julho de 1948, p.5. Segundo D’Hospital, o ministro das Relações Exteriores italiano disse a seu colega francês que De Gasperi estava considerando enviar um telegrama a Bartali encorajando-o a vencer. Parece que esse telegrama nunca foi enviado, possivelmente porque De Gasperi entrou em contato com Gino por telefone depois de falar com seu ministro das Relações Exteriores.

Conversa telefônica entre Bartali e De Gasperi: O diálogo entre Bartali e De Gasperi foi retirado de uma das autobiografias de Bartali (Bartali, *La leggenda*, p.197). Em entrevistas separadas, Giovanni Corrieri (15 de julho de 2009) e Vittorio Seghezzi (13 de agosto de 2009), os membros ainda vivos da equipe italiana do Tour de 1948 e que estavam presentes quando o primeiroministro telefonou, confirmaram que a conversa com De Gasperi aconteceu. Adriana e Andrea Bartali também disseram que Gino falou sobre o telefonema. O dr. Benjo Maso, ex-professor de sociologia e historiador do ciclismo, entrevistou Giovanni Corrieri, Giordano Cottur, Aldo Ronconi, Vittorio Seghezzi e Vittorio Magni, colegas de equipe de Bartali no Tour de 1948 (Cottur já falecido) em sua pesquisa para o livro sobre o Tour de 1948, *Wij waren allemaal goden, De Tour van 1948*. Todos confirmaram o telefonema.

Em outras partes muito se escreveu sobre a conversa na imprensa italiana. Fora da Itália, Ian Buruma, colaborador frequente de *The New York Review of Books*, *The New Yorker* e *New York Times* e professor de democracia, direitos humanos e jornalismo, escreveu sobre o telefonema em um artigo que tratava da relação entre nacionalismo e esportes (Ian Buruma, “Clash of symbols”, *Financial Times Weekend Magazine*, 24 de setembro de 2005, p.22). No mundo do ciclismo, vários livros em italiano, francês e inglês mencionaram-no.

Alguns demonstraram ceticismo, seja porque o telefonema parece singularmente dramático, seja porque ele é estranho numa perspectiva moderna, em que o mundo da política e o dos esportes são mais claramente separados. No entanto, ele deve ser considerado no quadro mais amplo do momento. Bartali e De Gasperi eram dois dos mais importantes católicos na Itália em 1948 e eram amigos havia muitos anos. À medida que o Tour de 1948 progredia, os dois trocaram telegramas. É revelador que, quando Bartali ganhou, não tenha recebido a visita de ícones da moda ou de astros do cinema, mas do secretário de De Gasperi, um democrata cristão que depois viria a ser

primeiro-ministro da Itália. Nesse contexto, o telefonema entre Bartali e De Gasperi teria sido muito menos incomum do que parece hoje.

13. Um inferno gelado

- “Um inferno gelado”: legenda de uma fotografia em *L'Équipe*, 16 de julho de 1948, p.1.
- Alto-falantes às quatro horas da manhã; 311 profissionais da mídia: H.W. Heinsheimer, “Le Tour de France”, *Holiday*, julho de 1949, p.85 (embora esse artigo tenha sido publicado em 1949, trata exclusivamente da experiência do autor no Tour de 1948).
- “o Couraçado”: “Renault sur le Tour”, *L'Équipe*, 28 de julho de 1948, p.2.
- “Vagão da Vassoura”: Bill e Carol McGann, *The Story of the Tour de France*, Indianapolis, Dog Ear Publishing, 2006, p.28.
- “Carro Número 1”: Heinsheimer, “Le Tour de France”, p.85.
- “Cannes nunca acordou tão cedo”: Henri Chapuis, “Les coureurs s’attaquent aux trois cols d’Allos, de Vars et d’Izoard”, *L'Équipe*, 16 de julho de 1948, p.1.
- “Empurrar: isso é trapaça”; “Esses corredores que hoje lutam”: “Le Tour ... à l’envers”, *L'Équipe*, 22 de junho de 1948, p.3.
- “Como está Togliatti?” e a resposta que se segue: Gino Bartali, Romano Beghelli e Marcello Lazzerini, *La leggenda di Bartali*, Florença, Ponte Alle Grazie, 1992, p.200.
- “Bartali trava a batalha final de sua carreira”: Jacques Goddet, “Dans les Alpes, les grimpeurs resteront-ils des auxiliaires?”, *L'Équipe*, 15 de julho de 1948, p.1.
- “Vamos pensar na corrida”: Bartali, *La leggenda*, p.200.
- Decisão de Bobet de usar um eixo oco: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.187.
- Corredor belga que morreu: “Le Tour ... a l’envers”, *L'Équipe*, 18 de junho de 1948, p.4.
- Companheiro de equipe de Gino ferido por um carro: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.113.
- Acidente de um carro da imprensa e morte: Ibid.
- “Com a esperança de que as horas aqui passadas”: J. Vidal-Lablache, “Vive Robic”, *L'Équipe*, 16 de julho de 1948.
- “O clima está instável”: “Prévisions Météorologiques” (previsão de 14-15 de julho), *Le Monde*, 14 de julho de 1948, p.6.
- Estranhos padrões de tempo para o verão: “Été 1948: Quel temps fera-t-il?”, *Le Monde*, 13 de julho de 1948, p.6.
- Temperaturas acima de 38°C: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.118.
- “ondas ameaçadoras e espuma branca”: Jean Marchand, “À la Croisette des Chemins”, *Ce Soir*, 15 de julho de 1948, p.4.
- “olhos sorridentes”: Chapuis, “Les coureurs s’attaquent aux trois cols d’Allos, de Vars et d’Izoard”, p.1.

Primeiro no desfiladeiro do monte Izoard: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.178.

“Os três desfiladeiros de hoje”: Robic, citado em *ibid*.

“Já não havia multidões alegres”: Heinsheimer, “Le Tour de France”, p.87.

Coração apertado: Dante Gianello, “Bartali m’a dit: ‘Je croyais mourir de faim’”, *L’Équipe*, 16 de julho de 1948, p.4.

“Eu ouvia os gritos dos italianos”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.144.

Carro de jornal cai no barranco: “La Voiture de ‘L’Intran’ Verse Dans Un Ravin”, *L’Équipe*, 16 de julho de 1948: 4; J. Vidal-Lablache, “Le Tour de France est au lit”, *L’Intransigeant*, 18 de julho de 1948, p.1.

Neve molhada: *L’Équipe*, 16 de julho de 1948, p.1.

Atualizações radiofônicas ao meio-dia: “Le ‘Tour’ sur l’antenne”, *L’Équipe*, 15 de julho de 1948, p.4.

“Meu coração fazia bum, bum no peito”: Roger Dutilh, “Cueilli pour vous dans la presse épique et lyrique du Tour de France”, *L’Intransigeant*, 17 de julho de 1948, p.4.

Eixo de Louis Bobet rachou: *Ibid*.

“Céus!”: Gianello, “Bartali m’a dit”, p.4.

Bartali sentiu as pernas inchadas: Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.84.

“O frio bloqueava”: Jacques Goddet, “Bartali avait rendez-vous avec L’Izoard”, *L’Équipe*, 16 de julho de 1948, p.1.

“O bom Deus pegou um par de asas”: “Gino le veut, Gino le veut”, *L’Équipe*, 19 de julho de 1948, p.6.

Eu me sentia um gigante: Bartali, *La mia storia*, p.84.

“Bartali! Você é imortal!”: Chevalier, citado em Leo Turrini, *Bartali: L’uomo che salvo l’Italia pedalando*, Milão, Arnaldo Mondadori Editore, 2004, p.93.

Sinais de rádio a 15 de julho na Itália: BBC de Roma, às 19h, 16 de julho de 1948. Enquanto a BBC informa que o rádio voltou a uma hora da tarde de 15 de julho, outras fontes, como o jornal italiano *Il Tirreno*, relata que “telefones, telégrafos e rádios funcionaram continuamente” durante o tiroteio e depois (*Il Tirreno*, 16 de julho de 1948, p.1). As diferentes experiências podem ser atribuídas a relatos preparados em diferentes partes do país. De qualquer forma, optamos pela versão mais conservadora.

“Attenzione! Grandes novas”: Crispino, “Sia lodato Bartali”, *Giornale dell’Emilia*, 24 de julho de 1948. Giulio Andreotti também descreve esse episódio e identifica o deputado como Matteo Tonengo. No entanto, escrevendo 35 anos depois do acontecimento, ele equivocadamente dá a data da vitória de Gino como 14 de julho, e não 15 de julho. Giulio Andreotti, *De Gasperi, visto da vicino*, Milão, RCS Rizzoli Libri, 1986, p.143-4. Em posterior entrevista filmada, ele corrige a data. “L’Attentato a Togliatti”, em *Rai Storia* (documentário), dirigido por Gabriele Immirzi, Giulio Spadetta e Francesco Roganato.

Saúde de Togliatti: Os médicos de Togliatti divulgavam boletins regulares para a imprensa sobre sua saúde. Embora tenha levado um susto com a pneumonia, logo se recuperou totalmente.

Celebrações: Crispino, “Sia lodato Bartali”. Vários entrevistados relatam lembranças felizes com as celebrações por toda a Itália após a vitória de Gino (Ivo Faltoni, 18 de julho de 2009; Mario Bellini, 19 de agosto de 2009).

Recordações de Rietti: Entrevista dos autores com Giorgina Rietti, 5 de agosto de 2009.

“Nenhum acontecimento no mundo”: Jean D’Hospital, “En Italie Bartali e Coppi font figure de héros nationaux”, *Le Monde*, 29 de julho de 1948, p.5. As observações de D’Hospital são reiteradas nos escritos dos correspondentes do *Giornale dell’Emilia* e do *Il Tempo*, e este último escreveu, de maneira memorável, que a vitória de Bartali “tinha sido até mesmo capaz de ridicularizar a maior estrutura revolucionária prestes a se abater sobre a Itália” (Natale Bertocco, “Bartali vincitore del Tour acclamato trionfalmente a Parigi”, *Il Tempo*, 26 de julho de 1948, p.1; Crispino, “Sia Lodato Bartali”). Esse tema se repetiu em muitas de nossas entrevistas com italianos que testemunharam esse momento, e também apareceu em outras entrevistas. Alessandro Portelli, que entrevistou um operário de Terni chamado Valtèro Peppoloni, cita sua caracterização do momento: “A vitória de Bartali teve muita influência”, diz Peppoloni. “Eu era um fã, e todos os fãs, quando o rádio deu a notícia, sentimos uma espécie de esvaziamento. Enquanto eu ouvia o rádio, a raiva pelos ferimentos de Togliatti se aplacou.” Alessandro Portelli, *The Death of Luigi Trastulli, and Other Stories: Form and Meaning in Oral History* (Albany, SUNY Press, 1991), p.155.

“Eu vivi para a arte, eu vivi para o amor”: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.187.

“Estou com fome”: “‘J’ai faim,’ s’écrit Bartali a l’arrivée”, *Ce Soir*, 16 de julho de 1948.

Sulcos que as lágrimas haviam desenhado: Dutilh, “Cueilli pour vous dans la presse épique et lyrique du Tour de France”, *L’Équipe*, 17 de julho de 1948, p.4.

Quarto de hospital de Togliatti: “Le giornate di Togliatti al Policlinico”, *Il Tirreno*, 18 de julho de 1948, p.1.

Última lembrança de Togliatti: “‘Non vidi nulla’, ha dichiarato Togliatti”, *La Nazione*, 23 de julho de 1948, p.1.

“O que aconteceu no Tour? Como foi Bartali?”: Palmiro Togliatti, citado por seu secretário, Massimo Caprara, em Orio e Guido Vergani, *Caro Coppi*, Milão, Mondadori, 1995, p.72. Segundo Caprara, primeiro Togliatti exortou: “Calma. Nervos firmes”, provavelmente porque deve ter sentido que os tiros deveriam ter provocado alguma inquietação, mesmo que não conhecesse ainda toda a amplitude do que havia acontecido. Então fez as perguntas sobre o Tour e sobre a situação de Bartali. Os Vergani apresentam uma observação reveladora sobre o significado dessas perguntas ao explicarem que se mesmo Togliatti, que se recuperava de uma operação e tinha fama de intelectual de cabeça fria e controle firme sobre as emoções, “estava ansioso a respeito do Tour, uma ansiedade prestes a se tornar entusiasmo, é fácil entender o ‘efeito Bartali’ sobre as multidões, sobre a população de fãs”. Ambos os Vergani escreveram para o jornal italiano *Corriere della Sera*.

14. O caminho para casa

“Bartali ainda não está com *minha* camisa amarela”: Albert de Wetter, “Il n’y a pas de justice” s’écrit Bobet qui ajoute: Bartali ne tient pas encore mon maillot jaune!”, *L’Équipe*, 16 de julho de 1948, p.1.

“Estava horrivelmente frio”: Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.146.

Gino conseguiu alguns golos de café ... conhaque: Ibid.

“Seu vagabundo preguiçoso”: “Sur les bords du lac ... Bobet lit son courrier et Robic pleure”, *L’Intransigeant*, 18 de julho de 1948, p.4.

“Como todos os velhos”: Orio Vergani, “Piange Bobet come un bambino nel passare a Bartali la maglia gialla”, *Corriere della Sera*, 17 de julho de 1948.

“Criou-se um mundo de diferença ... incendiara seu coração”: Jacques Goddet, “Le Maître”, *L’Équipe*, 17 de julho de 1948, p.4.

“Eu me sinto um leão”: Bartali, *Tutto sbagliato*, p.147.

O sonho de Bobet acabara: Louison Bobet, “Mon Tour Heroique”, *L’Équipe*, 5 de agosto de 1948, p.2.

Uma visita de surpresa, um deputado democrata-cristão: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.222.

“Derrotado a tudo e a todos”: Vergani, “Piange Bobet come un bambino nel passare a Bartali la maglia gialla”.

“Sua Santidade deseja que você vença”: “Gino le veut, Gino le veut”, *L’Équipe*, 19 de julho de 1948, p.6.

“Meu Deus, você quase me matou” e diálogo entre Binda e Gino: Paul Guitard, “Leçon des Hommes et L’École des Femmes”, *L’Équipe*, 18 de julho de 1948, p.4.

“Seu pai é campeão outra vez”: Ibid.

“sentimento de ressurreição”: Entrevista dos autores com Oscar Scalfaro, 7 de outubro de 2009.

Reunião do sindicato que terminou abruptamente: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.222.

Jovem padre coloca um rádio no altar: “Au Courrier du Monde: ‘Don Lino et Bartali’ – Par Enrico Foresti par courrier électronique”, *Le Monde*, 15 de maio de 2000.

“temperamento meridional”: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.275.

“Essa glorificação desenfreada”: Felix Levitain, “Cueilli pour vous dans la presse épique et lyrique du Tour de France”, *L’Intransigeant*, 18 de julho de 1948, p.4.

“Bartali escreveu nestes dois últimos dias”: Vergani, “Piange Bobet come un bambino nel passare a Bartali la maglia gialla”.

“Da nevasca, água e gelo”: Jacques Goddet, “Le Maître”.

“Calma e entusiástica”: “Bartali ha telefonato ieri sera ai genitori”, *La Nazione*, 18 de julho de 1948, p.3.

Quatorze pessoas foram mortas: Domenico Tarantini, *La maniera forte. Elogio della polizia. Storia del potere politico in Italia, 1860–1975*, Verona, Bertani, 1975, p.302-3, citado por Mark Mazower, *The Policing of Politics in the 20th Century: Historical Perspectives*, Oxford, RU, Berghahn Books, 1997, p.89.

Duzentas foram seriamente feridas: “Italy: Blood on the Cobblestones”, *Time*, 26 de julho de 1948. Esse artigo afirma que foram mortos cerca de vinte policiais e amotinados.

PIB da Itália em 1948: Michael D. Bordo e Forest Capie, *Monetary Regimes in Transition*, Cambridge, RU, Cambridge University Press, 1994, p.331.

Penicilina de Togliatti: Arnaldo Cortesi, “Italy checks most of violence: Togliatti takes turn for worse”, *New York Times*, 17 de julho de 1948, p.1.

O filho de Togliatti lê para ele a seção de esportes: “Togliatti giubilante per la vittorie di Bartali”, *Il Tirreno*, 20 de julho de 1948, p.1.

“grande orgulho nacional”: Entrevista dos autores com Pallante, 10 de outubro de 2010.

15 milhões de pessoas na França: André Chassaignon, “Considérations commerciales sur le Tour de France”, *Le Monde*, 23 de julho de 1948, p.6.

Comparecimento às Olimpíadas de Los Angeles: Craig Glenday, *Guinness World Records 2008*, Nova York, Random House, 2008, p.261.

Gino ganharia pouco mais de um milhão de francos: Todos os dados sobre remunerações e honorários por presença de Gino e dos outros corredores são do artigo em *L'Équipe*, um dos jornais que organizaram o Tour (“Les contrats sur piste de Bartali multiplieront par trois le million que lui rapporte le Tour de France”, *L'Équipe*, 30 de julho de 1948, p.2). Consultamos on-line o Instituto Nacional Francês de Estatísticas e Estudos Econômicos para a taxa de conversão em euros e a tabela da taxa média de câmbio anual do U.S. Internal Revenue Service para calcular o valor em dólares atuais para todos os ganhos dos corredores.

Gino soca um policial: “Gino boxe un gendarme et donne le maillot jaune à son soigner”, *L'Intransigeant*, 26 de julho de 1948, p.4.

O último dia do Tour começou com um leve chuveiro: Luigi Chierici, “Oggi cala il siporio sul Giro di Francia”, *La Nazione*, 25 de julho de 1948, p.3.

Ameaça anônima de morte: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.282.

“Gino Bartali, depois de bater seus adversários”: Gianni Granzotto, “Bartali vinse Marie”, *L'Europeo*, 2-8 de agosto de 1948, p.3.

Tour é televisionado: “Roubaix-Paris: Apothéose”, *Miroir du Monde: Le Tour de France 1948 Numéro Spécial*, p.31; “Le Tour de France à l'écran”, *L'Équipe*, 31 de julho de 1948, p.2; Christopher Thompson, *The Tour de France: A Cultural History*, Los Angeles, University of California Press, 2006, p.45-6.

“Bartali se destacava em sua camisa amarela”: Félix Lévitain, “Gino Bartali était imbattable dans le Tour 48. Mais l'épreuve, par *Le Parisien* et *L'Équipe*, a révélé des talents nouveaux pour la formation tricolore”, *Le Parisien Libéré*, 27 de julho de 1948.

Recorde de Bartali de maior intervalo entre vitórias no Tour: A lista de todos os vencedores do Tour é apresentada no site oficial do Tour de France, www.letour.fr.

“A guerra nos arruinou, a nós, os velhos”: Granzotto, “Bartali vinse Marie”, p.3. 256

“Todos na vida”: Gino Bartali, “La mia lotta contra la morte”, *Tempo*, 21 de janeiro de 1954, p.14-6.

“Eu venci a corrida mais bonita”: Jean Leulliot, “J’ai remporté la plus belle course du monde, déclare le vainqueur du Tour”, *L’Intransigeant*, 27 de julho de 1948, p.4.

Epílogo

Falamos com Giorgio Goldenberg pela primeira vez em novembro de 2010, depois que um judeu italiano amigo de Tea, sua irmã já falecida, nos contou a inacreditável história de sua família. Posteriormente nós o entrevistamos quatro vezes (20 de dezembro de 2010; 25 de janeiro de 2011; 4 de abril de 2011; e 14 de novembro de 2011).

Jornalista judeu italiano também o encontrou: Adam Smulevich, “Sono vivo perché Bartali ci nasce in cantina”, *Pagine Ebraiche*, janeiro de 2011, p.39; Adam Smulevich, “Bartali nasce ebrei in cantina”, *La Gazzetta Dello Sport*, 28 de dezembro de 2010.

Entrevista filmada da RAI: Trecho com Giorgio Goldenberg no programa de televisão sobre a história de Bartali, “La vita in diretta”, *Rai Uno*, 27 de janeiro de 2011.

“Não tenho nenhuma dúvida”: Entrevista dos autores com Giorgio Goldenberg.

“Em minha opinião ele foi um herói”: Ibid.

Rumores sobre o envolvimento de Gino: Vários judeus italianos que entrevistamos confirmaram que essa informação se espalhou pela comunidade judaica de Florença nos meses e anos depois da guerra; entre eles, Renzo Ventura (entrevista dos autores em 27 de julho de 2009), Giorgina Rietti (entrevistas dos autores em 5 de agosto de 2009, 6 de novembro de 2009 e 10 de setembro de 2010), Cesare Sacerdoti (resposta aos autores por e-mail, 17 de novembro de 2010). Enrico Maionica, que ajudou Niccacci a preparar os documentos forjados, também descreve em seu testemunho que só depois da guerra descobriu o envolvimento de Bartali na rede e o transporte de documentos falsos no interior da bicicleta (entrevista com Enrico Maionica por Suzanna Segrè, 30 de abril de 1998, USC Shoah Foundation).

Optaram por ignorar deliberadamente as dificuldades do passado recente: Philip Morgan, *The Fall of Mussolini: Italy, the Italians and the Second World War*, Oxford, RU, Oxford University Press, 2008, p.5.

Gino reagiu com raiva à cobertura: Andrea Bartali, prefácio a Paolo Alberati, *Gino Bartali: Mille diavoli in corpo*, Florença, Giunti, 2006, p.4.

- “**Não quero parecer herói**”: Entrevista filmada com Gino Bartali em *Coppi e Bartali: gli eterni rivali* (documentário), Instituto Luce, 2004.
- Ciampi concede a Gino uma medalha póstuma de ouro**: “25 aprile: ciampi a vedova bartali, e’ stato grande uomo”, *Ansa*, 25 de abril de 2006; Cecilia Dalla Negra, “Adozioni e passaporti falsi in questo modo agiva la rete – Il pisano trovava i fondi, il campione nascondeva documenti nella bicicletta – Bartali – Nissim – la storia – i protagonisti”, *La Repubblica*, 25 de abril de 2006; “Da Ciampi medaglia a Gino Bartali”, *Corriere della Sera*, 25 de abril de 2006.
- Dois membros sobreviventes dessa rede em Lucca**: Entrevistas dos autores com *don* Arturo Paoli e *don* Renzo Tambellini, fevereiro de 2007.
- Padre Pier Damiano no mosteiro San Damian**: Entrevistas dos autores com padre Pier Damiano, 29 de julho de 2009, 2 de dezembro de 2009 e 4 de dezembro de 2010.
- “**Se você é bom em um esporte**”: Andrea Bartali, prefácio a Alberati, *Mille diavoli*, p.4.
- “**uma explosão de alegria**”: Entrevista dos autores com Oscar Scalfaro, 7 de outubro de 2009.
- “**Milão, Turim e Gênova pareciam estar à beira da insurreição**”: Patrick McCarthy, *The Crisis of the Italian State: From the origins of the Cold War to the fall of Berlusconi*, Nova York, St. Martin’s Press, 1997, p.39.
- “**insurreição era factível**”: Paul Ginsborg, *A History of Contemporary Italy: Society and Politics, 1943-1988*, Nova York, Palgrave Macmillan, 2003, p.119.
- “**salvador da pátria**”: Benjo Maso, *Wir Alle Waren Götter: Die berühmte Tour de France von 1948*, Bielefeld, Covadonga Verlag, 2006, p.290, 292, 296.
- “**Dizer que a guerra civil foi evitada**”: Alessandra Stanley, “Gino Bartali, 85, A Hero in Italy for his cycling championships”, *New York Times*, 6 de maio de 2000.
- Dois historiadores italianos**: Os historiadores são Silvio Pons e Daniele Marchesini. Entrevista filmada de Silvio Pons em “L’Attentato a Togliatti”, *RAI Storia* (documentário), com direção de Gabriele Immirzi, Giulio Spadetta e Francesco Roganato. Em seu livro *Coppi e Bartali*, Marchesini conclui que o triunfo de Bartali “foi um fator na redução das tensões daquele tempo”. Daniele Marchesini, *Coppi e Bartali*, Bolonha, Il Mulino, 1998, p.92.
- “**Não sei se salvei o país**”: Marc Dewinter, “Gino the Pious”, *Cycle Sport*, julho de 1999, p.31.
- Decepção em Valkenburg**: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.292-6; Gino Bartali e Mario Pancera, *La mia storia*, Milão, Stampa Sportiva, 1958, p.90-2.
- “**aquele lá**”: William Fotheringham, *Fallen Angel: The Passion of Fausto Coppi*, Londres, Yellow Jersey Press, 2009, p.104.
- Insistência de De Gasperi para que Gino e Coppi corressem juntos**: *Ibid.*, p.116.
- Togliatti concorda**: *Ibid.*
- Binda concebeu uma aliança**: *Ibid.*
- Lealdades duradouras a Coppi e Bartali**: Nossas entrevistas com dezenas de italianos contemporâneos revelaram que as lealdades a Coppi e Bartali ainda permanecem

profundas. Ver também Juliet Macur, “Long-Ago Rivalry Still Stirs Passion at the Giro d’Italia”, *New York Times*, 18 de maio de 2009.

Peregrinação ciclística em 2009: Aili McConnon participou da peregrinação que foi de Terontola a Assis em 13 de setembro de 2009.

“Il Vecchiaccio” e “Matusalém”: Gino Bartali, “La mia vita”, *Tempo*, 29 de novembro de 1952, p.13-5.

“e uma barba que chegava ao umbigo”: Ibid.

“Nós, atletas, não somos como belas mulheres”: Ibid.

Relato do acidente de carro: Gino Bartali, “La mia lotta contro la morte”, *Tempo*, 21 de janeiro de 1954, p.14-6; Gino Bartali, *Tutto sbagliato, tutto da rifare*, Milão, Mondadori, 1979, p.218; Alberati, *Mille diavoli*, p.154-6.

“carro estava girando, girando”: Bartali, “La mia lotta contro la morte”, p.14-6. 266 “Não mexam em mim!” e diálogo com Adriana: Ibid.

Fotografia de De Gasperi visitando Bartali: *Epoca*, 25 de outubro de 1953, p.81.

Gino se aposenta: Gino Bartali, “Non correrò più”, *Tempo*, 17 de fevereiro de 1955, p.41.

Fábrica de bicicletas Bartali: Bartali, *La mia storia*, p.92; Bartali, *Tutto sbagliato*, p.159.

“Uma coisa é montar”: Ibid.

“Se eu tivesse ficado”: Ibid.

Lâminas de barbear Bartali: Paolo Costa, *Gino Bartali: La vita, le imprese, le polemiche*, Portogruaro, Ediciclo, 2001, p.114; entrevista dos autores com Andrea Bartali.

“juventude eterna”: Chamava-se “Chianti Bartali” e era produzido pela Fattoria Casebasse, de Siena.

Pequena loja de departamentos: Entrevista dos autores com Andrea Bartali; Alberati, *Mille diavoli*, 168-70.

“Era a época do crediário”: Alberati, *Mille diavoli*, p.168-70.

Vinte milhões de francos em contratos: Benjo Maso, *The Sweat of the Gods: Myths and Legends of Bicycle Racing*, Norwich, Inglaterra, Mousehold Press, 2005, p.79.

Aproximadamente 517 mil dólares Tabela do Instituto Nacional Francês de Estatísticas e Estudos Econômicos para a conversão de francos históricos em euros de 2010, e tabela do U.S. Internal Revenue Service 2010 para a média da taxa de câmbio anual entre dólares americanos e euros.

Queda nas vendas de bicicletas: Maso, *The Sweat of the Gods*, p.81.

“para nos dizer”: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.295.

“Um erro por dia”: Alberati, *Mille diavoli*, p.168-70.

“Na minha idade, acho que já sei”: Ibid., p.170.

Recordações de Adriana Bartali: Entrevistas dos autores com Adriana Bartali, 17 de julho de 2009, 3 de agosto de 2009.

Conversa com Maria Callas: Bartali, *La leggenda*, p.285.

Experiência de Andrea Bartali e detalhes sobre Torello e Giulia: Entrevistas dos autores com Andrea Bartali, 17 de julho de 2009, 3 de agosto de 2009 e 14 de setembro de 2009.

“Há um quarto de século”: Bartali, “Non correrò più”, p.41.

Seiscentos mil quilômetros em bicicleta: Segundo cálculos de Gino, ele pedalou um total de 600 mil quilômetros na vida, Bartali, *La leggenda*, p.1. Só em corridas oficiais, foram quase 150.739 quilômetros (94 mil milhas), segundo Tim Hilton, “Gino Bartali-Obituary”, *Guardian*, 9 de maio de 2000.

Decadência física de Gino: Dewinter, “Gino the Pious”, p.38-41.

“A vida é como um Giro d’Italia”: Entrevista de Gino Bartali com Marco Pastonesi em Costa, *Gino Bartali*, p.173-80.

Determinações de Gino para o funeral: Alberati, *Mille diavoli*, p.182.

Rezava para morrer pacificamente em casa: Ibid.

Detalhes sobre a morte de Gino: Pierangelo Di Sapegno, “Addio Bartali: Con lui l’Italia ha scalato il Dopoguerra”, *La Stampa*, 6 de maio de 2000; “Bartali, lacrime e assenti ingiustificati”, *Corriere della Sera*, 9 de maio de 2000.

“grande desportista”: Arquivo de vídeo de João Paulo II fazendo um discurso no rádio, *Tour des Légendes*, documentário sobre o Tour de France de 1948, dirigido por Erik van Empel, Scarabee Films, 2003.

“Adeus, Ginettaccio”: “Addio Ginettaccio,” *Corriere Dello Sport*, 6 de maio de 2000, p.1.

“Quando nós éramos pobres e abatidos”: Maso, *Wir Alle Waren Götter*, p.291. Maso e o diretor Erik van Empel entrevistaram alguns fãs que estavam do lado de fora da igreja durante o funeral de Bartali para o documentário de Empel, *Tour des Légendes*.

Descrição do funeral: “Cycling-Hundreds bid farewell to ‘eternal’ Bartali”, *Reuters*, 8 de maio de 2000; Pierangelo Di Sapegno, “Addio Bartali: Con lui l’Italia ha scalato il Dopoguerra”, *La Stampa*, 6 de maio de 2000; “Bartali, lacrime e assenti ingiustificati”, *Corriere della Sera*, 9 de maio de 2000.

Créditos das fotos e ilustrações

p.21: © Roman Sigaev/shutterstock.com; p.35: © Ansa sob licença de Alinari Archives; p.46: Foto cortesia de Giovanni Corrieri; p.62: © Luce Institute/Alinari Archives Management; p.86: Random House; p.106: © Publifoto/Olycom; p.127: Fotos cortesia de Giorgio Goldemberg; p.139: Fotos cortesia de Aili e Andres McConnon; p.161: © Alinari Archives; p.181: © The Horton Collection; p.199: Cortesia da Biblioteca Panizzi; p.211: © Toscani Archive/Alinari Archives Management; p.228: Random House; p.247: © Olycom; p.258: © Photoservice Electa/Centro Documentazione Mondadori.

Caderno de fotos

p.1: Cortesia de Giorgio Goldemberg; p.2: © Publifoto/Olycom; p.3 (topo) © Interfoto/Alinari Archives, (inferior) Cortesia da Biblioteca Panizzi; p.4: Cortesia de Giorgio Goldemberg; p.5: Reproduzida sob autorização da revista *El Gráfico*, Argentina; p.6: (topo) Cortesia de Aili e Andres McConnon, (inferior) Cortesia da Graphic Arts Association; p.7: Reproduzida sob autorização da revista *El Gráfico*, Argentina; p.8: © Ansa sob licença de Alinari Archives.

Agradecimentos

A ideia deste livro surgiu em uma conversa que tivemos em 2002, pouco depois que Andres passou um dia memorável assistindo ao Tour de France e apreciando o clima carnavalesco criado por milhares de fãs do ciclismo, aclamando e aplaudindo, às vezes um pouco embriagados. A lembrança mais duradoura desse dia foi da força bruta e da resistência de homens que enfrentavam os elementos da natureza e pedalavam milhares de quilômetros ao longo de três semanas. Pouco depois, quando nos falávamos, sempre voltávamos ao tópico do incrível desgaste físico do ciclismo, especialmente para quem corria o Tour várias vezes. Começamos, então, a investigar a história de alguns dos “grandes” do Tour e ficamos fascinados pelo ciclista italiano Gino Bartali. Em um esporte que celebra a resistência, ele resistiu mais do que a maioria, vencendo o Tour aos 24 anos e depois, novamente, aos 34 anos. Quando fomos mais a fundo na pesquisa e tomamos conhecimento das maneiras como ele usou a bicicleta entre essas vitórias – ajudando a salvar vidas durante a Segunda Guerra Mundial –, compreendemos o quanto sua própria vida havia sido rica e multifacetada, e concluímos que sua história precisava ser partilhada com um público muito maior.

Escrever este livro foi algo que exigiu resistência de outro tipo. Ao longo da nossa viagem de muitos anos, assumimos significativa dívida de gratidão com todas as pessoas que nos ajudaram a levá-la até o fim. Adriana e Andrea Bartali foram profundamente generosos na oferta de seu tempo, falando com sinceridade em diferentes entrevistas, respondendo a perguntas sobre Gino durante horas e nos mostrando os principais lugares de Florença na vida de Gino. Jamais tentaram influenciar os rumos de nosso trabalho, admitindo sabiamente, na primeira entrevista, que os leitores sairiam ganhando se o livro mantivesse total independência jornalística. Os companheiros de equipe de Gino e seus parceiros de treinamento (com

quem, segundo ele, passava tanto tempo quanto com a família) foram também magnânimos, guiando-nos pacientemente através das minúcias de suas experiências vivendo e competindo com Gino. Estendemos nossos agradecimentos particularmente a Giovanni Corrieri e a seu sobrinho Marco, a Alfredo Martini e a Ivo Faltoni; todos eles foram muito além do que seria de esperar ao partilhar as memórias e as fotografias de seu tempo com Gino.

Giorgio Goldenberg merece menção especial de gratidão por falar longamente sobre como Gino o ajudou e à sua família a se esconder durante a Segunda Guerra Mundial. Em Assis, o padre Pier Damiano e a irmã Eleonora Bifarini nos contaram suas lembranças de guerra, quando o primeiro viu Gino e a segunda falou com ele. Giulia Donati, italiana sobrevivente do Holocausto, e Renzo Ventura, filho de sobreviventes, generosamente responderam a nossas perguntas sobre o envolvimento de Gino com as experiências de suas famílias na guerra. Outros sobreviventes, como Giorgina Rietti, Cesare Sacerdoti, Graziella Viterbi, Gianna Maionica, Hella Kropf, Claudia Maria Amati e Lya Haberman Quitt, atenciosamente ajudaram a esclarecer diversas circunstâncias da grande comunidade judaica na Itália durante esse difícil período.

Raffaele Marconi e Maria Pagnini, historiadores e bibliotecários da biblioteca Bagno a Ripoli, mostraram-se inestimáveis ao responder a perguntas sobre o mundo em Ponte a Ema e Florença durante a juventude de Gino. A dra. Iael Nidam-Orvieto, editora-chefe das publicações do Yad Vashem, muito esclareceu sobre o contexto do Holocausto na Itália. Harry Waldman dividiu conosco suas memórias e suas fotografias de Trento Brizi quando ele recebeu o Prêmio de Liberdade de Imprensa organizado pela Associação de Artes Gráficas, sob a liderança de seu presidente, Walter Zerweck. Na Biblioteca do Congresso, David Kelly, um especialista em referências, ajudou-nos a navegar na impressionante coleção de jornais italianos e franceses da época da Segunda Guerra Mundial. Dr. Benjo Maso, antigo professor e historiador especialista em ciclismo, grande autoridade sobre o Tour de France de 1948, mostrou-se recurso sem paralelo sobre todos os tópicos a respeito de ciclismo.

Coletivamente, esses indivíduos e todos nossos demais entrevistados ajudaram-nos a tornar *O Leão da Toscana* um livro mais rico. Quaisquer erros que porventura tenham escapado são, no entanto, nossos.

Nossa pesquisa foi auxiliada por diversas pessoas talentosas. A jornalista Gaia Pianigiani trabalhou obstinada e habilmente para que

entrevistássemos dezenas de italianos e pesquisássemos em arquivos de toda a Itália. Nos Estados Unidos, Ken Fockele, Ilan Shahar e Lindsay Eufusia nos deram assistência na tradução de materiais em alemão, hebraico e italiano. Anne-Laure Bourquin, Corinna Lauterbach, Virginia Napoleone e Marina Rytvin ajudaram-nos a desenvolver diferentes iniciativas de pesquisa na França, na Alemanha, na Itália e em Israel.

Em Nova York, nosso agente, Peter McGuigan, ciclista de longa data, ofereceu-nos conselhos sábios (e boas dicas sobre ciclismo) ao longo de toda a pesquisa e da escrita deste livro. Respondeu a nossas perguntas em todas as horas do dia e conduziu com destreza esse projeto em meio a ambiente editorial em rápida transformação. Seus colegas da Foundry Literary + Media, especialmente Stéphanie Abou, também foram incansáveis defensores deste livro. Na Crown Publishers, Charlie Conrad foi um editor-modelo, oferecendo-nos, em medidas iguais, críticas perspicazes e reconfortante segurança. Seu julgamento sólido e seu conhecimento profundo sobre a cultura italiana enriqueceram nossa obra. Sua colega, Miriam Chotiner-Gardner, sustentou com habilidade o manuscrito através dos caminhos da produção.

A ajuda de amigos, próximos e distantes, foi considerável. Karen Murphy revisou nossa proposta e ofereceu sugestões perspicazes para melhorá-la. Em Paris, Bernard e Chantal Bourquin ofereceram os inimitáveis confortos de sua casa como base de pesquisa. Em Buenos Aires, Carlos Layus localizou duas fotos de Gino. Lia Kaljurand usou seus talentos de designer para recuperar devastações do tempo em fotografias que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial. Liz Appel, Mart Kaljurand, Kristi Laar e Sam McHugh leram a primeira versão e fizeram atentos comentários críticos. Benjamin Eachus, que foi tanto caixa de ressonância para ideias de pesquisa como fonte de excelentes comentários editoriais, defendeu o projeto quando ele era apenas uma ideia nascente.

Na Itália, Kiiri Sandy, tradutora profissional, mostrou-se uma amiga altruísta e valiosa colaboradora do projeto. Ao longo de nosso trabalho ela sempre encontrou tempo para nos ajudar com traduções, revelando seu impressionante domínio das nuances linguísticas das terminologias militar, ciclística e de outras técnicas. Ela também nos ajudou a coordenar entrevistas, localizou muitas fotografias e revisou inúmeros rascunhos. Seus esforços tornaram nosso trabalho mais fácil e o livro, mais sólido.

Por último, gostaríamos de registrar o incomensurável apoio de nossa família. Peter Adamson foi um defensor animado deste projeto. Nossa prima, Bernadette Cousins, recebeu-nos de braços abertos em sua casa na Inglaterra, facilitando nosso trânsito para a França e a Itália. O marido de Aili, Geoff, ardoroso ciclista, ofereceu sábias sugestões editoriais em vários rascunhos e foi um advogado deste livro muito antes que ele encontrasse editor. Nossos irmãos, Peter, Thomas e Paul, suas mulheres, Robyn, Lindsay e Amanda, e respectivas proles, mostraram entusiasmo imediato e resolutivo. Nosso agradecimento final é para nossa mãe, Mari-Ann, e para nosso falecido pai, Joseph, que primeiro alimentaram nosso interesse comum em história e literatura.

GINO BARTALI

VINCITORE DEI GIRI D'ITALIA 1936 e 1937
CAMPIONE D'ITALIA 1935-1937-1940
VINCITORE DEL TOUR DE FRANCE 1938



Goldenberg Giorgio
per Bartali
16/7/41 XIX

Cartão autografado dado a Giorgio Goldemberg por Gino Bartali durante uma de suas visitas a Fiesole no período da guerra.



Gino, Adriana e Andrea Bartali, primavera de 1943.



Jean Robic ganha o Tour de France de 1947.



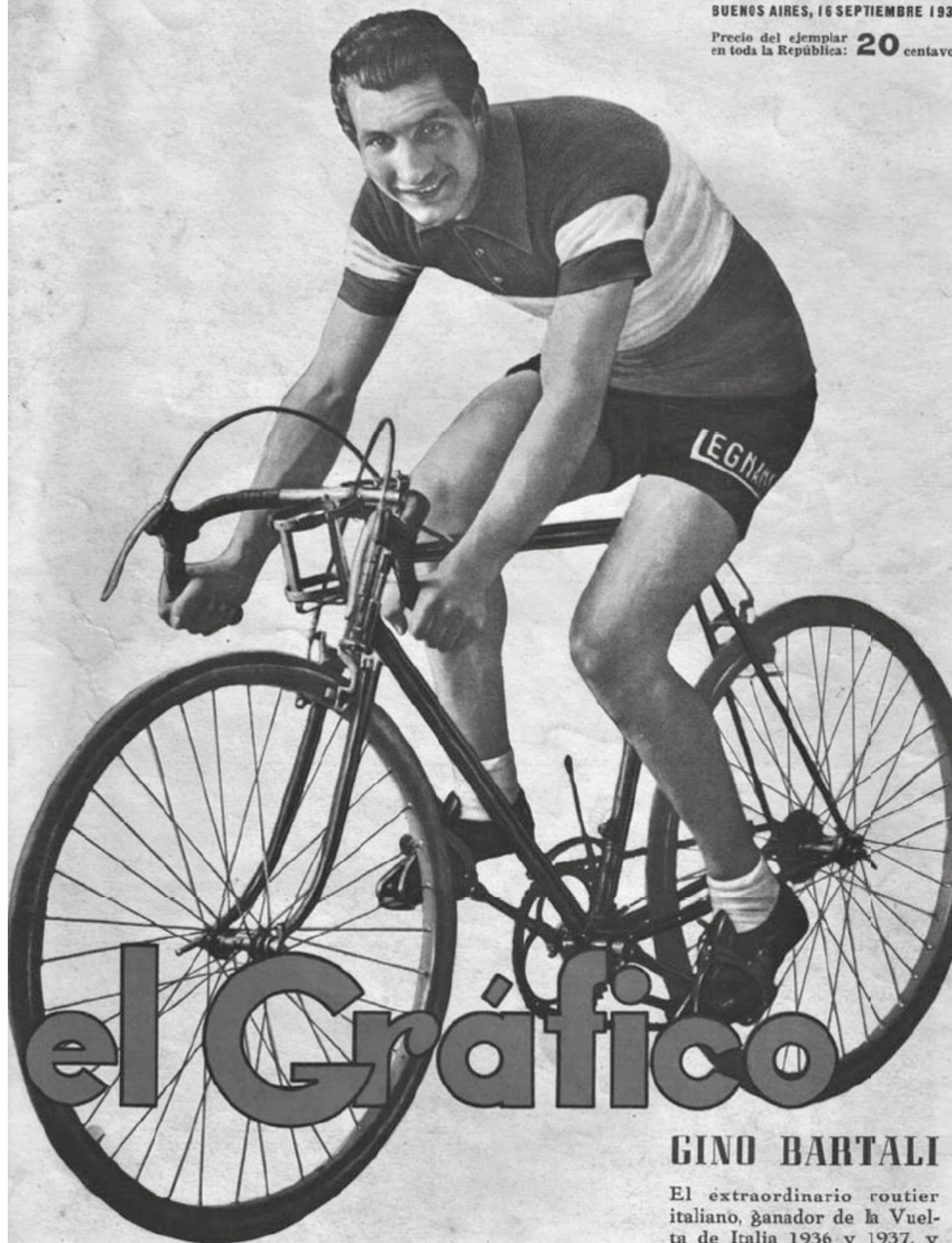
A família Goldemberg, salva por Gino Bartali: Elvira, Giorgio, Tea e Giacomo.



A família Goldemberg em 2011: Giorgio (topo, ao centro) e sua mulher com seus filhos, os filhos de sua falecida irmã, Tea, e respectivos esposos e filhos.

BUENOS AIRES, 16 SEPTIEMBRE 1938

Precio del ejemplar
en toda la República: **20** centavo



el Gráfico

GINO BARTALI

El extraordinario routier italiano, ganador de la Vuelta de Italia 1936 y 1937, y de la Vuelta de Francia 1938

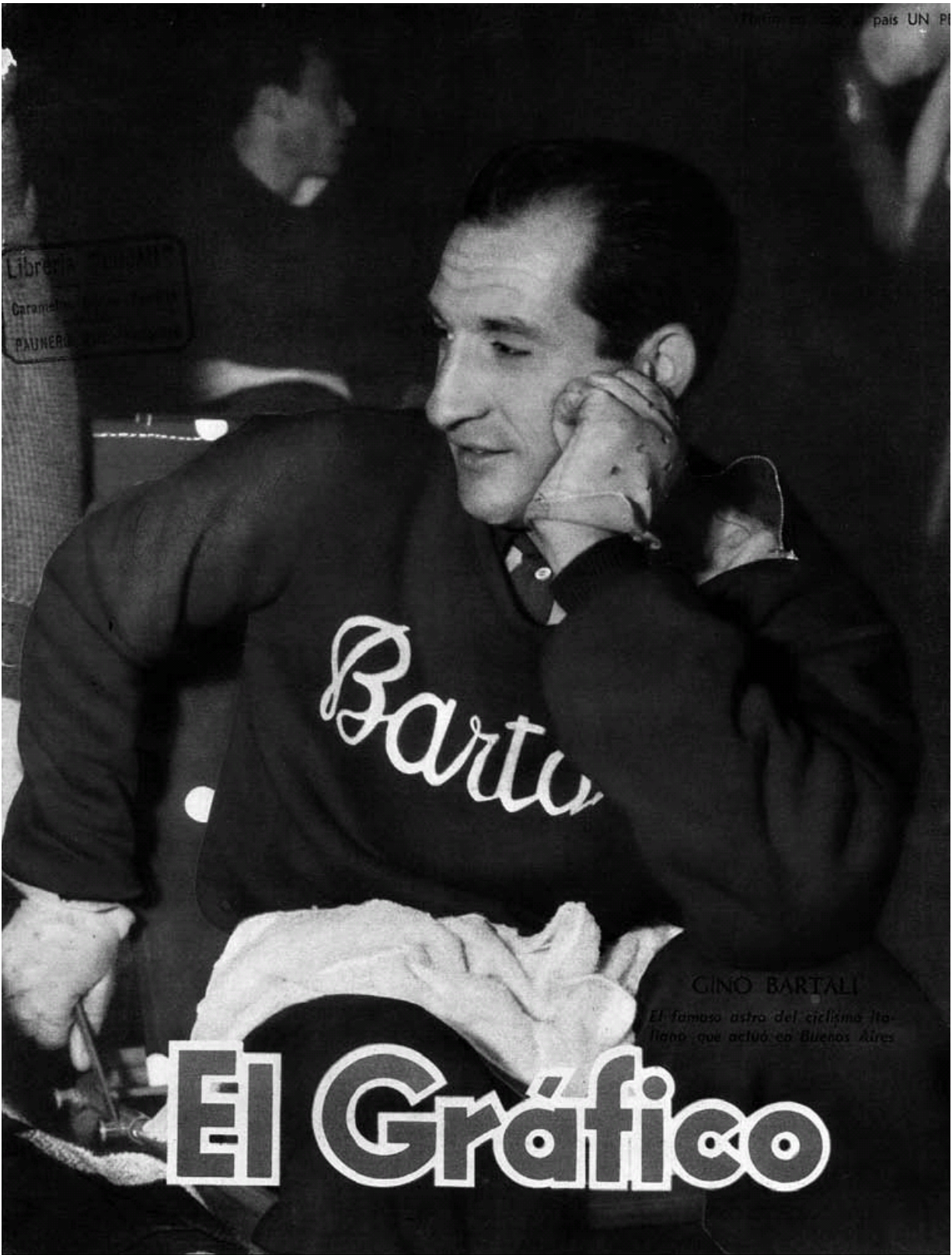
Gino Bartali na capa de uma revista argentina de esportes depois de sua vitória no Tour de France de 1938.



Frei Pier Damiano no monastério onde viu Gino encontrar-se com o frei Rufino Niccacci durante a Segunda Guerra Mundial.



Na gráfica da família em Assis, onde produziu documentos de identidade falsos que salvaram centenas de vidas, Trento Brizi mostra equipamento de impressão a Dave Catarious e Harry Waldman, da Graphic Arts Association.



Gino Bartali durante una viagem à Argentina em fins de 1951.



Gino Bartali na década de 1990.

Disponibilização: **Baixelivros.org**

Título original:

Road to Valor

(A True Story of World War II Italy, the Nazis, and the Cyclist Who Inspired a Nation)

Tradução autorizada da primeira edição americana,
publicada em 2012 por Crown Publishers, um selo da Crown Publishing Group,
uma divisão da Random House, Inc., de Nova York, Estados Unidos

Copyright © 2012 McConnon LLC

Copyright da edição brasileira © 2012:

Jorge Zahar Editor Ltda.

Marquês de São Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Maria Helena Torres | Revisão: Tamara Sender, Eduardo Monteiro

Capa: Sérgio Campante | Foto da capa: © STP/AFP/Getty Images

Edição digital: outubro 2012

ISBN: 978-85-378-0953-2

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
